

Gêneros Jornalísticos

Este módulo é dedicado ao estudo de textos jornalísticos e apresenta as principais características funcionais e linguísticas de alguns dos gêneros que são veiculados em jornais e revistas de grande circulação: editorial, artigo de opinião, crônica argumentativa, notícia, reportagem e resenha.

Diferentemente das notícias e reportagens, gêneros que têm como objetivo principal informar sobre um fato ou um assunto, o artigo de opinião e o editorial são textos fundamentalmente argumentativos, ou seja, visam defender uma opinião sobre o tema que abordam e fazem isso de modo explícito. Da mesma forma, a crônica argumentativa e a resenha apresentam traços marcantes da perspectiva do autor, em que pontos de vista e opiniões são mais explícitos.

Apesar dessas particularidades, os gêneros jornalísticos, em geral, têm algumas características comuns, principalmente as que estão relacionadas à linguagem. Sendo assim, serão apresentadas as semelhanças que existem entre eles e que são determinadas pelo contexto em que esses gêneros se manifestam. Em seguida, estudaremos de forma detalhada, as particularidades de cada um desses gêneros.

CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS TEXTOS JORNALÍSTICOS



Os textos jornalísticos são, com frequência, expositivos, ou seja, apresentam os fatos e suas circunstâncias, acompanhados, conforme o gênero do texto, da análise de causas e efeitos de forma mais objetiva.

Em geral, recomenda-se que as informações e as ideias sejam abordadas com clareza e objetividade, mas não se deve confundir essa característica com neutralidade, pois o jornalista revela seu posicionamento, por meio da escolha vocabular, da organização das informações (o que é ou não destacado), entre outras estratégias, ainda que não utilize verbos na primeira pessoa. Na perspectiva do jornalismo moderno, o leitor pode exigir o posicionamento de quem escreve, porque tem a consciência de que nenhum discurso é neutro: implícita ou explicitamente veicula-se um ponto de vista.

Nesse sentido, ao se escrever um texto jornalístico, são considerados a proximidade e a relevância do fato, o impacto, as consequências, o interesse pessoal e / ou humano, a originalidade e / ou humor, a repercussão, entre outros fatores. Frequentemente, o texto fundamenta-se em três perspectivas: **o quê** (a informação), **o porquê** (a interpretação) e **o juízo de valor** (a opinião).

A redação de textos do domínio jornalístico de natureza informativa segue a regra primordial de abordar o fato de forma objetiva e clara, de modo a escrever para se fazer entender sem maior dificuldade, já que atinge também um público leigo. Por isso, evitam-se o vocabulário raro ou rebuscado, a adjetivação excessiva e os períodos longos e complexos.

Em geral, as normas de redação a serem observadas são as seguintes:

- Usar linguagem simples, acessível, inclusive, a pessoas com baixa escolaridade.
- Redigir frases preferencialmente na ordem direta: sujeito + verbo + complementos de natureza substantiva, adverbial e / ou determinantes de natureza adjetiva (predicativos).
- Optar por verbos na voz ativa.
- Utilizar palavras de uso cotidiano.
- Explicitar siglas, sempre que elas forem utilizadas.
- Evitar adjetivação excessiva.
- Escrever de forma fluida, concisa e agradável.
- Utilizar frases mais curtas, com duas ou três orações.
- Evitar superlativos ("importantíssimo", "muito especial", por exemplo).
- Evitar gírias e não se preocupar em criar um estilo.
- Preferir a coordenação à subordinação, evitando períodos longos e complexos, principalmente ao redigir uma notícia. No caso de um artigo de opinião ou de um editorial, são recomendáveis estruturas frasais mais complexas e vocabulário menos cotidiano, dado que o estilo e a argumentação evidenciam a complexidade do pensamento.

EDITORIAL



O editorial é um gênero de texto que se caracteriza pela manifestação explícita da opinião de um órgão de imprensa sobre um fato importante no âmbito nacional ou internacional. De acordo com Sodré e Ferrari, no livro *Técnica de redação: o texto nos meios de informação*, o editorial deve apresentar:

[...] um diagnóstico e uma “receita” para uma questão em pauta. Há um certo dogmatismo em todo editorial que, em consequência, é marcado pela adjetivação, por juízos de ponderação, reclamação ou indignação [...].

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena.

Técnica de redação: o texto nos meios de informação.

Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987. [Fragmento]

De natureza dissertativo-argumentativa, esse gênero textual apresenta, normalmente, a seguinte estrutura:

- **Introdução:** contextualiza a questão a ser analisada.
- **Desenvolvimento:** traz os argumentos que sustentam a análise; normalmente apresenta estratégias argumentativas, como exemplificações, comparações, depoimentos, exposição de dados estatísticos (argumento por comprovação), citações, alusões históricas, etc.
- **Conclusão:** apresenta, de forma concisa e direta, a posição do órgão de imprensa (jornal, revista, etc.) a respeito da questão abordada, como decorrência da argumentação utilizada.

Outra característica do editorial é que ele tem um título, que normalmente é informativo e antecipa ao leitor o tema tratado. O tipo de publicação também influencia as características do editorial, conforme apresentado a seguir, em linhas gerais.

Editorial de Jornal diário	Editorial de Revista semanal ou mensal
<ul style="list-style-type: none"> • O tema pode ser um fato (notícia) ou uma informação, uma declaração ou um evento, os quais mobilizam a opinião pública ou são de interesse geral. • O objetivo é expor o ponto de vista institucional, ou seja, o posicionamento do jornal sobre o tema abordado, reafirmando a linha editorial da empresa. A linha editorial permite ao leitor saber que tipo de teses, ideologias o jornal representa (se mais conservador, mais progressista, etc.). • O editorial ocupa um espaço específico no primeiro caderno do jornal e, em geral, vem identificado com a nomenclatura “Editorial”. • A linguagem reflete o estilo do jornal, podendo ser mais formal ou mais apelativa (caso dos jornais populares ou de humor). • O editorial pode vir ou não assinado. Quando assinado, em geral, usa-se “A direção” ou “O Editor”. 	<ul style="list-style-type: none"> • O tema é, em geral, o conteúdo da própria publicação (reportagem principal e / ou outros textos que a compõem). • O objetivo é apresentar o conteúdo da publicação ao leitor e, em torno disso, expor as razões dessa escolha editorial, o que sinaliza ao leitor a linha editorial da publicação e dá pistas do perfil ideológico da empresa. • O editorial de revistas também ocupa um espaço específico na publicação, em geral na primeira página, e pode vir identificado com os títulos “Editorial” ou “Carta ao leitor” (evidenciando a interlocução que, normalmente, o texto estabelece com o público). • A linguagem também reflete o estilo da publicação, podendo apresentar marcas explícitas do estilo do autor do texto e da publicação. • O editorial pode apresentar a assinatura nominal do autor ou o cargo que ocupa (“Editor”).

Leia o seguinte editorial publicado na *Folha de S. Paulo* no dia 15 de outubro de 2019.

O que a Folha pensa

Escola inclusiva

Generaliza-se a percepção de que integrar alunos com deficiência traz vantagens

1§ É alvissareira a constatação de que 86% dos brasileiros consideram haver melhora nas escolas quando se incluem alunos com deficiência. O elevado grau de aceitação aparece em pesquisa Datafolha divulgada nesta terça (15), Dia do Professor.

2§ Uma década atrás, quando o país aderiu à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e assumiu o dever de uma educação inclusiva, era comum ouvir previsões negativas para tal perspectiva generosa. Apesar das dificuldades óbvias, ela se tornou lei em 2015 e criou raízes no tecido social.

3§ A rede pública carece de profissionais satisfatoriamente qualificados até para o mais básico, como o ensino de ciências; o que dizer então de alunos com gama tão variada de dificuldades.

4§ Os empecilhos vão desde o acesso físico à escola, como enfrentado por cadeirantes, a problemas de aprendizado criados por limitações sensoriais – surdez, por exemplo – e intelectuais.

5§ Bastaram alguns anos de convívio em sala, entretanto, para minorar preconceitos. A maioria dos entrevistados (59%), hoje, discorda de que crianças com deficiência devam aprender só na companhia de colegas na mesma condição.

6§ Tal receptividade decerto não elimina o imperativo de contar, em cada estabelecimento, com pessoal capacitado para lidar com necessidades específicas de cada aluno. Este pode ser disléxico, deficiente visual ou diagnosticado com transtorno de espectro autista, para dar mais alguns exemplos.

7§ O censo escolar indica 1,2 milhão de alunos assim categorizados. Embora tenha triplicado o número de professores com alguma formação em educação especial inclusiva, contam-se não muito mais que 100 mil deles no país. Não se concebe que possa haver um especialista em cada sala de aula.

8§ As experiências mais bem-sucedidas criaram na escola uma estrutura para o atendimento inclusivo, as salas de recursos. Aí, ao menos um profissional preparado se encarrega de receber o aluno e sua família para definir atividades e de auxiliar os docentes do período regular nas técnicas pedagógicas.

9§ Não faltam casos exemplares na rede oficial de ensino. Compete ao Estado disseminar essas iniciativas exitosas por seus estabelecimentos. Assim se combate a tendência ainda existente a segregar em salas especiais os estudantes com deficiência – que não se confunde com incapacidade, como felizmente já vamos aprendendo.

FOLHA DE S.PAULO. *Escola inclusiva*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/10/escola-inclusiva.shtml>. Acesso em: 15 out. 2019.

O editorial da *Folha de S.Paulo* foi publicado na versão impressa e no *site* do jornal. Observe que, na versão digital, há um claro elemento que identifica se tratar do posicionamento institucional: “O que a Folha pensa”. Na sequência, o título e o subtítulo antecipam ao leitor o tema do texto: “Escola inclusiva”.

Como é, em geral, característica de editoriais de jornais diários de amplitude nacional, o texto parte de um fato – a pesquisa feita pelo Datafolha –, o qual motivou a exposição do ponto de vista do jornal. De forma semelhante à estrutura de um texto dissertativo-argumentativo, o editorial apresenta a seguinte organização:

O **1º parágrafo** contextualiza o tema do texto, com apresentação tanto do ponto de vista do jornal quanto do fato-motivador desse posicionamento: a pesquisa Datafolha que, segundo o jornal, trouxe resultados “alvissareiros”, ou seja, promissores, sobre a percepção dos brasileiros acerca da inclusão de alunos com deficiência em escolas regulares.

Do **2º ao 7º parágrafo**, apresentam-se as razões de o jornal ter afirmado que se “generaliza a percepção de que integrar alunos com deficiência traz vantagens”. O desenvolvimento do texto parte do contexto histórico que motivou os resultados atuais da pesquisa – a adesão do Brasil à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e a posterior criação de uma lei baseada nesse documento. Esse contexto normativo estimulou as ações para a inclusão de alunos com deficiência nas escolas regulares, possibilitando-lhes o convívio com alunos não deficientes. Ao longo dos parágrafos de desenvolvimento, vão se alternando a exposição de informações da pesquisa, os desafios e os avanços em relação ao tema, além da interpretação do jornal sobre o que expõe, evidenciando o posicionamento favorável à política de escola inclusiva aos alunos deficientes.

Os **8º e 9º parágrafos** compõem a conclusão do editorial, com a identificação de ações que tornaram bem-sucedidas as experiências de inclusão dos alunos deficientes nas escolas, sem segregá-los dos demais colegas. O jornal reafirma o ponto de vista favorável a essa inclusão, ao propor a atuação do Estado para que tais experiências sejam ampliadas.

O padrão de linguagem do texto é formal, claro, objetivo. Os parágrafos são mais curtos para possibilitar a fluidez da leitura. O endereço de *e-mail*, ao final do texto, funciona como identificação da autoria institucional do texto e, também, como um meio para o leitor interagir com o jornal, podendo opinar sobre o editorial.

ARTIGO DE OPINIÃO

O artigo de opinião é também um texto de caráter argumentativo que tem por objetivo expressar e defender o ponto de vista do autor sobre um fato ou um tema controverso de interesse social. Em geral, esse gênero procura explicar um fato ou tema relevante, e sua motivação decorre do desejo do articulista de informar, interpretar o que tem mobilizado ou impactado a população. O objetivo é persuadir e convencer o leitor a aderir ao ponto de vista defendido.

Diferentemente do editorial, o artigo de opinião é um ponto de vista pessoal e não institucional, podendo ou não coincidir com a linha editorial da publicação em que é veiculado. Para marcar essa distinção, jornais e revistas geralmente colocam, abaixo do artigo, a advertência de que o texto não representa o posicionamento do veículo de comunicação. Muitas vezes o artigo é escrito por profissionais que atuam em outras áreas – médicos, economistas, professores, por exemplo –, os quais procedem a uma análise do tema que motivou o texto.

Os artigos de opinião apresentam um título que, além de informar, muitas vezes, objetiva captar a atenção do leitor, despertar-lhe a curiosidade e seduzi-lo para que leia o texto. É comum, também, que apresentem logo após o título um “olho”, ou seja, um trecho do artigo que foi selecionado pelo editor do jornal ou da revista e que explicita a perspectiva analítica a ser adotada pelo articulista.

Esses textos apresentam a estrutura típica da dissertação argumentativa, com a diferença de que dão mais liberdade estilística ao autor (permitem, por exemplo, o uso de metáforas, ironias, interlocução com o leitor, a linguagem menos formal, entre outras estratégias que marcam o estilo e a autoria do texto). Veja:

- **Introdução:** contextualização do tema abordado, a qual permite ao leitor tomar contato ou recuperar as informações necessárias à análise que será apresentada no desenvolvimento do texto, e apresentação da perspectiva do autor sobre o tema.
- **Desenvolvimento:** construção da argumentação necessária à sustentação da análise proposta.
- **Conclusão:** reafirmação da tese do articulista, a qual já fora anunciada em um dos parágrafos iniciais, no título do texto ou no “olho” criado pelo editor.

Leia, a seguir, um exemplo de artigo de opinião para conhecer melhor suas características.

“Nós”, as mulheres, criando meninas

1§ Na comparação, sempre estamos perdendo para alguém. Se você é homem, branco, rico e primeiro-mundista, pode ter fantasias homicidas quando seu vizinho estaciona um carro melhor que o seu na garagem (o que explica a inesgotável ganância de alguns bilionários). A insistência em nos compararmos continuamente com os outros, inconformados com nossa mediocridade existencial – que a comparação tenta despistar –, é uma das motivações básicas da violência humana. Acalentar a fantasia de que existiria um humano acima dos demais é a fonte do sonho fascista.

2§ Quando criança eu queria ser menino sempre que esbarrava nos inexplicáveis privilégios de meus irmãos, cuja justificativa humilhante era: “ele pode porque ele é menino” e seu duplo, “você não pode porque você é menina”. Quando as meninas descobrem o mundo dos privilégios masculinos, têm que lidar com a injustiça, com o ressentimento e elaborar a perda social ligada ao sexo.

3§ Todas as meninas têm necessariamente um pai (nem que seja via banco de esperma), eventualmente um padrasto e certamente amigos marcando para elas os tipos de homens que as mães, por razões inconscientes, quiseram e querem ter a seu lado. Nesse caso, podemos ter o discurso feminista mais politicamente correto e, ainda assim, mostrar para nossas filhas que escolhemos ter ao nosso lado homens que nos subestimam e humilham, por exemplo. Por outro lado, casais ditos antiquados podem exemplificar relações igualitárias entre gêneros.

4§ Recentemente, minha filha me contava que um colega, que falou algo considerado misógeno no coletivo feminista da escola, foi achincalhado. Ao que ela argumentou que seria bem melhor ele falar, pois só assim saberiam seus argumentos e poderiam pensar juntos, talvez demovê-lo, talvez entender sua lógica.

5§ Essa singela experiência, pinçada entre outras que as meninas trazem, me lembra que o pior que podemos fazer nos debates feministas é constringer o diálogo.

6§ O feminismo veio para ficar e seus avanços são incontornáveis, embora metade da população mundial ainda seja oprimida por ser mulher e a maioria absoluta de nós viva em condições deploráveis, por esse mesmo motivo. Mas como todo movimento, o feminismo requer um debate permanente, que revele suas contradições internas e avance. Militâncias, quando buscam nivelar suas opiniões criando um “nós” supostamente homogêneo e consistente, negam as singularidades e correm o risco de se tornarem tão fascistas quanto o que tentam combater. O suposto embate França-EUA é relevante porque, em nome da mídia, as reflexões de todos os pensadores de dois países foram reduzidas a duas ou três falas pasteurizadas e superficiais. A virulência de algumas colocações revela o temor de lidar com as diferenças dentro do movimento.

7§ A questão da judicialização das relações humanas – se um chefe pode ficar numa sala a sós com sua funcionária ou não (serve para chefes lésbicas também!), por exemplo – é alarmante e não pode ser confundida com as conquistas de leis imprescindíveis como a Lei Maria da Penha, para citar uma.

8§ As mulheres não desejam todas as mesmas coisas, lutemos assumindo isso. Assumindo que o pronome “nós”, quando se trata de humanos, só justifica seu uso em defesa do “nosso” direito de escolha.

IACONELLI, Vera. “Nós”, as mulheres, criando meninas. *Folhapress*. 16 jan. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/veraiaconelli/2018/01/1950774-nos-as-mulheres-criando-meninas.shtml>. Acesso em: 16 abr. 2018.

No seu artigo, a psicanalista Vera Iaconelli apresenta a contextualização do tema que vai discutir por meio de uma reflexão, a partir da qual apresenta a proposição inicial do seu posicionamento: o costume de nos compararmos uns aos outros como uma das motivações da violência. Ao longo do desenvolvimento, a autora amplia essa perspectiva introdutória, defendendo que constringer o diálogo, mesmo que machista, é um problema (segundo ela, o que de pior se pode fazer num debate feminista). Para desenvolver seu ponto de vista, Iaconelli cita exemplos de situações em que ela própria ou a filha se compararam com o sexo oposto e, assim, estimulou uma reflexão sobre o pensamento feminista e as dissonâncias dentro do próprio movimento.

A partir do quinto parágrafo, ela apresenta diretamente o seu ponto de vista, utilizando, para isso, afirmações sobre o feminismo e reflexões acerca do modo como ele deve ser encarado, debatido e respeitado em suas singularidades. Para exemplificar seu posicionamento, Iaconelli relembra o embate entre atrizes francesas e americanas quanto à questão do assédio. A articulista, então, por meio desse exemplo, discute sobre como o feminismo tem a ver com o direito de escolha de cada mulher, argumentando que a generalização e a imposição de pensamentos não devem ser aceitas.

É necessário ressaltar que a opinião defendida por um articulista não traduz necessariamente a opinião do jornal ou da revista em que é publicado o artigo, uma vez que muitos desses textos são também publicados em outros periódicos e / ou em *blogs*.

Os artigos de opinião são textos que trazem a marca do estilo do autor, portanto, permitem a expressão de uma perspectiva mais subjetiva, ainda que amenizada pelo teor argumentativo desse gênero. Dessa forma, não é raro encontrar um uso menos formal da linguagem, embora o estilo de linguagem deva ser coerente com o perfil da publicação e do público leitor, o suporte em que vai circular, o objetivo do texto e, até, a estratégia argumentativa utilizada (o uso de ironia e humor, por exemplo, pode ser articular a uma linguagem mais informal). Os artigos podem ser escritos em primeira pessoa – do singular ou do plural – ou em terceira pessoa.

Em provas de redação do vestibular, é importante atentar às orientações para a elaboração do artigo, caso seja esse o gênero solicitado, a fim de saber até que ponto é permitida a liberdade estilística, a pessoalidade do texto e / ou o uso de uma linguagem menos formal. Além disso, diversas provas de vestibular explicitam que o participante não deve assinar o seu texto, independentemente do gênero, para garantir anonimato e segurança na correção.

CRÔNICA ARGUMENTATIVA

A crônica é um gênero textual nascido no jornal. Nela, são comentados, de forma breve e subjetiva, assuntos referentes ao cotidiano. Agora, será estudada a crônica argumentativa, na qual o autor comenta sobre um fato relevante, de conhecimento geral, e propõe reflexões a respeito dele, utilizando informações e argumentos de naturezas diversas, ora mais objetivos, ora mais subjetivos, para expor sua avaliação pessoal acerca do assunto tratado.

A crônica argumentativa (ou crônica-comentário) apresenta as características comuns do gênero, mas também conjuga, na sua constituição, diferentes tipologias textuais. Assim, uma crônica argumentativa pode conter, em sua estrutura, elementos da narração, da descrição, do diálogo e da dissertação. Normalmente, é escrita em primeira pessoa e sua linguagem é simples e direta.

Esse tipo de crônica aproxima-se do artigo de opinião, porque ambos têm como eixo a argumentação sobre um ponto de vista a fim de persuadir o leitor a aderir a essa perspectiva. A diferença está, principalmente, na liberdade estilística: a crônica possibilita ao autor adotar estratégias mais ousadas, criativas e uma interação mais intensa com o leitor, fazer digressões (desvio momentâneo do tema), adotar uma perspectiva subjetiva mais marcada, entre outras estratégias. O artigo, apesar de trazer marcas do estilo do autor, segue uma estrutura argumentativa e lógica mais objetiva e direcionada, de forma a conduzir o leitor à conclusão proposta pelo autor. Perceba a diferença entre esses gêneros com a leitura da crônica argumentativa a seguir, do escritor Antônio Prata.

OPINIÃO

Pague pela notícia, amigo

De onde veio essa ideia de que o jornalismo deve (e pode) ser de graça?

Vira e mexe eu boto o link da crônica no Twitter ou Facebook e recebo comentários do tipo “Põe o texto na íntegra! A Folha NÃO ME DEIXA LER!!!!!!!!!!”. Gostaria de acreditar que a abundância de exclamações é em razão do interesse por meus escritos, mas percebo que é fruto da indignação: como o jornal ousa cobrar por seu conteúdo?

Acho curioso. De onde veio essa ideia de que jornalismo deve (e pode) ser de graça? Este mesmo indignado que exige crônicas na faixa não para na frente do Pão de Açúcar dizendo “Manda dois quilos de acém, meia dúzia de cenouras e dezoito rabanetes pra calçada! O Abílio NÃO ME DEIXA LEVAR!!!!!!!!!!”.

Produzir rabanetes custa dinheiro. Produzir notícias, idem. E ousa afirmar que no atual estágio de involução do *Homo sapiens*, com as calotas polares derretendo para que produzamos cada vez mais energia para suprir necessidades básicas do *Homo sapiens*, como ir de carro na padaria da esquina e assistir ao Felipe Neto no YouTube, mais importante do que bons rabanetes é bom jornalismo. [...]

No início achei que a coisa do jornalismo grátis fosse coisa de *millennials*, uma geração que cresceu num mundo “clicável” e nunca teve de buscar conhecimento trabalhando os bíceps numa *Barsa*, turbinando a rinite nos ácaros de uma *Mirador*. Acontece que os comentários vêm de todas as faixas etárias. As pessoas acham justo pagar pelos rabanetes, pelo *show* do Radiohead, pela assinatura da Netflix, mas não pelo jornalismo, essa instituição fundamental para o bom andamento da democracia. (Se você não gosta da *Folha e*, pela esquerda ou pela direita, acha que ela não contribui para o bom andamento da democracia, assina a *Carta Capital*, a *Exame*, o *Nexo*, o *Valor*, a *Piauí*. E por que se restringir ao Brasil? Assinar *The Economist*, *New York Times*, *Wall Street Journal*, *Guardian*, *El País* ou *NPR*, rádio pública americana, é uma boa maneira de lutar pelo mundo em que você deseja viver.

Nos meses logo após as últimas eleições norte-americanas, vários jornais e revistas dos EUA experimentaram um grande aumento nas assinaturas, fenômeno a que chamamos de “*Trump bump*”, algo como, numa livre tradução, “sacolejo do Paspalho” (Se a tradução é livre, posso traduzir “Trump” por “Paspalho”). Foram centenas de milhares de opositores ao presidente eleito que, percebendo como a desinformação e as *fake news* haviam influenciado o pleito, resolveram patrocinar o velho e bom jornalismo.

Sou filho de jornalistas, enteado de jornalista (meu herói, Nirlando Beirão), casado com uma jornalista. Cresci frequentando jornais e revistas, sentado no chão, desenhando com Bics em laudas beges. As redações eram um mar de gente trabalhando sob um vozerio de mercado árabe, uma sinfonia de telefones e a quase ensurdecadora tempestade metálica das máquinas de escrever. Então veio a Internet, as redes sociais e o jornalismo mergulhou numa crise da qual ainda não saiu. São anos e anos seguidos de demissões e o atual raquitismo das redações me parece inseparável do alastramento das mentiras e boatos que, hoje, pautam o debate mundial, do *Brexit* à velocidade das marginais.

Pague pela notícia, amigo. O mundo precisa de mais *Washington Posts* e menos posts de Facebook.

PRATA, Antônio. Pague pela notícia, amigo. *Folha de S.Paulo*. 22 abr. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2018/04/pague-pela-noticia-amigo.shtml>. Acesso em: 14 out. 2019.

Antônio Prata parte de um fato particular – indicação de suas crônicas nas redes sociais – para discutir um comportamento dos leitores em suas relações com o consumo de conteúdos de jornais, publicados nos meios digitais. A questão posta pelo cronista diz respeito ao fato de as empresas jornalísticas, como a *Folha de S.Paulo*, terem passado a limitar o acesso a textos em suas páginas na Internet, exigindo que os leitores paguem para ler esses conteúdos, assim como ocorre na versão impressa. O objetivo do autor é defender a pertinência dessa cobrança, como fica evidenciado no título e no subtítulo da crônica.

Para desenvolver seu raciocínio e posicionar-se sobre o questionamento proposto, Antônio Prata adota um tom irônico ao longo de todo o texto, a começar pela analogia (aparentemente despropositada) de aproximar a necessidade de pagar pela leitura do jornal digital e a aquisição de produtos alimentícios, como rabanete. Ao usar esse parâmetro inusitado, o propósito do autor é mostrar, com uma situação comum à rotina das pessoas, que o consumo dos conteúdos jornalísticos profissionais deve ser encarado da mesma forma que o consumo de produtos que fazem parte do cotidiano. Ambos têm custos para serem produzidos a fim de atender às necessidades ou aos desejos das pessoas e, por isso, devem ter um preço final para serem consumidos.

Ao longo do texto, o autor vai apresentando suas reflexões críticas sobre a atitude dos leitores que se indignam com o fato de terem de pagar por textos jornalísticos nos meios digitais, o que seria revelador do desconhecimento das pessoas sobre o que seja fazer jornalismo e o custo disso. Como pano de fundo, o cronista defende essa cobrança e afirma a relevância do jornalismo profissional para a manutenção da democracia e para o combate às *fake news*.

A linguagem usada na crônica, as estratégias argumentativas (uso de ironia, analogia, exemplificação, relato de fatos pessoais, citação de mensagens dos leitores, inclusive reproduzindo o modo como escrevem para acentuar a perspectiva crítica do texto) e a forma como o autor interage com o leitor caracterizam bem o gênero crônica, em que há maior liberdade estilística e um “livre pensar”. O propósito de defender um posicionamento sobre um tema, apresentando as razões para isso, evidenciam a natureza argumentativa do texto. Note que, diferentemente do artigo de opinião analisado anteriormente, a organização e a exposição das ideias são feitas num tom de comentário, como se o cronista debatesse com o leitor numa conversa próxima e pessoal, o que evidencia as marcas de subjetividade comuns ao gênero crônica.

NOTÍCIA

A notícia é um gênero híbrido, de caráter expositivo e narrativo, considerado como essencialmente jornalístico, do qual são derivados outros gêneros, como a reportagem, que será vista mais adiante.

Assim como os outros gêneros da esfera jornalística, a notícia deve revelar o compromisso dos jornalistas de informar, com ética e profissionalismo, os fatos que acontecem nas cidades, no país e no mundo. Portanto, teoricamente, a notícia tem compromisso com a verdade do fato abordado, ou seja, deve apresentá-lo ao leitor de modo imparcial, sendo fiel à realidade.

Em relação ao conteúdo, a notícia pode ser tanto atual quanto remota, ou seja, pode relatar tanto um fato que aconteceu hoje quanto um fato histórico. Pode ser breve ou mais extensa e, também, apresentar fatos de relevância social ou de caráter banal.

Como o objetivo principal da notícia é informar sobre um fato, ela normalmente é composta das seguintes partes:

- **Título informativo:** antecipa o tema do texto para o leitor. Nas notícias de capa ou primeira página de jornais ou revistas, o título é chamado de “manchete”.
- **Subtítulo ou linha fina (opcional):** frase ou período abaixo do título, que serve para complementar seu sentido ou dar mais informações.
- **Lead (ou lide):** constitui o primeiro parágrafo do texto e apresenta, sucintamente, respostas às cinco perguntas básicas sobre as quais a notícia deve informar – o que aconteceu (fato), com quem aconteceu (pessoas envolvidas), onde aconteceu (lugar), como aconteceu (modo como se deu o fato) e quando aconteceu (data do fato). Notícias de fatos mais complexos podem ter um sublide, o segundo parágrafo do texto que complementa as informações básicas sobre o fato relatado no lide.
- **Corpo do texto:** desenvolve as informações apresentadas no lide, fornecendo ao leitor mais detalhes sobre o fato ocorrido, incluindo declarações dos envolvidos.

Leia o exemplo a seguir para conhecer melhor o gênero notícia.

Empreendedoras negras ganham menos, são menos escolarizadas e a maioria está na informalidade

Conforme relatório especial feito pelo Sebrae, as donas de negócios negras apresentam uma maior proporção de informalidade que as empreendedoras brancas e alcançam uma remuneração inferior

As mulheres negras representam hoje a metade das donas de negócios no País, segundo um relatório especial produzido pelo Sebrae. Elas fazem parte do contingente das 9,6 milhões de empreendedoras do sexo feminino que estão à frente de um negócio, formal ou na informalidade, como empregador ou trabalhando por conta própria.

O documento mostra que o empreendedorismo por necessidade é mais forte entre as mulheres negras (49%) que entre as brancas (35%) e que a informalidade também é marcante nesse contingente. De acordo com levantamento do Sebrae, somente 21% das empreendedoras negras têm CNPJ, contra 42% das mulheres brancas.

As mulheres negras são 17% dos empreendedores do país e ganham menos do que todos os outros grupos, R\$ 1 384 por mês. Isso equivale a cerca de metade do rendimento das empreendedoras brancas, de R\$ 2 691, e 42% do valor recebido por homens brancos (R\$ 3 284). No grupo de mulheres negras donas de negócio há uma proporção maior de chefes de domicílio (49%) do que as brancas (44%). Segundo a Pesquisa Nacional de Amostragem de Domicílio Contínua (PNADC), desde 2015 o percentual de mulheres que assumem o controle do lar vem subindo e hoje elas são 46% do total, contra 49% dos homens.

A coordenadora nacional de empreendedorismo feminino do Sebrae, Renata Malheiros, diz que os dados apontam que as mulheres, principalmente negras, estão em áreas com menor rendimento. As empreendedoras negras têm maior participação em serviços domésticos (diaristas, cuidadoras de crianças, jardinagem, camareiras, caseiros e cozinheiras, entre outros), cabelereiras e outras atividades de tratamento de beleza e serviços ambulantes de alimentação. Mas atuam também no comércio varejista de artigos do vestuário e de perfumaria e de higiene pessoal; confecções de roupas; fabricação de outros produtos têxteis; atividades de ensino, entre outros.

São Paulo tem o maior contingente de mulheres negras à frente de um negócio: 642 mil. Mas a maior participação relativa delas está na Bahia, onde 83% das mulheres donas de negócios são negras. De acordo com dados do Sebrae, as donas de negócios negras são mais jovens que as brancas (1,8 ano), possuem menos escolaridade (1,7 ano) e estão há menos tempo à frente de um trabalho (73%) que as empreendedoras brancas (79%).

[...]

AGÊNCIA SEBRAE DE NOTÍCIAS. *Empreendedoras negras ganham menos, são menos escolarizadas e a maioria está na informalidade.* Disponível em: <http://www.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/NA/mulheres-negras-sao-metade-das-empreendedoras-brasileiras,5b8e4102eeb610VgnVCM1000004c00210aRCRD>. Acesso em: 16 out. 2019. [Fragmento]

O texto, publicado na revista digital *Pequenas Empresas & Grandes Negócios*, noticia os dados do relatório produzido pelo Sebrae acerca do empreendedorismo das mulheres no país. O primeiro parágrafo traz as informações básicas sobre o documento para situar o leitor sobre o fato: o resultado da pesquisa, mostrando que empreendedoras negras ganham menos do que as brancas. Esse parágrafo compõe o lide da matéria jornalística, cujas informações já foram antecipadas no título e na linha fina (subtítulo).

A partir do segundo parágrafo é feito o detalhamento das informações do lide, com a exposição de mais dados sobre o relatório produzido pelo Sebrae, compondo, assim, o corpo do texto. Como ampliação dessas informações, há a referência à PNADC (Pesquisa Nacional de Amostragem de Domicílio Contínua), bem como a declaração de uma especialista no tema empreendedorismo, o que também confere credibilidade às informações e auxilia o leitor na interpretação dos números citados ao longo da notícia.

A linguagem do texto é formal, objetiva e impessoal (uso da terceira pessoa), refletindo o perfil da publicação, voltada ao mundo dos negócios, portanto, dirigida a um público específico e mais exigente. Há, em todo o texto, o uso de verbos no presente do indicativo, para reforçar a atualidade das informações, criando o efeito de que se trata do mais recente recorte da realidade socioeconômica do empreendedorismo feminino no Brasil.

REPORTAGEM

A reportagem, tal como a notícia, costuma partir de um fato, contudo, é mais extensa e mais informativa; constitui uma fonte de informação mais rica e aprofundada acerca de um tema, pois não se limita a narrar uma única versão do fato. Assim, enquanto a notícia trata de uma ocorrência específica ou de uma série de eventos, a reportagem faz o levantamento de um tema a partir de uma perspectiva predeterminada e expõe a interpretação das informações relatadas.

Notícia x Reportagem

Nodar Chernishev / EyeEm / Getty Images



[...] A reportagem pode ser considerada a própria essência de um jornal e difere da notícia pelo conteúdo, extensão e profundidade. A notícia, de modo geral, descreve o fato e, no máximo, seus efeitos e consequências. A reportagem busca mais: partindo da própria notícia, desenvolve uma sequência investigativa que não cabe na notícia. Assim, apura não somente as origens do fato, mas suas razões e efeitos.

MANUAL DE REDAÇÃO E ESTILO DO ESTADO DE S. PAULO, 1990, p. 67.

São comuns nas reportagens: depoimentos, gráficos, ilustrações informativas, quadros com informações históricas, *boxes* com textos opinativos de especialistas, etc. O objetivo, ao se usar esses recursos, é fornecer ao leitor diferentes fontes de informação, bem como pontos de vista diferenciados sobre o tema, de modo que ele possa, ao ler a reportagem, formar uma opinião a respeito do que foi abordado.

Trata-se de um texto informativo com validade mais prolongada (pode ser publicada ao longo de dias ou semanas, por etapas, e, pelo aprofundamento das informações, permanece atual por mais tempo). Em geral, apresenta a mesma estrutura da notícia, com título e subtítulo, lide, corpo do texto mais extenso (para a fluidez da leitura, são colocados intertítulos ao longo do texto). Geralmente a reportagem é escrita em terceira pessoa, mas pode apresentar trechos em primeira pessoa, dependendo do suporte em que é publicada (em reportagens televisivas e / ou digitais, por exemplo, o repórter pode se colocar como parte ativa do que relata e usar a primeira pessoa do plural). É um texto com autoria identificada.

Veja o exemplo de uma reportagem:

Por que estudantes com deficiência ainda são excluídos das escolas?

Embora o país registre avanços no atendimento de estudantes com deficiência, ainda permite que grande parcela fique de fora da escola

Nas últimas semanas, foi impossível evitar o mal-estar causado por duas notícias veiculadas na imprensa. Uma delas trazia um garoto que foi barrado de ir ao cinema com a turma da escola em que estuda, em Belo Horizonte. O estudante tem paralisia cerebral e é cadeirante.

O ocorrido ganhou notoriedade após a mãe do jovem fazer um *post* em seu perfil no Facebook. No relato, Adriane Cruz conta que o filho ficou na escola das 07h às 11h20, circulando pelos corredores, na companhia de uma auxiliar de apoio.

Segundo Adriane, não é a primeira vez que o garoto fica de fora dos passeios do colégio. Ela conta que, este ano, o filho sequer foi convidado para a festa junina da instituição. A escola segue dando justificativas como: “não sabíamos como ele iria reagir”.

Também não passou despercebida uma comunidade de mães, na Argentina, que comemorou, em um grupo de conversas, a saída de um estudante portador de síndrome de Asperger, um transtorno de espectro autista, do colégio San Antonio de Padua, que providenciou a sua transferência.

Além de caminhar na contramão do que se espera de uma sociedade inclusiva, capaz de garantir a igualdade de direitos e valorizar as diferenças humanas, os casos solapam os direitos desses estudantes no que diz respeito à igualdade de oportunidades educativas. E por que ainda permitimos que episódios como esses aconteçam?

Para a coordenadora do projeto Diversa, iniciativa do Instituto Rodrigo Mendes, Aline Santos, a questão é complexa e não se projeta só sobre as escolas ou as famílias. “Sem dúvidas, estamos diante de um desafio global. Mas o que podemos dizer é que o Brasil ainda mantém uma atitude bastante assistencialista em relação à criança com deficiência. Não faz parte do senso comum o entendimento de que a deficiência é resultante de uma combinação de dois fatores, das particularidades do indivíduo, sejam elas de ordem física, sensorial ou intelectual, com as barreiras existentes na sociedade, que impedem que a pessoa com deficiência seja quem ela quiser”, avalia.

Para a especialista, a deficiência não está nas pessoas, mas nessas interações. Por isso, a eliminação dessas barreiras é condição fundamental para que se promova uma equiparação de oportunidades e igualdades de direitos.

Avanços e desafios

O Brasil registra avanços importantes no que diz respeito ao reconhecimento dos direitos das pessoas com deficiência, e inclusive dispõe de legislação robusta sobre essa parcela da população, tais como a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, de 2008, e a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), de 2015.

O país também apresenta ganhos no que diz respeito ao atendimento dos estudantes com deficiência na rede regular da educação básica. Dados das Sinopses Estatísticas da Educação Básica, do INEP, revelam que, em 2004, o número de matrículas de alunos com deficiência era de 566 753; em 2014, o número foi para 886 815, ou seja, registrou aumento de 56%.

Em 2014, também se nota crescimento no percentual de matrículas dos estudantes com deficiência em escolas regulares e classes comuns (78%), contrapondo o contexto de predominância desses alunos em instituições especializadas.

No entanto, as marcas não eximem o país de um desafio estruturante. Ainda que o número de matrículas do público-alvo da educação especial esteja em crescimento constante, em 2014 não representava mais do que 1,78% do total de matrículas da educação básica, passando para 1,99% em 2016. Os dados permitem afirmar que parcela significativa de crianças e adolescentes com deficiência se encontra fora da escola.

Outra questão desafiadora diz respeito ao afunilamento das matrículas desse público desde o primeiro ciclo do Ensino Fundamental até o Ensino Médio. Um levantamento produzido pelo Todos Pela Educação para o Observatório do PNE, com base no Censo Escolar 2016, mostra que nos anos iniciais do Ensino Fundamental o percentual de matrículas é de 3%, passando para 2% no segundo ciclo do Fundamental e 0,9% no Ensino Médio.

O contexto é extremamente desafiador, sobretudo, pelo compromisso assumido de universalizar para a população de 4 a 17 anos com deficiência o acesso à educação básica e ao atendimento educacional especializado, conforme previsto na meta 4 do Plano Nacional de Educação.

Superação de estigmas

Na visão de Aline Santos, é notório que o Brasil tem muito a melhorar na condição de um país inclusivo, “sobretudo porque ter uma deficiência, em geral, significa conviver com o estigma da impossibilidade, da incompetência, da inferioridade”.

Para ela, também pesa o fato de que, na educação, é comum encontrar professores e outros atores da comunidade escolar que desconhecem os princípios básicos da educação inclusiva.

“A educação é um direito e não um favor; toda criança aprende; o processo de aprendizagem de cada criança é singular; e a construção da educação inclusiva é uma responsabilidade de toda a sociedade. Envolve, portanto, a criação e o fortalecimento de redes de apoio compostas por professores, diretores de instituições públicas ou privadas, profissionais de apoio, equipes das escolas, profissionais não docentes, familiares, líderes comunitários e gestores públicos”, assegura.

A atuação conjunta desses grupos é fundamental para criar espaços de diálogo capazes de esclarecer sobre o convívio e o respeito às diferenças. “É uma oportunidade de mostrar que a criança com deficiência é como as outras e que ela tem sua singularidade natural, tendo em vista a diversidade humana. E favorecer a atuação em prol de sua autonomia, para que ela seja sujeito de sua própria história”, atesta.

A “falta de preparo” das escolas

Os casos enunciados no início da matéria, geralmente, acontecem sob a justificativa de que a “escola não está preparada para lidar com o estudante”. No entanto, não devem passar impunes. Em situações de negativa de matrícula, por exemplo, os familiares podem acionar o Ministério Público e os casos de *bullying* e discriminação podem ser tratados no âmbito do dano moral.

Para Aline, a ideia de que a escola precisa estar pronta para receber os estudantes com deficiência é baseada numa expectativa ilusória de um saber pronto, capaz de prescrever como trabalhar com cada criança.

“Se a condição humana não é dada pela natureza, mas construída ao longo do processo sociocultural e pautada pelas interações sociais que essa pessoa realiza com o meio em que vive, então o preparo do professor no contexto da educação inclusiva é resultado da vivência e da interação cotidiana com cada um dos estudantes”.

Em outras palavras, a especialista defende a existência de uma prática pedagógica dinâmica capaz de reconhecer e valorizar as diferenças. Em sua visão, não há, portanto, uma especialização ou uma prescrição pedagógica para incluir uma criança com deficiência.

“Um aluno com síndrome de Down aprende diferente de outro com síndrome de Down. A deficiência não é o que caracteriza esse indivíduo, ela é um detalhe que o compõe, assim como sua história, as apostas que a família fez em relação a ele, seu temperamento, gostos. Tudo isso tem que ser levado em conta no processo de ensino aprendizagem”.

A especialista entende que a chegada dos alunos com deficiência à escola ajuda a questionar o modelo homogêneo das instituições, além de ser uma oportunidade significativa de melhoria da qualidade do ensino brasileiro.

“A educação, de modo geral, precisa de novas estratégias para sanar problemas recorrentes, como a falta de conexão da sala de aula com a vida e o alto índice do fracasso escolar. Não é algo específico da educação inclusiva. Entendemos que o desafio do atendimento integrado para os alunos com deficiência, que passa pela interação entre o professor regular com o profissional do atendimento educacional especializado, possa ser incorporado e ajudar a todos os estudantes”, avalia.

Diversificar a metodologia de ensino e pautar as estratégias educacionais na singularidade dos estudantes é, portanto, uma demanda urgente de toda a educação brasileira. “Não dá mais pra adiar ou disfarçar a insuficiência do nosso ensino”, finaliza a especialista.

BASILIO, Ana Luiza. Por que estudantes com deficiência ainda são excluídos das escolas? *Carta Capital*, 15 set. 2017. Disponível em: <http://www.cartaeduacao.com.br/reportagens/por-que-estudantes-com-deficiencia-ainda-sao-excluidos-das-escolas/>. Acesso em: 17 abr. 2018.

A reportagem anterior fundamenta-se em dois casos de preconceito contra crianças com deficiência no ambiente escolar para refletir, de modo aprofundado, acerca dos motivos que fazem com que a exclusão desses alunos ainda ocorra nas escolas do Brasil. Para isso, são apresentadas no texto a legislação brasileira sobre a Educação Especial e a inclusão da pessoa com deficiência e a fala de uma especialista da área, dando credibilidade às reflexões feitas.

Ao se aprofundar nos aspectos da questão, de modo a buscar uma resposta para a pergunta-título da reportagem, a jornalista que assina a matéria situa o leitor na discussão, apresentando-lhe motivações, perspectivas e avaliações sobre o tema. Dessa forma, é dada ao leitor uma variedade de informações que permite a ele refletir e posicionar-se criticamente em relação ao tema.

RESENHA



Entre os vários gêneros jornalísticos, a resenha tem sido frequentemente utilizada com o propósito de apresentar a apreciação de uma obra, seja ela um livro, um filme, uma exposição, ou qualquer outra produção artística, literária, acadêmica, científica, etc. Nesse sentido, o objetivo final da resenha é avaliar a obra para indicá-la, ou não, ao leitor.

A resenha é um gênero de predomínio argumentativo em que o leitor e o autor têm objetivos consonantes, ou seja, um busca e o outro oferece uma opinião sobre determinada obra. Para que o texto alcance o seu objetivo comunicativo, o resenhista deve atender a algumas especificidades do gênero, que se desenvolvem basicamente em quatro etapas, em geral nesta ordem: **apresentação, descrição, avaliação e recomendação** (ou não) da obra.

Essas etapas, contudo, são apenas uma tendência, e não propriamente uma regra a ser seguida, especialmente porque existem resenhas para públicos diversificados (adultos, crianças, adolescentes), publicadas em suportes também bem variados, que vão além dos jornais (revistas técnicas e populares, sites, blogs, etc.), fatores que determinam a organização das ideias e informações do texto.

Além disso, a abordagem da obra resenhada tende a levar em conta o interesse do leitor por determinada informação do texto (aprofundando e esclarecendo mais um ponto que o outro) e o estilo do resenhista, que pode apresentar linguagem mais descritiva, mais analítica ou mais avaliativa. Em relação aos aspectos linguísticos, observa-se a presença de modalizadores que sinalizam para uma atitude qualificativa a respeito da obra resenhada. É importante ressaltar que, na resenha, são apresentadas informações sobre a obra, mas, idealmente, não se deve expor detalhes ou revelar conteúdos ("dar *spoilers*") que prejudiquem a apreciação de quem ainda não a viu ou leu.

Leia a resenha a seguir e observe como ela se estrutura:

Bacurau (2019) – Resenha do filme brasileiro premiado em Cannes

Insano e original, novo longa brasileiro é um dos melhores filmes do ano

por Diego Betioli

De carona em um caminhão pipa, Teresa (Bárbara Colen) retorna à cidade natal (Bacurau) para o velório de sua avó, Carmelita, uma espécie de matriarca local. A morte da idosa acaba por reunir todo o povoado, e Teresa reencontra familiares e amigos, readaptando-se à rotina simples da cidade interiorana. Uma cidade despida de vaidade e preconceitos, onde o senso de comunidade prevalece.

A calma de Bacurau começa a se dissipar quando os moradores constatarem que a cidade, repentinamente, desapareceu do mapa. Ao mesmo tempo, estranhos e violentos incidentes começam a suscitar pânico nos habitantes locais, de modo que uma terrível cadeia de barbárie se inicia.

Bacurau é um daqueles filmes que prendem o espectador do início ao fim. Possui um ritmo contínuo de suspense, mesmo em momentos em que a estória se permite ser contada ao retratar os hábitos locais e pequenos diálogos, que também são vitais. Sua principal chave é não perder o efeito surpresa em nenhum instante. Sabe ser leve, sabe ser intrigante e, sobretudo, sabe ser visceral quando necessário.

A direção de Kleber e Dornelles é precisa, entregando uma produção de primeiríssima linha tanto nos aspectos técnicos, como fotografia e trilha sonora (que é maravilhosa), quanto dramáticos, um trabalho realmente digno das grandes premiações mundo afora. Vale ressaltar as atuações da sempre genial Sônia Braga como a doutora Domingas e de Silvero Pereira como o temido Lunga, uma espécie de cangaceiro dos novos tempos.

Bacurau é, antes de tudo, uma ode ao Nordeste e sua cultura, sempre em resistência. O filme faz questão de valorizar as raízes do povo nordestino e a cultura das pequenas cidades do agreste, como seus costumes e o modo de vida muito próprio, sintetizado, por exemplo, em toda seqüência que mostra o velório de dona Carmelita ou às referências ao *modus operandi* dos cangaceiros, apresentadas em determinado momento da trama. E com muita propriedade, tece também fortes críticas – subjetivas ou explícitas – à xenofobia sofrida pela região e ao chamado "complexo de vira-lata".

Em meio a um ano tão repleto de estreias badaladas no cinema mundial, o brasileiro *Bacurau* certamente merece ser visto nas telonas e, com todo mérito, deve postular entre os indicados do Brasil ao Oscar de Filme Estrangeiro.

BETIOLI, Diego. *Bacurau* – Resenha do filme brasileiro premiado em Cannes. 26 ago. 2019. Disponível em: <https://metagalaxia.com.br/filmes/bacurau-2019-resenha/>. Acesso em: 18 out. 2019.

Essa resenha crítica do filme *Bacurau*, escrita por Diego Betioli, segue a estrutura convencional do gênero, começando pela apresentação da obra, com a perspectiva crítica do autor sendo explicitada logo no início do texto. Como foi visto, ao longo do desenvolvimento da resenha, são apresentadas informações sobre o longa e comentários que evidenciam ao leitor a avaliação do autor, elogiosa ao filme. Ao final, há a recomendação de que o leitor assista à obra.

Bacurau. Brasil, 2019.



Divulgação

Os moradores de Bacurau, no Sertão brasileiro, descobrem que não consta mais sua comunidade em nenhum mapa. Então, começam a notar algo estranho: drones passeando pelos céus e estrangeiros chegando ao povoado. Quando carros se tornam vítimas de tiros e cadáveres começam a aparecer, Teresa, Domingas, Acácio, Plínio, Lunga e outros habitantes chegam à conclusão de que está havendo um ataque. Falta identificar o inimigo e criar coletivamente um meio de defesa.

Veja, agora, o quadro com a síntese das características dos gêneros estudados neste módulo.

Editorial	Artigo de opinião	Crônica argumentativa	Notícia	Reportagem	Resenha
Discute uma questão ou um fato controverso de relevância social.	Discute uma questão ou um fato controverso de relevância social.	Tem como ponto de partida fatos cotidianos ou colhidos no noticiário jornalístico, os quais são analisados a partir de uma perspectiva subjetiva.	Relata um fato relevante, de interesse geral, ou acontecimentos banais.	Apresenta informações amplas e aprofundadas sobre um fato ou assunto socialmente relevante.	Apresenta e avalia uma obra, normalmente, recém-lançada no mercado.
Apresenta a opinião do veículo de comunicação.	Apresenta a opinião de um articulista.	Apresenta os fatos e o posicionamento do cronista acerca do tema.	Apresenta um relato pretensamente verídico de um fato.	Apresenta o fato ou o tema tratado, bem como opiniões e informações diversificadas sobre ele.	Apresenta uma síntese da obra e a opinião do articulista sobre ela.
É argumentativo.	É argumentativo.	É argumentativa. Pode apresentar outras sequências textuais, como as descritivas e narrativas.	É expositiva e narrativa.	É expositiva e argumentativa.	É expositiva e argumentativa.
É escrito, geralmente, em português padrão, em linguagem clara, objetiva e impessoal. Mas pode apresentar linguagem modalizada pelo estilo da publicação.	É escrito em português padrão, mas admite algum grau de informalidade. Apresenta marcas do estilo do autor.	Apresenta linguagem criativa, figurada, com marcas do estilo do autor e / ou da publicação.	É escrita em português padrão, em linguagem clara, objetiva e impessoal. Em publicações sensacionalistas, pode apresentar linguagem informal.	É escrita em português padrão, em linguagem clara, objetiva e impessoal. Pode apresentar as marcas do estilo do repórter ou do editor e / ou da publicação.	É escrita em português padrão, podendo apresentar as marcas do estilo do autor.
É escrito, geralmente, em 3ª pessoa – efeito de impessoalidade e objetividade.	Pode ser escrito em 1ª pessoa do singular ou do plural, ou 3ª pessoa.	Pode ser escrita em 1ª ou 3ª pessoa, mas predomina o uso da 1ª pessoa.	É escrita em terceira pessoa – efeito de impessoalidade e objetividade.	É escrita em terceira pessoa – efeito de impessoalidade e objetividade. Mas pode apresentar o uso da 1ª pessoa do plural, dependendo do tipo de suporte onde é publicada.	Pode ser escrita em 1ª pessoa do singular ou do plural, ou em 3ª pessoa.
Pode vir ou não com identificação de autoria (apresentar a expressão "O Editor" ou "Editor-chefe").	É assinado pelo autor do texto (jornalista ou especialista).	É assinada pelo cronista (em geral, escritor, jornalista ou especialista).	Não é assinada, mas tem sua autoria devidamente identificada (nome do repórter ou da editoria).	Não é assinada, mas tem sua autoria devidamente identificada (nome do repórter ou editor).	É assinada por um jornalista ou especialista.
É composto por título informativo e texto estruturado em introdução, desenvolvimento e conclusão.	É composto por título informativo e / ou chamativo, "olho" (opcional) e texto estruturado em introdução, desenvolvimento e conclusão.	É composta por título chamativo, muitas vezes criativo. Estrutura-se em introdução, desenvolvimento e conclusão.	É composta por título / subtítulo, lide e corpo do texto. O lide responde, em geral, a cinco perguntas: o que, com quem, onde, quando e como aconteceu o fato.	É composta de título informativo, lide e corpo do texto, normalmente acompanhado por depoimentos, gráficos, tabelas, mapas, históricos, etc.	É composta de título informativo e / ou chamativo e texto em que se apresentam as características da obra e a avaliação do autor.



Gêneros jornalísticos

Essa videoaula trata dos gêneros jornalísticos. Assista para saber mais!



4VX4

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM



01. (UECE-2022)

**A tradicional ética africana do ubuntu e a moderna liderança empresarial:
à guisa de uma introdução para a gestão laboratorial**

Ubuntu é uma filosofia moral e humanista africana que se fundamenta nas alianças e no relacionamento mútuo entre as pessoas. O ubuntu nasce da ideia ancestral [1.500 anos a.C.]¹ de que a força da comunidade vem do apoio comunitário e de que a dignidade e a identidade são alcançadas por meio do mutualismo, da empatia, da generosidade, do compromisso comunitário e do trabalho colaborativo em prol de si mesmo e dos demais. Nesse sentido, o ubuntu se diferencia da filosofia ocidental derivada do racionalismo iluminista que coloca o indivíduo no centro da concepção de ser humano.

O ubuntu pode ser considerado como um exercício prático de filosofias populares africanas, muito frequentemente representadas em provérbios. O provérbio xhosa e zulu "Umuntu ngumuntu ngabantu" (uma pessoa só se faz pessoa através de seu relacionamento com outras pessoas), o provérbio Gikuyu "Kiunuhu gitruagw" (a avareza não alimenta) e o provérbio "É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança" são exemplos de axiomas alinhados com o espírito da ética ubuntu cujo objetivo principal é a ligação do indivíduo com o coletivo. De fato, o ubuntu contempla a humanidade / humanismo em toda a sua essência e profundidade e está no extremo oposto da filosofia do individualismo e do consumismo.

Na realidade, ubuntu é a expressão compartilhada de vivências cotidianas, ou seja, uma forma de conhecimento aplicado que estimula a jornada rumo "ao tornar-se humano" ou "ao que nos torna humanos" ou, em seu sentido coletivo, "uma humanidade que transcende a alteridade em todos os níveis interpessoais".

A noção fundamental da ética ubuntu é a "filosofia do nós". Os princípios de partilha, preocupação e cuidado mútuos, além de solidariedade, são seus elementos constitutivos. Claramente, está baseada no altruísmo, na fraternidade e na colaboração entre as pessoas, bem como na bondade, na lealdade e na felicidade. Ubuntu e felicidade, inclusive, são ideias profundamente conectadas. No conceito africano, a felicidade é entendida como aquilo que faz bem a toda coletividade ou ao outro.

Filosoficamente, o ubuntu enumera ainda que a pessoa só é humana por meio de sua pertença a um coletivo humano, que a humanidade de uma pessoa é definida por meio de sua humanidade para com os outros, que uma pessoa existe por meio da existência dos 61 outros em uma relação indissociável consigo mesma, que ²o valor da humanidade está diretamente ligado à forma como a pessoa apoia a humanidade e a dignidade dos outros e, ainda, que a humanidade de uma pessoa é definida por seu compromisso ético com os 66 outros, sejam eles quem forem.

Em linhas gerais, a moral, a interdependência entre as pessoas e a proteção da harmonia e da dignidade humana são considerados os valores nucleares do ubuntu. [...] A ideia central de humanidade e colaboração mútua contida no ubuntu permite a aplicação dessa filosofia em qualquer atividade, tal como a política, a educação, os esportes, o direito, a medicina e a gestão de empresas. Na área de negócios, particularmente, o ubuntu está sendo traduzido para o mundo corporativo na forma de gestão participativa. Nela, todos os funcionários e até mesmo os fornecedores e demais parceiros comerciais discutem as decisões estratégicas da empresa.

Notadamente, esse novo conceito filosófico apresenta um enorme potencial para a melhoria das relações no âmbito empresarial. ³Nas empresas, o ubuntu pode servir como um laço de união e acordo entre pessoas diferentes que trazem visões e maneiras próprias de enfrentar os dilemas do dia a dia das organizações, já que seus ideais propõem a integração, o diálogo e a ampla cooperação.

Disponível em <http://www.rbac.org.br/artigos/volume-48-n-3-editorial>. (Adaptação)

O texto classifica-se como editorial porque

- I. apresenta uma linguagem formal, impessoal e padronizada de acordo com a norma culta.
- II. é de cunho jornalístico, opinativo e argumentativo.
- III. reporta a interação verbal entre indivíduos, apresentando depoimentos de personagens.

Estão corretas as complementações contidas em

- A) I e III apenas.
- B) II e III apenas.
- C) I e II apenas.
- D) I, II e III.



02. (UECE–2022)

Pesquisadores detectam pela primeira vez microplásticos no sangue humano

¹Um estudo holandês relatou pela primeira vez, mas com uma amostra reduzida, a ²presença de ³microplásticos no sangue humano, ⁴descoberta que levanta dúvidas sobre uma eventual penetração dessas partículas nos órgãos.

Os autores do estudo, publicado nesta quinta-feira na Environment International, ⁵analisaram ⁶amostras de sangue de 22 doadores anônimos, todos voluntários com boa saúde, e ⁷encontraram microplásticos em 17 deles.

Metade das amostras continha vestígios de PET (polietileno tereftalato), um dos plásticos mais usados no mundo, principalmente na fabricação de garrafas e fibras de poliéster. Mais de um terço tinha poliestireno, usado, entre outras coisas, em embalagens de alimentos, e um quarto, polietileno.

“Pela primeira vez, conseguimos detectar e quantificar” esses microplásticos no sangue humano, declarou Dick Vethaak, ecotoxicologista da Universidade Livre de Amsterdã. “Isso prova que temos plástico em nosso corpo, e não deveríamos”, disse à AFP.

⁸De acordo com o estudo, os microplásticos detectados puderam entrar no corpo por múltiplas vias: aéreas, aquáticas ou por meio da comida ou de produtos de higiene e cosméticos. “É ⁹cientificamente provável que partículas de sangue possam ser transportadas para os órgãos através do sistema sanguíneo”, observaram os autores.

O estudo foi financiado pela Organização Holandesa para a Pesquisa e o Desenvolvimento em Saúde e pela Common Seas, ONG ambiental com sede no Reino Unido que busca reduzir a poluição por plástico.

¹⁰Para Alice Horton, especialista em contaminantes ¹¹antropogênicos do ¹²Centro Britânico de ¹³Oceanografia, “apesar da pequena amostra e das baixas concentrações detectadas”, os métodos analíticos do estudo são “muito robustos”. ¹⁴“Este estudo ajuda a mostrar que as partículas de plástico não estão presentes apenas no meio ambiente, mas também em nossos corpos. ¹⁵As consequências a longo prazo ainda não são bem conhecidas”, disse ao Science Media Center.

Disponível em: <https://www.opovo.com.br/>
Acesso em: 25 mar. de 2022.

O gênero textual do texto configura-se como

- A) artigo de opinião, porque o autor traz argumentos sobre um assunto.
- B) editorial, porque documenta memórias ou vivências sobre um assunto.
- C) notícia, porque apresenta os fatos sobre um assunto.
- D) súmula, porque trata a linguagem subjetivamente.

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões 03 e 04.

Expedição de 5 anos mapeia preparos, ingredientes e personagens pelo Brasil

À beira do rio Negro, no Amazonas, chega-se de barco a uma comunidade na qual vive Manoel Gomes. Ele colhe mandioca-brava numa pequena roça, faz farinha d’água e enterra bucho de jaraqui, um peixe popular na região, para adubar a terra.

Manuel Bandeira, o poeta, diria que o ribeirinho fala a “língua errada do povo” – o povo que fala “gostoso o português do Brasil”. Pois ele mistura banha de cobra com raiz de açaí para lhe servir de cura quando o “corpo rói”.

Em outra população remota, em Mangue Seco (BA), uma senhora canta para atrair aratus, aqueles caranguejinhos típicos dos manguezais, que se prestam a preparos como a moqueca enrolada na folha de bananeira, como faria dona Flor, a cozinheira da ficção de Jorge Amado.

Também no mangue, mas dessa vez na Ilha do Marajó, no Pará, dois meninos “parrudinhos”, nas palavras de Adriana Benevenuto, a produtora da expedição, entram descalços naquela área lodosa para alcançar um tronco no qual se alojam os turus. Trata-se de moluscos à semelhança de minhocas, degustados com limão e sal e só.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/comida/2016/03/1755173-expedicao-de-5-anos-mapeia-preparos-ingredientes-e-personagens-pelo-brasil.shtml>.

Acesso em: 2 abr. 2016.



03. (Insper-SP) Na reportagem, as referências literárias usadas para relatar o mapeamento realizado pela expedição destacam a

- A) influência da cultura acadêmica nos hábitos alimentares.
- B) heterogeneidade na constituição da identidade nacional.
- C) supremacia da cultura popular na gastronomia brasileira.
- D) natureza caricatural dos habitantes dos grotões do país.
- E) excentricidade de sabores desconhecidos por estrangeiros.

04. (Insper-SP) Sobre os diminutivos “caranguejinhos” e “parrudinhos”, presentes no texto, é correto afirmar que eles

- A) remetem à ideia de compaixão.
- B) indicam marcas de regionalismo.
- C) revelam indícios de afetividade.
- D) manifestam um sentido místico.
- E) desconsideram a noção de tamanho.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS



01. (FMC-RJ-2021)

A varíola

Graciliano Ramos

Oswaldo Cruz achava que era vergonhoso uma pessoa apresentar marcas de bexigas. Pensando como ele, o Congresso tornou obrigatória a vacina. E muita gente se descontentou. Estávamos ou não estávamos em uma terra de liberdade? Tínhamos ou não tínhamos o direito de adoecer e transmitir nossas doenças aos outros?

A 14 de novembro de 1904 houve um motim: sublevou-se a Escola Militar, o general Travassos morreu, Lauro Sodré, senador, e Alfredo Varela, deputado, foram presos.

Assim, além das vítimas que ordinariamente causa, a varíola produziu essas.

RAMOS, Graciliano. A varíola. In: RAMOS, Graciliano. *Pequena história da república*. Rio de Janeiro: Record, 2020. p. 80-81.

Graciliano Ramos, um dos maiores nomes da Literatura Brasileira, escreveu sobre a realidade nacional sem perder o estilo literário que tanto marcou sua obra. O texto em tela deve ser considerado

- um conto, por narrar ficcionalmente um acontecimento com personagens, tempo e lugar.
- uma crônica, por tratar criticamente de um fato histórico da época.
- um editorial, por expressar reflexivamente o ponto de vista desse escritor renomado.
- uma resenha, por abordar especificamente a desavença de 14 de novembro de 1904.
- uma reportagem, por comprovar realisticamente fatos com datas e nomes não ficcionais.

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões de **02** a **04**.

O arrastão

Estarrecedor, nefando, inominável, infame. Gasto logo os adjetivos porque eles fracassam em dizer o sentimento que os fatos impõem. Uma trabalhadora brasileira, descendente de escravos, como tantos, que cuida de quatro filhos e quatro sobrinhos, que parte para o trabalho às quatro e meia das manhãs de todas as semanas, que administra com o marido um ganho de mil e seiscentos reais, que paga pontualmente seus carnês, como milhões de trabalhadores brasileiros, é baleada em circunstâncias não esclarecidas no Morro da Congonha e, levada como carga no porta-malas de um carro policial a pretexto de ser atendida, é arrastada à morte, a céu aberto, pelo asfalto do Rio.

Não vou me deter nas versões apresentadas pelos advogados dos policiais. Todas as vozes terão que ser ouvidas, e com muita atenção à voz daqueles que nunca são ouvidos (ref. 1). Mas, antes das versões, o fato é que esse porta-malas, ao se abrir fora do *script*, escancarou um real que está acostumado a existir na sombra.

O marido de Cláudia Silva Ferreira disse que, se o porta-malas não se abrisse como abriu (por obra do acaso, dos deuses, do diabo), esse seria apenas "mais um caso". Ele está dizendo: seria uma morte anônima, aplainada¹ pela surdez da praxe², pela invisibilidade, uma morte não questionada, como tantas outras.

É uma imagem verdadeiramente surreal, não porque esteja fora da realidade, mas porque destampa, por um "acaso objetivo" (a expressão era usada pelos surrealistas³), uma cena recalçada⁴ da consciência nacional, com tudo o que tem de violência naturalizada e corriqueira, tratamento degradante dado aos pobres, estupidez elevada ao cúmulo, ignorância bruta transformada em trapalhada transcendental⁵, além de um índice grotesco de métodos de camuflagem e desaparecimento de pessoas. Pois assim como Amarildo⁶ é aquele que desapareceu das vistas, e não faz muito tempo, Cláudia é aquela que subitamente salta à vista, e ambos soam, queira-se ou não, como o verso e o reverso do mesmo.

O acaso da queda de Cláudia dá a ver algo do que não pudemos ver no caso do desaparecimento de Amarildo. A sua passagem meteórica pela tela é um desfile do carnaval de horror que escondemos. Aquele carro é o carro alegórico de um Brasil, de um certo Brasil que temos que lutar para que não se transforme no carro alegórico do Brasil.

WISNIK, José Miguel.

Disponível em: oglobo.globo.com.

Acesso em: 22 mar. 2014 (Adaptação).

¹ *aplainada* – nivelada

² *praxe* – prática, hábito

³ *surrealistas* – participantes de movimento artístico do século que enfatiza o papel do inconsciente

⁴ *recalçada* – fortemente reprimida

⁵ *transcendental* – que supera todos os limites

⁶ *Amarildo* – pedreiro desaparecido na favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, em 2013, depois de ser detido por policiais



(UERJ) "Todas as vozes terão que ser ouvidas, e com muita atenção à voz daqueles que nunca são ouvidos." (ref. 1)

Esta frase contém um ponto de vista que se baseia na pressuposição da existência de

- testemunhas omissas do caso.
- falhas importantes nos processos.
- segmentos excluídos da população.
- imparcialidades frequentes nos julgamentos.

- 03.** (UERJ) No início do texto, ao expressar sua indignação em relação ao tema abordado, o autor apresenta uma reflexão sobre o emprego de adjetivos. Essa reflexão está associada à seguinte ideia:
- A) O fato exige análise criteriosa.
 B) O contexto constrói ambiguidade.
 C) A linguagem se mostra insuficiente.
 D) A violência pede descrição cuidadosa.

- 04.** (UERJ) "Ele está dizendo: seria uma morte anônima, aplatinada pela surdez da praxe, pela invisibilidade, uma morte não questionada, como tantas outras." (ref. 1)



Logo após citar a declaração do marido de Cláudia, o autor a explica. Em relação a essa declaração, a explicação do autor produz o efeito de

- A) enfatizar seu conteúdo.
 B) corrigir sua construção.
 C) enumerar seus detalhes.
 D) contrapor-se a sua simplicidade.
- 05.** (PUC Minas) A partir da leitura dos textos da proposta, redija um artigo de opinião para o jornal da universidade sobre o seguinte recorte temático:

"O trabalho acadêmico em debate: plágio e autoria na era da informação"

Em sua produção escrita, você deverá assumir textualmente a posição de estudante do 1º período, convidado pelo jornal da universidade a expor a percepção de alguém que acaba de ingressar na instituição, apresentando argumentos que deixem claro o seu ponto de vista sobre o tema.

Texto I

engana-se
 quem pensa
 que só faz
plágio
 quem copia,
 palavra por palavra
 um trabalho
 inteiro **sem citar**
 a fonte
 de onde o
 tirou.

Segundo o professor Lécio Ramos, citado por Garschagen (2006), podemos listar pelo menos **3 tipos de plágio:**

INTEGRAL
 o "engano" citado acima...

PARCIAL
 que ocorre quando o trabalho é um "mosaico" formado por cópias de parágrafos e frases de autores diversos, sem mencionar suas obras

CONCEITUAL
 a utilização da ideia do autor escrevendo de outra forma, porém, novamente, sem citar a fonte original

UNIVERSIDADE Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. *Cartilha sobre plágio acadêmico*. Disponível em: http://www.proppi.uff.br/portagalir/sites/default/files/cartilha_autoria_-_digital.pdf. Acesso em: 16 fev. 2016.

Texto II

Ao "roubar" as palavras de outro e, conseqüentemente, suas ideias, o delito coloca-se também como um problema de cunho ético. [...] Porém, em um mundo transformado pelas novas tecnologias de comunicação e informação, a questão da apropriação indevida de autoria merece uma análise mais profunda.

PAIVA, Thais. *Para ir além do plágio*. Carta educação, 05 nov. 2015. Disponível em: <http://www.cartaeducacao.com.br/reportagens/para-ir-alem-do-plagio/>. Acesso em: 16 fev. 2016 (Adaptação).

Texto III

Uma frase em particular, já atribuída a tantos autores no século passado a ponto de ser considerada apócrifa, dá bem a medida da relativização do conceito de originalidade em nossa época, além de ser ela própria uma "licença poética" para o plágio criativo: "Se você rouba de um autor, é plágio; se você rouba de vários, é pesquisa".

MURANO, Edgard. *A síndrome do "copia e cola"*. Revista Língua Portuguesa, jul. 2013. Disponível em: <http://revistalingua.com.br/textos/93/a-sindrome-do-copia-e-cola-292190-1.asp>. Acesso em: 16 fev. 2016.

- 06.** (UFC-CE) A prática do jogo do bicho foi proibida pela Justiça, no Ceará, em outubro de 2008, embora até então tenha sido aceita. No dia 9 de outubro desse mesmo ano, todos os jornais da cidade noticiavam as ações deflagradas pela Polícia Federal com o objetivo de efetivar a proibição. Os textos que seguem tratam dessa temática e servem de base à sua produção textual.

Texto I

Carneiro, bicho de montaria

- Que bicho dá hoje, seu Samuel?
- Tive um sonho, D. Quitéria.
- Sonhei no prado.
- Então é cavalo.
- Também penso.

Cercara o bicho. Jogara no burro, jogara no camelo, ambos bichos de montaria. Aguardava serenamente a corrida. Parece até que era uma perseguição. Depois do almoço, sonhara com um cavalo imenso. Só podia ser camelo, mas o bicho estava cercado. Quando bateram as quatro horas, gritou para a negra:

- Vai saber o bicho, Maria. Depressa...

Esbaforida a negrinha gritara de volta, ainda na porta da rua:

- Carneiro.

Dona Quitéria puxou os cabelos com raiva:

- Diabo, carneiro também é bicho de montaria...

BEZERRA, João Clímaco. *O sementeiro de ausências*. Rio de Janeiro: Record, 1967. p. 38.

Texto II**Carneiro**

Amanhã se der o carneiro, o carneiro
 Vou-me embora daqui pro Rio de Janeiro
 Amanhã se der o carneiro, o carneiro
 Vou-me embora daqui pro Rio de Janeiro
 Vou-me embora daqui pro Rio de Janeiro
 As coisas vêm de lá e eu mesmo vou buscar
 E vou voltar em vídeo-tapes e revistas supercoloridas
 Pra menina meio distraída repetir a minha voz
 E Deus salve todos nós
 E Deus guarde todos vós

EDNARDO; PONTES, Augusto. BMG Brasil, 1974.

Texto III**Touro, na 0084**

Infeliz Inocência, tão cheio de obrigação, carregado de filhos, sofrendo cobranças diárias, amargurejava uma pobreza lamurienta, pegajosa, vizinha da miséria propriamente dita, só encontrando algum consolo no ódio incansável aos patrões, que ele dissimulava com habilidade e hipocrisia, e que identificava com o ódio ao sogro, abastado, indiferente, avarento, a quem não perdoava a boa saúde, o charuto, aquele ar farto, tranquilo, de quem vai viver muitos anos, o jeito de quem está gozando o logro burguês que pregava aos genros.

[...]

Pois Inocência Cospe Fogo era o mais viciado no jogo-do-bicho, o que bastante lhe aumentava a pobreza e lhe enfraquecia as finanças, já de si tão precárias, mas alimentava, coitado, aquela secreta, inesgotável esperança de ser justificado, de ter a sua vez. Frequentemente abandonava a invocação a Deus, se pegava com o Destino, que acabava responsabilizando por todos os seus fracassos.

DIAS, Milton. *Entre a boca da noite e a madrugada*. Fortaleza: Edições UFC, 2008, p. 24-25. (Coleção Literatura no Vestibular).

Produza uma notícia, para ser publicada na seção "Aconteceu entre a boca da noite e a madrugada", do Jornal *Diário da Noite*, na qual você informa à população uma ação deflagrada pela Polícia Federal, em decorrência da proibição da prática do jogo do bicho.

Observação: Se quiser, pode criar a manchete que acompanha sua notícia.

SEÇÃO ENEM**01.** (Enem-2022)**O complexo de falar difícil**

O que importa realmente é que o(a) detentor(a) do notável saber jurídico saiba quando e como deve fazer uso desse português versão 2.0, até porque não tem necessidade de alguém entrar numa padaria de manhã com aquela cara de sono falando o seguinte: "Por obséquio, Vossa Senhoria teria a hipotética possibilidade de estabelecer com minha pessoa uma relação de compra e venda, mediante as imposições dos códigos Civil e do Consumidor, para que seja possível a obtenção de 10 pãezinhos em temperatura estável para que a relação pecuniária no valor de R\$ 5,00 seja plenamente legítima e capaz de saciar minha fome matinal?"

O problema é que temos uma cultura de valorizar quem demonstra ser inteligente ao invés de valorizar quem é. Pela nossa lógica, todo mundo que fala difícil tende a ser mais inteligente do que quem valoriza o simples, e 99,9% das pessoas que estivessem na padaria iriam ficar boquiabertas se alguém fizesse uso das palavras que eu disse acima em plenas 7 da manhã em vez de dizer: "Bom dia! O senhor poderia me vender cinco reais de pão francês?"

Agora entramos na parte interessante: o que realmente é falar difícil? Simplesmente fazer uso de palavras que a maioria não faz ideia do que seja é um ato de falar difícil? Eu penso que não, mas é assim que muita gente age. Falar difícil é fazer uso do simples, mas com coerência e coesão, deixar tudo amarradinho gramaticalmente falando. Falar difícil pode fazer alguém parecer inteligente, mas não por muito tempo. É claro que em alguns momentos não temos como fugir do português rebuscado, do juridiquês propriamente dito, como no caso de documentos jurídicos, entre outros.

ARAÚJO, H. Disponível em: www.diariojurista.com. Acesso em: 20 nov. 2021 (Adaptado).

Nesse artigo de opinião, ao fazer uso de uma fala rebuscada no exemplo da compra do pão, o autor evidencia a importância de(a)

- se ter um notável saber jurídico.
- valorização da inteligência do falante.
- falar difícil para demonstrar inteligência.
- coesão e da coerência em documentos jurídicos.
- adequação da linguagem à situação de comunicação.

02. (Enem)

É água que não acaba mais

Dados preliminares divulgados por pesquisadores da Universidade Federal do Pará (UFPA) apontaram o Aquífero Alter do Chão como o maior depósito de água potável do planeta. Com volume estimado em 86 000 quilômetros cúbicos de água doce, a reserva subterrânea está localizada sob os estados do Amazonas, Pará e Amapá. “Essa quantidade de água seria suficiente para abastecer a população mundial durante 500 anos”, diz Milton Matta, geólogo da UFPA. Em termos comparativos, Alter do Chão tem quase o dobro do volume de água do Aquífero Guarani (com 45 000 quilômetros cúbicos). Até então, Guarani era a maior reserva subterrânea do mundo, distribuída por Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai.

ÉPOCA. 26 abr. 2010.

Essa notícia, publicada em uma revista de grande circulação, apresenta resultados de uma pesquisa científica realizada por uma universidade brasileira. Nessa situação, a função referencial da linguagem predomina, porque o autor do texto prioriza

- A) as suas opiniões, baseadas em fatos.
- B) os aspectos objetivos e precisos.
- C) os elementos de persuasão do leitor.
- D) os elementos estéticos na construção do texto.
- E) os aspectos subjetivos da mencionada pesquisa.

03. (Enem)

Choque a 36 000 km/h

A faixa que vai de 160 quilômetros de altitude em volta da Terra assemelha-se a uma avenida congestionada onde orbitam 3 000 satélites ativos. Eles disputam espaço com 17 000 fragmentos de artefatos lançados pela Terra e que se desmancharam – foguetes, satélites desativados e até ferramentas perdidas por astronautas. Com um tráfego celeste tão intenso, era questão de tempo para que acontecesse um acidente de grandes proporções, como o da semana passada. Na terça-feira, dois satélites em órbita desde os anos 90 colidiram em um ponto 790 quilômetros acima da Sibéria. A trombada dos satélites chama a atenção para os riscos que oferece a montanha de lixo espacial em órbita. Como os objetos viajam a grande velocidade, mesmo um pequeno fragmento de 10 centímetros poderia causar estragos consideráveis no telescópio Hubble ou na estação espacial Internacional – nesse caso pondo em risco a vida dos astronautas que lá trabalham.

VEJA. 18 set. 2009 (Adaptação).

Levando-se em consideração os elementos constitutivos de um texto jornalístico, infere-se que o autor teve como objetivo

- A) exaltar o emprego da linguagem figurada.
- B) criar suspense e despertar temor no leitor.
- C) influenciar a opinião dos leitores sobre o tema, com as marcas argumentativas de seu posicionamento.
- D) induzir o leitor a pensar que os satélites artificiais representam um grande perigo para toda a humanidade.
- E) exercitar a ironia ao empregar “avenida congestionada”; “tráfego celeste tão intenso”; “montanha de lixo”.

Instrução: Texto para as questões 04 e 05.**A carreira do crime**

Estudo feito por pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz sobre adolescentes recrutados pelo tráfico de drogas nas favelas cariocas expõe as bases sociais dessas quadrilhas, contribuindo para explicar as dificuldades que o Estado enfrenta no combate ao crime organizado.

O tráfico oferece ao jovem de escolaridade precária (nenhum dos entrevistados havia completado o ensino fundamental) um plano de carreira bem estruturado, com salários que variam de R\$ 400,00 a R\$ 12 000 mensais. Para uma base de comparação, convém notar que, segundo dados do IBGE de 2001, 59% da população brasileira com mais de dez anos que declara ter uma atividade remunerada ganha no máximo o “piso salarial” oferecido pelo crime. Dos traficantes ouvidos pela pesquisa, 25% recebiam mais de R\$ 2 000 mensais; já na população brasileira essa taxa não ultrapassa 6%.

Tais rendimentos mostram que as políticas sociais compensatórias, como o Bolsa-Escola (que paga R\$ 15 mensais por aluno matriculado), são por si só incapazes de impedir que o narcotráfico continue aliciando crianças provenientes de estratos de baixa renda: tais políticas aliviam um pouco o orçamento familiar e incentivam os pais a manterem os filhos estudando, o que de modo algum impossibilita a opção pela delinquência. No mesmo sentido, os programas voltados aos jovens vulneráveis ao crime organizado (circo-escola, oficinas de cultura, escolinhas de futebol) são importantes, mas não resolvem o problema.

A única maneira de reduzir a atração exercida pelo tráfico é a repressão, que aumenta os riscos para os que escolhem esse caminho. Os rendimentos pagos aos adolescentes provam isso: eles são elevados precisamente porque a possibilidade de ser preso não é desprezível. É preciso que o Executivo federal e os estaduais desmontem as organizações paralelas erguidas pelas quadrilhas, para que a certeza de punição elimine o fascínio dos salários do crime.

FOLHA DE S.PAULO. 15 jan. 2003.

- 04.** (Enem) Com base nos argumentos do autor, o texto aponta para
- A) uma denúncia de quadrilhas que se organizam em torno do narcotráfico.
 - B) a constatação de que o narcotráfico restringe-se aos centros urbanos.
 - C) a informação de que as políticas sociais compensatórias eliminarão a atividade criminosa a longo prazo.
 - D) o convencimento do leitor de que para haver a superação do problema do narcotráfico é preciso aumentar a ação policial.
 - E) uma exposição numérica realizada com o fim de mostrar que o negócio do narcotráfico é vantajoso e sem riscos.
- 05.** (Enem) No editorial, o autor defende a tese de que as políticas sociais que procuram evitar a entrada dos jovens no tráfico não terão chance de sucesso enquanto a remuneração oferecida pelos traficantes for tão mais compensatória que aquela oferecida pelos programas do governo. Para comprovar sua tese, o autor apresenta
- A) instituições que divulgam o crescimento de jovens no crime organizado.
 - B) sugestões que ajudam a reduzir a atração exercida pelo crime organizado.
 - C) políticas sociais que impedem o aliciamento de crianças no crime organizado.
 - D) pesquisadores que se preocupam com os jovens envolvidos no crime organizado.
 - E) números que comparam os valores pagos entre os programas de governo e o crime organizado.

- 06.** (Enem)

A última edição deste periódico apresenta mais uma vez tema relacionado ao tratamento dado ao lixo caseiro, aquele que produzimos no dia a dia. A informação agora passa pelo problema do material jogado na estrada vicinal que liga o município de Rio Claro ao distrito de Ajapi. Infelizmente, no local em questão, a reportagem encontrou mais uma forma errada de destinação do lixo: material atirado ao lado da pista como se isso fosse o ideal. Muitos moradores, por exemplo, retiram o lixo de suas residências e, em vez de um destino correto, procuram dispensá-lo em outras regiões. Uma situação no mínimo incômoda. Se você sai de casa para jogar o lixo em outra localidade, por que não o fazer no local ideal? É muita falta de educação achar que aquilo que não é correto para sua região possa ser para outra. A reciclagem do lixo doméstico é um passo inteligente e de consciência. Olha o exemplo que passamos aos mais jovens! Quem aprende errado coloca em prática o errado. Um perigo!

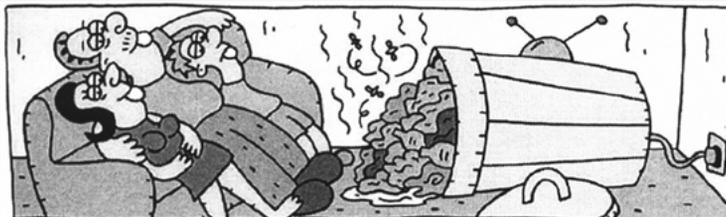
Disponível em: <http://jornaldacidade.uol.com.br>.

Acesso em: 10 ago. 2012 (Adaptação).

Esse editorial faz uma leitura diferenciada de uma notícia veiculada no jornal. Tal diferença traz à tona uma das funções sociais desse gênero textual, que é

- A) apresentar fatos que tenham sido noticiados pelo próprio veículo.
 - B) chamar a atenção do leitor para temas raramente abordados no jornal.
 - C) provocar a indignação dos cidadãos por força dos argumentos apresentados.
 - D) interpretar criticamente fatos noticiados e considerados relevantes para a opinião pública.
 - E) trabalhar uma informação previamente apresentada com base no ponto de vista do autor da notícia.
- 07.** (Enem) Leia com atenção os seguintes textos:

1.



GALHARDO, Caco. 2001.

2. Os programas sensacionalistas do rádio e os programas policiais de final da tarde em televisão saciam curiosidades perversas e até mórbidas tirando sua matéria-prima do drama de cidadãos humildes que aparecem nas delegacias como suspeitos de pequenos crimes. Ali, são entrevistados por intimidação. As câmeras invadem barracos e cortiços, e gravam sem pedir licença a estupefação de famílias de baixíssima renda que não sabem direito o que se passa: um parente é suspeito de estupro, ou o vizinho acaba de ser preso por tráfico, ou o primo morreu no massacre de fim de semana no bar da esquina. A polícia chega atirando; a mídia chega filmando.

BUCCI, Eugênio. *Sobre ética e imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

3. Quem fiscaliza [a imprensa]? Trata-se de tema complexo porque remete para a questão da responsabilidade não só das empresas de comunicação como também dos jornalistas. Alguns países, como a Suécia e a Grã-Bretanha, vêm há anos tentando resolver o problema da responsabilidade do jornalismo por meio de mecanismos que incentivam a autorregulação da mídia.

Disponível em: <http://www.eticanatv.org.br>. Acesso em: 30 maio 2004.

4. No Brasil, entre outras organizações, existe o Observatório da Imprensa – entidade civil, não governamental e não partidária –, que pretende acompanhar o desempenho da mídia brasileira. Em sua página eletrônica, lê-se:

Os meios de comunicação de massa são majoritariamente produzidos por empresas privadas cujas decisões atendem legitimamente aos desígnios de seus acionistas ou representantes. Mas o produto jornalístico é, inquestionavelmente, um serviço público, com garantias e privilégios específicos previstos na Constituição Federal, o que pressupõe contrapartidas em deveres e responsabilidades sociais.

Disponível em: <http://www.observatorio.ultimosegundo.ig.com.br>. Acesso em: 30 maio 2004 (Adaptação).

5. Incisos do Artigo 5º da Constituição Federal de 1988:

IX – é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença;

X – são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação.

Com base nas ideias presentes nos textos anteriores, redija uma dissertação em prosa sobre o seguinte tema:

Como garantir a liberdade de informação e evitar abusos nos meios de comunicação?

Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender seu ponto de vista e suas propostas.

Observações:

- Seu texto deve ser escrito na modalidade culta da Língua Portuguesa.
- O texto não deve ser escrito em forma de poema (versos) ou narração.
- O texto deverá ter no mínimo 15 (quinze) linhas escritas.

SEÇÃO FUVEST / UNICAMP / UNESP



GABARITO

Meu aproveitamento 

Aprendizagem

Acertei _____ Errei _____

- 01. C
- 02. C
- 03. B
- 04. C

Propostos

Acertei _____ Errei _____

- 01. B
- 02. C
- 03. C
- 04. A
- 05. Solicita-se, nessa proposta, a produção de um artigo de opinião em que se reflita acerca da questão do plágio acadêmico e da autoria numa época marcada pelo acesso e pela produção intensiva de informação. Na redação, é necessário assumir a posição de um estudante do primeiro período, recém-chegado à universidade, e produzir um texto considerando, ainda, que ele deverá ser publicado no jornal da universidade. Para isso, pode valer-se das ideias expostas nos textos-base, além da sua própria experiência, suas crenças e visões de mundo. Sobre o plágio conceitual, por exemplo, pode-se discutir acerca da ideia de propriedade intelectual atualmente em voga, uma vez que as tecnologias de informação e comunicação tornaram mais tênues as linhas que dividem o indivíduo e o público. Nesse sentido, pode-se discutir sobre, por exemplo, a necessidade de indicação dos materiais consultados durante uma pesquisa acadêmica, ainda que eles não sejam citados ou aludidos de forma direta no trabalho final, entre outros.
- 06. Para atender à proposta de redação, deve-se produzir uma notícia, a ser publicada no jornal *Diário da Noite*. O texto deve ser redigido em linguagem impessoal e objetiva, bem como apresentar informações suficientes para responder às perguntas "o que aconteceu", "onde aconteceu", "quando aconteceu", "com quem aconteceu" e "como aconteceu". As respostas para as três primeiras perguntas são apresentadas no enunciado. Os demais detalhes da notícia, como as personagens envolvidas e o modo pelo qual se deu a ação, devem ser criados. Nesse sentido, é possível, por exemplo, inserir breves depoimentos de policiais, de jogadores ou de bicheiros presos na ação, bem como especificar se a ação foi pacífica ou violenta e relatar o modo pelo qual as pessoas que presenciaram a ação reagiram a ela. A notícia deve, obrigatoriamente, receber um título que seja informativo e, de acordo com o enunciado, pode vir acompanhada por uma manchete. As informações devem ser apresentadas em um texto coeso e coerente, redigido de acordo com a norma-padrão.

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

- 01. E
- 02. B
- 03. C
- 04. D
- 05. E
- 06. D
- 07. A proposta explicita o conflito entre a liberdade de se veicularem informações e a necessidade de conter abusos da mídia. Tanto o texto de Eugênio Bucci quanto a charge de Caco Galhardo podem servir como fontes para a crítica aos programas sensacionalistas. Por sua vez, os excertos dos *sites* oferecem exemplos de reflexões sobre a regulação da mídia, o que pode evidenciar a complexidade do tema e a necessidade de aprofundamento da discussão em pauta. A quem cabe o papel de determinar os conteúdos da mídia? Deve haver algum controle ou a liberdade de expressão pode ser irrestrita? Como equacionar liberdade e responsabilidade nos meios de comunicação?



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %

Cartas

Este módulo é dedicado ao estudo das cartas, textos de caráter predominantemente dialógico, uma vez que representam a interlocução entre dois ou mais sujeitos específicos. Serão apresentadas as características linguísticas e estruturais desses gêneros, começando pela carta argumentativa, caracterizada pelo predomínio da tipologia argumentativa. Posteriormente, serão apresentados exemplos de gêneros específicos de cartas, como a carta pessoal, a carta do leitor, a carta aberta e a carta manifesto.

CARTA ARGUMENTATIVA

Para iniciar o estudo dos gêneros de carta, vamos analisar o exemplo de uma carta de autoria coletiva enviada a uma autoridade governamental. É importante observar que a denominação “carta argumentativa” não especifica um gênero de carta em si, mas, sim, enfoca o propósito do texto, ou seja, diz respeito a cartas que têm o objetivo de persuadir e convencer o interlocutor a aderir ao ponto de vista defendido pelo autor. Esse propósito é, geralmente, característico de gêneros como carta aberta, carta manifesto e carta do leitor. Neles predominam os tipos textuais argumentativo e dissertativo.

Leia agora a carta enviada pela Federação Brasileira das Associações de Síndrome de Down ao ministro da Educação. Nela, a Federação discorre sobre a importância de políticas públicas de inclusão desses indivíduos na educação básica.

Excelentíssimo **Senhor ministro**,

Nós, pessoas com síndrome de Down, familiares, responsáveis legais, profissionais e movimentos sociais que atuam na defesa dos direitos das pessoas com deficiência, **vimos** à presença de **Vossa Excelência** apresentar o contexto atual do processo de inclusão educacional no Brasil a partir da perspectiva desse segmento.

Confiamos plenamente na **sua** compreensão do que significa inclusão educacional e social, considerado o disposto a esse respeito na Constituição Federal, já nascida com claro desenho inclusivo, revelado em seus princípios e normas, e fortalecida ainda mais pela ratificação da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência da ONU, incorporada em nosso ordenamento jurídico com *status* de emenda constitucional desde 2008.

Esse documento estabelece a necessidade de o Estado organizar um sistema educacional inclusivo no qual as pessoas com deficiência em idade escolar tenham garantido acesso, permanência e qualidade em seus processos de escolarização. Somente uma escola para todos permitirá que as pessoas com deficiência participem em igualdade de condições com as demais pessoas nas escolas em suas comunidades. Essa exigência foi observada mediante a edição da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência que, no item I do seu artigo 28, dispõe caber ao Poder Público “assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar: I – sistema educacional inclusivo em todos os níveis e modalidades, bem como o aprendizado ao longo de toda a vida”.

Muitos foram os ganhos, nas últimas décadas, em termos de políticas públicas nacionais voltadas a esse segmento. Tanto é que o percentual de estudantes com deficiência matriculados atualmente nas escolas comuns é de 79% (último censo do IBGE). Essa inclusão – de crianças com deficiência desde o ensino básico – possibilita que adolescentes e jovens com deficiência acessem os níveis mais elevados de ensino, desenvolvam as suas potencialidades e autoestima e sejam incluídos na sociedade de modo pleno. Hoje é, portanto, uma realidade a frequência de estudantes com deficiência nas universidades e sua profissionalização.

O país precisa se manter nesse caminho para atingir a universalização da matrícula conforme a Lei 13 005, de 2014, que estabelece o Plano Nacional de Educação para os próximos 8 anos. Para o cumprimento dessa meta, **precisamos confiar no seu comando!** O processo de inclusão iniciado não pode sofrer retrocesso, sob pena de se ferir a Constituição, considerado principalmente o artigo 24 da Convenção da ONU, em relação ao qual o respectivo Comitê, no Relatório sobre a aplicação de tais normas no Brasil, recomenda que “[...] o Estado Parte intensifique seus esforços com alocações adequadas de recursos para consolidar um sistema educacional inclusivo de qualidade.”

Em consonância com as normas constitucionais supracitadas, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva afirma que a Educação Especial é um campo de conhecimento e uma modalidade transversal de ensino que perpassa todos os demais níveis e modalidades, realizando o atendimento educacional especializado – AEE – e disponibilizando um conjunto de serviços, recursos e estratégias específicas que favorecem o processo de escolarização dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades / superdotação nas salas comuns do ensino regular e a sua interação no contexto educacional, familiar, social e cultural.

Essa Política Nacional, portanto, norteia as ações das redes de ensino para a consolidação do sistema nacional inclusivo. A partir desse documento rompemos a visão fragmentada que gerou uma falsa oposição entre educação regular e educação especial, dado que um sistema educacional inclusivo ocorre necessariamente em todos os níveis, etapas e modalidades da escola comum, sendo bom para todos os estudantes.

Nessa perspectiva, a partir de uma conceituação biopsicossocial, o atendimento educacional especializado – AEE – é um serviço que apoia e é apoiado pelas atividades desenvolvidas no ensino comum, induzindo a reorganização da sala de aula, da escola e das redes de ensino para todos.

Para fomentar esse processo rumo à efetivação de um serviço educacional de qualidade, ainda em 2008 foi publicado o Decreto 6 571, incorporado pelo Decreto 7 611/2011, por meio do qual a União passou a apoiar os sistemas de ensino para fazer multiplicar a oferta do atendimento educacional especializado – AEE – aos estudantes público-alvo da modalidade de Educação Especial.

[...]

A implementação da Educação Especial na perspectiva da inclusão é um projeto em andamento, que, como todo projeto que introduz uma inovação de tal porte, não acontece de uma hora para outra. Toda inovação tem um caminho para ser compreendida e para acontecer, de fato, segundo seus propósitos. Nesse sentido, **estamos avançando** qualitativamente, dado que quantitativamente **já progredimos muito**.

Não há razão plausível para **retrocedermos**, cedendo a pressões dos que ainda defendem a Educação Especial nos moldes substitutivos e segundo o modelo médico de interpretação da deficiência. Quem defende a inclusão de alunos com deficiência nas escolas comuns baseia-se no modelo social da deficiência (1992) e nesse modelo o olhar recai sempre na pessoa, nas situações de natureza externa, no meio em que vivem, e não apenas e acentuadamente sobre a deficiência, como ocorre em escolas e classes especiais de instituições especializadas.

As instituições especializadas já tiveram tempo suficiente para reconhecer as mudanças que a Educação Especial provocou nas pessoas com deficiência, outrora resignadas a viver em ambientes educativos à parte, seja por escolha dos familiares e responsáveis legais desavisados e / ou por indicação de profissionais descrentes das possibilidades de desenvolvimento de toda e qualquer pessoa, quando tem acesso e participação na vida como ela é, para todos.

Não temos motivos para retroceder e **não podemos** mais admitir que qualquer interesse, que não os das pessoas com deficiência, venha, mais uma vez, conspirar contra **nosso** projeto de inclusão, que **nos orgulha**, que é uma forma de **nos redirmos** de todas as injustiças, de toda a desigualdade gerada pela exclusão de alguns brasileiros, por ignorância dos familiares e responsáveis legais, dos educadores e por interesses outros, que se infiltram, frequentemente no nosso trabalho, desrespeitando os preceitos constitucionais e a **nostra** capacidade de entendimento da diferença de todos nós.

Confiamos que **Vossa Excelência**, como **nós**, está empenhado na construção de uma sociedade que não discrimina e compreende a deficiência como parte da diversidade humana, tarefa que exige da educação o respeito pelas capacidades de todos os estudantes, salvaguardando o direito à plena e efetiva participação com igualdade de oportunidades.

Por fim, **esclarecemos** que este documento tem natureza preambular, pelo que **pugnamos** por outro espaço junto à **Vossa Excelência** para aprofundamento do tema central, qual seja a efetivação da inclusão plena.

Entidades que aderem ao documento: Federação brasileira das associações de Síndrome De Down AMANKAY – Instituto de estudos e pesquisas Associação Nacional de Membros do Ministério Público de Defesa dos Idosos e Pessoas com Deficiência INCLUSIVE – Inclusão e Cidadania Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diferença – LEPED.

FEDERAÇÃO Brasileira das Associações de Síndrome de Down. Disponível em: <http://www.federacaodown.org.br/portal/index.php/noticias/educacao/144-carta-destinada-ao-ministroda-educacao>. Acesso em: 24 abr. 2018. [Fragmento]

Embora circule sem algumas identificações básicas do gênero, como um título – no caso de carta aberta – ou identificação de local e destinatário – no caso de cartas argumentativas pessoais – o texto da Federação Brasileira das Associações de Síndrome de Down é um bom exemplo de carta argumentativa. Nele, há uma sequência de marcas linguísticas que simulam uma interlocução direta entre um produtor específico e um único receptor ao qual é dirigido o texto, caracterizando o texto como carta. Além disso, usa-se a primeira pessoa do plural e repetem-se, ao longo do texto, pronomes que se referem a seu interlocutor. Observe que o modo como o texto é escrito, as escolhas de vocabulário, a interlocução, os argumentos e informações, contribuem para que criemos uma imagem mental de quem escreve (autor / locutor do texto) e de quem se destina o texto (interlocutor / receptor do texto). Esses fatores linguísticos e discursivos são fundamentais para a adequação da carta ao seu propósito comunicativo.

Os autores se identificam e trazem como argumentos diversos textos legais no âmbito da inclusão e da educação para a diversidade, para fundamentar o ponto de vista defendido e convencer o interlocutor a ser favorável a tal posicionamento. Na carta, também são feitas solicitações, no sentido de fortalecer políticas de inclusão. Essas marcas comprovam o caráter dialógico das cartas, ou seja, textos desse gênero têm a intenção de dialogar com um interlocutor específico, induzindo-o a assumir determinado propósito, ainda que reproduzam o discurso apenas daquele(s) que os escreve(m).

Como é possível perceber, as cartas argumentativas têm muitas semelhanças com outros gêneros de natureza dissertativo-argumentativa, como o artigo de opinião e o editorial. Em todos, apresenta-se uma **tese** – ideia principal a ser desenvolvida no texto –, seguida de uma **argumentação** consistente que sustenta esse ponto de vista e **conclusão**, reafirmando o objetivo do texto e sugerindo ações ou expondo uma expectativa em relação ao interlocutor. Tanto em cartas quanto em textos dissertativo-argumentativos deve haver a exposição coesa e coerente de todo o raciocínio do autor por meio de uma linguagem clara e adequada à norma-padrão.

Por outro lado, as cartas têm certas características que as distanciam dos textos dissertativo-argumentativos. A primeira e mais importante diferença é o fato de que são produzidas com base em uma situação de interlocução explícita, linguisticamente marcada (o autor deve fazer referência direta ao seu interlocutor, ao longo do texto).

Em textos dissertativo-argumentativos, deve-se, preferencialmente, evitar a primeira pessoa, bem como a interlocução direta com o leitor – evidenciada por meio de vocativos, de pronomes, como “você” e “sua”, de verbos no imperativo, de perguntas diretas que não são respondidas. Deve-se, também, tentar convencer um leitor universal, despersonalizado. Por isso, expor um problema ou uma situação pessoal, contar com a simpatia de quem lê ou solicitar que se responsabilize por solucionar o problema são estratégias argumentativas pouco eficazes.

Já nas cartas, o autor deve se identificar, bem como se dirigir a uma pessoa específica. Aquele que escreve a carta e a envia recebe o nome de remetente ou signatário (locutor / autor); aquele a quem a carta é dirigida, por sua vez, recebe o nome de destinatário (interlocutor / receptor). Ao se redigir uma carta argumentativa, deve-se esforçar para que os perfis tanto do signatário (ou remetente) quanto do destinatário fiquem bem evidenciados. Aquele que escreve deve se apresentar e se expressar em primeira pessoa. Deve, ao mesmo tempo, dirigir-se diretamente a seu interlocutor, com perguntas e solicitações, e tratá-lo de acordo com as convenções que sua posição na sociedade exigir. Tudo isso vai garantir que a situação de interlocução esteja bem delineada no texto.

As cartas argumentativas, além de conterem marcas de interlocução, têm outra diferença em relação aos textos dissertativo-argumentativos. Sua estrutura formal organiza-se em partes preestabelecidas, distintas daquelas que se encontram em textos dissertativo-argumentativos.

Essas partes são:

Abertura	<ul style="list-style-type: none"> • Local e data: em geral, aparecem no início do texto, normalmente próximos à margem esquerda da folha. • Vocativo: aparece logo após o local e a data e é um chamamento, uma invocação que o autor da carta faz àquele a quem se dirige. O vocativo pode conter apenas o nome do destinatário ou vir acompanhado de adjetivos como “Caro(a)”, “Prezado(a)”, “Ilustríssimo(a)”, “Excelentíssimo(a)”. Isso vai depender de quem é a pessoa para quem se escreve e do grau de intimidade existente entre ela e o autor da carta ou do grau de formalidade exigido pelo cargo que tal pessoa ocupa. Após o vocativo, usa-se vírgula, dois-pontos ou não se usa sinal de pontuação.
Corpo do texto	<ul style="list-style-type: none"> • Corpo do texto: é o texto propriamente dito e deve iniciar-se uma linha após o vocativo, com letra maiúscula e recuo de parágrafo. O corpo do texto de uma carta argumentativa é composto pelas seguintes partes: <ul style="list-style-type: none"> Introdução <ol style="list-style-type: none"> 1) Apresentação: aparece, normalmente, no início do texto e é a parte em que o autor da carta se apresenta. 2) Exposição do problema: nessa parte, o autor deve apresentar o problema ou a situação que o motivou a redigir a carta e evidenciar o objetivo de seu texto. 3) Exposição da tese: parte em que o autor expõe sua perspectiva sobre o assunto e direciona o texto para a argumentação. Desenvolvimento <ol style="list-style-type: none"> 4) Exposição de argumentos: tal como nos textos dissertativo-argumentativos, nessa parte da carta, o autor expõe os argumentos que sustentam sua opinião sobre o assunto de maneira organizada, cuidando da coerência e da coesão do texto. Conclusão <ol style="list-style-type: none"> 5) Finalização: nessa parte, o autor encerra sua argumentação e conclui o texto, reafirmando sua tese. Vale observar que muitas propostas de redação exigem que o autor da carta exponha uma reivindicação com vista a solucionar o problema tratado ao longo do texto. Nesses casos, essa reivindicação pode aparecer explicitamente no fechamento do texto ou nele ser reiterada.
Fechamento	<ul style="list-style-type: none"> • Despedida: aparece logo após o texto da carta e, normalmente, consiste no uso de expressões como “Grato(a)”, “Atenciosamente”, “Cordialmente”, “Respeitosamente”. A escolha da expressão a ser usada deve ser feita com base no grau de formalidade da carta. • Assinatura: aparece no fim da carta, geralmente alinhada à direita da margem, e identifica o remetente ou signatário.

O perfil do interlocutor (destinatário) da carta também vai influenciar na escolha da linguagem e dos argumentos a serem utilizados. Cada interlocutor exige o uso de uma forma de tratamento distinta. Justamente por esse motivo, é necessário saber usar os pronomes e as formas de tratamento adequados. Observe o quadro a seguir, que indica os vocativos, os pronomes e as formas de tratamento a serem usados de acordo com o destinatário da carta.

Vocativo	Pronome	Abreviatura	Contexto de uso
<i>Caro(a) amigo(a)</i> <i>Prezado(a) amigo(a)</i>	<i> você </i>	<i>v.</i>	No tratamento familiar (familiares, amigos).
<i>Caro Senhor</i> <i>Cara Senhora</i>	<i>o senhor</i> <i>a senhora</i>	<i>Sr.</i> <i>Sr.^a</i>	No tratamento de respeito.
<i>Prezado(a) Senhor(a)</i> <i>Ilustríssimo(a) Senhor(a)</i>	<i>o senhor / a senhora</i> <i>Vossa Senhoria</i>	<i>Sr. / Sr.^a</i> <i>V. S.^a</i>	Para pessoas de cerimônia, principalmente na correspondência comercial para funcionários graduados, executivos, autoridades civis.
<i>Excelentíssimo(a) Senhor(a)</i>	<i>Vossa Excelência</i>	<i>V. Ex.^a</i>	Para autoridades políticas.



TOME NOTA!

- Todos esses **pronomes de tratamento são de terceira pessoa**. Portanto, os **verbos** e demais **pronomes** que estiverem relacionados ao interlocutor da carta devem também ser de **terceira pessoa**.
- Caso a autoridade a que a carta é dirigida for o presidente da República, não se deve usar a abreviatura V. Ex.^a.

CARTA PESSOAL

Cartas pessoais são aquelas usadas na comunicação entre familiares, amigos, namorados, ou seja, pessoas mais próximas. Normalmente, são afetivas e escritas em linguagem informal ou modalizadas pelo estilo do autor. Leia um exemplo de carta pessoal, escrita por Carlos Drummond de Andrade a João Cabral de Melo Neto, no período que os críticos literários classificam como a terceira fase (Geração de 45) do Modernismo brasileiro.

Rio [de Janeiro], 17 de janeiro de 1942

Meu caro João Cabral,

A falta de resposta deve implicar consentimento, não desaprovação. Como você pensa de outro modo, quero manifestar-lhe expressamente minha opinião sobre a inclusão do seu livro na coletânea de Vicente do Rego Monteiro.^[1] Acho que você deve publicar. Sou de opinião que tudo deve ser publicado, uma vez que foi escrito. Escrever para si mesmo é narcisismo, ou medo disfarçado em timidez. Sem dúvida, todo sujeito honesto escreve por necessidade, mas nessa necessidade está latente a ideia de comunicação. Os outros que gostem ou não gostem. A reação do público evidentemente interessa, mas não deve impressionar muito o autor. Daqui a vinte, trinta anos que ficará dos nossos atuais pontos de vista e juízos críticos? As obras terão que ser examinadas de novo. E então haverá uma importância maior no julgamento, ao qual, provavelmente, não estaremos presentes.

Como você vê, eu acho que se deve publicar tudo, menos pelo valor da experiência do que pela operação de extravasamento da personalidade, de outro modo cativa, e pela tomada de contato com o mundo exterior, que é fértil em sugestões e excitações para o autor. Se lhe desagradar a opinião dos jornais e revistas, não publique para eles; publique para o povo. Mas o povo não lê poesia... Quem disse? Não dão ao povo poesia. Ele, por sua vez, ignora os poetas.

É certo que sua poesia tem muito hermetismo para o leitor comum, mas se você a faz assim hermética porque não pode fazê-la de outro jeito, se você é hermético, que se ofereça assim mesmo ao povo. Ele tem um instinto vigoroso, quase virgem, e ficará perturbado com as suas associações de coisas e estados de espírito, que excedem a lógica rotineira. Já meditou na fascinante experiência que seria fazer livros de custo ínfimo, com páginas sugestivas, levando a poesia moderna aos operários, aos pequenos funcionários públicos, a toda essa gente atualmente condenada a absorver uma literatura de quarta classe porque se convencionou reservar certos gêneros e tendências para o pessoal dos salões e das universidades?

Eu acredito de certo que sua fase poética atual é fase de transição que você, com métodos, inclusive os mais velhos, está procurando caminho, e que há muita coisa ainda a fazer antes de chegarmos a uma poesia integrada ao nosso tempo, que o exprima limpidamente e que ao mesmo tempo o supere. Não devemos nos desanimar com isso. Desde que estejamos vivos, as experiências se realizarão dentro e fora de nós, e haverá possibilidade de progredir na aventura poética. [...]

Estou sentindo um prazer tão grande em escrever-lhe esta carta. Não a reli e acredito que esteja muito desordenada e cheia de afirmações insignificantes, mas o prazer vem da conversa com você, sobre temas que me são caros, e na certeza de que há em você bastante simpatia humana para aceitar este lero-lero.

Ainda não escrevi ao Otávio de Freitas Júnior. Que vergonha! Mas farei isso qualquer desses próximos dias.

Afinal você não passou pelo Rio. Ou passou e não me procurou? Mande notícias.

Um abraço do

Carlos Drummond

P.S.: Obrigado pela dedicatória!^[2] Ia-me esquecendo.

Bem traçadas linhas: a história do Brasil em cartas pessoais. Organização de Renato Lemos. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004. pp. 358-359.

^[1] N.S.: *Pedra do sono, livro de estreia de Cabral, acabou sendo impresso de forma independente em maio de 1942.*

^[2] N.S.: *Cabral dedicou Pedra do sono a Drummond.*

INSTITUTO MOREIRA SALLES. Disponível em: <https://www.correioims.com.br/carta/mas-o-povo-nao-le-poesia-quem-disse/>. Acesso em: 10 mar. 2020. [Fragmento]

A carta anterior é uma resposta do escritor Carlos Drummond de Andrade ao também escritor João Cabral de Melo Neto. Nela, Drummond busca convencer o poeta a publicar os seus primeiros poemas na revista *Renovação*, que o pintor e poeta Vicente do Rego Monteiro editava. Foi de Vicente do Rego a ideia de que João Cabral publicasse seus poemas, o que, segundo se conta, deixou o poeta “em pânico”, em função da recepção que poderiam ter seus textos. Vicente do Rego prometeu, então, que subordinaria a publicação à opinião de Drummond.

João Cabral escrevera uma carta a Drummond sobre esse propósito de expor ao público seus textos, mas demonstrou sua insegurança ao afirmar na correspondência: “Sinto que não é esta a poesia que eu gostaria de escrever”. Em resposta, Drummond escreveu-lhe também uma carta, incentivando-o a publicar os poemas. Como mostrado no texto, ele argumentou sobre a importância de possibilitar ao público conhecer a poesia de Cabral, mesmo sendo considerada “hermética” (de difícil compreensão). Discutiu também a ideia de que o povo “não lê poesia”, apontando como causa disso a falta de acesso a essa modalidade de texto. É interessante observar como o episódio evidencia que, na época em que as correspondências ocorreram (década de 40), Drummond já gozava de certo prestígio nos meios literários e intelectuais (servia de referência para endossar ou não a publicação de textos em revistas especializadas).

João Cabral, por sua vez, começava sua trajetória como escritor e poeta, apresentando certa insegurança quanto a essa poesia inicial que fazia. Os poemas que geraram a troca de cartas seriam publicados de forma independente, em maio de 1942, reunidos no livro *Pedra do sono*, primeira obra poética de João Cabral de Melo Neto, que a dedicou ao amigo Drummond.

A linguagem da carta e os argumentos, apesar de o texto centrar-se numa questão literária, mostram a proximidade entre os dois poetas; apresentam traços da subjetividade do autor (na parte final, Drummond deixa claro como escreveu de forma emocionada, com o prazer de interagir com o amigo). O texto também nos possibilita perceber os receios e inseguranças de João Cabral acerca do que produzia. A correspondência pessoal entre os dois tornou-se um documento histórico, registro de um período efervescente da produção literária modernista e, ao mesmo tempo, humaniza (são “gente como a gente”), aos olhos do leitor comum, dois dos mais relevantes e consagrados nomes da literatura nacional.



TÁ NA MÍDIA

Acesse o QR Code a seguir. Nele, você poderá conferir diversas correspondências atuais e antigas, trocadas entre personalidades da cultura, da política, entre outras áreas.



CARTA DO LEITOR

A carta do leitor caracteriza-se por apresentar a opinião de um leitor a respeito de um texto publicado em um veículo de comunicação específico. Pode ser produzida em resposta a uma notícia, uma reportagem, um artigo, um editorial, etc. O leitor que a escreve normalmente deseja elogiar uma matéria ou protestar contra seu conteúdo. Em geral, nas publicações impressas ou nos portais virtuais de grandes jornais, há um espaço específico para publicação das cartas dos leitores e elas vêm identificadas pelo assunto. Além da estrutura tradicional, a carta do leitor pode ser escrita como *e-mail*.

Cabe ressaltar que há diferenças entre esses gêneros e os comentários postados nas páginas de matérias jornalísticas ou textos opinativos, publicados na versão digital.

A carta do leitor ou *e-mail* enviados à publicação exigem a identificação do texto que motivou a correspondência; em geral, são mais argumentativos e costumam apresentar, ao final, uma expectativa de quem escreve em relação ao que o interlocutor do texto deve fazer quanto ao posicionamento defendido. Por sua vez, os comentários feitos diretamente nas páginas de textos publicados nos portais virtuais não exigem tal identificação porque vêm logo abaixo do próprio texto. E os autores / internautas, em geral, fazem textos breves e mais emotivos, expondo predominantemente suas impressões subjetivas, sem argumentação sobre o que foi publicado, o que fragiliza essa interlocução.

Leia, agora, um exemplo de carta do leitor para conhecer melhor as características desse gênero.

Na notícia a respeito do lançamento do livro da professora Pollyana Ferrari sobre *fake news*, publicada na *Folha* do dia 18 de abril de 2018, a autora afirma que não é suficiente, para a diminuição no impacto das *fakes news*, uma educação que forme sujeitos “capazes de discernir fontes confiáveis de notícias deliberadamente mentirosas”, uma vez que o problema também tem origem na falta de ética de pessoas que escolhem o conforto de mentiras que concordam com seus pontos de vista do que colocarem à prova suas opiniões. Mas eu pergunto: não é também compromisso da escola a formação de um indivíduo que reflete sobre as suas próprias ações e valores? Ou seja, indivíduos éticos? É preciso repensar a escola para além do mero estudo de “interpretação textual e redação” ou de um aprendizado automático de signos e sistemas. Acredito que a ignorância que fundamenta fenômenos como os da *fake news* só pode ser combatida quando o caráter ético-político da escola for assumido em sua totalidade, tendo como consequência a formação de cidadãos crítica e politicamente alfabetizados.

Lúcia Marina dos Reis, Santos-SP, por *e-mail*.

Na carta, a leitora refuta a opinião de uma especialista a respeito da formação de um indivíduo para que não propague notícias falsas na rede. Para isso, a autora, inicialmente, identifica o texto com o qual dialoga, fazendo referência ao tema da matéria e à data em que foi publicada. Essa referência é extremamente importante nas cartas do leitor, pois é com base nela que o destinatário e os demais leitores do periódico serão capazes de entender o contexto comunicativo da produção do texto. Nesse sentido, inclusive, o ideal é citar o título do texto.

Na carta da leitora à *Folha de S.Paulo*, por exemplo, qualquer leitor do jornal é capaz de inferir o conteúdo da matéria com a qual a autora dialoga, mesmo sem ter acesso a ela, e isso deve ser possível em uma carta do leitor. No corpo do texto, além de fazer essa referência, a autora expressa sua opinião sobre a matéria publicada, expõe argumentos que a sustentam e, ao final, identifica-se por meio da assinatura.

Ao contrário do que ocorre nas cartas pessoais, que podem ser permeadas de emotividade, os argumentos usados em cartas do leitor devem ser de natureza lógica e coerentes com a realidade. A linguagem, por sua vez, deve ser formal e estar de acordo com a norma-padrão ou modalizada pelo estilo do autor (mais irônica, metafórica, por exemplo) e pelo perfil da publicação (se é mais formal, mais sensacionalista, etc.). Nesse sentido, as cartas do leitor são muito parecidas com outros textos de natureza dissertativo-argumentativa. Por outro lado, distanciam-se desses textos por conterem, como qualquer outra carta, marcas de personalidade e de interlocução.

Uma carta do leitor pode ser dirigida a diferentes interlocutores, dependendo do texto com o qual dialoga. Se comenta, por exemplo, um editorial, uma notícia ou uma reportagem, pode ser dirigida ao jornalista responsável pela matéria; se comenta um artigo de opinião, pode ser dirigida ao articulista; em ambos os casos, é possível, também, enviar a carta ao editor ou à equipe editorial do jornal ou revista.

Vale observar, ainda, que cartas do leitor costumam ser editadas pela revista ou pelo jornal antes de serem publicadas, de modo que, quando as lemos, não as conhecemos em suas versões originais. Os periódicos, por exemplo, normalmente agrupam várias cartas que se referem a uma mesma matéria sob um título comum. São retiradas também algumas partes do texto, como local, data e vocativo. Entretanto, ao produzir uma carta do leitor, você deve estruturá-la de acordo com um dos seguintes modelos:

- **modelo formal:** composto por local e data, vocativo, corpo do texto, despedida e assinatura; ou
- **modelo semiformal:** composto por vocativo, corpo do texto, despedida, assinatura, local e data.

CARTA ABERTA

A carta aberta é um texto que, embora seja dirigido a um destinatário específico, é de domínio público e, normalmente, tem por objetivo discutir um problema que interfere na vida de uma coletividade, além de visar à adesão de pessoas ou grupos que podem assinar o texto, endossando o ponto de vista dos autores. Pode ser produzida por um remetente específico ou um grupo de pessoas que, reunidas em associações da sociedade civil, manifestam interesse em denunciar ou solucionar um problema que as afeta. Em outros tempos, as cartas abertas eram impressas ou mimeografadas e distribuídas à população, tal como panfletos. Atualmente, com a popularização da Internet, a *web* tem sido o principal suporte desse gênero textual, especialmente as redes sociais. Isso se deve, é claro, ao fato desse espaço possibilitar a ampla divulgação desses textos.

Leia um exemplo de carta aberta para conhecer melhor as características desse gênero.

Carta aberta à população brasileira

O Brasil vem apresentado, anualmente, índices consideráveis de acidentes e doenças do trabalho. Dados oficiais relativos ao período de 2010 a 2014 revelam a ocorrência (média anual) de 710 000 acidentes do trabalho e doenças do trabalho, que resultaram em 15 000 incapacitações permanentes e 2 810 mortes. Ou seja, ocorre um acidente do trabalho a cada 44 segundos, uma incapacitação permanente a cada 30 minutos e 01 morte a cada 3 horas nos locais de trabalho em nosso País.

E esses números seriam ainda maiores caso fossem considerados os trabalhadores autônomos, os profissionais liberais e, também, os casos de subnotificações (quando o empregador não informa a ocorrência do acidente / adoecimento).

Tais acidentes, além da tragédia familiar que representa ao trabalhador e sua família, com perda do ente querido, de renda familiar e de capacidade produtiva dos que ficam com sequelas, também tem um importante impacto nas contas orçamentárias da União, com despesas elevadas para o Sistema Único de Saúde e com benefícios previdenciários, assim como representa despesas e gastos para os empregadores, por conta de eventuais dias parados, perda de produtividade e ações de ressarcimento.

Estima-se que esses gastos e despesas relacionados a acidentes e doenças do trabalho atinjam 4% do PIB (conforme projeções da OIT), o que totalizaria, somente em 2016, valores superiores a R\$ 200 bilhões de reais.

Dessa forma, seja pelo aspecto social, com perdas de vidas, irreversíveis, ou financeiro, com altos custos ao País, se faz necessária e urgente a adoção de uma forte e robusta cultura em prevenção de acidentes e doenças ocupacionais, com a consequente criação de ambientes seguros e saudáveis.

O Ministério do Trabalho, juntamente com os demais parceiros institucionais, lançou, no mês de abril, a Campanha Nacional de Prevenção de Acidentes do Trabalho – CANPAT2017, cujo tema é *Conhecer para Prevenir*. Faz-se necessário que todos conheçam as questões que envolvem os acidentes e doenças do trabalho, contribuindo para as ações para a sua prevenção, mesmo porque todos participam dos prejuízos com o pagamento de seus impostos.

As consequências de acidentes e adoecimentos do trabalho são repartidas por todos os brasileiros. Um ambiente de trabalho seguro e saudável é direito de todos e dever de cada um.

Acidentes e doenças do Trabalho: Conheça! Previna-se!

Procure orientação!

28 de abril

Dia Mundial da Segurança e Saúde no Trabalho

Dia Nacional em Memória às Vítimas de Acidentes do Trabalho

Coordenação Geral de Fiscalização e Projetos
Departamento de Saúde e Segurança no Trabalho
Secretaria de Inspeção do Trabalho
Ministério do Trabalho

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. Secretaria de Trabalho. Disponível em: <http://www.trabalho.gov.br/component/content/article?id=4525>. Acesso em: 10 mar. 2020.

Nessa carta aberta, endereçada a toda a população brasileira e divulgada pelo Ministério do Trabalho, os autores têm por objetivo divulgar a criação de uma campanha de prevenção de acidentes de trabalho. Para isso, logo nos primeiros parágrafos, a carta identifica o problema que pretende apontar e discutir. Em seguida, como forma de argumentar a favor da relevância da campanha, apresenta os números das ocorrências de acidentes de trabalho, que podem afastar temporariamente o trabalhador, incapacitá-lo permanentemente ou, ainda, causar a sua morte, ressaltando a necessidade de se conhecer as formas de prevenção para poder utilizá-las e diminuir as estatísticas.

A carta aberta anterior é dirigida à população em geral, mas também são comuns cartas abertas dirigidas a autoridades. Nesse último caso, é necessário usar os pronomes e as formas de tratamento adequados. Como podem ser escritas por uma única pessoa ou por um grupo com interesses comuns, é aceitável o uso da terceira pessoa ou da primeira pessoa do singular ou do plural. A linguagem deve ser formal e estar de acordo com a norma-padrão.

Vale observar que, embora sejam cartas, textos desse gênero têm uma estrutura um pouco distinta da estrutura das cartas tradicionais. Apresentam um título informativo, que identifica o gênero do texto, o destinatário e, comumente, o assunto tratado. Podem conter ou não um vocativo que identifique o(s) destinatário(s) logo após o título. Também não é obrigatório que contenham local e data; se contiverem, essas informações devem aparecer no fim do texto, antes da(s) assinatura(s).

CARTA MANIFESTO

É uma declaração pública de um grupo de pessoas ou instituições em defesa de uma causa ou repúdio a uma situação. Difere da carta aberta por apresentar uma perspectiva fortemente apelativa, conclamatória, de apelo público à causa exposta no texto. Em função dessa característica de incitar o interlocutor a “fazer agir” numa determinada direção, é comum, na carta manifesto, a adoção de uma linguagem mais assertiva, podendo apresentar seqüências injuntivas (verbos no imperativo, por exemplo, ou estruturas que sugiram ações por parte do interlocutor). O propósito desse gênero é tanto afirmar uma postura ou opinião quanto incentivar a adesão do interlocutor / leitor, a fim de estimulá-lo a uma ação, uma atitude. Veja o exemplo a seguir:

CARTA DE SOBRAL

Sob o Sol de Sobral: por uma educação básica de qualidade, pela ciência e pela democracia

*O problema imaginado por minha mente
foi solucionado pelo céu luminoso do Brasil*
Albert Einstein, 1925.

1§ A SBPC e os participantes de sua Reunião Regional, realizada em Sobral entre os dias 27 e 30 de março, se manifestam firme e decididamente em defesa da educação pública de qualidade, da ciência e da democracia no País.

2§ Comemoramos neste ano o centenário do eclipse solar de 1919, cujas observações, feitas em Sobral, foram decisivas para a confirmação da Teoria da Relatividade Geral de Albert Einstein, que alterou profundamente a ciência e a nossa visão do Universo. Deste município do Ceará, Terra da Luz – primeiro estado brasileiro a abolir a escravidão –, vem, ainda, o exemplo notável de melhoria significativa no desempenho dos estudantes das escolas básicas, um processo que foi construído a partir de políticas públicas continuadas e que priorizaram a educação. Outros exemplos similares, e exitosos, provêm de diversos municípios brasileiros. Um desafio grande é estendê-los para abarcar todo o País.

3§ A valorização efetiva do professor e sua formação adequada são fatores essenciais para a melhoria da educação básica. Outros fatores importantes são condições de trabalho adequadas, boa gestão escolar, avaliações criteriosas e mobilização da comunidade local em prol da educação. O ensino de ciências é fundamental para a formação de um cidadão no mundo contemporâneo. No momento em que ganham proeminência ideias obscurantistas e correntes anticientíficas, é essencial destacar a importância decisiva do conhecimento científico para as tomadas de decisão individuais e coletivas, para a gestão pública e para o desenvolvimento social e econômico do País.

4§ O papel do Estado é essencial para a garantia dos direitos sociais dos brasileiros. A vinculação orçamentária de recursos para a educação e saúde foi uma importante conquista da Constituição de 1988, e a desvinculação desse orçamento, como anunciada recentemente, é uma ameaça muito grave e terá consequências catastróficas para a educação, a saúde e a qualidade de vida da imensa maioria dos brasileiros. Conclamamos todos os brasileiros a se unirem em um movimento amplo em defesa da educação pública de qualidade, laica, que respeite a diversidade e assegure direitos e oportunidades iguais para todas as crianças e jovens. O destino do povo brasileiro deve estar acima dos interesses financeiros ou de setores privilegiados da sociedade.

5§ Por outro lado, os drásticos cortes realizados recentemente no orçamento de Ciência, Tecnologia e Inovação (da ordem de 40%), que já estava em nível muito baixo, colocam o Brasil na contramão da história. Os países desenvolvidos investem de maneira ainda mais acentuada em CT&I em momentos de crise econômica. Pesquisas demonstram que o investimento em ciência tem repercussão social significativa e retorno econômico grande. É inaceitável que sejam feitos novos cortes em um orçamento já tão reduzido. As consequências afetarão toda a estrutura de pesquisa no País e, ainda, os setores empresariais que buscam promover a inovação. Eles comprometem o funcionamento do sistema nacional de CT&I, construído ao longo de décadas, dificultam a recuperação econômica e certamente irão afetar seriamente a qualidade de vida da população brasileira e a soberania do País.

6§ Recursos para educação e para ciência e tecnologia não são gastos, são investimentos do presente em um futuro melhor para o País!

7§ A SBPC, ao longo de sua história, juntamente com muitas outras entidades científicas acadêmicas e da sociedade civil, se destacou por sua luta pela educação, pela ciência e pela democracia no Brasil. Atuamos contra as práticas autoritárias de um regime ditatorial, em defesa das liberdades democráticas, pela redemocratização do País e pela construção da Constituição de 1988 que incorporou os direitos da cidadania. Neste momento crítico da vida nacional, reafirmamos a importância do livre pensar e da democracia em sua plenitude. Não aceitaremos o retorno do cerceamento às liberdades democráticas, da censura, das perseguições políticas, da ausência da liberdade de expressão, que são direitos consagrados na Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU.

8§ Queremos que todos os cidadãos, em especial as crianças e os jovens, tenham garantidos seus direitos educacionais e sociais. Motivos justos para comemorações intensas pelo conjunto dos brasileiros, nos próximos anos e décadas, serão a superação do analfabetismo e da miséria, o avanço significativo na educação, na ciência e na tecnologia, uma melhor qualidade de vida para todos, a redução das desigualdades, a preservação do meio ambiente e de nossas riquezas naturais, que estão em causa neste momento, e o desenvolvimento sustentável do País.

9§ É essencial, neste momento, uma atuação vigorosa e permanente da comunidade científica, acadêmica e educacional como um todo, por meio de suas entidades e instituições de pesquisa. É necessária uma mobilização mais intensa dos pesquisadores, professores e estudantes, das entidades científicas e das instituições de ensino e pesquisa brasileiras, em conjunto com outros setores da sociedade civil, lideranças políticas e parlamentares, para exercerem uma pressão social legítima, que poderá ser determinante para a reversão do atual quadro de retrocessos no apoio à educação e à ciência e tecnologia e de ameaças à democracia no País.

10§ Que o Sol luminoso do Brasil inspire e motive a todos nós na resolução dos problemas do País.

Sobral, 30 de março de 2019

Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)
SBPC. *SBPC divulga manifesto em defesa da educação, da ciência e da democracia*. Disponível em: <http://portal.sbpnet.org.br/noticias/sbpc-divulga-manifesto-em-defesa-da-educacao-da-ciencia-e-da-democracia/>.

Acesso em: 10 mar. 2020.

A “Carta de Sobral” é uma carta manifesto, divulgada pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), de conclamação à comunidade científica, acadêmica e escolar, além das instituições políticas e sociedade civil, em prol da educação, do desenvolvimento científico, tecnológico e da democracia do país. O texto foi elaborado na Reunião Regional da SBPC, em Sobral, no Ceará, no ano de 2019, e destinou-se a “todos os brasileiros”, interlocutor explicitamente identificados no 4§.

Assim como a carta aberta, a carta manifesto apresenta, em sua estrutura, um título, que pode conter a palavra “manifesto” ou se referir ao tema do texto. Na carta em análise, além da identificação do local onde o documento foi produzido, o título “Carta de Sobral” remete ao fato histórico de ter sido essa cidade o ponto onde cientistas estrangeiros e brasileiros observaram o eclipse solar, que possibilitou a confirmação da Teoria da Relatividade, de Albert Einstein. Há também o subtítulo “Sob o Sol de Sobral: por uma educação básica de qualidade, pela ciência e pela democracia”, com a explicitação do objetivo da carta manifesto da SBPC. Logo abaixo, funcionando como epígrafe do manifesto, foi colocada a frase de Einstein, considerado um dos maiores cientistas de todos os tempos. Tanto o subtítulo quanto a epígrafe não são obrigatórios nesse gênero textual, mas, se constarem no manifesto, têm a função de antecipar o seu conteúdo.

Na introdução do manifesto, como nas estruturas de cartas, são apresentados os autores do texto e reafirmado o seu objetivo (1§). Note que, diferentemente da carta aberta, já de início os autores apresentam um tom mais incisivo, com o uso do verbo “manifestam” e dos advérbios modalizadores “firme e decididamente”. Cumprindo a função de convencer e persuadir o interlocutor / leitor, no desenvolvimento do texto, são apresentadas informações e argumentos que sustentam o ponto de vista de defesa da importância do investimento em educação e pesquisa, bem como os efeitos positivos da política de valorização desses setores, essenciais ao desenvolvimento do país e à consolidação da democracia (2§ ao 3§). Na sequência, ainda como eixo argumentativo do texto, há críticas contundentes aos cortes de financiamento e orçamento da educação e pesquisa (5§ e 6§). A imagem da entidade, como defensora dessas áreas, é reafirmada no 7§, contribuindo para a construção do perfil dos autores do texto.

Veja que, ao longo da carta, a linguagem e as estruturas frasais mantêm o tom enfático, afirmando de modo contundente o posicionamento crítico e propositivo da entidade quanto à realidade retratada. Esse caráter exortatório, ou seja, de conclamação da adesão do público, interlocutor do texto, e da afirmação de propósitos é explicitado em passagens como “Conclamamos todos os brasileiros...” (4§); “Não aceitaremos o retorno do cerceamento às liberdades democráticas...” (7§); “Queremos que todos os cidadãos, em especial as crianças e os jovens...” (8§), entre outras.

Os parágrafos finais evidenciam ainda mais essa natureza apelativa do texto, com a proposição de atitudes, iniciadas pelas estruturas nominais “É essencial”, “É necessário”. A frase volitiva (expressa desejo, vontade) “Que o Sol luminoso do Brasil inspire e motive a todos nós na resolução dos problemas do País” dá o fecho categórico do texto, articulando-se com a motivação inicial enunciada na epígrafe e no fato histórico (centenário do eclipse solar que confirmou uma teoria científica revolucionária), os quais motivaram o carta manifesto da SBPC. Ao final, como é de praxe, tem-se o local e a data, além da assinatura da entidade.

Diferenças entre carta aberta e carta manifesto

Carta aberta	Carta manifesto
<ul style="list-style-type: none"> • Texto de predomínio argumentativo e expositivo. • Exposição e análise de uma situação-problema sobre a qual se opina. • Fundamentação da opinião, com argumentos, dados, sequência progressiva e lógica de ideias. • Predomínio de recursos argumentativos que explicam, analisam o fato motivador do texto. • Objetivo de convencer e persuadir pela argumentação. • Linguagem mais referencial, explicativa, podendo ser modalizada pelo estilo do autor. 	<ul style="list-style-type: none"> • Texto de predomínio apelativo, apesar de apresentar sequências argumentativas. • Exposição de uma crença, ideal e opinião, além de atitudes ou posturas a serem adotadas diante de uma realidade ou um tema. • Afirmação de convicções. • Predomínio de recursos típicos de textos apelativos, de incitação ou conclamação, como sequências frasais assertivas, uso do imperativo, palavras de ordem, etc. • Objetivo de convencer e persuadir pelo incentivo à adesão a uma causa e à adoção de ações. • Linguagem mais apelativa, conclamatória, modalizada pelo perfil do autor.



TOME NOTA!

Nas provas de redação de vestibulares, siga as orientações sobre como se deve identificar a autoria e a permissão (ou não) de assinatura no texto. Em geral, é determinado o perfil que o candidato deve assumir para se caracterizar como autor do texto.



Cartas

Assista a essa videoaula que trabalha as cartas.

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM



01. (UFJF-MG-2021)

UMA CARTA SOBRE JUSTIÇA E DEBATE ABERTO

7 de julho de 2020

Nossas instituições culturais enfrentam um momento de julgamento. Protestos poderosos por justiça racial e social estão levando a reivindicações há muito tempo esperadas por reforma da polícia, ao lado de chamados mais amplos por igualdade e inclusão maiores em toda a nossa sociedade, especialmente no ensino superior, no jornalismo, na filantropia e nas artes. Porém, essa necessária prestação de contas também intensificou um novo conjunto de atitudes morais e engajamentos políticos que tendem a enfraquecer nossas normas de debate aberto e tolerância de diferenças, em favor da conformidade ideológica. Aplaudimos o primeiro acontecimento, mas levantamos nossas vozes contra o segundo. As forças do iliberalismo vêm ganhando espaço em todo o mundo e contam com um aliado poderoso em Donald Trump, que representa uma ameaça real à democracia. Contudo, não se deve permitir que a resistência endureça, tornando-se um tipo próprio de dogma ou coerção – algo que demagogos de direita já vêm explorando. A inclusão democrática que buscamos só pode ser alcançada se nos manifestarmos contra o clima de intolerância que se instalou por todos os lados.

O livre intercâmbio de informação e ideias, força vital que alimenta uma sociedade liberal, está sendo mais restrito a cada dia que passa. Já nos acostumamos a esperar isso por parte da direita radical, mas a atitude censuradora também está se disseminando mais amplamente em nossa cultura: uma intolerância a visões opostas, uma propensão a humilhar pessoas publicamente e submetê-las ao ostracismo, a tendência a dissolver questões políticas complexas em uma certeza moral ofuscante. Defendemos o valor do discurso contrário robusto e até cáustico vindo de todos os lados. Hoje, porém, é lamentavelmente comum ouvir chamados por represálias imediatas e severas em resposta a discursos e pensamentos interpretados como transgressivos. Ainda mais perturbador é o fato de, em um esforço desesperado para controlar os danos, líderes institucionais andarem impondo castigos apressados e desproporcionais em lugar de reformas bem pensadas. Editores são demitidos por publicar artigos controversos; livros são tirados de circulação por suposta inautenticidade; jornalistas são impedidos de escrever sobre certos temas; professores universitários são investigados por citar obras de literatura em sala de aula; um pesquisador é demitido por circular um estudo acadêmico revisto por pares; e diretores de organizações são afastados por iniciativas que, em alguns casos, não passaram de equívocos imprudentes. Sejam quais forem os argumentos apresentados em torno de cada incidente em particular, o resultado vem sendo o estreitamento constante dos limites do que pode ser dito sem ameaças de represália. Já estamos pagando o preço por isso em termos de maior aversão a riscos da parte

de escritores, artistas e jornalistas que temem por seus meios de subsistência se se distanciarem do consenso geral ou até mesmo demonstrarem zelo insuficiente em concordar com ele.

Esse ambiente sufocante vai acabar, em última análise, prejudicando as causas mais cruciais de nossos tempos. A imposição de restrições ao debate, quer seja por um governo repressor ou uma sociedade intolerante, invariavelmente prejudica aqueles que não têm poder e torna todos menos capazes de participação democrática. O melhor modo de derrotar más ideias é pela exposição das ideias, a discussão e a persuasão, não por tentativas de silenciá-las ou simplesmente desejar que não existissem. Rejeitamos qualquer escolha falsa entre justiça e liberdade, que não podem existir em separado. Como escritores, precisamos de uma cultura que nos deixe espaço para experimentação, riscos e até erros. Precisamos preservar a possibilidade de divergências de boa-fé sem consequências profissionais graves. Se não defendermos a própria coisa da qual nosso trabalho depende, não devemos esperar que o público ou o Estado a defendam por nós.

Elliot Ackerman; Saladin Ambar, Universidade Rutgers; Martin Amis; Anne Applebaum; Marie Arana, escritora; Margaret Atwood; John Banville; Mia Bay, historiadora; Louis Begley, escritor; Roger Berkowitz, Bard College; Paul Berman, escritor; Sheri Berman, Barnard College; Reginald Dwayne Betts, poeta; Neil Blair, agente; David W. Blight, Universidade Yale; Jennifer Finney Boylan, autora; David Bromwich; David Brooks, colunista; Ian Buruma, Bard College; Lea Carpenter; Noam Chomsky, MIT (emérito); Nicholas A. Christakis, Universidade Yale; Roger Cohen, escritor; Embaixadora Frances D. Cook, aposentada; Drucilla Cornell, fundadora, Ubuntu Project; Kamel Daoud; Meghan Daum, escritora; Gerald Early, Universidade Washington-St. Louis; Jeffrey Eugenides, escritor; Dexter Filkins; Federico Finchelstein, The New School; Caitlin Flanagan; Richard T. Ford, Stanford Law School; Kmele Foster; David Frum, jornalista; Francis Fukuyama, Universidade Stanford; Atul Gawande, Universidade Harvard; Todd Gitlin, Universidade Columbia; Kim Ghattas; Malcolm Gladwell; Michelle Goldberg, colunista; Rebecca Goldstein, escritora; Anthony Grafton, Universidade Princeton; David Greenberg, Universidade Rutgers; Linda Greenhouse; Rinne B. Groff, dramaturga; Sarah Haider, ativista; Jonathan Haidt, NYU-Stern; Roya Hakakian, escritora; Shadi Hamid, Brookings Institution; Jeet Heer, The Nation; Katie Herzog, apresentadora de podcast; Susannah Heschel, Dartmouth College; Adam Hochschild, autor; Arlie Russell Hochschild, autor; Eva Hoffman, escritora; Coleman Hughes, escritor/Instituto Manhattan; Hussein Ibish, Instituto dos Países do Golfo Árabe; Michael Ignatieff; Zaid Jilani, jornalista; Bill T. Jones, New York Live Arts; Wendy Kaminer, escritora; Matthew Karp, Universidade Princeton; Garry Kasparov, Renew Democracy Initiative; Daniel Kehlmann, escritor; Randall Kennedy; Khaled Khalifa, escritor; Parag Khanna, autor; Laura Kipnis, Universidade Northwestern; Frances Kissling, Center for Health, Ethics, Social Policy; Enrique Krauze, historiador; Anthony Kronman, Universidade Yale; Joy Ladin, Universidade Yeshiva;

Nicholas Lemann, Universidade Columbia; Mark Lilla, Universidade Columbia; Susie Linfield, Universidade de Nova York; Damon Linker, escritor; DahliaLithwick, Slate; Steven Lukes, Universidade de Nova York; John R. MacArthur, publisher, escritor; Susan Madrak, escritora; Phoebe MaltzBovy, escritora; Greil Marcus; Wynton Marsalis, Jazz at Lincoln Center; KatiMarton, autora; DebraMashek, acadêmica; DeirdreMcCloskey, Universidade de Illinois em Chicago; John McWhorter, Universidade Columbia; UdayMehta, City University of New York; Andrew Moravcsik, Universidade Princeton; YaschaMounk, Persuasion; Samuel Moyn, Universidade Yale; Meera Nanda, escritora e professora; Cary Nelson, Universidade de Illinois em Urbana-Champaign; Olivia Nuzzi, New York Magazine; Mark Oppenheimer, Universidade Yale; DaelOrlandersmith, escritora/performer; George Packer; NellIrvinPainter, Universidade Princeton (emérita); Greg Pardlo, Universidade Rutgers – Camden; Orlando Patterson, Universidade Harvard; Steven Pinker, Universidade Harvard; LettyCottinPogrebin; KathaPollitt, escritora; Claire Bond Potter, The New School; TaufiqRahim; Zia Haider Rahman, escritor; Jennifer Ratner-Rosenhagen, Universidade de Wisconsin; Jonathan Rauch, BrookingsInstitution/The Atlantic; Neil Roberts, teórico político; Melvin Rogers, Universidade Brown; Kat Rosenfield, escritora; Loretta J. Ross, Smith College; J.K. Rowling; Salman Rushdie, Universidade de Nova York; KarimSadjadpour, Carnegie Endowment; Daryl Michael Scott, Universidade Howard; Diana Senechal, professora e escritora; Jennifer Senior, colunista; Judith Shulevitz, escritora; Jesse Singal, jornalista; Anne-Marie Slaughter; Andrew Solomon, escritor; Deborah Solomon, crítica e biógrafa; Allison Stanger, MiddleburyCollege; Paul Starr, American Prospect/Universidade Princeton; Wendell Steavenson, escritor; Gloria Steinem, escritora e ativista; Nadine Strossen, New York Law School; Ronald S. Sullivan Jr., Harvard Law School; KianTajbakhsh, Universidade Columbia; ZephyrTeachout, Universidade Fordham; Cynthia Tucker, Universidade do Sul do Alabama; AdanerUsmani, Universidade Harvard; ChloeValdary; Helen Vendler, Universidade Harvard; Judy B. Walzer; Michael Walzer; Eric K. Washington, historiador; Caroline Weber, historiadora; RandiWeingarten, Federação Americana de Professores; Bari Weiss; Sean Wilentz, Universidade Princeton; GarryWills; Thomas Chatterton Williams, escritor; Robert F. Worth, jornalista e autor; Molly Worthen, Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill; Matthew Yglesias; Emily Yoffe, jornalista; Cathy Young, jornalista; FareedZakaria

As instituições são mencionadas apenas para fins de identificação.

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/07/leia-manifestos-sobre-cultura-do-cancelamento-eliberdade-de-expressao.shtml>
Acesso em: 27 nov. 2020 (Adaptação).

Com base na leitura do texto, podemos afirmar que:

- trata-se de uma carta aberta, endereçada ao poder público, com o objetivo de prestar contas à sociedade democrática e pôr fim à intolerância.
- trata-se de uma carta aberta, endereçada às instituições culturais que defendem os mesmos valores do presidente norte-americano.

- trata-se de uma carta assinada coletivamente com o objetivo de reivindicar engajamento político em favor do enfraquecimento das normas de debate aberto.
- trata-se de uma carta coletiva, endereçada aos leitores em geral, com o objetivo de argumentar contra a intolerância e buscar a inclusão democrática.
- trata-se de uma carta com vários signatários que têm como objetivo argumentar contrariamente aos protestos atuais por justiça racial e social.

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões de **02** a **04**.

Carta de reclamação

São Paulo, 22 de março de 2007.

Prezados Senhores,

Esta é a oitava carta jurídica de cobrança que recebo de Vossas Senhorias...

Sei que não estou em dia com meus pagamentos. Acontece que eu estou devendo também em outras lojas e todas esperam que eu lhes pague. Contudo, meus rendimentos mensais não permitem que eu pague mais do que duas prestações no fim de cada mês. As outras ficam para o mês seguinte. Estou ciente de que não sou injusto, daquele tipo que prefere pagar esta ou aquela empresa em detrimento das demais. Ocorre o seguinte... todo mês, quando recebo meu salário, escrevo o nome dos meus credores em pequenos pedaços de papel, que enrolo e coloco dentro de uma caixinha. Depois, olhando para o outro lado, retiro dois papéis, que são os dois "sortudos" que irão receber o meu rico dinheirinho. Os outros, paciência. Ficam para o mês seguinte. Afirmo aos senhores, com toda certeza, que sua empresa vem constando todos os meses na minha caixinha. Se não os paguei ainda, é porque os senhores estão com pouca sorte. Finalmente, faço-lhes uma advertência: se os senhores continuarem com essa mania de me enviar cartas de cobrança ameaçadoras e insolentes, como a última que recebi, serei obrigado a excluir o nome de Vossa Senhoria dos meus sorteios mensais.

Sem mais,

Obrigado.

FOLHA DE S.PAULO. 2007 (Adaptação).



(UEAP) Pode-se dizer que o efeito de humor do texto anterior é construído, principalmente, a partir

- da utilização de uma Carta de Reclamação que, por seu caráter público, apresenta um estilo bastante formal.
- da necessidade de o remetente excluir o nome do destinatário de seus sorteios mensais.
- de algumas expressões e vocábulos, tais como: "sei que não sou injusto", "sortudo", "meu rico dinheirinho".
- do inusitado teor da Carta de Reclamação, pois o assunto nela tratado causa estranheza e divertimento no leitor.
- do fato de o remetente reclamar por ser a oitava carta de cobrança que recebe.

03.

ARLI



(UEAP) Quanto ao texto, só não se pode afirmar:

- A) A mescla de pessoas do discurso (segunda pessoa do plural e terceira pessoa do singular) não constitui erro, pois, nesse tipo de texto, ela se torna um padrão.
- B) As reticências presentes em “Ocorre o seguinte... todo mês,” podem ser substituídas, sem alteração de sentido, por dois-pontos (:).
- C) O trecho “Os outros, paciência. Ficam para o mês seguinte.” pode ser reescrito, mantendo-se a sua ideia original, da seguinte maneira: “Os outros credores devem ter paciência, pois ficarão para o mês seguinte.”
- D) O texto é heterogêneo quanto ao seu modo de organização. Isto é, apresenta, além de outros, trechos do modo de organização narrativo.
- E) Os conectores grifados em “Esta é a oitava carta jurídica de cobrança que recebo de Vossas Senhorias” e em “Sei que não estou em dia com meus pagamentos.” são, respectivamente, pronomes relativos anafóricos de “a oitava carta jurídica de cobrança” e de “sei”.

04.

2BTU



(UEAP) É característica de Cartas Comerciais, como a Carta de Reclamação, a exposição de motivos (uma forma de introdução). Tais motivos justificam sua emissão para uma indústria, comércio, bancos, instituições financeiras, etc. No texto, constituem-se exposições de motivos:

- A) “Sei que não estou em dia com meus pagamentos. Acontece que eu estou devendo também em outras lojas e todas esperam que eu lhes pague. Contudo, meus rendimentos mensais não permitem que eu pague duas prestações no fim de cada mês.”
- B) “Estou ciente de que não sou injusto, daquele tipo que prefere pagar esta ou aquela empresa em detrimento das demais.”
- C) “Ocorre o seguinte... todo mês, quando recebo meu salário, escrevo o nome dos meus credores em pequenos pedaços de papel, que enrolo e coloco dentro de uma caixinha. Depois, olhando para o outro lado, retiro dois papéis, que são os dois ‘sortudos’ que irão receber o meu rico dinheirinho.”
- D) “Afirmo aos senhores, com toda certeza, que sua empresa vem constando todos os meses na minha caixinha. Se não os paguei ainda, é porque os senhores estão com pouca sorte.”
- E) “Finalmente, faço-lhes uma advertência: se os senhores continuarem com essa mania de me enviar cartas de cobrança ameaçadoras e insolentes, como a última que recebi, serei obrigado a excluir o nome de Vossa Senhora dos meus sorteios mensais.”

Tem sido divertido entender minha própria maneira de fazer isso, estou aprendendo muito sobre mim. Estou cruzando fronteiras e amigos, desmantelando o racismo impregnado na minha pele. Sugiro que vocês embarquem comigo nessa viagem, pois o racismo também está em todos os seus poros. Não sou de apontar dedos, mas vocês o reproduzem inconscientemente o tempo todo. Ainda bem que aprendi desde cedo a força do perdão. Eu não seria amiga de vocês sem isso.

Sou fascinada pela arte como forma de protesto, meus ídolos têm isso em comum. É inspirada por eles que manifesto nesta tímida e honesta carta meu amor por vocês e o imenso descontentamento que sinto ao me lembrar das vezes que não enxergaram minha cor. Para mim, tão importante quanto protestar é louvar a vida que flui milagrosamente neste país há quinhentos anos, em meio a tanta barbaridade. Vida que, desde sempre, cria arte, pensamento, tecnologia, medicina, agricultura, educação. A vida negra é a vida que movimenta este país.

Tenho a sorte de ter vocês como amigos. Reconheço nossa caminhada juntos por uma existência mais consciente. Tenho refletido muito sobre isso. Não sejam ingênuos: viver de forma sustentável mesmo é ouvir os pretos, investir nas ideias geniais que nascem e diariamente morrem nas favelas e periferias do Brasil. É contratar e promover gente preta, criar oportunidades para que outros liderem a mudança que todos queremos ver. É dividir o pão, fazer o dinheiro – meio de troca ainda tão poderoso no mundo da matéria – circular por mais tempo entre aqueles que sofrem mais com o sistema. É reforma agrária e urbana, taxação de grandes fortunas, política de cotas, abolição do sistema penal. Vocês sabem o tamanho do desafio...

LIMA, Ligia. Letras sensatas: aos meus amigos brancos. *Revista Piauí*. Edição 166, julho de 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/letras-sensatas-aos-meus-amigos-brancos/>. Acesso em: 6 ago. 2020 (Adaptação).

Considere as seguintes afirmações tendo como base o texto:

- I. Em sua carta, Ligia Lima aponta o remorso que seus amigos brancos sentem por suas atitudes racistas.
- II. A carta revela que o curso e o desenvolvimento do país contam, em sua essência, com a cultura e a participação negra.
- III. Na carta, a autora afirma que o racismo está impregnado na realidade do país e tem sido reproduzido ininterruptamente de forma inconsciente.

Estão corretas:

- A) I e II, apenas.
- B) I e III, apenas.
- C) II e III, apenas.
- D) I, II e III.

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões de 02 a 05.

“Unde Malum”

Os sapatinhos sem meias, a roupa encharcada, o rosto suavemente deitado sobre a areia da praia em Bodrum, na Turquia. Aylan Shenu, o refugiado sírio de 3 anos, parecia adormecido, em uma daquelas imagens de

EXERCÍCIOS PROPOSTOS



01.

0C6J



(PUC Rio–2021) **Queridos,**

É desconfortável para mim falar sobre racismo, prefiro falar sobre as coisas que amo, pasmem. Mas às vezes o silêncio sobre esse assunto pesa. Por isso, venho encontrando coragem para me expressar.

5 desconcertante inocência que só uma criança subitamente vencida pelo cansaço é capaz de produzir. A sensação boa dura pouco. Logo se percebe que Aylan está morto. Seu corpo inerte foi jogado na areia pelas ondas do Mediterrâneo. A legenda da foto informa que Aylan morreu

10 afogado com a mãe, Rehan, e o irmão de 5 anos, Galip, quando o barco precário que os transportava afundou. Só Abdullah, o pai do menino, sobreviveu. Como dezenas de milhares de outros sírios vêm fazendo em desespero, os Shenu lançaram-se ao mar para fugir da guerra civil insana que arrasa o seu país.

15

As cenas do corpo de Aylan na areia – e, em outra foto, carregado nos braços por um policial turco – foram fortes demais mesmo para um mundo anestesiado por desgraças que chegam sem parar a bilhões de pessoas

20 instantaneamente pela Internet. A mente humana só tem a fé e a arte para não perder a razão diante de imagens como as de Aylan. Santo Agostinho, um portento da inteligência cristã, nunca conseguiu conciliar a ideia de um Deus onipotente, soberanamente bom, com a existência do mal no mundo. Sua indagação em

25 latim “*Unde malum*” (“De onde vem o mal?”) atravessa os séculos sem resposta inteiramente satisfatória. No poema com esse título, o polonês Czeslaw Milosz, ganhador do Nobel de literatura em 1980, responde que o bem e o mal só existem no homem – e se a espécie humana deixar de existir eles também desaparecerão.

30

“*El pie del niño aún no sabe que es pie*” – assim o poeta chileno Pablo Neruda descreveu sua perplexidade metafísica ante os mistérios da caminhada humana.

35 O escritor americano Ernest Hemingway famosamente venceu os amigos em uma disputa literária para ver quem conseguiria comover os demais com a história mais curta: “Vendo sapatinho de bebê. Nunca usado”. Pendendo solto dos braços do policial turco em Bodrum, os pezinhos de Aylan, dentro dos sapatos sem serventia, ainda não sabiam que eram pés. Isso é que mais dói.

40

VEJA, 09 set. 2015. Carta ao Leitor, p. 12.

02. (UECE) Tendo em vista o dualismo que, sabe-se, estrutura o mundo, se, em um texto, fala-se em uma “sensação boa”, deve haver algo que preencha o espaço de uma “sensação má”.

Assinale a oposição básica que se pode depreender desse texto.

- A) A vida e a morte.
- B) A riqueza e a pobreza.
- C) O mal e o bem.
- D) A intolerância e a condescendência.

03. (UECE) Quando o enunciador fala de “um mundo anestesiado por desgraças que chegam sem parar a bilhões de pessoas instantaneamente pela Internet” (linhas 18-20), pode-se chegar a algumas conclusões. Dentre as conclusões a seguir, assinale a que não é autorizada pelo texto.

- A) A recorrência do mal insensibiliza as pessoas.
- B) A compaixão diminui à proporção que cresce e repete-se o mal.
- C) No mundo atual, a banalização do mal se dá com mais rapidez.
- D) O mal e o bem existem no mundo independentemente da ação do homem.



(UECE) Atente à indagação de Santo Agostinho, um dos doutores da Igreja Católica: “*Unde malum*” (“De onde vem o mal?”) e aos comentários I, II e III, relacionados a esse questionamento.

- I. Essa indagação feita por Santo Agostinho (354-430), nos primeiros séculos da Era Cristã, ainda não teve uma resposta que convencesse a todos.
- II. O que atormentava Agostinho era a ideia de que um Deus criador de tudo, “um Deus onipotente, soberanamente bom” (linha 24), pudesse haver criado o mal.
- III. Em poema intitulado “*Unde malum*”, o poeta polonês Czeslaw Milosz responde à questão: “O bem e o mal só existem no homem – e, se a espécie humana deixar de existir, eles também desaparecerão” (linhas 30-31). Essa resposta parece haver satisfeito muitas pessoas, uma vez que o poeta ganhou um Oscar.

Está correto o que se diz apenas em

- A) III.
- B) I e II.
- C) II e III.
- D) I e III.



(UECE) “Vendo sapatinho de bebê. Nunca usado” (linha 38). Essa pequena história comoveu os amigos do escritor americano Ernest Hemingway, e o autor dessa carta ao leitor ilustrou o seu texto com essa pequena história. Atente ao que se diz sobre essa pequena narrativa.

- I. O primeiro enunciado da historinha de Hemingway – “Vendo sapatinho de bebê” expressa uma atividade normal, desenvolvida por muitas pessoas: vender sapatinho de bebê.
- II. O segundo enunciado – “Nunca usado” – causa estranhamento, uma vez que não se costuma vender sapatinhos de bebê usados. Sendo isso verdade, não haveria necessidade de fazer essa observação.
- III. O acréscimo da informação “Nunca usado” abre para o leitor a expectativa de que algo de mau, ou pelo menos desagradável, aconteceu à criança.

Está correto o que se diz em

- A) I, II e III.
- B) I e II somente.
- C) II e III somente.
- D) I e III somente.

06. (UEM-2022) REDAÇÃO

TEXTO 1



Disponível em: <https://m.facebook.com/tirasarmandinho>.
Acesso em: 16 jul. 2021.

TEXTO 2

Arborização Urbana: Você sabe a importância de um projeto?

Michelly Moraes

[...] Arborização Urbana é um termo que vem sendo utilizado com muita frequência nos últimos tempos e que, em um primeiro momento, remete-nos a uma simples interpretação: plantio de árvores no meio urbano. Porém, por trás dessa básica definição, há uma grande área de estudo que ainda é pouco conhecida pela maioria: nas cidades, as árvores desempenham um papel muito importante na melhoria da qualidade de vida da população e do meio ambiente.

A arborização das cidades, além da estratégia de amenização de aspectos ambientais adversos, é importante sob os aspectos ecológico, histórico, cultural, social, estético e paisagístico. Contudo, esse trabalho não deve ser feito de forma aleatória, visto que só será realmente efetivo quando realizado um bom planejamento de arborização. Devido à falta de planejamento e à ausência de profissionais capacitados e responsáveis, não é difícil enxergar situações conflituosas entre projetos de arborização ruins que encontram equipamentos urbanos como barreiras (fiações elétricas, muros, postes de iluminação etc.). Por isso, é de extrema importância que todo o projeto seja realizado por uma empresa capacitada e responsável, que entenda do assunto, que esteja ciente das normas de regulamentação e disponível para dialogar com outros órgãos, como Prefeitura, Departamento de Iluminação Pública, entre outros. [...]

Os benefícios proporcionados pelas árvores são geralmente classificados como benefícios ecológicos, estéticos, econômicos e sociais. Os benefícios ecológicos referem-se à melhoria microclimática. Ou seja, as árvores, por intermédio de suas folhas, absorvem radiação solar que diminui a reflexão e proporciona sombra; reduzem ou aumentam a velocidade dos ventos e aumentam a umidade atmosférica que refresca o ar das cidades. Também amenizam a poluição atmosférica e acústica e protegem o solo e a fauna.

Os benefícios estéticos referem-se à adição de cores ao cenário urbano com as flores, as folhas e os troncos; à promoção de modelos de paisagens e de identidade local, através das espécies; à anulação da monotonia de pavimentos e alvenaria; à introdução de elementos naturais e de linhas suaves e orgânicas no meio urbano composto de materiais artificiais e de linhas geométricas; à adição de dinamismo à paisagem urbana por meio dos aspectos de mudança de cor, queda e brotação das folhas, floração e frutificação.

Outro importante benefício ocorre pela oportunidade de educação ambiental à população: as pessoas aprendem sobre o meio ambiente quando notam a clara diferença entre áreas arborizadas e áreas construídas.

É preciso lembrar que, para a arborização cumprir com os seus benefícios, é necessário investimento, assim como em qualquer outro serviço de utilidade pública, principalmente no plantio, sempre com mudas de alta qualidade, e nas operações de poda.

Pelo alto investimento destinado à arborização de ruas, as árvores são consideradas um patrimônio público. Enquanto a maioria dos bens públicos deprecia com o tempo, o valor das árvores aumenta desde seu plantio até a sua maturidade. [...]

Disponível em: <https://agropos.com.br/arborizacao-urbana/>.
Acesso em: 16 jul. 2021 (Adaptação).

GÊNERO TEXTUAL – CARTA DE SOLICITAÇÃO

Contexto e comando de produção: Em sua cidade, você já presenciou inúmeras situações negativas decorrentes da ausência de uma política ambiental. Uma das situações está relacionada à arborização urbana. Essa situação o/a incentivou a se voluntariar na ONG ambientalista *Verde para Todos*. Como representante dessa ONG, e em decorrência de vários trabalhos voluntários realizados, você decide escrever uma CARTA DE SOLICITAÇÃO dirigida à Secretaria do Meio Ambiente da Prefeitura da sua cidade, com a finalidade de solicitar uma gestão mais comprometida com a arborização. Para escrever sua Carta de Solicitação, considere as informações dos textos de apoio e outras que achar pertinentes, além das seguintes orientações: a) evidencie a relação entre a arborização urbana e a qualidade de vida da população; b) justifique, por meio de argumentos, a necessidade de se priorizar a arborização urbana; c) apresente seus argumentos no sentido de convencer a Secretaria do Meio Ambiente a acatar sua solicitação. Assine APENAS como “REPRESENTANTE DA ONG VERDE PARA TODOS”.

07. (União-UE) Leia o texto a seguir, extraído da seção Guia Veja, da revista *Veja*:

Os brasileiros têm hoje uma expectativa de vida muito maior que a da geração de seus pais e avós, vivem em geral com mais qualidade e mais saúde – e têm menos filhos. Combinadas, essas mudanças aos poucos começam a trazer uma outra transformação: a dos arranjos domésticos que esses cidadãos fazem ao encerrar sua fase de atividade profissional. É provável que, como nos países europeus ou nos Estados Unidos, os idosos não mais queiram ou não possam morar com os filhos e ser cuidados por eles, e desejem preservar tanto quanto possível a independência e a privacidade que usufruíram durante toda a vida.

Um sintoma dessa mudança é que nesta última década o Brasil começou a presenciar o surgimento de condomínios exclusivos para idosos, nos quais eles podem morar com conforto (mas sem os afazeres e as preocupações com empregada e encanador de quem tem de manter a própria casa), junto de pessoas da mesma idade, recebendo a assistência médica necessária e contando com opções de lazer e entretenimento. Apesar de essas comodidades estarem ainda restritas a uma parcela de classe alta, os geriatras e outros especialistas da área avaliam que esse é um nicho de mercado que deve crescer e ficar cada vez mais acessível do ponto de vista financeiro.

VEJA, p. 82, 05 mar. 2014.

Se você concorda com a proposta de condomínios para idosos, conforme exposto no texto, escreva uma carta ao

Sr. Victor Civita Neto, presidente do Conselho Editorial da revista *Veja*, apresentando seus argumentos que justifiquem a proposta, por representar maior sensação de liberdade e independência aos idosos. Se você é contra, escreva uma carta ao mesmo presidente da revista, apresentando seus argumentos que condenem a proposta, por ser ela uma espécie de “abandono” dos idosos por seus parentes, especialmente filhos, pois, longe de familiares, os idosos perderão o bem mais precioso de seu final de vida, que é o carinho desses mesmos familiares. Em ambos os casos, lembre-se de que a arte de convencer é fundamental.

Instrução: Não dê um título a sua carta nem a assine, pois, nos exames seletivos das universidades, o candidato não deve ser identificado como autor da redação. No lugar da assinatura, deve ser colocado apenas um traço.

SEÇÃO ENEM

- 01.** (Enem) Concordo plenamente com o artigo “Revolucione a sala de aula”. É preciso que valorizemos o ser humano, seja ele estudante, seja professor. Acredito na importância de aprender a respeitar nossos limites e superá-los, quando possível, o que será mais fácil se pudermos desenvolver a capacidade de relacionamento em sala de aula. Como arquiteta, concordo com a postura de valorização do indivíduo, em qualquer situação: se procurarmos uma relação de respeito e colaboração, seguramente estaremos criando a base sólida de uma vida melhor.

SOUZA, Tania Bertoluci de. Porto Alegre, RS.
Disponível em: <http://www.kanitz.com.br/veja/cartas.htm>.
Acesso em: 2 maio 2009 (Adaptação).

Em uma sociedade letrada como a nossa, são construídos textos diversos para dar conta das necessidades cotidianas de comunicação. Assim, para utilizar-se de algum gênero textual, é preciso que conheçamos os seus elementos. A carta de leitor é um gênero textual que

- apresenta sua estrutura por parágrafos, organizado pela tipologia da ordem da injunção (comando) e estilo de linguagem com alto grau de formalidade.
- se inscreve em uma categoria cujo objetivo é o de descrever os assuntos e temas que circularam nos jornais e revistas do país semanalmente.
- se organiza por uma estrutura de elementos bastante flexível em que o locutor encaminha a ampliação dos temas tratados para o veículo de comunicação.
- se constitui por um estilo caracterizado pelo uso da variedade não padrão da língua e tema construído por fatos políticos.
- se organiza em torno de um tema, de um estilo e em forma de paragrafação, representando, em conjunto, as ideias e opiniões de locutores que interagem diretamente com o veículo de comunicação.

- 02.** (Enem) Venho solicitar a clarividente atenção de Vossa Excelência para que seja conjurada uma calamidade que está prestes a desabar em cima da juventude feminina do Brasil. Refiro-me, senhor presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar este esporte violento sem afetar, seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que dispôs a ser mãe.

Ao que dizem os jornais, no Rio de Janeiro, já estão formados nada menos de dez quadros femininos. Em São Paulo e Belo Horizonte também já estão se constituindo outros. E, neste crescendo, dentro de um ano, é provável que em todo o Brasil estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol: ou seja: 200 núcleos destroçados da saúde de 2,2 mil futuras mães, que, além do mais, ficarão presas a uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes.

CARTA CAPITAL. 28 abr. 2010. Coluna Pênalti.

O trecho é parte de uma carta de um cidadão brasileiro, José Fuzeira, encaminhada, em abril de 1940, ao então presidente da República Getúlio Vargas. As opções linguísticas de Fuzeira mostram que seu texto foi elaborado em linguagem

- regional, adequada à troca de informações na situação apresentada.
- jurídica, exigida pelo tema relacionado ao domínio do futebol.
- coloquial, considerando-se que ele era um cidadão brasileiro comum.
- culta, adequando-se ao seu interlocutor e à situação de comunicação.
- informal, pressupondo o grau de escolaridade de seu interlocutor.

- 03.** (Enem)

Texto I

O Brasil sempre deu respostas rápidas através da solidariedade do seu povo. Mas a mesma força que nos motiva a ajudar o próximo deveria também nos motivar a ter atitudes cidadãs. Não podemos mais transferir a culpa para quem é vítima ou até mesmo para a própria natureza, como se essa guiasse a lógica humana. Sobram desculpas esfarrapadas e falta competência da classe política.

ISTOÉ. Cartas. 28 abr. 2010.

Texto II

Não podemos negar ao povo sofrido todas as hipóteses de previsão dos desastres; demagogos culpam os moradores; o governo e a prefeitura apelam para as pessoas saírem das áreas de risco e agora dizem que será compulsória a realocação. Então temos a realocar o Brasil inteiro! Criemos um serviço, similar ao SUS, com alocação obrigatória de recursos orçamentários com rede de atendimento preventivo, onde participariam arquitetos, engenheiros, geólogos. Bem ou mal, esse “SUS” organizaria brigadas nos locais. Nos casos da dengue, por exemplo, poderia verificar as condições de acontecer epidemias. Seriam boas ações preventivas.

CARTA CAPITAL. Carta do leitor. 28 abr. 2010 (Adaptação).

Os textos apresentados expressam opiniões de leitores acerca de relevante assunto para a sociedade brasileira. Os autores dos dois textos apontam para a

- necessidade de trabalho voluntário contínuo para a resolução das mazelas sociais.
- importância de ações preventivas para evitar catástrofes, indevidamente atribuídas aos políticos.
- incapacidade política para agir de forma diligente na resolução das mazelas sociais.
- urgência de se criarem novos órgãos públicos com as mesmas características do SUS.
- impossibilidade de o homem agir de forma eficaz ou preventiva diante das ações da natureza.

04. (Enem) Sou feliz pelos amigos que tenho. Um deles muito sofre pelo meu descuido com o vernáculo. Por alguns anos ele sistematicamente me enviava missivas eruditas com precisas informações sobre as regras da gramática, que eu não respeitava, e sobre a grafia correta dos vocábulos, que eu ignorava. Fi-lo sofrer pelo uso errado que fiz de uma palavra num desses meus badulaques. Acontece que eu, acostumado a conversar com a gente das Minas Gerais, falei em “varreção” – do verbo “varrer”. De fato, trata-se de um equívoco que, num vestibular, poderia me valer uma reprovação. Pois o meu amigo, paladino da língua portuguesa, se deu ao trabalho de fazer um xerox da página 827 do dicionário, aquela que tem, no topo, a fotografia de uma “varroa”(sic!) (você não sabe o que é uma “varroa”?) para corrigir me do meu erro. E confesso: ele está certo. O certo é “varrição” e não “varreção”. Mas estou com medo de que os mineiros da roça façam troça de mim porque nunca os vi falar de “varrição”. E se eles rirem de mim não vai me adiantar mostrar-lhes o xerox da página do dicionário com a “varroa” no topo. Porque para eles não é o dicionário que faz a língua. É o povo. E o povo, lá nas montanhas de Minas Gerais, fala “varreção” quando não “barreção”. O que me deixa triste sobre esse amigo oculto é que nunca tenha dito nada sobre o que eu escrevo, se é bonito ou se é feio. Toma a minha sopa, não diz nada sobre ela, mas reclama sempre que o prato está rachado.

ALVES, R. *Mais badulaques*. São Paulo: Parábola, 2004. [Fragmento]

De acordo com o texto, após receber a carta de um amigo “que se deu ao trabalho de fazer um xerox da página 827 do dicionário” sinalizando um erro de grafia, o autor reconhece

- A) a supremacia das formas da língua em relação ao seu conteúdo.
- B) a necessidade da norma padrão em situações formais de comunicação escrita.
- C) a obrigatoriedade da norma culta da língua, para a garantia de uma comunicação efetiva.
- D) a importância da variedade culta da língua, para a preservação da identidade cultural de um povo.
- E) a necessidade do dicionário como guia de adequação linguística em contextos informais privados.

05. (Enem)



GRUPO ESCOLAR DE PALMEIRAS. Redações de Maria Anna de Biase e J. B. Pereira sobre a Bandeira Nacional. Palmeiras (SP), 18 nov. 1911. Acervo APESP. Coleção DAESP. C10279. Disponível em: www.arquivoestado.sp.gov.br. Acesso em: 15 maio 2013.

O documento foi retirado de uma exposição *online* de manuscritos do estado de São Paulo do início do século XX. Quanto à relevância social para o leitor da atualidade, o texto

- A) funciona como veículo de transmissão de valores patrióticos próprios do período em que foi escrito.
- B) cumpre uma função instrucional de ensinar regras de comportamento em eventos cívicos.
- C) deixa subentendida a ideia de que o brasileiro preserva as riquezas naturais do país.
- D) argumenta em favor da construção de uma nação com igualdade de direitos.
- E) apresenta uma metodologia de ensino restrita a uma determinada época.

06. (Enem)

Texto I



FRADIM. Ed. Codecri, n. 20, 1997.

Texto II

O encontro “Vem ser cidadão” reuniu 380 jovens de 13 Estados, em Faxinal do Céu (PR). Eles foram trocar experiências sobre o chamado “protagonismo juvenil”. O termo pode até parecer feio, mas essas duas palavras significam que o jovem não precisa de adulto para encontrar o seu lugar e a sua forma de intervir na sociedade. Ele pode ser protagonista.

FOLHA DE S.PAULO. *Para quem se revolta e quer agir*. 16 nov. 1998 (Adaptação).

Texto III

Depoimentos de jovens participantes do encontro:

- “Eu não sinto vergonha de ser brasileiro. Eu sinto muito orgulho. Mas eu sinto vergonha por existirem muitas pessoas acomodadas. A realidade está nua e crua. [...] Tem de parar com o comodismo. Não dá para passar e ver uma criança na rua e achar que não é problema seu.” (E.M.O.S., 18 anos, Minas Gerais)
- “A maior dica é querer fazer. Se você é acomodado, fica esperando cair no colo, não vai acontecer nada. Existe muita coisa para fazer. Mas primeiro você precisa se interessar.” (C.S.Jr., 16 anos, Paraná)
- “Ser cidadão não é só conhecer os seus direitos. É participar, ser dinâmico na sua escola, no seu bairro.” (H.A., 19 anos, Amazonas)

FOLHA DE S.PAULO. *Para quem se revolta e quer agir*. 16 nov. 1998.

Com base na leitura dos quadrinhos e dos depoimentos, redija um texto em prosa, do tipo dissertativo-argumentativo, sobre o tema:

Cidadania e participação social

Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos ao longo de sua formação. Depois de selecionar, organizar e relacionar os argumentos, fatos e opiniões apresentados em defesa de seu ponto de vista, elabore uma proposta de ação social.

07.

Texto I

Extinção das profissões

Profissionalismo é uma exigência de conhecimentos técnicos de determinada profissão. Assim, profissional é o indivíduo que não é amador, que possui a qualificação necessária para desenvolver determinada função. Mas para adquirir esta qualificação foi necessário a este sujeito investimento de seu tempo, dinheiro, esforço, etc.

Profissão é também um dos maiores conflitos dos jovens atualmente. Ou melhor, a escolha desta profissão. Chegado o momento do vestibular, é a última chance de definir o que pretende fazer em termos profissionais. Na maioria das vezes, confusos, decidem-se por aquilo que lhes parece promissor, afinal, os pais, em geral investiram muito para proporcionar-lhes a oportunidade de um futuro, senão brilhante, no mínimo confortável. Feita a escolha, poderão ficar tranquilos pelo resto de suas vidas. Será mesmo?

Na realidade as profissões aparecem e desaparecem conforme as necessidades sociais. Um exemplo disso é que, quando do surgimento da sociedade capitalista – uma das maiores transformações por que já passou a história da humanidade – as profissões sofreram alterações consideráveis. Outro exemplo pode ser assistido hoje, profissões surgem, profissões desaparecem. [...]

Entre outras coisas, a extinção de determinadas profissões exprime as exigências de nosso tempo. São, enfim, mudanças irreversíveis e necessárias diante das exigências desta realidade. Se em certo momento da sociedade houve profissionais que não existem mais, não será grande surpresa se, diante do desenvolvimento tecnológico acelerado de hoje, daqui a alguns anos não tenhamos mais, por exemplo, profissionais como a empregada doméstica. Ela poderá ser substituída por um robô.

ARAÚJO, Francisca Socorro. Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociologia/extincao-das-profissoes/>. Acesso em: 10 fev. 2019. [Fragmento]

Texto II

Tecnologia decreta fim de algumas profissões, afirma especialista

Mercados e profissões demonstram rápidas transformações com os avanços tecnológicos. Em um cenário onde os níveis de inteligência artificial, automação e realidade virtual estão cada vez mais altos, carreiras já desapareceram e outras devem deixar de existir em breve, abrindo caminho para postos onde a habilidade humana será concentrada no que os robôs ainda são incapazes de fazer.

Mas em muitos campos as máquinas têm melhor desempenho, margem de erro infinitamente menor e ainda

são capazes de aprender. Em um prazo de 5 a 15 anos, várias posições que hoje são extremamente dinâmicas desaparecerão.

Arthur Igreja e Allan Costa, especialistas da multiplataforma AAA, listam as mais próximas, comentando motivos, contexto e estimativa de prazo.

“Profissões que são muito repetitivas obviamente serão substituídas por *softwares*. E as que são por natureza muito humana, como serviços de cuidadores e de atendimento, tendem a ter seus valores pressionados para baixo em razão da robotização, por exemplo”, destaca Arthur Igreja.

“Os especialistas de cada área devem estar conectados à tecnologia. Ou seja, se os robôs já realizam diagnósticos e operações, o médico deve direcionar esforços para o atendimento ao paciente, o relacionamento, o tratamento personalizado”, comenta Allan Costa.

OTTOBONI, Julio. Disponível em: <http://envolverde.cartacapital.com.br/tecnologia-decreta-fim-de-algumas-profissoes-afirma-especialista/>. Acesso em: 8 fev. 2019. [Fragmento]

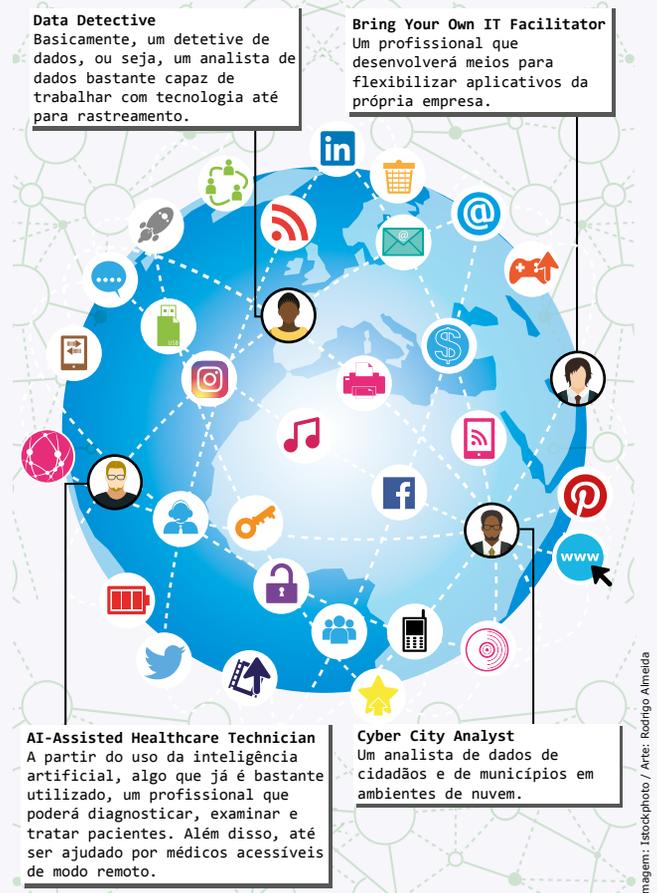
Texto III

Data Detective

Basicamente, um detetive de dados, ou seja, um analista de dados bastante capaz de trabalhar com tecnologia até para rastreamento.

Bring Your Own IT Facilitator

Um profissional que desenvolverá meios para flexibilizar aplicativos da própria empresa.



Com base na leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da Língua Portuguesa sobre o tema “O desaparecimento de profissões no futuro”, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

SEÇÃO FUVEST / UNICAMP / UNESP



GABARITO

Meu aproveitamento 

Aprendizagem

Acertei _____ Errei _____

01. D 03. E
 02. D 04. A

Propostos

Acertei _____ Errei _____

01. C 03. D 05. A
 02. C 04. B
06. Na tirinha, as falas da primeira criança demonstram que é conhecedora da importância das árvores no ambiente urbano. A segunda reconhece a validade das palavras do amigo, admitindo que apenas quando chove é que os moradores da cidade não sofrem com calor e secura do ar. No texto verbal, Michelly Moraes começa por afirmar que o conceito de arborização urbana vai muito além do plantio de árvores na cidade, pois trata-se da realização de iniciativas que têm em vista melhorar a qualidade de vida da população e do ambiente. Em seguida, o autor enumera os benefícios gerados pela arborização: absorção de radiação solar, capacidade de redução ou aumento da velocidade dos ventos que equilibram a umidade atmosférica, incorporação de elementos estéticos na paisagem, o que iria amenizar a monotonia do cinza das construções urbanas, entre outros. Finalmente enfatiza a necessidade de investimento e incorporação dos serviços públicos não só no plantio, mas também no uso de mudas de qualidade e realização de operações de poda regulares. Assim, considerando as informações dos textos de apoio e outras de que teve conhecimento, deve-se assumir não só como representante da ONG ambientalista Verde para Todos, mas também como voluntário em outras iniciativas para escrever uma carta de solicitação dirigida à Secretaria do Meio Ambiente da Prefeitura da sua cidade, com a finalidade de solicitar uma gestão mais comprometida com a arborização. Segundo o comando que acompanha a solicitação, a carta deve apontar a importância da realização de um projeto que associasse a arborização urbana à qualidade de vida da população, enfatizando a urgência da realização da tarefa por meio de argumentos convincentes.
07. Essa proposta de redação define objetivos distintos em função do ponto de vista escolhido. Como informa o enunciado, caso se concorde com a proposta de condomínios para idosos, deve-se redigir uma carta argumentativa ao Sr. Victor Civita Neto, o presidente do Conselho Editorial da revista *Veja*. É preciso, nesse caso, fundamentar a opinião, principalmente, na importância da maior sensação de liberdade e independência que esses condomínios proporcionam aos idosos. Além disso, é possível reforçar a ideia de que os idosos não mais queiram ou não possam morar com os filhos.

Ao contrário, caso se discorde da proposta de condomínios para idosos, deve-se alegar que essa ideia pode ser uma espécie de “abandono” dos idosos por seus parentes. Do ponto de vista estrutural, deve-se utilizar a linguagem formal, de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa, bem como deve conter marcas de interlocução a fim de que o texto se configure como uma carta, com local e data, vocativo, texto e despedida. Por fim, o posicionamento deve ser apresentado de forma clara e os argumentos devem estar organizados de modo a comporem uma linha de raciocínio que dê unidade ao texto. Conforme indica o enunciado, a carta não pode apresentar título nem deve ser assinada.

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

01. E 03. C 05. A
 02. D 04. B
06. Para desenvolver a dissertação, deve-se, primeiramente, observar os textos-base apresentados pela proposta. Após análise desses textos, deve-se perceber que, para discutir o tema “Cidadania e participação social”, é necessário abordar a postura dos jovens, e não a de quaisquer outros grupos. Para desenvolver o texto, é possível partir, por exemplo, do conformismo de alguns jovens, que, sem exemplos de engajamento social, alienam-se e acomodam-se, conformando-se com os problemas do país em que vivem. Nesse caso, vale defender a ideia de que, para participar do processo democrático, fiscalizar, denunciar e cobrar atitudes dos governantes são ações essenciais, bem como atuar mais pragmaticamente, por exemplo, em grupos da sociedade civil organizada. Além dessa reflexão, deve-se também defender propostas de ação social. Para isso, é possível sugerir, baseando-se nos quadrinhos de Henfil, que os jovens tentem descobrir seu próprio potencial em suas “caixinhas de segredo” para que voem em busca de mudança social.
07. Nessa proposta, deve-se redigir um texto dissertativo-argumentativo em que se discorra sobre o tema: “O desaparecimento de profissões no futuro”. Na argumentação desenvolvida, deve-se trazer dados e referências colhidos da observação da realidade, a partir da reflexão de que o desaparecimento de profissões é natural e esperado, porém vê-se uma tendência nova atualmente: a substituição dessas profissões não por outras com humanos, e sim por outras com tecnologias, como *softwares* e robôs. Além disso, também se espera a reflexão quanto ao tipo de profissão que é tendenciada: a própria tecnologia. Nessa perspectiva, é possível seguir em um texto de causa e consequência, já que sempre se espera argumentação que vá além dos textos motivadores. Espera-se, portanto, uma argumentação baseada na necessidade de mudanças, nas motivações dessas mudanças – positivas e negativas, por exemplo, diminuição de uso de papel – fim de profissões que trabalham com arquivamento de documentos – bom para o meio ambiente; substituição de diversos profissionais de um mesmo segmento por um único software – desemprego. Assim, a proposta de intervenção deverá seguir esse mesmo caminho, de acordo com conhecimentos prévios: incentivo a novas formações, formação continuada em empresas.



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %

Ler Para Não Cair na Rede

FAKE NEWS E PÓS-VERDADE



Teoria do Medalhão

[...]

– [...] A vida, Janjão, é uma enorme loteria; os prêmios são poucos, os malogrados inúmeros, e com os suspiros de uma geração é que se amassam as esperanças de outra. Isto é a vida; não há planger, nem imprecar, mas aceitar as coisas integralmente, com seus ônus e percalços, glórias e desdouros, e ir por diante.

– Sim, senhor.

– Entretanto, assim como é de boa economia guardar um pão para a velhice, assim também é de boa prática social acautelar um ofício para a hipótese de que os outros falhem, ou não indenizem suficientemente o esforço da nossa ambição. É isto o que te aconselho hoje, dia da tua maioridade.

– Creia que lhe agradeço; mas que ofício, não me dirá?

– Nenhum me parece mais útil e cabido que o de medalhão. Ser medalhão foi o sonho da minha mocidade; faltaram-me, porém, as instruções de um pai, e acabo como vês, sem outra consolação e relevo moral, além das esperanças que deposito em ti. Ouve-me bem, meu querido filho, ouve-me e entende. És moço, tens naturalmente o ardor, a exuberância, os improvisos da idade; não os rejeites, mas modera-os de modo que aos quarenta e cinco anos possas entrar francamente no regime do aprumo e do compasso. O sábio que disse: “a gravidade é um mistério do corpo”, definiu a compostura do medalhão. Não confundas essa gravidade com aquela outra que, embora resida no aspecto, é um puro reflexo ou emanção do espírito; essa é do corpo, tão-somente do corpo, um sinal da natureza ou um jeito da vida. Quanto à idade de quarenta e cinco anos...

– É verdade, por que quarenta e cinco anos?

– Não é, como podes supor, um limite arbitrário, filho do puro capricho; é a data normal do fenômeno. Geralmente, o verdadeiro medalhão começa a manifestar-se entre os quarenta e cinco e cinquenta anos, conquanto alguns exemplos se deem entre os cinquenta e cinco e os sessenta; mas estes são raros. Há-os também de quarenta anos, e outros mais precoces, de trinta e cinco e de trinta; não são, todavia, vulgares. Não falo dos de vinte e cinco anos: esse madrugal é privilégio do gênio.

– Entendo.

– Venhamos ao principal. Uma vez entrado na carreira, deves pôr todo o cuidado nas ideias que houveres de nutrir para uso alheio e próprio. O melhor será não as ter absolutamente; coisa que entenderás bem, imaginando, por exemplo, um ator defraudado do uso de um braço. Ele pode, por um milagre de artifício, dissimular o defeito aos olhos da plateia; mas era muito melhor dispor dos dois. O mesmo se dá com as ideias; pode-se, com violência, abafá-las, escondê-las até à morte; mas nem essa habilidade é comum, nem tão constante esforço conviria ao exercício da vida.

– Mas quem lhe diz que eu...

– Tu, meu filho, se me não engano, pareces dotado da perfeita inópia mental, conveniente ao uso deste nobre ofício. Não me refiro tanto à fidelidade com que repetes numa sala as opiniões ouvidas numa esquina, e vice-versa, porque esse fato, posto indique certa carência de ideias, ainda assim pode não passar de uma traição da memória. Não; refiro-me ao gesto correto e perfilado com que usas expender francamente as tuas simpatias ou antipatias acerca do corte de um colete, das dimensões de um chapéu, do ranger ou calar das botas novas. Eis aí um sintoma eloquente, eis aí uma esperança, No entanto, podendo acontecer que, com a idade, venhas a ser afligido de algumas ideias próprias, urge aparelhar fortemente o espírito. As ideias são de sua natureza espontâneas e súbitas; por mais que as sofreemos, elas irrompem e precipitam-se. Daí a certeza com que o vulgo, cujo faro é extremamente delicado, distingue o medalhão completo do medalhão incompleto.

[...]

– Se for ao parlamento, posso ocupar a tribuna?

– Podes e deves; é um modo de convocar a atenção pública. Quanto à matéria dos discursos, tens à escolha: – ou os negócios miúdos, ou a metafísica política, mas prefere a metafísica. Os negócios miúdos, força é confessá-lo, não desdizem daquela chateza de bom-tom, própria de um medalhão acabado; mas, se puderes, adota a metafísica; – é mais fácil e mais atraente. Supõe que desejas saber por que motivo a 7ª companhia de infantaria foi transferida de Uruguiana para Canguçu; serás ouvido tão-somente pelo ministro da guerra, que te explicará em dez minutos as razões desse ato. Não assim a metafísica. Um discurso de metafísica política apaixona naturalmente os partidos e o público, chama os apartes e as respostas. E depois não obriga a pensar e descobrir. Nesse ramo dos conhecimentos humanos tudo está achado, formulado, rotulado, encaixotado; é só prover os alforjes da memória. Em todo caso, não transcendas nunca os limites de uma invejável vulgaridade.

– Farei o que puder. Nenhuma imaginação?

– Nenhuma; antes fazes correr o boato de que um tal dom é ínfimo.

– Nenhuma filosofia?

– Entendamo-nos: no papel e na língua alguma, na realidade nada. “Filosofia da história”, por exemplo, é uma locução que debes empregar com frequência, mas proíbo-te que chegues a outras conclusões que não sejam as já achadas por outros. Foge a tudo que possa cheirar a reflexão, originalidade, etc., etc.

[...]

ASSIS, Machado. Teoria do Medalhão, Papéis avulsos. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1979. p. 288-295. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000232.pdf>. [Fragmento]

O trecho em destaque é uma cena do conto “Teoria do Medalhão”, de Machado de Assis, em que o pai, após a comemoração do aniversário do filho, chama-o para lhe dar conselhos sobre como exercer o papel de medalhão, isto é, alguém que não deve formular nenhuma ideia própria ou nova (“O melhor será não as [ideias] ter absolutamente”); que se destaca por aparentar certas qualidades, embora não as tenha (“Não confundas essa gravidade com aquela outra que, embora resida no aspecto, é um puro reflexo ou emanção do espírito; essa é do corpo, tão-somente do corpo, um sinal da natureza ou um jeito da vida”); que, estando na vida pública, nunca argumenta nada que o obrigue e obrigue o outro a refletir (“Um discurso de metafísica política apaixona naturalmente os partidos e o público, chama os apartes e as respostas. E depois não obriga a pensar e descobrir”); que foge da filosofia, pois esta obriga à reflexão (“Foge a tudo que possa cheirar a reflexão, originalidade”). Esses são conselhos dados a alguém considerado incapaz, em tom ameno, sem agressão explícita: “Tu, meu filho, se me não engano, pareces dotado da perfeita inópcia mental, conveniente ao uso deste nobre ofício”.

“Teoria do Medalhão” traduz-se, assim, numa receita do que não deve ser feito, de forma a impedir o avanço intelectual, valorizando a ignorância. Pela obra de Machado de Assis, entende-se por que ele recebeu de Carlos Drummond de Andrade o epíteto de “o bruxo do Cosme Velho”. A homenagem tem razão de ser: a obra machadiana é carregada de ironia e ultrapassa seu tempo e seu espaço, como é o caso desse conto.

Janjão é um personagem comum atualmente: pessoas que não formulam ideias, têm um discurso vazio, são incapazes de desenvolver argumentos, não leem, fugindo da filosofia ou de qualquer outra área do pensamento humano. E, assim, como sugere o personagem, essas pessoas são como um medalhão: brilham por fora e são foscas internamente, recebem destaque sem merecer ou possuir qualificação necessária, aconselhadas por alguém que as considera incapazes mentalmente. A isso chamamos de “manipulação”.

Conceito de manipulação

[...] ausência ou supressão de toda dimensão crítica por parte do manipulado, e a aceitação de tal acriticidade por parte do manipulador.

MANIPULAÇÃO. Disponível em: <https://manipulacao.wordpress.com/2010/11/30/conceito-de-manipulacao/>. Acesso em: 16 nov. 2019. [Fragmento]

Embora tenha sido escrito no século XIX, o conto é atual porque trata de temas que servem como objeto de estudo, importantes para a formação de leitores críticos, que não se submetem a um roteiro manipulador que fomenta ignorância, atendendo a interesses políticos e econômicos. Trata-se

- das *fake news* e da pós-verdade;
- do efeito bolha;
- dos contratos comunicativos nas redes sociais;
- das propagandas e discursos políticos.

São práticas que ocorrem à revelia em cima de textos e documentos legais e normativos e por meio da utilização de mecanismos para que a formação intelectual não se efetive, comprometendo, principalmente, a leitura.

O público-alvo dessas práticas são pessoas como o personagem Janjão, alguém visto como “dotado da perfeita inópcia mental”, que atende a (e usa) discursos apaixonados que não obrigam a pensar e refletir; alguém que é preparado para acatar ideias como: “Nesse ramo dos conhecimentos humanos tudo está achado, formulado, rotulado, encaixotado; é só prover os alforjes da memória” e também seguir o conselho “Foge a tudo que possa cheirar a reflexão, originalidade”.

Os estudos deste módulo têm como objetivo pôr em questão os discursos promotores dessa falta de reflexão, dessa formação para a inépcia, fomentada pelos meios de comunicação. Dessa forma, promover movimentos contrários, contribuindo para a formação de leitores proficientes, capazes de compreender o mundo que os cerca com espírito de cidadania.



PARA REFLETIR

Leia atentamente o texto a seguir, resposta de Robert Darnton à *Folha de S.Paulo* em entrevista sobre *fake news*.

Notícias falsas existem desde o século 6, afirma historiador Robert Darnton

Folha – Como podemos traçar um paralelo entre o atual fenômeno das notícias falsas e os seus similares no passado?

Robert Darnton – Os historiadores temos esse hábito irritante de dizer ao mundo que o que as pessoas veem hoje como novidade sempre existiram...

E as notícias falsas sempre existiram. Procópio foi um historiador bizantino do século 6 famoso por escrever a história do império de Justiniano. Mas ele também escreveu um texto secreto, chamado "Anekdotá", e ali ele espalhou "fake news", arruinando completamente a reputação do imperador Justiniano e de outros. [...].

A meu ver o principal difusor de *fake news*, ou "semi *fake news*" (porque as notícias continham um pouquinho de verdade), foi Pietro Aretino (1492-1556), um grande jornalista e aventureiro do início do século 16. Em 1522, quando sua carreira começou, ele escrevia poemas curtos, sonetos, e os grudava na estátua de um personagem chamado Pasquino perto da Piazza Navona, em Roma. Ele difamava a cada dia um dos cardeais candidatos a virar papa. E os poemas eram hilários. Ele caçoava de um que era muito tímido dizendo que era o menino da mamãe, dizia que outros tinham amantes, etc.

Esses poemas ficaram conhecidos como "pasquinadas". Eram *fake news* em forma de poesia atacando figuras públicas, fizeram grande sucesso, e Aretino os usou pra chantagear pessoas, papas, figuras do império romano, etc. que lhe pagavam pra que ele não publicasse essa espécie de tuíte ancestral.

Ái eu pularia para o meu próprio período de estudos, o século 18, quando havia gente que espalhava *fake news*, às vezes por dinheiro, noutras por esporte.

Na Londres de 1770 os chamados "homem-parágrafo" recolhiam fofocas e as redigiam em um único parágrafo em pedacinhos de papel e vendiam pra impressores / editores, que as imprimia em forma de pequenas reportagens muitas vezes difamatórias.

Acho que essas histórias eram muito mais escandalosas do que as de hoje.

Atuavam também em Paris, de forma mais subterrânea, porque havia censura à imprensa.

Então você tinha esse tipo de *fake news* – eram como tuítes ou *posts* de Facebook – circulando por toda a parte em Paris e em Londres às vésperas da Revolução Francesa e em boa parte do século 18.

VICTOR, Fabio. Notícias falsas existem desde o século 6, afirma historiador Robert Darnton. *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/02/1859726-noticias-falsas-existem-desde-o-seculo-6-afirma-historiador-robert-darnton.shtml>. Acesso em: 19 fev. 2020. [Fragmento]

01. "Os historiadores temos esse hábito irritante de dizer ao mundo que o que as pessoas veem hoje como novidade sempre existiram...". Qual é a relação entre essa introdução e o restante da resposta de Robert Darnton?
02. "Procópio foi um historiador bizantino do século 6 famoso por escrever a história do império de Justiniano. Mas ele também escreveu um texto secreto, chamado 'Anekdotá', e ali ele espalhou 'fake news', arruinando completamente a reputação do imperador Justiniano e de outros." Redija um parágrafo de até 7 linhas justificando o uso de expressões contemporâneas e ligadas à tecnologia no decorrer da entrevista.

A disseminação das *fake news*: um efeito dominó

O texto a seguir informa como se dá a publicação e a propagação de notícias falsas. O roteiro que a autora Bia Barbosa apresenta esclarece que os envolvidos são, muitas vezes, instituições renomadas, responsáveis pela divulgação da verdade. Também alerta para as graves consequências desse tipo de propagação, que compromete a verdade de forma irreversível.

Museu Nacional: como nascem e se reproduzem as desinformações

A tragédia que, na noite do último domingo (2), destruiu o prédio principal e a maior parte do acervo do Museu Nacional no Rio de Janeiro também foi marcada pela desinformação – algo que tem se tornado corrente em episódios de grande repercussão no país. Mal os bombeiros tinham conseguido conter as chamas que tomaram conta do Palácio Imperial da Quinta da Boa Vista, toda sorte de números, comparativos, análises e "fatos" tomaram conta do debate público, na internet e na imprensa tradicional. [...]

[...]

Em meio ao jogo de empurra sobre os responsáveis pelo incêndio, uma denúncia da maior gravidade ganhou as páginas do jornal *O Globo*, o maior do Rio de Janeiro e um dos maiores do país. No dia seguinte ao incêndio, em 3 de setembro, o veículo cravou: "Museu Nacional teve proposta de US\$ 80 milhões do Banco Mundial. Reforma foi rejeitada pela UFRJ há cerca de 20 anos, pois implicava em transformar a instituição em fundação de direito privado". A matéria, baseada num *post* de Facebook do sociólogo Simon Schwartzman, ex-presidente do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (IETS), informava que, havia duas décadas, o ex-prefeito do Rio e empresário do setor de celulose, Israel Klabin, tinha obtido recursos no exterior para reformar a instituição, mas a operação não tinha sido possível porque a UFRJ não abria mão de seu controle.

Segundo *O Globo*, o Banco Mundial "impunha como condição à liberação dos recursos que o museu tivesse gestão independente. A ideia era transformá-lo em organização social, entidade privada sem fins lucrativos que recebe subvenção do estado para prestar serviços de interesse público". O jornal não conseguiu falar com o Museu Nacional e com a UFRJ até a publicação da matéria (por que será que estavam tão ocupados naquele momento?), tampouco com Israel Klabin. Mesmo assim, publicou o texto.

Às 8h36 da manhã do dia seguinte, na terça, repercutindo a matéria de *O Globo*, o MBL (Movimento Brasil Livre) escreveu em sua página no Facebook que "a ideologia mata nossa cultura". O *post* já teve mais de 14 mil curtidas e 15 mil compartilhamentos. Outros dois, tratando do mesmo tema, alcançaram juntos 8 mil compartilhamentos. Kim Kataguiri, candidato do MBL à Câmara dos Deputados, também publicou um vídeo em que comenta a matéria do jornal. Já foi visto por mais de 77 mil pessoas.

Naquela tarde, a *Folha de S.Paulo* também publicaria a seguinte manchete: “Há 20 anos, universidade recusou verba para reforma de museu incendiado. Banco Mundial previu repassar US\$ 80 mi para instituição nos anos 1990”. O jornal se baseou em entrevista do *Brazil Journal* com Israel Klabin. Também não conseguiu falar com o Museu Nacional e a UFRJ antes da publicação, mas afirmou: “o dinheiro nunca saiu do papel por um veto da UFRJ”. Contraditoriamente ao próprio título da reportagem, a matéria da *Folha* diz, bem adiante, que o Banco Mundial declarou “não ser possível determinar quem foi o responsável pela não formalização da proposta” e que “o fim das conversas não estaria ligado a alguma condição específica exigida pelo Banco Mundial”. Como explicar a manchete sobre “recusa da verba pela UFRJ” então, se uma das partes negou a declaração do empresário dada a outro jornal e a outra parte envolvida (o Museu) não pode ser ouvida? O estrago estava feito.

Horas depois, o professor titular do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Antonio Carlos de Souza Lima, fazia um apelo para que todos compartilhassem nas redes sociais a informação correta sobre o ocorrido, que o jornalismo de *O Globo* não conseguiu apurar e que a *Folha* distorceu. Segundo ele, “nunca houve tal interdição, assim como nunca houve a intenção de transformar o Museu Nacional numa OS [Organização Social] ou fundação independente. A verdade é que após meses de trabalho conjunto de uma comissão do Museu Nacional com técnicos do Banco Mundial durante a gestão do Prof. Luiz Fernando Dias Duarte no MN, o banco simplesmente descontinuou as negociações. Os documentos que comprovam tudo isso perderam-se com o fogo, as mentiras viram verbete da Wikipedia no mesmo dia em que saem num periódico de repercussão nacional, em vozes que nunca tiveram qualquer relação com nosso Museu, nem com a universidade, nem fizeram parte de qualquer negociação e muito menos se preocuparam com o patrimônio nacional”.

BARBOSA, Bia. Museu Nacional: como nascem e se reproduzem as desinformações. *Congresso em foco*. 07 set. 2018. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/infraestrutura/museu-nacional-como-nascem-e-se-reproduzem-as-desinformacoes/>. Acesso em: 16 nov. 2019. [Fragmento]

“A tragédia que, na noite do último domingo (2), destruiu o prédio principal e a maior parte do acervo do Museu Nacional no Rio de Janeiro também foi marcada pela desinformação – algo que tem se tornado corrente em episódios de grande repercussão no país.” Muitos setores podem ser responsáveis pelas desinformações. No texto em estudo, a instituição responsabilizada foi a Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Essa primeira informação desencadeou uma série de outras, tão inverídicas quanto a primeira, promovendo um efeito cascata. Veja:

- 1) O sociólogo Simon Schwartzman, ex-presidente do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (IETS), em *post* de Facebook, informava que, havia duas décadas, o ex-prefeito do Rio e empresário do setor de celulose, Israel Klabin, havia obtido recursos no exterior para reformar a instituição, mas a operação não tinha sido possível porque a UFRJ não abria mão de seu controle.
- 2) *O Globo*, o maior veículo de informação do Rio de Janeiro e um dos maiores do país, reproduziu, no dia seguinte ao incêndio, em 3 de setembro: “Museu Nacional teve proposta de US\$ 80 milhões do Banco Mundial. Reforma foi rejeitada pela UFRJ há cerca de 20 anos, pois implicava em transformar a instituição em fundação de direito privado”.
- 3) Às 8h36 da manhã do dia seguinte, na terça, repercutindo a matéria de *O Globo*, o MBL (Movimento Brasil Livre) escreveu em sua página no Facebook que “a ideologia mata nossa cultura”. Kim Kataguirí, candidato do MBL à Câmara dos Deputados, também publicou um vídeo em que comenta a matéria do jornal.
- 4) O jornal *Folha de S.Paulo* confirma a informação de *O Globo*, mas acrescenta “não ser possível determinar quem foi o responsável pela não formalização da proposta” e que “o fim das conversas não estaria ligado a alguma condição específica exigida pelo Banco Mundial”.

Tudo isso ocorreu sem que houvesse a certeza das informações, sem garantia de fontes fidedignas, como mostra a passagem “O jornal [*O Globo*] não conseguiu falar com o Museu Nacional e com a UFRJ até a publicação da matéria”, que revela a publicação sem a checagem das devidas fontes, dando voz a um mero *post* de Facebook.

A *Folha de S.Paulo* reproduziu a manchete, também sem consultar a fonte devida, e ainda se baseou em uma entrevista, quando se sabe que entrevistas apresentam cortes que atendem a vários interesses: “Há 20 anos, universidade recusou verba para reforma de museu incendiado. Banco Mundial previu repassar US\$ 80 mi para instituição nos anos 1990”. O jornal se baseou em entrevista do *Brazil Journal* com Israel Klabin. Também não conseguiu falar com o Museu Nacional”.

Essa atitude do jornal paulista ainda é mais comprometedor porque é possível perceber que tinha plena consciência de que estava distorcendo a realidade, pois, embora tivesse a informação de que “o dinheiro nunca saiu do papel por um veto da UFRJ”, registrou uma manchete que informava o contrário disso (“recusa da verba pela UFRJ”) e, no corpo da própria reportagem, afirmou não ser possível determinar quem foi o responsável pela não formalização da proposta” e que “o fim das conversas não estaria ligado a alguma condição específica exigida pelo Banco Mundial”.

“Como explicar a manchete sobre ‘recusa da verba pela UFRJ’ então, se uma das partes negou a declaração do empresário dada a outro jornal e a outra parte envolvida (o Museu) não pode ser ouvida?”

Nesse efeito dominó, outros segmentos se encarregaram de dar prosseguimento a *fake news*, como foi o caso do MBL e de seu então candidato a deputado, Kim Kataguiri. Todo esse processo emitido por vozes tão influentes causou danos à imagem da UFRJ, prejudicando o leitor, cujo direito à verdade foi negado. Além disso, a própria imprensa foi descredibilizada.

EXERCÍCIO DE APRENDIZAGEM



01. Leia o texto a seguir para responder às questões.



Como produzir notícias falsas e fazer sucesso na Internet

Um estudo apontou que quase um quarto de tudo o que é publicado no Twitter é falso

Alguns de meus alunos de jornalismo defenderam que isso é irrelevante, pois as pessoas sabem reconhecer uma notícia falsa de uma mentira ou de um exagero. Sabem de nada, inocentes.

Para mostrar como é fácil fazer uma boa notícia falsa batendo em alguém, produzi esse breve e básico manual [...].

[...]

1) Onde escrever: Comece criando uma página na rede com um nome que pareça o de um veículo jornalístico [...]

2) Título: Comece fazendo um título bombástico. Isso mesmo: aquela ideia de que o título é decorrência do texto não vale aqui. Um exemplo, usando a rainha Elsa, de Frozen (#adoro):

Você não vai acreditar nisso! Rainha Elsa é envolvida em escândalo do gelo na Noruega

[...]

3) Foto: Escolha uma boa foto do seu alvo. Vá até o Google e pegue uma que possa ser usada no contexto que você criou. Corte, edite, transforme, não importa – o Photoshop está aí para isso mesmo. Mas faça a imagem comprovar o que você alertou no título. E use uma legenda para explicitar o novo significado que você queira dar a ela e conduzir o leitor para onde quiser.

4) Texto: Tenha o cuidado de não cometer erros de gramática e ortografia. [...]. A credibilidade é dada pelo próprio texto, o que inclui o seu nível de correção ortográfica e gramatical. Sim, a forma é conteúdo.

“Claro que esse texto sobre a Elsa diz a verdade! Olha como ele é bem escrito!”

[...]

Daí é só correr para o abraço.

E assistir, de camarote, como a população – que sabe escolher entre uma alface boa e uma ruim na feira, mas não foi educada (e isso deveria fazer parte do currículo escolar) para identificar o que é uma notícia e um argumento falsos, seja com viés de esquerda ou de direita – devora a si mesma. E o próprio futuro.

SAKAMOTO, Leonardo. Como produzir notícias falsas e fazer sucesso na Internet. 21 jun. 2015. *Blog do Sakamoto*. Disponível em: <https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2015/06/21/como-produzir-noticias-falsas-e-fazer-sucesso-na-internet/?cmpid=copiaecola&cmpid=copiaecola>. Acesso em: 6 fev. 2020. [Fragmento]

- Elabore uma manchete / título que atenda às orientações dadas no texto.
- Faça uma análise do tipo de leitor que, segundo Sakamoto, acreditaria nesse tipo de manchete, expondo que relação ele tem com o texto que lê e sua fonte.
- “É importante não haver erros de gramática e grafia”. Por que há esse conselho quanto à construção da manchete?
- Segundo Sakamoto, deve-se pegar uma foto no Google “que possa ser usada no contexto que você criou. Corte, edite, transforme, não importa – o Photoshop está aí para isso mesmo”. Que juízo de valor o jornalista faz das pessoas que constroem *fake news*?
- Essa produção de *fake news* demanda a produção de outras *fake news*, mesmo que não se cheque nada. Um bom título e foto são suficientes para os compartilhamentos e *likes*. Por que tanto trabalho compensa a criação de *fake news*?
- Redija um parágrafo de até 8 linhas expondo sua opinião do ponto de vista da ética a respeito do texto de Sakamoto.
- Para concluir seu texto, Sakamoto afirma: “E assistir, de camarote, como a população – que sabe escolher entre uma alface boa e uma ruim na feira, mas não foi educada (e isso deveria fazer parte do currículo escolar) para identificar o que é uma notícia e um argumento falsos, seja com viés de esquerda ou de direita – devora a si mesma. E o próprio futuro”. Explique por que o autor afirma que a população devora a si mesma e a seu futuro.



TÁ NA MÍDIA

Accesse o QR Code para conferir um projeto dedicado à investigação de informações.



PARA REFLETIR

A produção de notícias falsas não é uma novidade. Para ilustrar isso, Vítor Pais, escritor, jornalista e músico, publicou a reportagem "Pega na mentira: 8 fake news que mudaram o curso da história antes da era Trump". Segundo ele, embora a tecnologia contemporânea tenha contribuído para intensificar o fenômeno, elas têm movimentado a história da humanidade: "A roda por trás de importantes capítulos da história foi muitas vezes a mentira, noticiada nos jornais e na boca do povo feito fossem verdades, e deixando a fidelidade dos fatos e o rigor ético no chão".

Assim, faz uma pequena cronologia em que o primeiro exemplo apresentado é "As anedotas bizantinas de Procópio" e, o último, "Extra: Donald Trump e sua coleção de mentiras". Leia um desses exemplos a seguir. Consulte o *site*, veja as outras fake news elencadas pelo jornalista.

[...]

A Guerra dos Mundos



MacFadden Publications, Inc.;
CBS Radio photo / Domínio
Público

Um dos mais clássicos e conhecidos casos de fake news foi o ataque alienígena que a Terra sofreu em 30 de outubro de 1938, noticiado nas rádios americanas com urgência. A notícia, relatada em diversos boletins que interrompiam a programação normal da rádio, dizia primeiro que uma série de explosões havia sido percebida em Marte; em seguida, que um meteoro havia caído em Nova Jersey, nos EUA, matando mais de 15 mil pessoas; depois, que o meteoro era na verdade uma nave, da qual marcianos haviam sido vistos saindo com armas de laser na mão – a Terra, portanto, estava sendo invadida por alienígenas.

A notícia, no entanto, era somente uma incrível adaptação para o rádio feita por Orson Welles, diretor do clássico filme *Cidadão Kane*, para o livro *Guerra dos Mundos*, de H.G. Wells, no qual uma invasão de seres de Marte acontece. A adaptação era tão convincente, no entanto, que, antes mesmo que a transmissão acabasse, a população foi posta em pânico – milhares de ligações para a polícia, os bombeiros e os hospitais colocaram os EUA de prontidão para realmente lutar contra os alienígenas. A verdade, porém, é que não passava de uma espécie de radionovela – que, nas mãos de um gênio como Orson Welles, se tornou uma inacreditável verdade.

PAIVA, Vitor. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2018/08/pega-na-mentira-8-fake-news-que-mudaram-o-curso-da-historia-antes-da-era-trump/>. Acesso em: 13 fev. 2020. [Fragmento]

EXERCÍCIO DE APRENDIZAGEM

02. Leia atentamente os textos apresentados a seguir, estabelecendo relações entre eles.

Texto I

O que é coronavírus?

Coronavírus é uma família de vírus que causam infecções respiratórias. O novo agente do coronavírus (covid-19) foi descoberto em 31/12/19 após casos registrados na China.

Os primeiros coronavírus humanos foram isolados pela primeira vez em 1937. No entanto, foi em 1965 que o vírus foi descrito como coronavírus, em decorrência do perfil na microscopia, parecendo uma coroa.

A maioria das pessoas se infecta com os coronavírus comuns ao longo da vida, sendo as crianças pequenas mais propensas a se infectarem com o tipo mais comum do vírus. Os coronavírus mais comuns que infectam humanos são o alpha coronavírus 229E e NL63 e beta coronavírus OC43, HKU1.

[...]

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *O que é coronavírus?*

Disponível em: <https://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/coronavirus>. Acesso em: 13 fev. 2020. [Fragmento]

Texto II

Coronavírus e "sopa de morcego"? Teoria de conspiração e fake news se espalham com avanço de surto

[...]

Desde a divulgação dos primeiros casos, a origem do coronavírus é alvo de debate na Internet. Isso ganhou força com uma série de vídeos que supostamente mostrariam chineses comendo morcegos em meio a eclosão do vírus na cidade de Wuhan.

Um dos vídeos mostra uma mulher chinesa sorridente mostrando um morcego cozido para a câmara e dizendo que ele "tem gosto de frango". O vídeo causou revolta e alguns internautas começaram a culpar os hábitos alimentares dos chineses pela expansão da doença.

[...]

BBC BRASIL. *Coronavírus e "sopa de morcego"? Teoria de conspiração e fake news se espalham com o avanço do surto*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51311226>. Acesso em: 13 fev. 2020. [Fragmento]

Texto III

Estigma sobre os chineses: seria o coronavírus a nova "Praga do Egito"?

Desde o momento em que o coronavírus foi classificado como uma emergência de saúde global pela Organização Mundial de Saúde (OMS), muitas ações se deram em consequência, como esperado. Inclusive, frente a uma epidemia, há diversas atitudes de contenção que realmente devem ser tomadas. Em momento nenhum escrevo esta coluna para suavizar a importância do olhar para saúde. Contudo, epidemias são, historicamente, momentos em que nossos preconceitos são vazados, e que nosso sistema de crenças se mostra totalmente aparente.



Reprodução

Cuidado, essa imagem ilustra fake news.

De acordo com algumas reportagens, já se espalha o pânico e atitudes racistas são vistas contra os povos chineses (e algumas contra os povos asiáticos em um geral). A reportagem da *Folha de S. Paulo* evidencia que alguns sino-brasileiros sofrem preconceito apenas por andar na rua: “Ela falou que eu ficava espalhando doenças pra todos e me chamou de nojenta [...] e ela ficou me acompanhando pela janela do metrô e me mostrando o dedo do meio”, conta um relato da reportagem da *Folha*. “esse povo contamina tudo”, diz outra pessoa.

[...]

Este fervilhar do coronavírus me traz de volta as imagens do fervilhar das larvas, das pragas do Egito, da peste gay. O problema é que nenhuma destas narrativas apenas expôs um problema, ou uma doença. Todas remetem à questão do poder, do medo que temos do que difere de nós, ou do que difere do comportamento normal. Da cultura que é normal. Do rosto que é normal. Não é o coronavírus que traz estigma a pessoas asiáticas, é nosso tratamento a elas que revela o estigma e o racismo que sempre tivemos. O coronavírus é só uma maneira débil e bizarra que usamos para tentar legitimar nossos preconceitos. A multiplicidade de outrem não precisa ser feita de larvas, ela pode apenas existir.

GASI, Flávia. *Estigma sobre os chineses: seria o coronavírus a nova “Praga do Egito”?* Disponível em: <https://flaviagasi.blogosfera.uol.com.br/2020/02/05/estigma-sobre-os-chineses-seria-o-coronavirus-a-nova-praga-do-egito/?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 13 fev. 2020. [Fragmento]

Texto IV

Coronavírus: condomínio em SP tentou segregar chineses como “medida de prevenção”

Em meio à emergência internacional decretada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) diante do novo coronavírus, um condomínio comercial em São Paulo fez um comunicado dizendo que “determinou algumas condições” para que funcionários chineses de uma das empresas possam entrar no prédio.

Segundo o comunicado, que circulou nas redes sociais, os funcionários chineses precisariam usar máscaras cirúrgicas, usar “apenas o elevador privativo” e “higienizar as mãos com álcool gel”.

Medidas de prevenção contra os coronavírus

Prezados(as) Senhores(as).

Em razão da circunstância atual sobre a epidemia de Coronavírus, em especial na China, e com a finalidade de prevenir eventual transmissão aos usuários do condomínio, comunicamos que há uma empresa oriental instalada neste edifício e que dentre os funcionários existem vários chineses.

Além disso, está prevista a chegada de chineses na próxima semana, que irão trabalhar no prédio. Como medida de prevenção, o condomínio determinou algumas condições para que os nossos “irmãos” chineses possam acessar as dependências do prédio, a saber:

- Uso de máscaras cirúrgicas;
- Utilização apenas do elevador privativo; e
- Higienização das mãos com álcool em gel.

Serão disponibilizados dispensadores de álcool em gel dentro do elevador privativo e na recepção, ao lado do elevador.

Em função do exposto, recomendamos que os demais usuários usem os outros elevadores, deixando o carro privativo somente para os chineses.

Contamos com a compreensão de todos.

BBC Brasil. *Coronavírus: condomínio em SP tentou segregar chineses como “medida de prevenção”*. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51379835>.

Acesso em: 13 fev. 2020. [Fragmento]

Texto V

Ministério da Saúde cria selo para fake news sobre novo coronavírus

FGV faz verificações, em tempo real, das informações compartilhadas em redes sociais. Fiocruz lançou uma cartilha com perguntas e respostas sobre o coronavírus.



Reprodução

Coronavírus: mensagens alarmistas e falsas se espalham nas redes sociais.

Enquanto cientistas e autoridades da saúde procuram esclarecer bilhões de pessoas no mundo inteiro sobre o coronavírus, mensagens alarmistas e falsas se espalham em redes sociais.

“Eu sei que isso está vindo da China. Já tem muitas áreas isoladas, muitas cidades isoladas, e já tem casos no Brasil”, disse a professora Glória Nascimento.

Não, nenhum caso confirmado no Brasil. Mas esse tipo de dúvida é consequência de um mundo absolutamente conectado, onde as informações surgem em milésimos de segundos via Internet. Por isso é tão importante filtrar o que é verdade e o que não é.

“A gente não sabe se realmente é algo que a gente pode confiar ou se é algo que a gente pode desconfiar”, afirmou o cerimonialista Everton Coelho.

Um mês depois da primeira notificação do coronavírus na China, pesquisadores estão registrando uma explosão de informações falsas no ambiente virtual.

A velocidade de contaminação das redes sociais pelas *fake news* é impressionante. De acordo com um estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV), em apenas quatro dias triplicou o número de vídeos postados numa das maiores plataformas de compartilhamento de vídeos do mundo. Nesse mesmo período, as visualizações aumentaram 500%.

O Departamento de Políticas Públicas da FGV faz verificações, em tempo real, das informações compartilhadas em redes sociais.

“São milhares já de filmes e de exposições, muitas delas inverídicas, muitas delas com teorias conspiratórias, mas muitas com elementos verdadeiros. Daí é muito importante, por exemplo, os órgãos públicos fazerem esse alerta e deixarem bem claro qual a informação que é confiável”, diz Marco Ruediger, diretor de análise de políticas públicas da FGV-RJ.

A Fiocruz lançou uma cartilha com perguntas e respostas sobre o coronavírus para informar corretamente a comunidade científica e a população, e o Ministério da Saúde criou um selo para identificar as *fake news* que andam circulando por aí e que acabam gerando dúvidas como a do Everton.

[...]

G1. *Ministério da Saúde cria selo para fake news sobre novo coronavírus*. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/01/31/ministerio-da-saude-cria-selo-para-fake-news-sobre-novo-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 13 fev. 2020. [Fragmento]

- Tendo em vista os textos lidos, quais são os motivos que levaram o Ministério da Saúde a criar selo para as *fake news* sobre o novo coronavírus (Texto V)?
- O que impressiona os pesquisadores da FGV em relação à proliferação das informações sobre o coronavírus (Texto V)?
- O texto I tem como fonte o Ministério da Saúde. Ele está acessível na Internet, para leitura de qualquer cidadão interessado. Qual é a importância dessa acessibilidade?
- Redija um texto de até 10 linhas, no qual você explique o seguinte trecho de Flávia Gasi (Texto III), relacionando-o com a atitude tomada pela empresa paulista (Texto IV): “Este fervilhar do coronavírus me traz de volta as imagens do fervilhar das larvas, das pragas do Egito, da peste gay. O problema é que nenhuma destas narrativas apenas expôs um problema, ou uma doença. Todas remetem à questão do poder, do medo que temos do que difere de nós, ou do que difere do comportamento normal. Da cultura que é normal. Do rosto que é normal e a importância do poder judiciário no que se refere ao direito de receber informações fidedignas, que não comprometam a cidadania”.
- Os estudos deste módulo permitem que se compreenda a gravidade da divulgação de falsas informações. Redija um texto, de até 30 linhas, posicionando-se a respeito desse comportamento, com exemplos que garantam sua argumentação.

A pós-verdade: uma distorção da realidade



Considerada a palavra de 2016 pela *Oxford Dictionaries*, “pós-verdade” é um substantivo que define uma distorção da realidade, como consta na charge anterior, em que Duke apresenta uma crítica ao fenômeno. A pós-verdade está relacionada às *fake news*, pois se apoia nelas para que ocorra. A Internet é o principal ambiente de difusão e reforço da pós-verdade.

Nos dois textos a seguir são apresentadas considerações sobre esse conceito, de acordo com o filósofo e linguista Noam Chomsky. Para ele, por meio de *fake news*, uma ideia que não pode ser comprovada, que não é fato, passa a ser considerada verdade incontestável.

Texto I

A pós-verdade e as *fake news*, segundo Noam Chomsky

Alexandra Feitosa

Pós-verdade é o que se denomina como a distorção deliberada que se faz da realidade com o objetivo de moldar a percepção e as opiniões das pessoas. Noam Chomsky falou bastante sobre isso. É um tipo de visão que se difunde principalmente através dos meios de comunicação e das redes sociais. Seu objetivo é o de manipular a opinião, e uma de suas ferramentas básicas são as *fake news*, ou notícias falsas.

A pós-verdade descreve as novas formas por meio das quais um antigo fenômeno se expressa: a propaganda. Este sempre foi um instrumento através do qual foram criadas “verdades” que não correspondem aos fatos, mas que acabam sendo validadas pelas majorias em função de sua repetição incessante ou de mecanismos similares.

Noam Chomsky é um dos intelectuais que se referiu a este fenômeno com maior contundência. Como estudioso dos fenômenos de comunicação e como ativista político contra os excessos do neoliberalismo, Chomsky vê na pós-verdade um fenômeno preocupante ao qual a sociedade deve estar atenta.

[...]

Uma das características da pós-verdade é que, nela, as emoções desempenham um papel importante. As pessoas acabam acreditando naquilo que melhor satisfaz suas emoções básicas, embora isso bata de frente com fatos comprovados. Desse modo, quanto mais associada com as emoções básicas do ser humano uma ideia estiver, mais poder de se enraizar ela também vai ter.

[...]

FEITOSA, Alexandra. A pós-verdade e as *fake news*, segundo Noam Chomsky. *Cimplifica*. Disponível em: <http://cimplifica.com/a-pos-verdade-e-as-fake-news-segundo-noam-chomsky/>. Acesso em: 20 fev. 2020. [Fragmento]

Texto II

Noam Chomsky: "As pessoas já não acreditam nos fatos"

Prestes a fazer 90 anos, acaba de abandonar o MIT. Ali revolucionou a linguística moderna e se transformou na consciência crítica dos EUA

Jan Martínez Ahrens

[...]

Pergunta. Vivemos uma época de desencanto?

Resposta. Já faz 40 anos que o neoliberalismo, liderado por Ronald Reagan e Margaret Thatcher, assaltou o mundo. E isso teve um efeito. A concentração aguda de riqueza em mãos privadas veio acompanhada de uma perda do poder da população geral. As pessoas se sentem menos representadas e levam uma vida precária, com trabalhos cada vez piores. O resultado é uma mistura de aborrecimento, medo e escapismo. Já não se confia nem nos próprios fatos. Há quem chama isso de populismo, mas na verdade é descrédito das instituições.

P. E assim surgem as *fake news* (os boatos)?

R. A desilusão com as estruturas institucionais levou a um ponto em que as pessoas já não acreditam nos fatos. Se você não confia em ninguém, por que tem de confiar nos fatos? Se ninguém faz nada por mim, por que tenho de acreditar em alguém?

[...]

AHRENS, Jan Martínez. Noam Chomsky: "As pessoas já não acreditam nos fatos". *El País*. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/06/cultura/1520352987_936609.html. Acesso em: 20 fev. 2020. [Fragmento]

As pessoas que normalmente caem nas malhas da pós-verdade são aquelas que não duvidam das informações recebidas, sobretudo por vias digitais. Se tais informações são compartilhadas por pessoas conhecidas, então, a checagem fica em segundo plano, não há questionamento e predomina-se a crença de que se trata de uma verdade.

Nesse contexto, é preciso destacar que há setores da sociedade que têm interesse em manipular fortemente a população por meio desse fenômeno. Uma vez que se forma uma rede de compartilhamento de determinada informação não verdadeira, esta passa a ser recebida como e reforçada como fato.

O filme ***Obrigado por fumar*** (2006), dirigido por Jason Reitman, demonstra e exemplifica o fenômeno da pós-verdade. O protagonista, Nick Naylor, principal porta-voz das grandes empresas de cigarros, foi desafiado pelos vigilantes da saúde e também por um senador oportunista. Então, Nick passa a manipular informações em programas de TV para enganar as pessoas sobre os riscos do cigarro. Além disso, ele é ajudado por Jeff Megall, um agente de Hollywood, que faz com que o cigarro seja propagado nos filmes.



Divulgação

TÁ NA MÍDIA

Acesse o QR Code ao lado para assistir a um vídeo sobre pós-verdade.

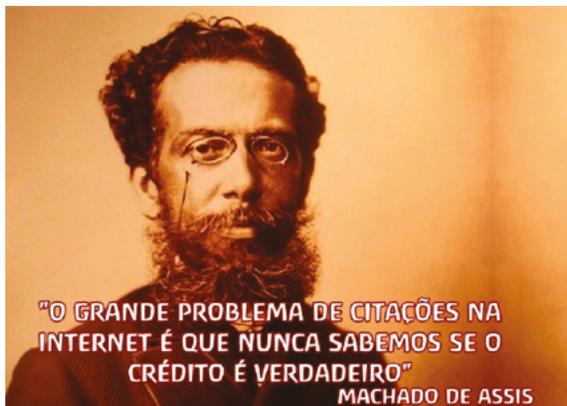


EFEITO BOLHA E MANIPULAÇÃO NAS REDES SOCIAIS



Os memes¹ a seguir tratam com humor, respectivamente, do efeito bolha – um *feed* composto de “mais do mesmo”, ou seja, de opiniões, gostos e vivências semelhantes, excluindo-se a diversidade de pensamento – e da manipulação que ocorre nas redes sociais.

¹ "Os memes mencionados nesta obra tem caráter meramente ilustrativo e didático, sem qualquer conotação crítica ou política, não representando de forma alguma a opinião do(a) autor(a) ou do Bernoulli Sistema de Ensino."



Leia atentamente os textos a seguir. Eles são parte de uma série de reportagens feita pela BBC Brasil sobre influências digitais.

Texto I

Exclusivo: investigação revela exército de perfis falsos usados para influenciar eleições no Brasil

Juliana Gragnani

São sete da manhã e um rapaz de 18 anos liga o computador em sua casa em Vitória, no Espírito Santo, e dá início à sua rotina de trabalho. Atualiza o *status* de um dos perfis que mantém no Facebook: “Alguém tem um filme para recomendar?”, pergunta. Abre outro perfil na mesma rede. “Só queria dormir a tarde inteira”, escreve. Um terceiro perfil: “Estou com muita fome”. Ele intercala esses textos com outros em que apoia políticos brasileiros.

Esses perfis não tinham sua foto ou nome verdadeiros, assim como os outros 17 que ele disse controlar no Facebook e no Twitter em troca de R\$ 1,2 mil por mês. Eram, segundo afirma, perfis falsos com fotos roubadas, nomes e cotidianos inventados. O jovem relatou à BBC Brasil que esses perfis foram usados ativamente para influenciar o debate político durante as eleições de 2014.

As evidências reunidas por uma investigação da BBC Brasil ao longo de três meses sugerem que uma espécie de exército virtual de *fakes* foi usado por uma empresa com base no Rio de Janeiro para manipular a opinião pública, principalmente, no pleito de 2014.

[...]

Ator grego

Também fora de campanha, mas em 2013, Renan Calheiros (PMDB-AL) teria contratado a empresa para cuidar de sua imagem, seguindo um dos entrevistados.

Naquele ano, quando manifestações pelo Brasil pediam o *impeachment* do então presidente do Senado, os perfis supostamente falsos criaram a *hashtag* #MexeuComRenanMexeuComigo, defendendo o político nas redes e criando a falsa ilusão de que ele era apoiado por aquele grupo de pessoas.

O perfil falso a seguir, de “Patrick Santino”, entrou em uma briga com outro usuário (que já não está mais ativo) usando a *hashtag* para defender o senador, num tuíte replicado 777 vezes. Sua foto de perfil pertence ao ator e cantor grego Sakis Rouvas.



Perfil falso escreve mensagem a favor do senador Renan Calheiros

GRAGNANI, Juliana. *BBC Brasil*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42172146>. Acesso em: 19 fev. 2020. [Fragmento]

Texto II

Como “comportamento de manada” permite manipulação da opinião pública por fakes

Juliana Gragnani

A estratégia que vem sendo usada por perfis falsos no Brasil e no mundo para influenciar a opinião pública nas redes sociais se aproveita de uma característica psicológica conhecida como “comportamento de manada”.

O conceito faz referência ao comportamento de animais que se juntam para se proteger ou fugir de um predador. Aplicado aos seres humanos, refere-se à tendência das pessoas de seguirem um grande influenciador ou mesmo um determinado grupo, sem que a decisão passe, necessariamente, por uma reflexão individual.

“Se muitas pessoas compartilham uma ideia, outras tendem a segui-la. É semelhante à escolha de um restaurante quando você não tem informação. Você vê que um está vazio e que outro tem três casais. Escolhe qual? O que tem gente. Você escolhe porque acredita que, se outros já escolheram, deve ter algum fundamento nisso”, diz Fabrício Benevenuto, professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sobre a atuação de usuários nas redes sociais.

[...]

GRAGNANI, Juliana. *BBC Brasil*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42243930>. Acesso em: 19 fev. 2020. [Fragmento]

Texto III

Por que a crença de que vivemos em bolhas talvez seja um mito

David Robson

No início dos anos 2000, quando muitos comentaristas estavam maravilhados com a liberdade da Internet e seu potencial democrático, o jurista Cass Sunstein fez um sério alerta.

Esse Velho Oeste virtual, disse ele, nos permite superar algumas barreiras sociais e geográficas e estabelecer uma visão mais balanceada do mundo. Mas é igualmente possível simplesmente construir novas barreiras, à medida que pessoas que pensam parecido se reúnem em grupos homogêneos, compartilhando os mesmos pontos de vista e fontes de informação.

“Embora milhões de pessoas estejam usando a Internet para expandir seus horizontes, muitas estão fazendo o oposto, criando um *Jornal Eu* (uma espécie de noticiário personalizado) sob medida para seus interesses e preconceitos”, escreveu Sunstein. Com isso, eles viveriam em “câmaras de eco”, provocando grande polarização na política de um país.

[...]

Facebook e Twitter, por exemplo, podem entender que você costuma clicar mais em notícias compartilhadas pelo jornal americano *The New York Times* do que pelo tabloide britânico *Daily Mail* e, por isso, promoverem especificamente essas histórias para você.

“Isso é feito porque existe informação demais, e uma pessoa não conseguiria consumir tudo”, diz Elizabeth Dubois, da Universidade de Ottawa, no Canadá. “Essa é uma ferramenta muito útil, mas isso significa que você vai acabar em uma bolha com base no que a plataforma ou companhia decidiu que se encaixa em seus objetivos.”

Hoje, os riscos de “câmaras de eco” e “bolhas” são uma verdade incontestável e ajudam a explicar as divisões na opinião pública que muitas vezes parecem seguir rígidas linhas partidárias.

[...]

Embora haja pouca dúvida de que nossos hábitos de leitura moldam nossas opiniões políticas – ainda que não esteja claro até que ponto a propaganda direcionada pode influenciar o comportamento dos eleitores –, alguns estudos relevantes sugerem que a influência das câmaras de eco e bolhas tem sido superestimada.

[...]

Consumo de mídia é mais variado do que se imaginava

Fundamentalmente, no entanto – e contrário ao conceito de câmara de eco e bolhas *on-line* –, os usuários também eram propensos a visitar *sites* com visões opostas. De forma geral, seu consumo de mídia era mais variado.

“Parece contraintuitivo, mas a navegação direta geralmente consiste em apenas um ou dois *sites* que você lê regularmente – tais como BBC e CNN – enquanto que, por sua natureza, as redes sociais vão expor um número maior de fontes, aumentando a diversidade”, diz Flaxman, que agora integra a equipe do Imperial College London.

Flaxman enfatiza que o estudo tem base em dados de 2013 e que a situação pode ter mudado desde então. Mas uma pesquisa sobre as eleições presidenciais de 2016 vai totalmente de encontro com esses achados, com a maioria das pessoas relatando uma gama de opiniões em seus *feeds* de mídia social.

Dubois, da Universidade de Ottawa, tem conclusões parecidas em seus estudos. Usando um questionário respondido por 2 mil adultos britânicos, a pesquisadora descobriu que a maioria sai de sua zona de conforto política: eles ativamente buscam fontes adicionais que transmitem diversas visões não relacionadas a suas concepções.

[...]

ROBSON, Daniel. *BBC Brasil*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-44829514>. Acesso em: 17 nov. 2019. [Fragmento]

Os textos I, II e III tratam da manipulação que ocorre nas redes sociais. O primeiro deles revela como a produção de *fake news* é algo profissional, remunerado como qualquer tarefa, sem implicar reflexões de ordem ética.

A justificativa disso vem no texto II, cujo conteúdo demonstra como as notícias falsas se proliferam pela falta de questionamento dos usuários, que nelas encontram seus próprios pensamentos e anseios e assim se efetiva o que é denominado efeito manada.

Nem todos os estudiosos pensam, porém, da mesma forma com relação a esse fenômeno. David Robson (texto III), por exemplo, considera que a variedade de *sites*, com opiniões diferentes, impede o efeito manada. É importante refletir a respeito desse assunto tendo como base pontos de vista diferentes justamente para ampliar a discussão e exercer o contrário do que a manipulação propõe.

A IMPORTÂNCIA DO TEXTO LEGAL E NORMATIVO

Viver em sociedade implica relações de respeito. Para isso, normas são criadas na tentativa de reger o funcionamento de um grupo, de uma comunidade e de certa atividade. Sendo assim, o texto normativo é aquele que integra um conjunto de regras, normas e preceitos. As leis de trânsito, um estatuto escolar, o código civil, um guia de comportamento e normas jurídicas são exemplos de textos normativos, sendo a Constituição superior a todos eles.

A Constituição

O QUE É CONSTITUIÇÃO?

É uma lei fundamental superior

Atribuir: direitos e deveres aos cidadãos

Organizar: o Estado, definindo atribuições para exercício de poder

Hierarquizar: todas as outras leis, normas e regras estão abaixo da Constituição

A Constituição é um conjunto de normas que organiza o Estado. A Constituição brasileira é também denominada Constituição Cidadã porque, nela, os direitos fundamentais do indivíduo foram consolidados em ordenamento jurídico, tendo a dignidade da pessoa humana como um dos fundamentos do Estado brasileiro. Junto da dignidade da pessoa humana, ainda adota como fundamentos, a soberania, a cidadania, os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa, e o pluralismo político.

Leia, a seguir, um trecho da Constituição.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988

PREÂMBULO

Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL.

TÍTULO I

DOS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

- I – a soberania;
 - II – a cidadania;
 - III – a dignidade da pessoa humana;
 - IV – os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;
- (Vide Lei nº 13 874, de 2019)
- V – o pluralismo político.

Parágrafo único. Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição.

Art. 2º São Poderes da União, independentes e harmônicos entre si, o Legislativo, o Executivo e o Judiciário.

Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

- I – construir uma sociedade livre, justa e solidária;
- II – garantir o desenvolvimento nacional;
- III – erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;
- IV – promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Art. 4º A República Federativa do Brasil rege-se nas suas relações internacionais pelos seguintes princípios:

- I – independência nacional;
- II – prevalência dos direitos humanos;
- III – autodeterminação dos povos;
- IV – não intervenção;
- V – igualdade entre os Estados;
- VI – defesa da paz;
- VII – solução pacífica dos conflitos;
- VIII – repúdio ao terrorismo e ao racismo;

IX – cooperação entre os povos para o progresso da humanidade;

X – concessão de asilo político.

Parágrafo único. A República Federativa do Brasil buscará a integração econômica, política, social e cultural dos povos da América Latina, visando à formação de uma comunidade latino-americana de nações.

[...]

BRASIL. [Constituição [1988]]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 19 fev. 2020. [Fragmento]



TÁ NA MÍDIA

Acesse os QR Codes e confira, na íntegra, a Constituição nos formatos de texto e áudio.



Observe a manchete a seguir que revela ações que podem ser consideradas inconstitucionais.

AMBIENTE

CERCO AO VENENO

Conselho Nacional de Saúde pede que STF declare inconstitucional subsídio aos agrotóxicos

Supremo Tribunal Federal julga nesta quarta-feira (19) ação que pede o fim dos incentivos ao ICMS e IPI. Mas setor tem outras isenções, com PIS e Cofins, e pode ser abatido no IR e no IOF

Reprodução

Essa manchete é de uma notícia sobre uma recomendação do Conselho Nacional de Saúde (CNS) ao Supremo Tribunal Federal (STF) referente a agrotóxicos. Com base no artigo 196 da Constituição/88, o CNS reforça que “a saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido por meio de políticas sociais que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação”.

Fim da meia-entrada, como pretende o São Paulo, é inconstitucional. Entenda

André Kumpf
24/02/2020 - 14:00h

Reprodução

Já essa manchete é de uma notícia sobre o time brasileiro de futebol São Paulo, que acionou o Governo, tendo como base o artigo 217 da Constituição/88, com o objetivo de extinguir os ingressos de meia-entrada em jogos do clube.

O artigo diz que: “É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não formais, como direito de cada um, observados: I – a autonomia das entidades desportivas dirigentes e associações, quanto a sua organização e funcionamento;”. Contudo, esse pedido foi considerado inconstitucional, pois, observando o mesmo artigo, os interesses de uma entidade não podem se sobrepor aos direitos individuais que dizem respeito à coletividade e ao interesse público.

Portanto, o que fica evidente com esses dois exemplos é a importância de se conhecer o documento constitucional para ter acesso aos próprios direitos. E, assim, tornar-se um cidadão mais atuante e crítico.

Outros textos normativos

As situações sociais cotidianas demandam a produção de um texto normativo e legal, como é o caso das leis de assento preferencial em transporte público. Embora o bom senso devesse por si só normatizar que cidadãos cedessem lugar para idosos, gestantes e passageiros com criança de colo, com deficiência ou com mobilidade reduzida, isso não acontece, de forma geral, espontaneamente. Sendo assim, as leis foram criadas e cartazes anexados para orientação. Veja o exemplo a seguir.

Assentos Reservados

Assento preferencial para pessoas com deficiência, gestantes, idosos e pessoas com crianças de colo. Tenha consciência e ofereça seu lugar aos que precisam.

O mesmo caso acontece na Universidade Estadual Paulista (Unesp), em relação a comportamentos de assédio. Após um processo de reflexões e ações sobre o problema, a universidade criou um guia contra assédio no mundo acadêmico:

[...] a ouvidora-geral da Unesp, Cláudia Maria de Lima, destacou que a instituição vem discutindo o assunto mais intensamente desde 2015. Em março daquele ano, a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos Trotes, da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp), encerrou as investigações e apresentou relatório final, depois de reunir 9 mil declarações e documentos que denunciavam abusos sofridos por alunos em festas estudantis.

[...]

BOND, Letycia. Unesp lança guia contra assédio no ambiente acadêmico. *Agência Brasil*, 08 fev. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.etc.com.br/educacao/noticia/2020-02/unesp-lanca-guia-contra-assedio-no-ambiente-academico>. Acesso em: 9 mar. 2020. [Fragmento]

EXERCÍCIO DE APRENDIZAGEM

03. Veja o texto de apresentação do Guia de Prevenção contra Assédio, da Unesp.



EDUCANDO PARA A DIVERSIDADE

O Projeto Educando para a Diversidade, convênio entre a Universidade Estadual Paulista e o Santander Universidades, tem como propósito divulgar e compartilhar informações, ações de formação, debate e demais conteúdos que possam contribuir para a construção de práticas inclusivas e de garantia aos direitos das pessoas em suas diversidades para seu acesso e permanência com dignidade e respeito no contexto universitário.

Aqui apresentamos este guia como parte de um protocolo de prevenção, identificação e atuação perante situações de assédio, seja sexual, por gênero, por orientação sexual ou por identidade e expressão de gênero.

A Unesp repudia a cultura de violência, preconceito e discriminação.

Entendemos a universidade como um espaço plural de convivência e respeito entre todas as pessoas.

convênio
unesp Santander

Guia de Prevenção contra Assédio – Unesp.

- A) Identifique as condições de produção do guia: enunciativo (a voz de quem parte o texto), o enunciatário (a quem o texto é dirigido), o suporte (meio pelo qual circula o texto), a intencionalidade (objetivos), as estratégias (recursos que compõem o texto, atendendo sua intencionalidade).

- B) Observe este fragmento do Guia que esclarece e orienta sobre exemplos de comportamentos que podem constituir assédio sexual.

QUE É ASSÉDIO SEXUAL?

Comportamento verbal, não verbal ou físico, de natureza sexual e não desejado nem solicitado pela pessoa que o recebe, que tenha o propósito ou produza o efeito de atentar contra a integridade física ou psicológica de outra pessoa.

Alguns exemplos de comportamentos que podem constituir **assédio sexual**:

- Comentários e observações **insinuantes** e comprometedoras sobre a aparência física ou sobre a personalidade da pessoa assediada.
- Olhares ou gestos de natureza sexual que causam **desconforto**.
- Busca repetitiva, deliberada e desnecessária de encontros únicos com a pessoa em tempos e lugares não acadêmicos usando uma **situação de poder** ou de assimetria.
- Abordagem física **desnecessária e excessiva**, seja durante aulas ou reuniões, ou especialmente quando a pessoa que está sozinha com o assediador.
- "Piadas" de conotação sexual direcionadas a uma pessoa.
- Convites **extra-acadêmicos** não solicitados que podem ser interpretados com o propósito de manter uma relação de **intimidade** ou de **natureza sexual**. Por exemplo, oferecimento de ajuda desnecessária para realizar uma tarefa de aula ou até mesmo fora do escopo acadêmico.
- Contato físico** não solicitado e além do formal, com intimidade não construída, como toques, beijos, carícias, tapas e abraços.
- Insistência** em qualquer um dos comportamentos anteriores, especialmente se houver uma **relação de hierarquia** ou assimetria de gênero.

Guia de Prevenção contra Assédio – Unesp.

Entre os exemplos listados, há algum que você considere mais grave diante do fato de que acontecem em uma universidade? Escreva um texto em primeira pessoa, de até 10 linhas, expondo sua opinião.

- C) Observe outro fragmento do Guia a seguir.

Se você é uma **testemunha** ou **conhecedor** de uma situação de assédio

- Ampare a vítima, seja empático. Não tente buscar motivos para o assédio. **A culpa nunca é de quem sofreu o assédio.**
- Informe a **situação** aos chefes ou coordenadores de curso/ seção/ setores da universidade) e entre em contato com a Ouvidoria da Unesp.

Todas as pessoas, independentemente da posição, têm o dever de agir em **todos os casos de assédio**:

- vertical descendente**, professor - aluno, chefe - funcionário.
- vertical ascendente**, aluno - professor; aluno - funcionário; funcionário - chefe.
- horizontal**, entre estudantes; entre funcionários; entre chefes.

Guia de Prevenção contra Assédio – Unesp.

Agora, redija um texto em primeira pessoa, de até 10 linhas, assumindo a posição de uma testemunha de uma situação de assédio, reportando-se à coordenação de curso, denunciando o assédio, seguindo as instruções do Guia.

- D) Tendo em vista a importância do texto legal e normativo, quais são os resultados esperados pela Unesp ao promover essa campanha?
- E) Observe a seguinte informação presente na última página do Guia.

Este guia foi idealizado pela Universidad de Complutense de Madrid - UCM, que cedeu os direitos de adaptação e divulgação ao projeto *Educando para a Diversidade*, da Unesp.



Divulgação

Guia de Prevenção contra Assédio – Unesp.

Sabendo que o Guia foi idealizado por outra universidade, escreva um parágrafo, de até 5 linhas, expondo o que se pode deduzir disso. Aponte, também, sua opinião sobre a importância e necessidade do Guia.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS



01. (Unicamp-SP-2021) Dicas para reconhecer notícias falsas



1 – Avalie a fonte, o site e o autor do conteúdo

Muitas páginas eletrônicas que publicam *fake news* têm nomes parecidos com endereços de *site* de notícias. Portanto, verifique se o *site* e a pessoa por ele responsável são confiáveis.

2 – Leia mais do que só o título e o subtítulo

Leia a notícia até o fim. Muitas vezes, o título e o subtítulo da matéria não condizem com o que se afirma no texto.

3 – Pesquise em outros sites de conteúdo

Duvide se você receber uma notícia bombástica que não esteja em outros *sites* de notícias ou de centros de pesquisa renomados.

ATENÇÃO! Só compartilhe o que receber em seu celular após ter certeza de que a informação é correta. Lembre-se: você é responsável por tudo que compartilha.

Segundo o texto,

- A) os aplicativos que instalamos em nossos celulares impedem, automaticamente, o envio e o recebimento de notícias falsas ou *fake news*.
- B) a pessoa que encaminha notícias pelo celular não é responsável por verificar se as informações nelas contidas correspondem à verdade.
- C) é importante ler com atenção títulos e subtítulos de notícias que recebemos no celular porque eles atestam a veracidade da informação.
- D) é preciso muito cuidado ao repassarmos mensagens que recebemos em nossos celulares para não ajudarmos a divulgar notícias falsas.

02. (PUCPR Medicina-2021)

OMS combate uma epidemia além do Coronavírus - uma 'infodemia'

Organização Mundial da Saúde vem trabalhando com redes sociais como Facebook, Twitter, Pinterest e também com o Google para combater a disseminação de fake news sobre a doença

Com a ameaça do coronavírus crescendo, Aleksandra Kusmanovic sentou-se diante do seu computador, em Genebra, na segunda-feira, e enviou um importante e-mail de saúde pública. Ela trabalha na Organização Mundial da Saúde (OMS) e seu trabalho é avaliar e conter algo que vem se propagando globalmente, e não se trata do perigoso vírus, mas de informações falsas perigosas.

Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,oms-combate-uma-epidemia-alem-do-coronavirus-uma-infodemia,70003189336>. Acesso em: 7 fev. 2020.

Com base nas informações e escolhas vocabulares do texto, infere-se que

- A) o uso de aspas na palavra 'infodemia' é decorrente de uma citação do discurso de representantes da OMS.
- B) a OMS precisa criar com urgência um departamento responsável por combater a disseminação de informações falsas.
- C) ao contrário do que se pensa, uma 'infodemia' em relação ao coronavírus pode ser benéfica para manter a população atenta.
- D) a propagação de informações falsas na rede é proporcional à disseminação do coronavírus.
- E) a OMS precisa combater também uma epidemia de informações falsas caracterizada pelo neologismo 'infodemia'.

03. (EBMSP)

IPEK



Sobre os meios de comunicação, avanços tecnológicos e suas implicações, pode-se afirmar:

- A) Os meios de comunicação de massa caracterizam-se pela imparcialidade e por investigações independentes e seletivas.
- B) A imparcialidade e a rápida circulação das informações constituem fatores responsáveis para que a opinião pública aceite facilmente as informações divulgadas.
- C) Os consumidores de informações, sejam pela web ou outras fontes, são convencidos da sua veracidade por meio de uma lógica dicotômica e maniqueísta.
- D) No Brasil, o único meio de comunicação que mantém o poder absoluto de anunciar convincentemente a verdade dos fatos relatados é a televisão.
- E) A repetição das informações divulgadas pelos meios de comunicação tornou o mundo uma aldeia global onde padrões de comportamento se repetem da mesma forma, seja nos centros econômicos ou nas periferias, independente das classes sociais.

04. (EBMSP)

“Uma preocupação crescente nos últimos anos é saber como o cérebro humano está lidando com o novo ambiente onipresente das tecnologias digitais de comunicação – que, muito embora tenha revolucionado nossas vidas, cada vez consome mais tempo e envolvimento das pessoas, pelo menos daquelas que têm condições financeiras de acessá-lo (a maioria da humanidade nem sonha com isso).

O ambiente de hoje não tem precedentes e, entre os principais responsáveis pelas mudanças comportamentais, são apontadas a internet – especialmente as redes sociais – e os videogames interativos. E embora haja aspectos positivos nesses recursos, suas limitações ficam

exacerbadas com o uso prolongado, que também promove o estresse, ou mesmo, a dependência (análoga ao efeito de drogas). O chamado Transtorno de Dependência da Internet pode integrar a próxima edição do Manual dos Transtornos Psiquiátricos (DSM-5).”

De acordo com o texto, as tecnologias digitais de comunicação

- A) trazem mais malefícios que benefícios, já que comprometem a saúde e o tempo de produtividade do usuário.
- B) ameaçam, a longo prazo, a saúde do cérebro humano, independentemente da faixa etária ou do tempo de utilização.
- C) geram uma realidade irreversível, já que, hoje em dia, a maioria da humanidade utiliza os serviços disponíveis na internet.
- D) permitem que o usuário esteja sempre conectado ao mundo, otimizando, principalmente, a vida dos que têm acesso a essas tecnologias.
- E) engendram um contexto nunca visto até então, capaz de gerar contradições entre os aspectos positivos e negativos na vida do ser humano.

05.

EUIH



(PUC Minas–2019) As *fake news* se espalham porque foram criadas justamente para isso: para atrair público e tornarem-se virais. Isso significa que são *sites* criados propositadamente para divulgar informações incorretas, mas que soem plausíveis para seu público-alvo, enganando-os a ponto de atrair visitantes e potencialmente transformar parte de seu público em novos propagadores de seu conteúdo. Esses *sites* atraem a atenção de vasta audiência, que acaba capturada pelas suas manchetes bombásticas sem perceber que elas são inverídicas. Dessa forma, o *site* falso recebe por anúncios em sua própria plataforma, ou dividem os ganhos de publicidade de *sites* de redes sociais que recompensam os grandes produtores de conteúdo, como o Facebook.

PAGANOTTI, I. Disponível em: <http://www.revista.pucminas.br/materia/fenomeno-noticias-falsas/>. Acesso em: 1 ago. 2018 (Adaptação).

Nesse trecho, a produção de informações falsas é atribuída à(ao)

- A) motivação financeira.
- B) ingenuidade do público.
- C) sensacionalismo das notícias.
- D) surgimento das redes sociais.

06. (PUC Minas-2019)

ATKF



RADULOVIC, S. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/piracicaba.regiao/>. Acesso em: 25 ago. 2018.

No contexto midiático-político do mundo contemporâneo, os efeitos de sentido da charge remetem ao(s)

- A) jornalismo em contextos de violência.
- B) controle estatal da informação.
- C) debates sobre opiniões divergentes.
- D) discursos de ódio na Internet.

07. (Unioeste-PR-2021) **PROPOSTA DE REDAÇÃO**

Produza um **ARTIGO DE OPINIÃO** para ser publicado em jornal online paranaense sobre o tema:

CIÊNCIA VERSUS ANTICIÊNCIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Fragmento do texto *A pandemia e a anticiência*, de Cleyton Monte:

[...] O combate à pandemia exige múltiplas equipes, recursos e coordenação, mas necessita de uma ciência de ponta com investimentos permanentes. Não conseguiremos apagar as consequências do descaso com a ciência. [...]. Como disse Iamarino, o mundo que conhecemos não existe mais. Em pleno século XXI, a pandemia nos ensina que precisamos ainda mais do potencial científico, caso contrário, seremos infectados pelo vírus contagioso da ignorância em massa.

Disponível em: <https://mais.opovo.com.br/jornal/opiniao/2020/04/06/cleyton-monte--a-pandemia-e-a-anticiencia.html>. (Adaptação)

Fragmento do texto *O negacionismo no poder*, de Tatiana Roque:

[...] A pós-verdade [...] não designa apenas o uso oportunista da mentira (embora ele seja frequente).

O termo sinaliza, acima de tudo, um ceticismo quanto aos benefícios das verdades que costumavam compor um repertório comum, o que explica certo desprezo por evidências factuais usadas na argumentação científica. [...]. Evidências e consensos científicos têm sido facilmente contestados com base em convicções pessoais ou experiências vividas [...].

Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-negacionismo-no-poder/>

08. (FCMSC-SP-2023)

Texto I

O *Digital News Report 2022*, pesquisa de âmbito mundial do Instituto Reuters para Estudos de Jornalismo em Oxford, revela que o interesse em notícias caiu drasticamente e que há também um crescente número de pessoas que dizem deliberadamente evitar ler notícias.

É fato que o resultado do estudo preocupou a imprensa de todos os países pesquisados, pois revelou aquilo que qualquer observador mais atento da realidade já sabia: o jornalismo feito por profissionais preparados e formados para tal função vem se distanciando do leitor comum, que prefere a notícia comentada pelo seu influencer predileto, e o entretenimento vem ganhando a dianteira frente à análise crítica e acurada do que acontece ao nosso redor.

O estudo também mostrou que os chamados nativos digitais (jovens de 18 a 24 anos) são muito mais propensos a acessar notícias usando fontes de “porta lateral”, como mídias sociais, sites agregadores e mecanismos de pesquisa. O relatório confirma a tendência de esse público privilegiar cada vez mais informações em áudio e vídeo e em redes como Instagram, TikTok, YouTube ou Spotify.

Além disso, o relatório evidenciou que as notícias acessadas pelas mídias sociais se misturam com as fofocas, as fake news, com o universo paralelo das opiniões, da propaganda e do marketing. “Todas as faixas etárias veem as notícias como igualmente importantes para aprender coisas novas. Mas vemos que os grupos mais jovens são um pouco mais motivados pela forma como as notícias são divertidas e compartilháveis nas redes”, afirma Kirsten Eddy, uma das co-autoras do relatório.

ALVES, Januária Cristina. *Quem lê tanta notícia? O desinteresse dos jovens pelo noticiário*.

Disponível em: www.nexojornal.com.br. Acesso em: 23 jun. 2022 (Adaptação).

Texto II

Desde as primeiras horas do dia 24 de fevereiro de 2022, o ataque das forças russas contra a Ucrânia reinou sozinho como principal assunto das redes sociais.

Ninguém esperava menos, dada a gravidade do conflito. Mas, buscando surfar na onda do engajamento que o assunto rende, alguns perfis de alta popularidade, cujo foco passa longe de assuntos de política e relações internacionais, entraram na cobertura da guerra em tempo real, publicando frequentemente informações conflitantes, erros de tradução ou simplesmente se apropriando de conteúdos produzidos por outras pessoas e organizações.

Se, por um lado, essas iniciativas podem alcançar um público que não consome o noticiário mais tradicional e ajudam a conscientizar e informar mais pessoas sobre o conflito, por outro, há preocupações sobre a qualidade da informação transmitida, muitas vezes encontrada às pressas online e sem qualquer critério de verificação, que passa a ser entregue para uma audiência gigantesca. Como exemplo, a conta no Instagram do nicho de fofocas “Choquei” fez mais de dez posts sobre o conflito na Ucrânia para seus 16 milhões de seguidores.

Ao apenas reproduzir conteúdo de fontes online sem citar nenhuma referência, esses perfis ficam suscetíveis a cometer erros e a propagar desinformação, mesmo que involuntariamente. Foi o que aconteceu com uma das publicações do “Choquei”, que tratava da invasão de Chernobyl pelas forças russas no conflito vigente, porém, trazia uma foto da antiga usina nuclear e de soldados tirada em 2014. Um outro exemplo foi o caso da influenciadora digital Rafa Kalimann, que usou sua conta no Twitter para apresentar informações sobre o conflito. A intenção até pode ter sido boa, mas a blogueira foi alertada por seguidores de que não era hora de fazer o que chamou de “resumo pessoal” sobre a guerra e que seria melhor dar espaço para especialistas e profissionais.

MARTINS, Laís. *No Twitter e no Instagram, cobrir guerra em tempo real vira moeda de engajamento*. Disponível em: www.nucleo.jor.br. Acesso em: 25 fev. 2022 (Adaptação).

Texto III

Cada vez mais, as redes sociais se tornam parte fundamental da maneira com que os fatos são percebidos. Na Ucrânia, por exemplo, influenciadores digitais de entretenimento estão gravando e postando vídeos que detalham o passo da invasão russa, iniciada em fevereiro de 2022. O embate chegou a ser apelidado de “guerra TikTok”, tamanha a presença do assunto na rede social de vídeos curtos.

Ao encarar o engajamento político da mesma forma que o engajamento de fofocas de celebridades, cria-se um nível de trivialidade para assuntos sérios, aponta Sabrina Fernandes, doutora em sociologia e youtuber. A importância da responsabilidade, no entanto, não significa que somente especialistas possam informar o público. “O que existe é a necessidade de algum tipo de filtro. Se alguém com milhares ou milhões de seguidores quer participar do processo informativo, é necessário beber de fontes confiáveis”, acrescenta. Como exemplo positivo, ela cita o influenciador Casimiro. Conforme a invasão russa era noticiada, Casimiro interrompeu a programação cotidiana e trouxe um especialista sobre o assunto,

o professor de política internacional Tanguy Baghdadi, que explicou para mais de 130 mil pessoas o contexto histórico por trás da guerra entre Rússia e Ucrânia. Para a socióloga, “o alcance gigantesco desses influenciadores pode colaborar com a difusão do conhecimento, a grande questão é a responsabilidade com o que se está falando.”

NOVA, Daniel Vila; STELZER, Manuela. *Viu o último post sobre a guerra?*. www.gamarevista.uol.com.br, Acesso em: 13 mar. 2022 (Adaptação).

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva um texto dissertativo-argumentativo, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

Publicação de notícias por perfis de entretenimento: entre a desinformação e a conscientização.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem-2022) São vários os fatores, internos e externos, que influenciam os hábitos das pessoas no acesso à internet, assim como nas práticas culturais realizadas na rede. A utilização das tecnologias de informação e comunicação está diretamente relacionada aos aspectos como: conhecimento de seu uso, acesso à linguagem letrada, nível de instrução, escolaridade, letramento digital etc. Os que detêm tais recursos (os mais escolarizados) são os que mais acessam a rede e também os que possuem maior índice de acumulatividade das práticas. A análise dos dados nos possibilita dizer que a falta de acesso à rede repete as mesmas adversidades e exclusões já verificadas na sociedade brasileira no que se refere a analfabetos, menos escolarizados, negros, população indígena e desempregados. Isso significa dizer que a internet, se não produz diretamente a exclusão, certamente a reproduz, tendo em vista que os que mais a acessam são justamente os mais jovens, escolarizados, remunerados, trabalhadores qualificados, homens e brancos.

SILVA, F. A. B.; ZIVIANE, P.; GHEZZI, D. R. *As tecnologias digitais e seus usos*. Brasília; Rio de Janeiro: Ipea, 2019 (Adaptação).

Ao analisarem a correlação entre os hábitos e o perfil socioeconômico dos usuários da internet no Brasil, os pesquisadores

- apontam o desenvolvimento econômico como solução para ampliar o uso da rede.
- questionam a crença de que o acesso à informação é igualitário e democrático.
- afirmam que o uso comercial da rede é a causa da exclusão de minorias.
- refutam o vínculo entre níveis de escolaridade e dificuldade de acesso.
- condicionam a expansão da rede à elaboração de políticas inclusivas.

- 02.** (Enem–2020) Atualmente os jovens estão imersos numa sociedade permeada pela tecnologia. Nesse contexto, os jogos digitais são artefatos muito empregados. *Videogames* ativos ou *exergames* foram introduzidos como forma de permitir que o corpo controlasse tais jogos. Como resultado, passaram a ser vistos como uma ferramenta auxiliar na adoção de um estilo de vida menos sedentário, como efeitos positivos sobre saúde. Tem-se defendido que os *exergames* podem contribuir para a prática regular de atividade física moderada, bem como promover a interação entre jogadores, reduzindo o sentimento de isolamento social. Por outro lado, argumenta-se que os *exergames* não podem substituir a experiência real das práticas corporais, pois não motivam a longo prazo a prática permanente de atividades físicas. Pela sua interatividade, os *exergames* apresentam-se como possibilidade para estimular o(a)
- exercitação física, promovendo saúde.
 - vivência de exercícios físicos sistemáticos.
 - envolvimento com atividades físicas ao longo da vida.
 - jogo por meio de comandos fornecidos pelo *videogame*.
 - disputa entre jogadores, contribuindo para o individualismo.

- 03.** (Enem–2020)



Disponível em: www.iotforall.com.
Acesso em: 22 jun. 2018.

A realidade virtual é uma tecnologia de informação que, conforme sugere a imagem, tem como uma de suas principais funções

- promover a manipulação eficiente de conhecimentos e informações de difícil compreensão no mundo físico.
- conduzir escolhas profissionais da área de ciência da computação, oferecendo um leque de opções de atuação.
- transferir conhecimento da inteligência artificial para as áreas tradicionais, como as das ciências exatas e naturais.
- levar o ser humano a experimentar mentalmente outras realidades, para as quais é transportado sem sair de seu próprio lugar.
- delimitar tecnologias exclusivas de jogos virtuais, a fim de oferecer maior emoção ao jogador por meio de outras realidades.

- 04.** (Enem–2020) Em 2000 tivemos a primeira experiência do futebol feminino em um jogo de *videogame*, o Mia Hamm Soccer. Doze anos depois, uma petição *online* pedia que a EA Sports incluísse o futebol feminino no Fifa 13. Contudo, só em 2015, com uma nova petição *online*, que arrecadou milhares de assinaturas, tivemos o futebol feminino incluído no Fifa 16. Vendo um nicho de mercado inexplorado, a EA Sports produziu o jogo com 12 seleções femininas e o apresentou como inovação. A empresa sabe que mais de 40% dos praticantes de futebol nos EUA são meninas. Para elas, ver o futebol feminino representado em um jogo de *videogame* é extremamente importante. Ter o futebol feminino no Fifa 16 é um grande passo para a sua popularização na luta pela igualdade de gênero, num contexto machista, sexista, misógino e homofóbico.
- Disponível em: www.ludopedio.com.br.
Acesso em: 5 jun. 2018 (Adaptação).

Os jogos eletrônicos presentes na cultura juvenil podem desempenhar uma relevante função na abordagem do futebol ao

- disseminarem uma modalidade, promovendo a igualdade de gênero.
- superarem jogos malsucedidos no mercado, lançados anteriormente.
- inovarem a modalidade com novas ofertas de jogos ao mercado.
- explorarem nichos de mercado antes ignorados, produzindo mais lucro.
- reforçarem estereótipos de gênero masculino ou feminino nos esportes.

- 05.** (Enem–2020) Quando quis agilizar o processo de seleção de novos alunos, a tradicional faculdade britânica de medicina St. George usou um *software* para definir quem deveria ser entrevistado. Ao reproduzir a forma como os funcionários faziam essa escolha, o programa eliminou, de cara, 60 de 2 000 candidatos. Só por causa do sexo ou da origem racial, numa dedução baseada em sobrenome e local de nascimento. Um estudo sobre o caso foi publicado em 1988, mas, 25 anos depois, outra pesquisa apontou que esse tipo de discriminação segue firme.

O exemplo recente envolve o buscador do Google: ao digitar nomes comuns entre negros dos EUA, a chance de os anúncios automáticos oferecerem checagem de antecedentes criminais pode aumentar 25%. E pode piorar com a pergunta "detido?" logo após a palavra procurada.

Disponível em: <https://tab.uol.com.br>.
Acesso em: 11 ago. 2017 (Adaptação).

O texto permite o desnudamento da sociedade ao relacionar as tecnologias de informação e comunicação com o(a)

- agilidade dos *softwares*.
- passar dos anos.
- linguagem.
- preconceito.
- educação.

GABARITO

Meu aproveitamento 

Aprendizagem

Acertei _____ Errei _____

- 01.
- A) A partir do texto-base, a questão solicita a escrita de uma manchete chamativa, não necessariamente verdadeira, mas que chame a atenção e tenha relação com títulos mais sensacionalistas.
 - B) Ao criar a manchete, pode-se idealizar um leitor. Nessa questão, então, deve-se descrever o perfil de alguém que não diferencia fonte confiável de uma não confiável, que aceita aquilo que atende a seus interesses, que não questiona e acredita em tudo o que lê.
 - C) A norma-padrão da Língua Portuguesa é a modalidade da língua que orienta a escrita de textos formais e de ampla circulação. Sendo assim, uma manchete que apresente erros de gramática e grafia já deve ser questionada.
 - D) Sakamoto, em seu texto, apresenta um juízo de valor negativo a respeito das pessoas que constroem as *fakes news*. Segundo ele, são pessoas desonestas.
 - E) Os principais interesses por trás de quem produz as *fake news* estão vinculados aos costumes, à economia, à política.
 - F) Nessa questão, deve-se posicionar a respeito da questão ética apresentada no texto. É importante destacar a ironia presente nele, isto é, não se trata de um manual sério para a produção de *fake news*, mas de uma crítica a essa prática que é tão prejudicial à população e até criminosa, pois fere o direito à informação verdadeira.
 - G) O autor parte da ideia de que, disseminando informações falsas, a população se prejudica, pois nega a si mesma o direito à informação verdadeira, o que pode causar brigas, discussões e até fatalidades. Além disso, as informações verdadeiras tornam-se frágeis e os veículos de informação perdem credibilidade de um modo geral.
- 02.
- A) Os selos podem se referir aos leitores que não têm escolaridade; acreditam naquilo que melhor lhes convém; não têm tempo para checar informações; agem de má-fé; veem tantas vezes os *posts* que acabam acreditando neles; são orientados por instituições religiosas e partidos políticos; não têm formação para uma leitura proficiente, etc.
 - B) Os pesquisadores da FVG ficaram impressionados porque as informações falsas causaram pânico e preconceito. Com base nisso, tiveram a iniciativa de verificar as informações disseminadas.
 - C) Tornar as informações verdadeiras acessíveis impede o alarmismo, conscientiza quanto ao preconceito contra chineses e cria uma rede de fontes confiáveis.
 - D) Na resposta dada a essa questão, deve-se apontar que a empresa paulista ataca pessoas sem nenhuma justificativa científica. Ratifica um tradicional preconceito contra chineses. O trecho de Flavio Gasi intensifica o posicionamento desfavorável a *fake news*, citando questões científicas e históricas.
 - E) Nessa proposta, deve-se redigir um texto sobre como é grave divulgar notícias falsas. Os exemplos apresentados na questão podem nortear a escrita. É preciso argumentar a favor da "checagem" das notícias e contra a crença em todo conteúdo recebido pela Internet de fontes duvidosas.
- 03.
- A) Enunciador: Projeto Educando para a Diversidade, Universidade Estadual Paulista, Santander Universidades.
Enunciatário: Comunidade acadêmica
Suporte: Cartilha impressa

Intencionalidade: Informar, conscientizar para a prevenção de assédio, explicitar o repúdio à cultura da violência, promover a identidade do espaço universitário como de convivência plural e respeitosa.

- B) Nessa questão, deve-se escrever um texto posicionando-se a respeito da gravidade dos exemplos apresentados no Guia, destacando os comportamentos mais comprometedores no espaço universitário, como convite extra-acadêmico, que envolve a relação hierárquica professor-aluno.
- C) Deve-se escrever um texto usando a voz de alguém que tenha testemunhado uma situação de assédio, denunciando a experiência para a direção de curso. É preciso consultar os exemplos citados na questão anterior para desenvolver os próprios argumentos.
- D) Com esse Guia, a universidade espera conscientizar a comunidade acadêmica e diminuir o número de assédios.
- E) Com base na informação apresentada ao final do Guia, deduz-se que esses exemplos de assédio acontecem em quaisquer países e níveis universitários. A importância e a necessidade do Guia se referem à possibilidade que as pessoas têm de se defender dos assédios.

Propostos

Acertei _____ Errei _____

- 01. D
- 02. E
- 03. C
- 04. E
- 05. A
- 06. D
- 07. O tema apresentado sugere que a redação gire em torno do conflito contemporâneo entre as ideias de ciência e anticiência. A partir dos dois fragmentos apresentados, é possível tecer reflexões sobre o tema. No texto 1, vemos o contexto específico da pandemia do coronavírus, indicando que a única opção para o seu combate se dá por meio da ciência. Assim, é um texto que valoriza a ciência e aposta no potencial científico como forma de enfrentar problemas contemporâneos e combater a ignorância. O texto 2 apresenta o conceito de pós-verdade, utilizado para caracterizar a era contemporânea.
- 08. O primeiro texto alerta para o desinteresse geral de um público, principalmente jovens de até 24 anos que se afastam da leitura de notícias para seguirem a opinião do seu *influencer* predileto, que, muitas vezes, não tem preparação e formação para tal função. Por meio das redes sociais, as notícias transformam-se em disseminação de fofocas, *fake news* ou algo que cativa com abordagens mais divertidas e compartilháveis. O segundo texto revela como a necessidade de primazia na propagação de notícias consideradas de interesse geral acaba por desvirtuar, na maior parte das vezes, a realidade e a veracidade dos fatos, como aconteceu recentemente com a guerra na Ucrânia. O terceiro texto discorre sobre o fato de canais de entretenimento terem tornado habitual a veiculação de *posts* em que os fatos são apresentados mais sob a ótica da fofoca do que da realidade. Assim, a tese poderia fazer referência às mudanças estruturais do jornalismo nas últimas décadas, quando os meios de comunicação passaram a chamar a atenção do público para alcançar audiência, usando como estratégia discursiva o entretenimento. Neste sentido, a tese poderia também apresentar a visão positiva e negativa dessa mudança estrutural. Se a linguagem torna a informação mais palatável ao público leigo, também é necessária a imparcialidade e o rigor jornalístico quando não é apresentada por especialistas ou por pessoas não qualificadas sobre o assunto.

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

- 01. B
- 02. A
- 03. D
- 04. A
- 05. D



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %

O Conhecimento Científico

Quando desembarquei do avião, ele esperava por mim, erguendo um pedaço de papelão em que se achava rabiscado o meu nome. Eu estava a caminho de uma conferência de cientistas e profissionais de televisão cujo objetivo, aparentemente inútil, era melhorar a apresentação da ciência na televisão. Os organizadores tinham gentilmente enviado um motorista [Buckley].

[...] Quando nos acomodamos no carro para a longa viagem, os limpadores de para-brisa batendo ritmicamente, ele me disse que estava contente por eu ser “aquele cientista” – tinha tantas perguntas a fazer sobre ciência. Eu me importaria? [...]

E assim começamos a falar. Mas, como logo ficou claro, não foi sobre ciência que conversamos. Ele queria falar sobre extraterrestres congelados que definhavam na base da Força Aérea perto de San Antonio, sobre “canalização” (um modo de escutar o que se passa nas mentes dos mortos – pouca coisa, pelo visto), sobre cristais, as profecias de Nostradamus [...]. E tive de desapontá-lo todas as vezes.

– As evidências são precárias – eu repetia. – Existe uma explicação muito mais simples.

De certa maneira, ele era bem informado. Conhecia as várias nuances especulativas sobre, digamos, os “continentes afundados” de Atlântida [...].

Enquanto rodávamos pela chuva, podia vê-lo se tornar cada vez mais soturno. Eu não estava apenas negando alguma doutrina falsa, mas uma faceta preciosa de sua vida interior.

Porém, tanta coisa na ciência verdadeira é igualmente emocionante, mais misteriosa, um estímulo intelectual muito maior – além de estar bem mais perto da verdade. Ele sabia dos tijolos moleculares da vida que existem lá fora, no gás frio e rarefeito entre as estrelas? Tinha ouvido falar sobre as pegadas de nossos antepassados que foram encontradas em cinza vulcânica de 4 milhões de anos? [...]

Não, ele não tinha ouvido falar. Como também não conhecia, nem mesmo vagamente, a indeterminação quântica, e reconhecia DNA apenas como três letras maiúsculas que frequentemente aparecem juntas.

O Sr. “Buckley” – bom papo, inteligente, curioso – não tinha ouvido virtualmente nada sobre a ciência moderna. Ele tinha um apetite natural pelas maravilhas do Universo. Queria conhecer a ciência. O problema é que toda a ciência se perdera pelos filtros antes de chegar até ele. Os nossos temas culturais, o nosso sistema educacional, os nossos meios de comunicação haviam traído esse homem. O que a sociedade permitia que escoasse pelos seus canais era principalmente simulacro e confusão. Nunca lhe ensinara como distinguir a ciência verdadeira da imitação barata. Ele não tinha ideia de como a ciência funciona.

SAGAN, Carl. *O mundo assombrado pelos demônios* – a ciência vista como uma vela na escuridão. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 17-37. [Fragmento]

O trecho é parte do capítulo “A coisa mais preciosa”, da obra *O mundo assombrado pelos demônios*. Nesse livro, o cientista Carl Sagan relata um encontro com o sr. Buckley, um cidadão cujo entendimento do mundo é carregado de senso comum, e discute a má-formação científica presente em vários países. O sr. Buckley é alguém curioso, com informações especulativas, pouco preocupado com a busca da verdade, formado pelo barateamento do pensamento científico. Um estereótipo do cidadão comum que não tem contato com a ciência em seu cotidiano.

O modo científico de pensar é ao mesmo tempo imaginativo e disciplinado. Isso é fundamental para o seu sucesso. A ciência nos convida a acolher os fatos, mesmo quando eles não se ajustam às nossas concepções. Aconselha-nos a guardar hipóteses alternativas em nossas mentes, para ver qual se adapta melhor à realidade. Impõe-nos um equilíbrio delicado entre uma abertura sem barreiras para ideias novas, por mais heréticas que sejam, e o exame cético mais rigoroso de tudo: das novas ideias e do conhecimento estabelecido. Esse tipo de pensamento é também uma ferramenta essencial para a democratização numa era de mudanças.

Uma das razões para o seu sucesso é que a ciência tem um mecanismo de correção de erros embutido em seu próprio âmago. Alguns talvez considerem essa caracterização demasiado ampla, mas para mim, toda vez que fazemos autocrítica, toda vez que testamos nossas ideias no mundo exterior, estamos fazendo ciência. [...]

Toda vez que um artigo científico apresenta alguns dados, eles vêm acompanhados por uma margem de erro – um lembrete silencioso, mas insistente, de que nenhum conhecimento é completo ou perfeito. É uma calibração de nosso grau de confiança naquilo que pensamos conhecer. Se as margens de erro são pequenas, a acuidade de nosso conhecimento empírico é elevada; se são grandes, então também é enorme a incerteza de nosso conhecimento. Exceto na matemática pura (e, na verdade, nem mesmo nesse caso), não há certezas no conhecimento.

Além disso, os cientistas têm em geral o cuidado de caracterizar o *status* verídico de suas tentativas de compreender o mundo – que vão desde conjeturas e hipóteses, que são altamente experimentais, até as leis da Natureza, que são repetida e sistematicamente confirmadas por muitas pesquisas sobre o funcionamento do mundo. Mas até as leis da Natureza não são absolutamente certas. Pode haver novas circunstâncias nunca antes examinadas – dentro de buracos negros, por exemplo, ou dentro do elétron, ou perto da velocidade da luz – em que até as nossas alardeadas leis da Natureza caem por terra e, por mais válidas que possam ser em circunstâncias comuns, necessitam de correção.

SAGAN, Carl. *O mundo assombrado pelos demônios* – a ciência vista como uma vela na escuridão. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 38-53. [Fragmento]

Esse outro trecho da obra de Carl Sagan é do capítulo “Ciência e esperança”. Com base nele, é possível enumerar algumas características do pensamento científico: imaginativo e disciplinado; relacionado aos fatos e às hipóteses alternativas que se adaptam melhor à realidade; sem barreiras para ideias novas, equilibrando-as com o que já está estabelecido. Além disso, a ciência é feita com base nas tentativas e testes, assumindo a possibilidade do erro e fazendo autocrítica.

CONHECIMENTO CIENTÍFICO X SENSO COMUM



Leia os textos a seguir, verificando a presença ou ausência de pensamento científico. Eles apresentam intertextualidade temática, porém cada um aborda o assunto à sua maneira.

Texto I

A Lua influencia no parto? Médico confirma e explica quando bebê pode nascer; entenda

Há quem diga por aí que a fase da lua influencia no parto. [...]

O que acontece?

“Parece que existe sim alguma influência. Isso não está provado, mas pela minha experiência, posso dizer que é bem frequente o aumento de partos na Lua Cheia”, garante o ginecologista Dr. Sang Choon Cha. “Não sei explicar o que pode acontecer, mas algo parece induzir a contração do útero. [...]”.

Bebês nascem na Lua Cheia?

A possível explicação, não confirmada por estudos ou cientistas, seria a influência da Lua sobre quase tudo na natureza. A maré, por exemplo, muda conforme a Lua Cheia se aproxima. [...] Na gestante, ela induziria contrações e poderia fazer o parto acontecer.

TOLEDO, Ana. *Vix*. Disponível em: <https://www.vix.com/pt/bdm/bebe/gravida/materia/lua-influencia-parto-medico-confirma-entenda>. Acesso em: 20 dez. 2019. [Fragmento]

Texto II

Comigo foi certinho. Data prevista para o parto era dia 21 de junho. O bebê esperou a mudança da Lua para Lua Cheia que só se fez uma semana depois, dia 2 de julho. Para além disso a hora da mudança era as 4h20 e ele nasceu as 4h41!!! Portanto, eu não acredito em bruxas, mas que as há, há [...] leva a mala pelo sim pelo não...

Comentário feito em “Lua Cheia, parto na certa?”. Disponível em: <http://amaeequesabeblog.blogspot.com/2016/05/lua-cheia-parto-na-certa.html>. Acesso em: 20 dez. 2019. [Fragmento]

Nesses dois textos, pode-se observar exemplos de crenças comuns relacionadas a nascimento de bebês e fase lunar. No primeiro, há a fala de um médico ginecologista que, embora seja uma autoridade no assunto, não apresenta certezas quanto à influência da Lua no parto. Isso fica claro com as seguintes expressões: “Parece que existe”; “Não sei explicar”; “A possível explicação, não confirmada por estudos ou cientistas”. No segundo, há a fala de uma mãe que “confirmou” tal crença, dizendo que “foi certinho”.

Em ambos os textos, não há presença de pensamento científico. Para que houvesse, seriam necessários mais estudos e observações a fim de confirmar a hipótese, que não pode ser determinada como uma lei geral a partir de poucos casos isolados.

Agora, leia este outro texto, também verificando a presença ou ausência de pensamento científico.

Texto III

Resumo

Uma crença popular muito difundida afirma que o número de nascimentos de bebês está correlacionado com as fases da Lua; este número aumentaria significativamente em fase de Lua Cheia. A fim de encontrar indícios a favor ou contra a crença popular, este estudo buscou analisar os nascimentos na maternidade do Hospital Universitário de Florianópolis nas diferentes fases lunares e determinar se existe relação entre as fases lunares e o número e a via de parto dos nascimentos.

Trata-se de um estudo observacional, transversal com coleta secundária de dados do Livro de Registro de Nascimentos do Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina, no período de seis meses do ano 2016. A partir das datas de nascimentos dos 1 122 nascidos vivos do período estudado e com auxílio do calendário lunar, foi determinado em que dia do mês lunar cada criança havia nascido. [...]

TORRES, Analia Peña; SOUTO, Anelise Steglich. *Influência das fases da lua sobre os nascimentos. Mito ou verdade?* Disponível em: <http://www.nexos.ufsc.br/index.php/medicina/article/view/2496>. Acesso em: 20 dez. 2019. [Fragmento]

Esse texto, diferentemente dos dois anteriores, é parte de uma pesquisa realizada por Anália Peña Torres, acadêmica de Medicina na Universidade Federal de Santa Catarina, e Anelise Steglich Souto, Professora do Departamento de Pediatria da mesma universidade. O estudo foi publicado na revista *Boletim* do Curso de Medicina da UFSC. Diante de uma fala comumente aceita, elas reagiram cientificamente.

No trecho a seguir, as pesquisadoras descrevem os passos desse método.

Métodos

Trata-se de um estudo observacional, transversal com coleta de dados secundários obtidos no Livro de Registro de Nascimento na Maternidade do Hospital Universitário Prof. Polydoro Ernani de São Thiago da Universidade Federal de Santa Catarina (HU-UFSC). A população-alvo inicial foi compreendida por todos os recém-nascidos vivos na Maternidade do HU-UFSC, no período de 01 de janeiro a 30 de junho de 2016.

As informações obtidas para estudo foram: data e hora de nascimento, idade gestacional, peso e sexo do recém-nascido. Foram abordados ainda dados da gestante como idade, número de gestações e via de parto. A partir das datas de nascimento foi utilizado o auxílio das datas de mudança das fases da Lua (2016) do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo (13) para determinar em que dia do mês lunar cada criança havia nascido e se este correspondia ao dia de troca de lua.

Os dados foram armazenados no programa EpiData e posteriormente analisados com auxílio do *software* Epi-info 7.05b e Stata 13. Estabeleceu-se um nível de significância de 5%. Para variáveis contínuas a descrição foi realizada através do cálculo de médias e seus respectivos desvios padrão. Para análise de variáveis categóricas foram utilizados os cálculos de frequências absolutas e relativas com os seus respectivos intervalos de confiança de 95%. O teste de chi-quadrado foi utilizado para avaliar a associação entre duas variáveis categóricas.

[...]

TORRES, Analia Peña; SOUTO, Anelise Steglich. *Influência das fases da lua sobre os nascimentos. Mito ou verdade?* Disponível em: <http://www.nexos.ufsc.br/index.php/medicina/article/view/2496>. Acesso em: 20 dez. 2019. [Fragmento]

Note que houve a delimitação da população-alvo a ser estudada (Maternidade do HU-UFSC) e do tempo de pesquisa (período de 01 de janeiro a 30 de junho de 2016). E, também, consulta ao Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo para coleta de informações: datas de mudança das fases da Lua (2016). Um livro de registro de hospital é um documento, atesta nascimentos e mortes, descreve situações de forma clara e precisa. E o Instituto de Astronomia é a entidade responsável pelo ensino, pesquisa e extensão universitária nas áreas de ciências exatas e da terra, portanto, de alta competência.

Ceticismo

Existem imperativos institucionais que determinam o perfil da ciência moderna. Eles foram listados pelo sociólogo Robert K. Merton. Entre eles, está o ceticismo, o qual determina que alegações científicas devem ser expostas a uma análise crítica contínua.

Com base nisso, leia o seguinte trecho da pesquisa “Influência das fases da lua sobre os nascimentos. Mito ou verdade?”.

Discussão

[...]

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Schwab (11) selecionou 4 836 nascimentos durante dois anos, sendo que 174 ocorreram em 24 dias de Lua Cheia. Após várias análises, o autor concluiu que não houve diferença significativa no número de nascimentos nas diferentes fases da Lua e que novos estudos deveriam ser realizados com técnicas estatísticas mais sofisticadas para refinar mais os dados a fim de se confirmar se a Lua Cheia realmente interfere no número de partos.

[...]

TORRES, Analia Peña; SOUTO, Anelise Steglich. *Influência das fases da lua sobre os nascimentos. Mito ou verdade?* Disponível em: <http://www.nexos.ufsc.br/index.php/medicina/article/view/2496>. Acesso em: 20 dez. 2019. [Fragmento]

Fica claro que o ceticismo é um dos comportamentos seguidos pelas pesquisadoras Analia Peña Torres e Anelise Steglich Souto. No trecho, elas afirmam que “novos estudos deveriam ser realizados com técnicas estatísticas mais sofisticadas”, ou seja, apresentam uma dúvida, deflagrando o interesse pela verdade.

Divulgação científica

Na obra *Educação Científica e Desenvolvimento: o que pensam os cientistas*, publicada pela Unesco em 2005, Jorge Werthein e Célio da Cunha, no capítulo “A educação científica como direito de todos”, ressaltam a importância do desenvolvimento da humanidade por meio do contato com o conhecimento científico:

Recentemente, a UNESCO no Brasil editou um documento de orientação alertando para a gravidade da situação do ensino de Ciências em nosso meio. O título deste documento – Ensino de Ciências: o Futuro em Risco – por si só expressa a preocupação da UNESCO. Com base em avaliações nacionais e internacionais, ele alerta que “continuar aceitando que grande parte da população não receba formação científica e tecnológica de qualidade agravará as desigualdades do país e significará seu atraso no mundo globalizado. Investir para constituir uma população cientificamente preparada é cultivar para receber de volta cidadania e produtividade que melhoram as condições de vida de todo o povo”. E conclui ao seu termo que “o custo de não fazer é ficar para trás”.

[...]

WERTHEIN, Jorge; CUNHA, Célio da. A educação científica como direito de todos. In: *Educação científica e desenvolvimento*: o que pensam os cientistas. Brasília: UNESCO, Instituto Sangari, 2005. [Fragmento]



TÁ NA MÍDIA

Acesse o QR Code a seguir e assista a um vídeo sobre a importância do conhecimento científico na área da saúde.



LINGUAGEM CIENTÍFICA

Observe os dois textos a seguir.

Texto I

tempo
entre o sopro
e o apagar da vela

LEMINSKI, Paulo. *Toda poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Texto II

Tempo, período durante o qual tem lugar uma ação ou acontecimento, ou ainda uma dimensão que representa uma sucessão de ações ou acontecimentos. O tempo é uma das magnitudes fundamentais do mundo físico. O tempo científico é medido de acordo com a definição de segundo no sistema internacional de unidades. Atualmente são empregados três métodos astronômicos para medir o tempo. Os dois primeiros se baseiam na rotação diária da Terra sobre seu eixo e têm como referências o movimento aparente do Sol (tempo solar) e das estrelas (tempo sideral).

O terceiro método astronômico é baseado na rotação da Terra em torno do Sol (tempo de efemérides).

TEMPO. In: *Dicionário de Física*. Disponível em: <https://www.enemvirtual.com.br/dicionario-de-fisica/>. Acesso em: 21 fev. 2020.

O primeiro texto é um poema de Leminski, e o segundo é um verbete de um dicionário de física. O assunto de ambos é o mesmo: o tempo. Leminski trata da passagem rápida do tempo, algo angustiante, demonstrado pelo brevíssimo intervalo que se dá entre o sopro sobre a vela e o apagar da chama, ali vista como toda a vela. O segundo texto conceitua, descreve e informa sobre o tempo. Trata-se da linguagem denotativa, sem que a subjetividade do leitor interfira.

Ambos demonstram que estão relacionados às suas condições de produção: o enunciador, o enunciatário, o suporte, a intencionalidade, as estratégias. Entre os tipos de discurso, está o científico, transitando em alguns espaços, como as academias, os centros de pesquisa, as revistas especializadas, os materiais didáticos.

A linguagem científica caracteriza-se pela denotação; monossemia; objetividade; predominância da ordem direta nas frases; uso de termos técnicos. Essas características a diferenciam de outras linguagens e demonstram como ela difere de outras áreas, nas quais se permite ou se exige a conotação, a polissemia, a ambiguidade, a subjetividade, etc. Outra característica relevante é sua universalidade, sendo comum a institutos com credibilidade de todo o mundo.

Construído ao longo de séculos, esse modo discursivo tem como finalidade registrar um tipo específico de conhecimento, cujos termos não podem se confundir com outros. Por exemplo, “ação e reação” é o termo usado para mostrar que não existem forças isoladas no Universo, ou seja, que as forças só surgem aos pares. Para toda força, seja ela de contato, elétrica, magnética, gravitacional ou nuclear, há uma reação de sentido contrário e mesma intensidade. “Ação e reação” é também chamada de 3ª Lei de Newton. Trata-se, pois, de expressão vinculada ao campo da Física.

Informatividade

Todos os textos têm certo grau de informatividade. Quanto mais novidades ele traz, mais informatividade tem, o que pode deixar o leitor menos ou mais confortável. Por exemplo, um texto de química pode ser mais previsível para um cientista do que para um aluno de Ensino Médio. Por isso, é preciso que o conhecimento do léxico científico se amplie aos poucos, para que a familiaridade com esse tipo de discurso permita que o leitor, baseado no que já conhece, aceite as novidades que o texto apresenta, num movimento de retomada e progressividade.

EXERCÍCIO DE APRENDIZAGEM

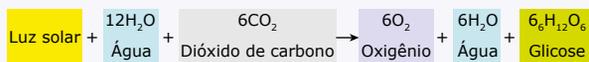


- 01.** Analise os textos a seguir, escreva um parágrafo, de até 8 linhas, identificando a que público cada um se dirige, considerando o grau de informatividade.



Texto I

Fotossíntese é um processo físico-químico, a nível celular, realizado pelos seres vivos clorofilados, que utilizam dióxido de carbono e água, para obter glicose através da energia da luz solar, de acordo com a seguinte equação:



A fotossíntese inicia a maior parte das cadeias alimentares na Terra. Sem ela, os animais e muitos outros seres heterotróficos seriam incapazes de sobreviver porque a base da sua alimentação estará sempre nas substâncias orgânicas proporcionadas pelas plantas verdes. A maior parte da vida na Terra usa a luz vermelha visível na fotossíntese, mas algumas usam luz infravermelha.

[...]

FOTOSSÍNTESE. In: *Wikipédia*: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fotoss%C3%ADntese>. Acesso em: 21 fev. 2020. [Fragmento]

Texto II

[...]

Plantas C₄

Algumas plantas chamadas C₄ (cana-de-açúcar, milho, sorgo) sob as condições do trópico, isto é, alta luminosidade, alta temperatura, baixos níveis de CO₂ e altos níveis de O₂, fixam o CO₂ através do fosfoenolpiruvato (PEP) para produzir oxalacetato (OAA), composto de 4 carbonos. A via de captação de CO₂ pelas plantas C₄ foi proposta por Hatch e Slack em 1966.

[...]

GONZÁLES, Félix H. D. *Fotossíntese*. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/lacvet/restrito/pdf/fotossintese.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2020. [Fragmento]

Gráficos

O uso da grafia e da infografia em textos científicos é um meio de tornar os conteúdos mais claros. Esses gêneros textuais são atrativos, porque ilustram o que a linguagem verbal apresenta. Eles também contribuem para a confiabilidade das informações científicas.

Analia Peña Torres e Anelise Steglich Souto, em sua pesquisa "Influência das fases da lua sobre os nascimentos.

Mito ou verdade?", usam gráficos e tabelas. A sequência é: apresentação em linguagem verbal do que foi colhido na pesquisa; apresentação desses registros em linguagem não verbal; e análise dos dados. Observe:

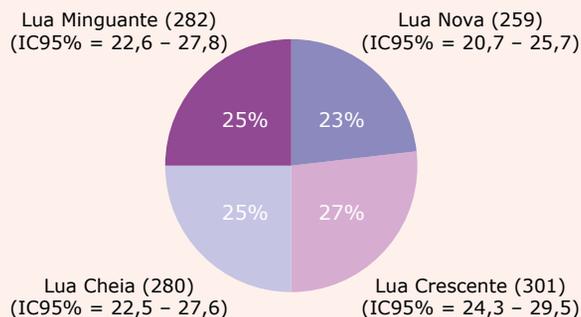
Resultados

Durante o período de 01 de janeiro a 30 de junho de 2016, ocorreram 1 128 nascimentos na Maternidade do HU-UFSC. Para análise foram excluídos todos os fetos mortos, resultando em um total de 1 122 nascidos vivos.

A média e mediana de idade materna no estudo foi de 27 anos, a moda foi de 21 anos e 62% tinham mais de 25 anos. 57,5% das mulheres tiveram mais de uma gestação.

Em relação ao total de nascidos vivos, 90% dos recém-nascidos eram a termo, 52,7% eram do sexo masculino e 47,3% do sexo feminino. O peso médio ao nascer foi de 3 237 g (dp 554 g) e a mediana 3 270 g. Quanto à via de parto, os dados obtidos no estudo demonstraram que 64,7% foram partos vaginais e 35,3% foram cesáreas.

Os 1 122 nascimentos tiveram distribuição semelhante nas diferentes fases da lua, como ilustrado na figura a seguir. Note-se que a frequência de nascimentos em dias de lua crescente foi levemente superior, no entanto, sem diferença estatisticamente significativa.



Distribuição dos nascimentos ocorridos no Hospital Universitário por fase de Lua. IC: Intervalo de confiança.

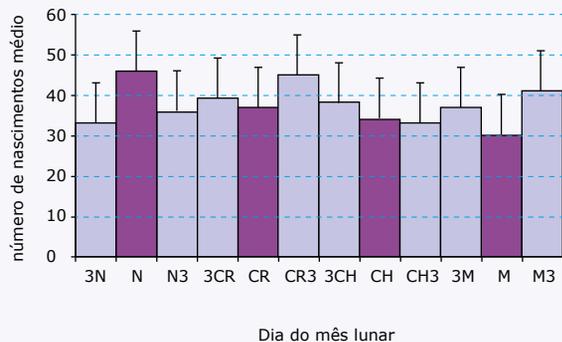
A ocorrência de nascimentos em dias de troca de lua ou não troca foi semelhante. Dos 182 dias estudados, 13% dos partos, correspondendo a 147 nascimentos, foram em dias de troca de lua, o que equivale a 5,9 nascimentos ao dia. Como contraponto, os partos que não ocorreram em dias de mudança de fase totalizam 975 partos, ou seja, em média 6,2 nascimentos ao dia.

[...]

TORRES, Analia Peña; SOUTO, Anelise Steglich. *Influência das fases da lua sobre os nascimentos. Mito ou verdade?* Disponível em: <http://www.nexos.ufsc.br/index.php/medicina/article/view/2496>. Acesso em: 20 dez. 2019. [Fragmento]

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM

02. Observe o gráfico a seguir e as informações a ele relacionadas.



Número médio de nascimentos em função do dia do mês lunar com seus respectivos intervalos de confiança de 95% no Hospital Universitário.

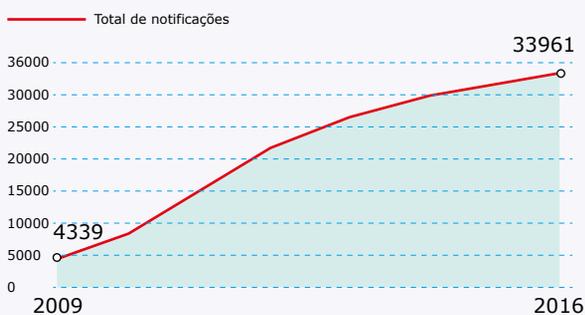
N – dia de troca para Lua Nova; 3N – 3 dias precedentes à troca de Lua Nova; N3 – 3 dias posteriores à troca de Lua Nova; CR – dia de troca para Lua Crescente; 3CR – 3 dias precedentes à troca de Lua Crescente; CR3 – 3 dias posteriores à troca de Lua Crescente; CH – dia de troca para Lua Cheia; 3CH – 3 dias precedentes à troca de Lua Cheia; CH3 – 3 dias posteriores à troca de Lua Cheia; M – dia de troca para Lua Minguante; 3M – 3 dias precedentes à troca de Lua Minguante; M3 – 3 dias posteriores à troca de Lua Minguante.

TORRES, Analia Peña; SOUTO, Anelise Steglich. *Influência das fases da Lua sobre os nascimentos. Mito ou verdade?* Disponível em: <http://www.nexos.ufsc.br/index.php/medicina/article/view/2496>. Acesso em: 20 dez. 2019. [Fragmento]

Redija um parágrafo de até 8 linhas fazendo uma análise dos dados apresentados.

03. Redija um texto, de até 20 linhas, analisando o gráfico a seguir.

Violência física por cônjuge ou namorado



Ministério da Saúde / SVS – Sistema de Informação de Agravos de Notificação – Sinan Net.

Tabelas

Com as mesmas intenções dos gráficos, a tabela também é um recurso que torna os conteúdos mais claros, ilustrando o que a linguagem verbal apresenta e permitindo ao leitor compactuar com as conclusões do autor. Veja as seguintes tabelas, ainda sobre os estudos das pesquisadoras sobre as relações entre fases da Lua e nascimentos.

Associação entre a fase da Lua e a via de parto nos 1 122 nascimentos ocorridos no Hospital Universitário

Tipo de Lua	Tipo de parto				Valor-9*
	Normal		Cesárea		
	N	% (IC95%)	N	% (IC95%)	
Lua Nova	155	59,9 (60,6-71,6)	104	40,2 (34,3-46,3)	0,318
Lua Crescente	200	66,5 (60,9-71,6)	101	33,6 (28,4-39,1)	
Lua Cheia	184	65,7 (60,0-71,1)	96	34,2 (28,8-39,9)	
Lua Minguante	187	66,3 (60,6-71,6)	95	33,7 (28,4-39,4)	

IC: Intervalo de confiança. *Teste de chi-quadrado.

Associação entre dia de troca ou não de Lua e a via de parto dos nascimentos no Hospital Universitário

Tipo de parto	Troca de Lua				Valor-9*
	N	Sim % (IC95%)	N	Não % (IC95%)	
Normal	104	70,7 (62,9-77,6)	622	63,8 (60,8-66,8)	0,100
Cesárea	43	29,3 (22,4-37,1)	353	36,3 (33,2-39,3)	

IC: Intervalo de confiança. *Teste de chi-quadrado.

Após apresentar ambas as tabelas, as pesquisadoras concluem:

Os resultados deste estudo contradizem a crença popular de que a lua influencia na data do nascimento dos bebês ou na via de parto, caracterizando, desta forma, a crença como mito. [...]

TORRES, Anália Peña; SOUTO, Anelise Steglich. *Influência das fases da lua sobre os nascimentos. Mito ou verdade?* Disponível em: <http://www.nexos.ufsc.br/index.php/medicina/article/view/2496>. Acesso em: 20 dez. 2019. [Fragmento]

Infográficos

Os infográficos também são recursos que associam a linguagem verbal e a não verbal para apresentar informações. Observe o infográfico a seguir, produzido pela Agência Fiocruz, cujo objetivo é alertar sobre uma doença e a importância da vacinação contra ela. As imagens ilustram a informação dada em palavras: “**uma pessoa** [laranja em tom mais escuro] com sarampo pode infectar até **9** [laranja em tom mais claro] de 10 [cinza] pessoas que a rodeiam se elas não estiverem vacinadas”.



Disponível em: <https://agencia.fiocruz.br/pesquisador-defende-vacinacao-como-prevencao-contra-sarampo>. Acesso em: 21 fev. 2020.

CITAÇÃO

[...]

Para Roberto Richardson (1999), pesquisa é um processo de construção do conhecimento que tem por objetivo gerar novos conhecimentos ou refutá-los, constituindo-se num processo de aprendizagem tanto do indivíduo que a realiza, quanto da sociedade, na qual esta se desenvolve. Pádua define-a deste modo: tomada num sentido amplo, pesquisa é toda atividade voltada para a solução de problemas; como atividade de busca, indagação, investigação, inquirição da realidade, é a atividade que vai nos permitir, no âmbito da ciência, elaborar um conhecimento, ou um conjunto de conhecimentos, que nos auxilie na compreensão desta realidade e nos oriente em nossas ações (1996, p. 29).

[...]

MATTOS, Elenir M. A.; CASTANHA, André Paulo. *A importância da pesquisa escolar para a construção do conhecimento do aluno no Ensino Fundamental*. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2525-6.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2020. [Fragmento]

O processo de busca e seleção é necessário e exigente; é preciso saber com clareza o que se deseja buscar e consultar *sites* e fontes confiáveis. Qualquer que seja o veículo de pesquisa, as habilidades de comparar e associar são fundamentais.

Para isso, dá-se preferência a produções que apresentem diversas **referências**, por meio das quais é possível checar a procedência e a pertinência das ideias. *Blogs* e páginas de redes sociais, somente de especialistas na área de suas reflexões. Livros e revistas são fontes menos problemáticas porque as publicações passam por um processo de validação, o que restringe a possibilidade de fraudes, informações inconsistentes e equivocadas.

Todas as fontes devem ser citadas. Por exemplo, as reflexões feitas neste tópico têm como fonte confiável o *site* da Biblioteca Virtual do Governo do Estado de São Paulo. Nesse processo de busca e seleção, encontram-se outros estudos citados; e o produto desse processo também se converte em texto para novos estudos, podendo tornar-se citação.

Sendo assim, as citações são um dos elementos do texto científico e elas corroboram o que está sendo pesquisado, além de demonstrarem o arquivo cultural do produtor do texto. Como se trata de conhecimento científico, essas citações devem ter a credibilidade garantida pela comunidade científica, demonstrando que o tema é objeto importante de estudo, relevante a ponto de ser investigado por outros estudiosos.

A pesquisa apresentada neste capítulo como objeto de análise, sobre a relação entre mudança da Lua e nascimento de bebês, feita por Analia Peña Torrese Anelise Steglich Souto, apresenta várias citações, o que lhe atribui respeitabilidade.

Plágio e paráfrase

Os textos que veiculam o conhecimento científico: a) têm como intencionalidade registrar e ampliar fatos científicos; b) apresentam linguagem denotativa, para evitar ambiguidades; c) são objetivos, porque não podem tratar das crenças individuais, pelo contrário, sendo universais, servem à humanidade; d) usam termos técnicos; e) são respaldados pela comunidade acadêmica, em cujo discurso está a base dos estudos.

Por isso, há grande importância das citações, vozes de estudiosos que se mesclam ao texto que se constrói. O Professor de literatura francesa do Collège de France, em Paris, Antoine Compagnon, afirma:

Toda citação é primeiro uma leitura [...]: li outrora a citação que faço, antes (seria exato?) de ela ser citação.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. [Fragmento]

A citação vem de um trabalho de buscar, recortar e colar, tudo em combinação, mas de tal forma que o que está sendo citado passa a compor um outro quadro informativo.

Há dois tipos de citação: a direta e a indireta. A citação direta é a transcrição de uma passagem de um outro texto. Ela exige uso de aspas – ou de algum outro destaque, a depender do projeto gráfico do material – e ainda a indicação do autor, da data de publicação e da página em que se localiza o trecho copiado. Já a citação indireta, não sendo uma transcrição, é uma paráfrase: deve conter copiadas palavras essenciais do texto-fonte, mas, para as outras, sinônimos, antônimos, parônimos, ou seja, construções que mantenham a ideia do texto original, mas com certa dose interpretativa.

Veja o quadro a seguir:

Citação indireta com e sem plágio – exemplo

Texto original	<p>Como toda atividade racional e sistemática, a pesquisa exige que as ações desenvolvidas ao longo de seu processo sejam efetivamente planejadas. De modo geral, concebe-se o planejamento como a primeira fase da pesquisa, que envolve a formulação do problema, a especificação de seus objetivos, a construção de hipóteses, a operacionalização de conceitos, etc.</p> <p>Referência: GIL, Antonio Carlos. <i>Como elaborar projetos de pesquisa</i>. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007. p. 19.</p>
Citação indireta com plágio	<p>Conforme explica Gil (2007), a pesquisa exige planejamento das ações desenvolvidas durante seu processo. Planejar é o ponto de partida da pesquisa, que parte da formulação do problema e passa pela construção de hipóteses, etc.</p> <p>Referência: GIL, Antonio Carlos. <i>Como elaborar projetos de pesquisa</i>. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007. p. 19.</p> <p>Por que isto é plágio? O redator manteve a mesma estrutura do texto original e reproduziu trechos literais, apenas substituiu alguns termos por sinônimos.</p>
Citação indireta correta (sem plágio)	<p>De acordo com Gil (2007), o processo de pesquisa deve ser iniciado com o planejamento, e o primeiro passo a ser dado é a formulação do problema.</p> <p>Referência: GIL, Antonio Carlos. <i>Como elaborar projetos de pesquisa</i>. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007. p. 19.</p> <p>Por que isto não é plágio? O redator conservou palavras essenciais do texto original (pesquisa, planejamento) e usou sinônimos para outras, mas mudou a estrutura da sentença, utilizou a voz passiva e reduziu o texto para um período.</p>

Krokosc (2013).

Disponível em: https://edisiplinas.usp.br/pluginfile.php/4213554/mod_resource/content/1/KROKOSZ.pdf. Acesso em: 27 fev. 2020.

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM



- 04.** Leia atentamente o trecho a seguir e faça uma citação indireta (paráfrase).

“Achamos que somos um bando de gente pacífica cercados por pessoas violentas”. A frase que bem define o brasileiro e o ódio no qual estamos imersos é do historiador Leandro Karnal. A ideia de que nós, nossas famílias ou nossa cidade são um poço de civilidade em meio a um país bárbaro é comum no Brasil. O “mito do homem cordial”, costumeiramente mal interpretado, acabou virando o mito do “cidadão de bem amável e simpático”. Pena que isso seja uma mentira. “O homem cordial não pressupõe bondade, mas somente o predomínio dos comportamentos de aparência afetiva”, explica o sociólogo Antonio Candido. O brasileiro se obriga a ser simpático com os colegas de trabalho, a receber bem a visita indesejada e a oferecer o pedaço do chocolate para o estranho no ônibus. Depois fala mal de todos pelas costas, muito educadamente.”

VAZ, Camila. A história do ódio no Brasil. *Jusbrasil*. Disponível em: https://camilavazvaz.jusbrasil.com.br/artigos/224672979/a-historia-do-odio-no-brasil?ref=topic_feed. Acesso em: 27 fev. 2020. [Fragmento]

- 05.** (Unicamp-SP)



Quando vitaminas atrapalham

Consumir suplementos de vitaminas depois de praticar exercícios físicos pode reduzir a sensibilidade à insulina, o hormônio que conduz a glicose às células de todo o corpo. Temporariamente, um pouco de estresse oxidativo – processo combatido por algumas vitaminas e que danifica as células – ajuda a evitar o diabetes tipo 2, causado pela resistência à insulina, concluíram pesquisadores das universidades de Jena, na Alemanha, e Harvard, nos Estados Unidos. Desse estudo, publicado em maio na PNAS, participaram 40 pessoas, metade delas com treinamento físico prévio, metade sem. Os dois grupos foram divididos em subgrupos que tomaram ou não uma combinação de vitaminas C e E. Todos os subgrupos praticaram exercícios durante quatro semanas e passaram por exames de avaliação de sensibilidade da glicose à insulina antes e após esse período. Apenas exercícios físicos, sem doses adicionais de vitaminas, promovem a longevidade e reduzem o diabetes tipo 2. Ao contrário do que se pensava, os resultados negam que o estresse oxidativo seja um efeito colateral indesejado da atividade física vigorosa: ele é na verdade parte do mecanismo pelo qual quem se exercita é mais saudável. A conclusão é clara: nada de antioxidantes depois de correr.

Quando vitaminas atrapalham. *Revista Pesquisa FAPESP* 160, p. 40, 2009 (Adaptação).

- A) Por se tratar de um texto de divulgação científica, apresenta recursos linguísticos próprios a esse gênero. Quais são eles? Transcreva dois trechos em que esses recursos estão presentes.
- B) O experimento em questão concluiu que as vitaminas atrapalham. Explique como os pesquisadores chegaram a essa conclusão.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS



Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões de **01** a **04**.

O DNA do racismo

Proponho ao leitor um simples experimento. Dirija-se a um local bastante movimentado e observe cuidadosamente as pessoas ao redor. Deverá logo saltar aos olhos que somos todos muito parecidos e, ao mesmo tempo, muito diferentes.

Realmente, podemos ver grandes similaridades no plano corporal, na postura ereta, na pele fina e na falta relativa de pelos, características da espécie humana que nos distinguem dos outros primatas. Por outro lado, serão evidentes as extraordinárias variações morfológicas entre as diferentes pessoas: sexo, idade, altura, peso, massa muscular, cor e textura dos cabelos, cor e formato dos olhos, cor da pele, etc. *A priori*, não existe absolutamente nenhuma razão para valorizar mais uma ou outra dessas características no exercício de investigação.

Nem todos esses traços têm a mesma relevância. Há características que podem nos fornecer informações sobre a origem geográfica ancestral das pessoas: uma pele negra pode nos levar a inferir que a pessoa tem ancestrais africanos, olhos puxados evocam ancestralidade oriental etc. E isso é tudo: não há absolutamente mais nada que possamos captar à flor da pele. Pense bem. O que têm a pigmentação da pele, o formato e a cor dos olhos ou a textura do cabelo a ver com as qualidades humanas singulares que definam uma individualidade existencial?

Em nítido contraste com as conclusões do experimento de observação empírica acima, está a rigidez da classificação da humanidade feita pelo naturalista sueco Carl Linnaeus, em 1767. Ele apresentou, pela primeira vez na esfera científica, uma categorização da espécie humana, distinguindo quatro raças principais e qualificando-as de acordo com o que ele considerava suas características principais:

- *Homo sapiens europaeus*: branco, sério, forte;
- *Homo sapiens asiaticus*: amarelo, melancólico, avaro;
- *Homo sapiens afer*: negro, impassível, preguiçoso;
- *Homo sapiens americanus*: vermelho, mal-humorado, violento.

Observe o leitor que as raças de Linnaeus continham traços peculiares fixos, ou seja, havia a expectativa de todos os europeus serem “brancos, sérios e fortes”. Assim, teríamos de esperar que as pessoas negras ao redor de nós tivessem tendências “impassíveis e preguiçosas”, e que as de olhos puxados fossem predispostas a “melancolia e avareza”.

Esse é um exemplo do absurdo da perspectiva essencialista ou tipológica de raças humanas. Nesse paradigma, o indivíduo não pode simplesmente ter a pele mais ou menos pigmentada, ou o cabelo mais ou menos crespo – ele tem de ser definido como “negro” ou “branco”, rótulo determinante de sua identidade.

Esse tipo de associação fixa de características físicas e psicológicas, que incrivelmente ainda persiste na atualidade, não faz absolutamente nenhum sentido do ponto de vista genético e biológico! O genoma humano tem cerca de 20 mil genes e sabemos que poucas dúzias deles controlam a pigmentação da pele e a aparência física dos humanos. Está 100% estabelecido que esses genes não têm nenhuma influência sobre qualquer traço comportamental ou intelectual.

PENA, Sérgio Danilo.

Disponível em: <https://cienciahoje.org.br>.

Acesso em: 11 jul. 2008 (Adaptação).



(UERJ–2019) O terceiro parágrafo contém uma conclusão acerca dos resultados do experimento descrito nos dois parágrafos anteriores. Essa conclusão se baseia no seguinte posicionamento do autor:

- afirmação de crenças excêntricas.
- valorização da racionalidade ocidental.
- desconsideração de opiniões polêmicas.
- contestação do determinismo biológico.



(UERJ–2019)

- *Homo sapiens europaeus*: branco, sério, forte;
- *Homo sapiens asiaticus*: amarelo, melancólico, avaro;
- *Homo sapiens afer*: negro, impassível, preguiçoso;
- *Homo sapiens americanus*: vermelho, mal-humorado, violento.

Comparando as quatro categorias apresentadas pelo naturalista sueco Carl Linnaeus, a perspectiva adotada em sua classificação pode ser definida como

- neutra.
- parcial.
- universal.
- homogênea.



(UERJ–2019) No último parágrafo, o autor expressa uma crítica à teoria de Linnaeus, por reconhecer na classificação que este propôs o seguinte problema:

- omissão.
- abstração.
- incorrecção.
- fragmentação.



(UERJ–2019) Está 100% estabelecido que esses genes não têm nenhuma influência sobre qualquer traço comportamental ou intelectual. (l. 37-38) Para introduzir a frase anterior, mantendo a coerência com a que a precede, pode ser utilizada a seguinte expressão:

- ou seja.
- além disso.
- em resumo.
- por exemplo.

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões de 05 a 07.

Física para poetas

O ensino da física sempre foi um grande desafio. Nos últimos anos, muitos esforços foram feitos com o objetivo de ensiná-la desde as séries iniciais do ensino fundamental, no contexto do ensino de ciências. Porém, como disciplina regular, a física aparece no ensino médio, quando se torna “um terror” para muitos estudantes.

Várias pesquisas vêm tentando identificar quais são as principais dificuldades do ensino de física e das ciências em geral. Em particular, a queixa que sempre se detecta é que os estudantes não conseguem compreender a linguagem matemática na qual, muitas vezes, os conceitos físicos são expressos. Outro ponto importante é que as questões que envolvem a física são apresentadas fora de uma contextualização do cotidiano das pessoas, o que dificulta seu aprendizado. Por fim, existe uma enorme carência de professores formados em física para ministrar as aulas da disciplina.

As pessoas que vão para o ensino superior e que não são da área de ciências exatas praticamente nunca mais têm contato com a física, da mesma maneira que os estudantes de física, engenharia e química poucas vezes voltam a ter contato com a literatura, a história e a sociologia. É triste notar que a especialização na formação dos indivíduos costuma deixá-los distantes de partes importantes da nossa cultura, da qual as ciências físicas e as humanidades fazem parte.

Mas vamos pensar em soluções. Há alguns anos, ofereço um curso chamado “Física para poetas”. A ideia não é original – ao contrário, é muito utilizada em diversos países e aqui mesmo no Brasil. Seu objetivo é apresentar a física sem o uso da linguagem matemática e tentar mostrá-la próxima ao cotidiano das pessoas. Procuro destacar a beleza dessa ciência, associando-a, por exemplo, à poesia e à música.

Alguns dos temas que trabalho em “Física para poetas” são inspirados nos artigos que publico. Por exemplo, “A busca pela compreensão cósmica” é uma das aulas, na qual apresento a evolução dos modelos que temos do universo. Começando pelas visões místicas e mitológicas e chegando até as modernas teorias cosmológicas, falo sobre a busca por responder a questões sobre a origem do universo e, consequentemente, a nossa origem, para compreendermos o nosso lugar no mundo e na história.

Na aula “Memórias de um carbono”, faço uma narrativa de um átomo de carbono contando sua história, em primeira pessoa, desde seu nascimento, em uma distante estrela que morreu há bilhões de anos, até o momento em que sai pelo nariz de uma pessoa respirando. Temas como astronomia, biologia, evolução e química surgem ao longo dessa aula, bem como as músicas “Átimo de pó” e “Estrela”, de Gilberto Gil, além da poesia “Psicologia de um vencido”, de Álvares de Azevedo.

Em “O tempo em nossas vidas”, apresento esse fascinante conceito que, na verdade, vai muito além da física: está presente em áreas como a filosofia, a biologia e a psicologia. Algumas músicas de Chico Buarque e Caetano Veloso, além de poesias de Vinicius de Moraes e Carlos Drummond de Andrade, ajudaram nessa abordagem. Não faltou também “Tempo Rei”, de Gil.

A arte é uma forma importante do conhecimento humano. Se músicas e poesias inspiram as mentes e os corações, podemos mostrar que a ciência, em particular a física, também é algo inspirador e belo, capaz de criar certa poesia e encantar não somente aos físicos, mas a todos os poetas da natureza.

OLIVEIRA, Adilson de.
Disponível em: <https://cienciahoje.org.br>.
Acesso em: 8 ago. 2016 (Adaptação).



05. (UERJ–2019) O trecho do texto de Adilson de Oliveira que melhor sintetiza o problema exposto acerca da abordagem da física é:

- A) Várias pesquisas vêm tentando identificar quais são as principais dificuldades do ensino de física e das ciências em geral.
- B) os estudantes não conseguem compreender a linguagem matemática na qual, muitas vezes, os conceitos físicos são expressos.
- C) a especialização na formação dos indivíduos costuma deixá-los distantes de partes importantes da nossa cultura, da qual as ciências físicas e as humanidades fazem parte.
- D) ofereço um curso chamado “Física para poetas”. A ideia não é original – ao contrário, é muito utilizada em diversos países e aqui mesmo no Brasil.

06. (UERJ–2019) Para atingir seus propósitos, o curso oferecido pelo autor explora uma estratégia baseada no seguinte aspecto da linguagem:

- A) registro formal.
- B) gêneros textuais.
- C) metáforas cristalizadas.
- D) vocábulos polissêmicos.

07. (UERJ–2019) Por exemplo, “A busca pela compreensão cósmica” é uma das aulas, na qual apresento a evolução dos modelos que temos do universo. (l. 23–24) No trecho, a forma verbal sublinhada expressa uma ação que se caracteriza como

- A) interrompida.
- B) simultânea.
- C) concluída.
- D) reiterada.

08.
KSP4

(EAM-2022)

Um caminho tortuoso

Do jeito que a ciência é ensinada nas escolas, não é à toa que a maioria das pessoas acha que o conhecimento científico cresce linearmente, sempre se acumulando. No entanto, uma rápida olhada na história da ciência permite ver que não é bem assim: o caminho que leva ao conhecimento é tortuoso e, às vezes, vai até para trás, quando uma ideia errada persiste por mais tempo do que deveria.

Isso pode ocorrer por razões como censura política [...] ou por ideologias na classe científica, defendidas por membros influentes.

Apresentar a ciência nas escolas e universidades ou nos meios informais de comunicação como uma crença infalível da civilização esconde um de seus lados mais interessantes: o drama da descoberta, as incertezas da criatividade.

Cientistas tendem a reagir negativamente às ideias que ameaçam o que eles pensam ser a verdade. Por um lado, essa descrença é essencial, dado que a maioria das ideias novas está errada. Por outro, ela pode revelar um conservadorismo que trava o avanço do conhecimento. Um bom exemplo disso é o experimento de Albert Michelson e Edward Morley, realizado em 1887 para detectar o movimento da Terra através do éter, o meio material cuja função era servir de suporte para a propagação das ondas de luz.

Tal qual as ondas de som se propagam no ar, supunha-se que as ondas luminosas também necessitassem de um meio para se propagar, o éter. O experimento mediria as diferenças na velocidade da luz quando um raio luminoso ia contra o éter ou a favor, como quando andamos de bicicleta e sentimos um “vento” contra nosso corpo. (Uma bola jogada contra ou a favor do “vento” terá velocidades diferentes.)

Para total e completa surpresa da comunidade científica, o experimento não detectou diferenças na velocidade da luz em qualquer direção.

Em meio à perplexidade generalizada, várias tentativas de explicar o achado foram propostas, inclusive uma por George Fitzgerald e Hendrik Lorentz que sugeria que as partes do aparato podiam encolher na direção do movimento. Esse encolhimento de fato existe, mas não como proposto pelos dois.

Apenas em 1905 Einstein explicou o que estava acontecendo, com sua teoria da relatividade especial: o éter não existe – a velocidade da luz é sempre a “mesma, uma constante da natureza”.

Observações recentes andam questionando a existência de um outro meio material ainda não detectado, a matéria escura. Essa matéria, supostamente feita de partículas diferentes das que compõem o que conhecemos no Universo (ou seja, coisas feitas de elétrons, prótons e nêutrons), deve ser seis vezes mais abundante que a matéria comum e se aglomerar em torno de galáxias, inclusive a nossa.

As observações não detectaram a quantidade esperada de matéria escura. E agora? A coisa é complicada porque existem outros métodos de detecção da matéria escura que parecem bastante claros. Qualquer que seja a resolução do impasse atual, estou certo de que algo de novo e surpreendente está para acontecer. Será interessante ver a reação da comunidade ao se deparar com o inesperado.

GLEISER, Marcelo. Um caminho tortuoso. *Folha de São Paulo*, 29 abr. 2012 (Adaptação).

Assinale a opção que explica a ideia do autor sobre o conhecimento científico.

- A) O conhecimento científico é ensinado linear e cumulativamente nas escolas.
- B) O conservadorismo dos cientistas não interfere no conhecimento que produzem.
- C) O conhecimento científico sempre se acumula ao longo do tempo.
- D) Seu caminho não é linear, pois algumas ideias erradas podem persistir no tempo.
- E) Cientistas reagem bem às ideias que ameaçam o que já conhecem.

09. (UEPG-PR-2021) O ex-presidente do Chile, Ricardo Lagos, ficou conhecido internacionalmente quando disse “não” à continuidade do governo do general e ditador Augusto Pinochet no plebiscito de 1988.

Anos mais tarde, Lagos foi eleito presidente, governou o país entre 2000 e 2006 e passou a faixa presidencial para sua sucessora e ex-ministra Michelle Bachelet, hoje alta comissária das Nações Unidas para os Direitos Humanos.

Na sua visão, é triste ver líderes políticos que dizem não acreditar na Ciência. “Não se pode fazer política como se a Ciência não existisse. Fico surpreso que existam líderes que não se interessem, que não queiram ler e aprender. E agora vemos o que está acontecendo (com os efeitos da pandemia).”

CARMO, Marcia. Não se pode fazer política ignorando a Ciência, diz ex-presidente do Chile. *BBC News Brasil*, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52450725>. Acesso em: 15 abr. 2020 (Adaptação).

Levando em consideração o texto, assinale o que for correto.

- 01. O reconhecimento internacional de Ricardo Lagos se deve à posição que ele assumiu em relação a um plebiscito que aconteceu no Chile no século passado.
- 02. Podemos compreender, a partir da leitura do texto, que a sucessora de Lagos, Michelle Bachelet, também não é mais mandatária da nação chilena.
- 04. De acordo com Ricardo Lagos, é impossível que qualquer político atue da maneira como um cargo público exige sem acreditar no conhecimento científico.
- 08. O exemplo citado por Ricardo Lagos para ilustrar os efeitos negativos de governantes, que não aceitam ideias científicas, foram os efeitos da atual pandemia.

Soma ()

10. (UFU-MG) Analise o infográfico a seguir:



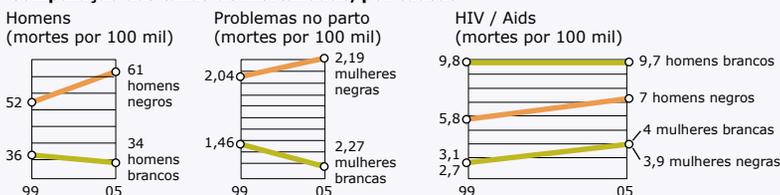
DESGUALDADE RACIAL NA MORTALIDADE

Homicídios e acidentes matam mais negros do que brancos

TRÊS PRINCIPAIS CAUSAS DE MORTALIDADE EM 2005

BRANCOS		NEGROS	
	Homens		Mulheres
Doença do aparelho circulatório	29,3%	Causas externas (homicídios e outros)	25%
Neoplasias (tumores)	17,6%	Doença do aparelho circulatório	24,7%
Causas externas (homicídios e outros)	15%	Causas mal definidas	12,7%
Doença do aparelho circulatório	34,6%	Doença do aparelho circulatório	33,4%
Neoplasias (tumores)	18,7%	Neoplasias (tumores)	14,9%
Doença do aparelho respiratório	12%	Causas mal definidas	14,8%

Comparação das taxas de mortalidade, por causas



Disponível em: <http://rede.novaescolaclub.org.br/planos-de-aula/interpretacao-de-texto-com-auxilio-de-materiais-graficos>.

Acesso em: 26 abr. 2017 (Adaptação).

Pode-se, a partir das informações do infográfico, constatar que:

- A) Entre 1999 e 2005, o índice de morte causado por problemas no parto variou em sentido diametralmente oposto entre mulheres brancas e negras.
- B) Homens negros são mais vítimas de homicídios do que mulheres negras.
- C) Em ordem crescente, as maiores vítimas de homicídios são: mulheres brancas, homens negros, homens brancos, mulheres negras.
- D) Mulheres negras têm mais problemas no parto em função do acesso dificultado ao sistema público de saúde.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem-2022)

TEXTO I

Projeto Mural Eletrônico desenvolvido no INT, semelhante a um totem, promete tornar o acesso à informação disponível para todos

A inclusão de pessoas com deficiência se constituiu um dos principais desafios e preocupações para a sociedade ao longo das últimas décadas. E o uso da tecnologia tem se revelado um aliado fundamental em muitas iniciativas voltadas para essa área. Exemplo disso é uma das recentes criações do Instituto Nacional de Tecnologia (INT) — unidade de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC). Ali, com o objetivo de que as diferenças entre pessoas não sejam sinônimo de obstáculos no acesso à informação ou na comunicação, engenheiros e tecnólogos vêm trabalhando no desenvolvimento do projeto Mural Eletrônico.

O Mural Eletrônico nasceu da necessidade de promover a inclusão nas escolas. Com interface multimídia e interativa, todos têm a possibilidade de acessar o Mural Eletrônico. Por meio do equipamento, podem ser disponibilizados vídeos com Libras, leitura sonora de textos, que também estarão acessíveis em uma plataforma de braille dinâmico, ao lado do teclado.

KIFFER, D. Inclusão ampla e irrestrita. *Rio Pesquisa*, n. 36, set. 2016 (Adaptação).

TEXTO II**Projeto *Surdonews*, desenvolvido na UFRJ, garante acesso de surdos à informação e contribui para sua “inclusão científica”**

Para não permitir que a falta de informação seja um fator para o isolamento e a inacessibilidade da comunidade surda, a jornalista e pesquisadora Roberta Savedra Schiaffino criou o projeto “*Surdonews*: montando os quebra-cabeças das notícias para o surdo”. Trata-se de uma página no Facebook, com notícias constantemente atualizadas e apresentadas por surdos em Libras, e veiculadas por meio de vídeos.

A ideia de criar o projeto surgiu quando Roberta, ela própria surda profunda, ainda cursava o mestrado. Para isso, ela procurou traçar um diagnóstico do conhecimento informal entre as pessoas com surdez. Ela entrevistou cinquenta alunos surdos do ensino fundamental e viu que eles tinham muita dificuldade de ler, além de não captar a notícia falada. “Isso é muito grave, pois 90% do saber de um indivíduo vem do conhecimento informal, adquirido em feiras científicas, conversas, cinema, teatro, incluindo a mídia, por todas as suas possibilidades disseminadoras”, explica a pesquisadora. “Prezamos pelo conteúdo científico em nossas pautas. Contudo, independentemente disso, nosso principal trabalho é, além de informar e atualizar, fazer com que os textos não sejam empobrecidos no processo de ‘tradução’ e, sim, acessíveis”.

KIFFER, D. Comunicação sem barreiras. *Rio Pesquisa*, n. 37, dez. 2016 (Adaptação).

Considerando-se o tema tecnologias e acessibilidade, os textos I e II aproximam-se porque apresentam projetos que

- A) garantem a igualdade entre as pessoas.
- B) foram criados por uma pesquisadora surda.
- C) tiveram origem em um curso de pós-graduação.
- D) estão circunscritos ao espaço institucional da escola.
- E) têm como objetivo a disseminação do conhecimento.

- 02.** (Enem–2018) Encontrando base em argumentos supostamente científicos, o mito do sexo frágil contribuiu historicamente para controlar as práticas corporais desempenhadas pelas mulheres. Na história do Brasil, exatamente na transição entre os séculos XIX e XX, destacam-se os esforços para impedir a participação da mulher no campo das práticas esportivas. As desconfianças em relação à presença da mulher no esporte estiveram culturalmente associadas ao medo de masculinizar o corpo feminino pelo esforço físico intenso. Em relação ao futebol feminino, o mito do sexo frágil atuou como obstáculo ao consolidar a crença de que o esforço físico seria inapropriado para proteger a feminilidade da mulher “normal”. Tal mito sustentou um forte movimento contrário à aceitação do futebol como

prática esportiva feminina. Leis e propagandas buscaram desacreditar o futebol, considerando-o inadequado à delicadeza. Na verdade, as mulheres eram consideradas incapazes de se adequar às múltiplas dificuldades do “esporte-rei”.

TEIXEIRA, F. L. S.; CAMINHA, I. O. Preconceito no futebol feminino: uma revisão sistemática. *Movimento*, Porto Alegre, n. 1, 2013 (Adaptação).

No contexto apresentado, a relação entre a prática do futebol e as mulheres é caracterizada por um

- A) argumento biológico para justificar desigualdades históricas e sociais.
- B) discurso midiático que atua historicamente na desconstrução do mito do sexo frágil.
- C) apelo para a preservação do futebol como uma modalidade praticada apenas pelos homens.
- D) olhar feminista que qualifica o futebol como uma atividade masculinizante para as mulheres.
- E) receio de que sua inserção subverta o “esporte-rei” ao demonstrarem suas capacidades de jogo.

03. (Enem)**Azeite de oliva e óleo de linhaça: uma dupla imbatível**

Rico em gorduras do bem, ela combate a obesidade, dá um chega pra lá no diabetes e ainda livra o coração de entraves

Ninguém precisa esquentar a cabeça caso não seja possível usar os dois óleos juntinhos, no mesmo dia. Individualmente, o duo também bate um bolão. Segundo um estudo recente do grupo EurOlive, formado por instituições de cinco países europeus, os polifenóis do azeite de oliva ajudam a frear a oxidação do colesterol LDL, considerado perigoso. Quando isso ocorre, reduz-se o risco de placas de gordura na parede dos vasos, a temida aterosclerose – doença por trás de encrencas como o infarto.

MANARINI, T. *Saúde é vital*, n. 347, fev. 2012 (Adaptação).

Para divulgar conhecimento de natureza científica para um público não especializado, Manarini recorre à associação entre vocabulário formal e vocabulário informal. Altera-se o grau de formalidade do segmento no texto, sem alterar o sentido da informação, com a substituição de:

- A) “dá um chega pra lá no diabetes” por “manda embora o diabetes”.
- B) “esquentar a cabeça” por “quebrar a cabeça”.
- C) “bate um bolão” por “é um show”.
- D) “juntinhos” por “misturadinhos”.
- E) “por trás de encrencas” por “causadora de problemas”.

04. (Enem)

Uso de suplementos alimentares por adolescentes

Evidências médicas sugerem que a suplementação alimentar pode ser benéfica para um pequeno grupo de pessoas, aí incluídos atletas competitivos, cuja dieta não seja balanceada. Tem-se observado que adolescentes envolvidos em atividade física ou atlética estão usando cada vez mais tais suplementos. A prevalência desse uso varia entre os tipos de esportes, aspectos culturais, faixas etárias (mais comum em adolescentes) e sexo (maior prevalência em homens). Poucos estudos se referem a frequência, tipo e quantidade de suplementos usados, mas parece ser comum que as doses recomendadas sejam excedidas.

A mídia é um dos importantes estímulos ao uso de suplementos alimentares ao veicular, por exemplo, o mito do corpo ideal. Em 2001, a indústria de suplementos alimentares investiu globalmente US\$ 46 bilhões em propaganda, como meio de persuadir potenciais consumidores a adquirir seus produtos. Na adolescência, período de autoafirmação, muitos deles não medem esforços para atingir tal objetivo.

ALVES, C.; LIMA, R. J. *Pediatria*, v. 85, n. 4, 2009. [Fragmento]

Sobre a associação entre a prática de atividades físicas e o uso de suplementos alimentares, o texto informa que a ingestão desses suplementos

- A) é indispensável para as pessoas que fazem atividades físicas regularmente.
- B) é estimulada pela indústria voltada para adolescentes que buscam um corpo ideal.
- C) é indicada para atividades físicas como a musculação com fins de promoção da saúde.
- D) direciona-se para adolescentes com distúrbios metabólicos e que praticam atividades físicas.
- E) melhora a saúde do indivíduo que não tem uma dieta balanceada e nem pratica atividades físicas.

- 03. Deve-se redigir um texto apontando que se trata de um gráfico que ilustra dados referentes à violência física por cônjuge ou namorado. É preciso citar que o período analisado vai de 2009 a 2016 e que o total de notificações aumentou. Para ampliar a discussão, deve-se pesquisar mais sobre o assunto em outras fontes.
- 04. Sugestão de paráfrase: O historiador Leandro Karnal é responsável por uma frase que define o "ódio brasileiro". Para ele, achamos que somos pacíficos, pertencentes a uma família civilizada, e que estamos em meio a pessoas violentas, o que se trata de uma mentira. Também sobre isso, o sociólogo Antonio Candido fala sobre "aparência afetiva", isto é, o brasileiro, na verdade, apenas aparenta ser bom e simpático.
- 05.
 - A) Dois recursos linguísticos possíveis de serem notados no texto quanto à relação com o gênero de divulgação científica são: a utilização de um vocabulário científico específico e a apresentação de dados obtidos por meio de pesquisas. Assim, dois trechos em que ambos os recursos estão presentes são:
 - I. "Desse estudo, publicado em maio na PNAS, participaram 40 pessoas, metade delas com treinamento físico prévio, metade sem."
 - II. "Consumir suplementos de vitaminas depois de praticar exercícios físicos pode reduzir a sensibilidade à insulina, o hormônio que conduz a glicose às células de todo o corpo."
 - B) Dividindo as pessoas em dois grupos – um que receberia suplementos de vitaminas, outro que não receberia – e submetê-las a exercícios físicos, chegou-se à conclusão de que apenas exercícios físicos, sem adição de suplementos, previne a diabetes tipo 2, uma vez que é justamente o processo oxidativo causado pelo estresse do exercício, sem reposição vitamínica, que está vinculado ao benefício da não resistência à insulina.

Propostos

Acertei _____ Errei _____

- 01. D
- 02. B
- 03. C
- 04. B
- 05. B
- 06. B
- 07. C
- 08. D
- 09. Soma = 15
- 10. B

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

- 01. E
- 02. A
- 03. E
- 04. B



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %

GABARITO

Meu aproveitamento

Aprendizagem

Acertei _____ Errei _____

- 01. Na produção textual, é importante pontuar que o texto I é acessível a alunos de Ensino Médio, pois termos científicos são retomados do arquivo cultural. Já sobre o texto II, deve-se apontar que é acessível a alunos de nível universitário ou especialistas, pois o leitor deve ter as explicações em seu arquivo cultural.
- 02. Na análise, deve-se apresentar o número de nascimentos de acordo com o dia do mês lunar, a média de nascimento de três dias antes, no dia e de três dias depois de troca de fase da lua para cada fase lunar. É importante sinalizar que não houve variação significativa.

Regência

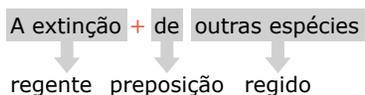
Observe o uso das palavras “extinto” e “extinção” na tirinha a seguir:



No segundo quadro, percebe-se que o termo “a extinção” se liga ao verbo “causar” e, assim, faz uma ampliação do significado desse verbo. Conclui-se perante isso que o verbo “causar” rege, ou seja, comanda, um complemento. Nesse processo sintático, a que se chama **regência verbal**, o verbo é o **termo regente**, e o complemento é o **termo regido**.



Ainda no segundo quadro, a expressão “outras espécies” associa-se ao substantivo “extinção”, e, assim, este tem o sentido ampliado por aquele. Tem-se, nesse caso, uma relação entre dois nomes: tanto o termo regido (outras espécies) quanto o termo regente (extinção) são expressões de núcleo substantivo. Há, aqui, a **regência nominal**.



Percebe-se, ainda, que, no primeiro caso, não existiu elemento intermediário entre o termo regente e o regido; no segundo, houve, pois a preposição “de” foi necessária para ligar regente e regido (extinção de outras espécies). Em alguns casos, a preposição é acionada; em outros, não, e isso ocorre tanto na regência verbal quanto na nominal. Dependendo da ausência ou da presença de uma preposição, os verbos ou nomes assumem significados diferentes, como será estudado a seguir.

Regência é, portanto, a relação de interdependência sintático-semântica entre termo regente e termo regido estabelecida na estruturação dos enunciados.

REGÊNCIA VERBAL

No módulo sobre transitividade verbal, estudou-se um pouco de regência verbal, sem, contudo, usar a nomenclatura regência. Como visto, na conceituação de regência, algumas palavras, no caso da regência verbal, os verbos, ora estarão regidos de preposição para se ligarem a seus complementos, ora não, ora ainda nem complemento terão. Isso implicará significados novos, sobretudo quando se tratar de um mesmo verbo num momento com complemento, noutra não; num com preposição, noutra, sem.

Veja os principais casos:

Chegar / ir: deve ser introduzido pela preposição “a”, e não pela preposição “em” – forma mais comum na coloquialidade.

- Vou ao estádio Mineirão.
- Cheguei à Arena Independência.

Morar / residir: solicita a preposição “em”.

- A maioria dos deputados federais mora em Brasília.
- O governador de Minas reside em Belo Horizonte, a capital do estado.

Namorar: a coloquialidade faz uso da preposição “com”, porém a norma culta não endossa essa construção. O verbo é, portanto, transitivo direto.

- O soprano Maria Callas namorou o empresário Aristóteles Onassis.
- Neymar namorou com Bruna Marquezine. (construção não aceita na norma culta)

Obedecer / desobedecer: exigem a preposição “a”.

- Os motoristas brasileiros, após o enrijecimento da Lei Seca, foram obrigados a obedecerem ao código de trânsito.
- Os filhos hoje desobedecem sobremaneira aos pais.

Preferir: verbo transitivo direto e indireto. Sempre preferir **uma** coisa **a** outra.

- Prefiro o carnaval de Olinda ao do Rio de Janeiro.

A norma culta não valida construções do tipo “preferir mais uma coisa **do** que outra”.

Simpatizar / antipatizar: exigem a preposição “com”. Na coloquialidade, os falantes empregam esses verbos junto de um pronome (eu **me** simpatizo com com... ele **se** simpatiza com...). Essa construção, porém, é reprovada pela norma culta.

- Simpatizo com os alunos da segunda série.
- Antipatizo com políticos corruptos.

Verbos que apresentam mais de uma regência

Agradar

- A)** no sentido de acarinhar: a preposição não é necessária.
- A avó passava o dia agradando os netinhos.
- B)** no sentido de ser agradável: demanda a preposição “a”.
- O aumento dos preços nunca agrada ao povo.

Aspirar

- A)** no sentido de cheirar, de sorver: não há preposição.
- A população paulistana aspira um dos piores ares do país devido ao excesso de poluição.
- B)** no sentido de almejar, de pretender, de desejar: a preposição “a” é colocada para a efetivação da ideia.
- Os brasileiros aspiram a uma política nacional mais honesta e preocupada com as necessidades sociais do país.

Assistir

- A)** no sentido de prestar assistência, de ajudar: transitivo direto, sem preposição.
- O representante da turma assistiu o professor na separação dos grupos de trabalho.
- B)** no sentido de ver, presenciar, de ser um espectador: transitivo indireto, servido da preposição “a”.
- Na Arena Independência, assistimos ao clássico mineiro Atlético *versus* Cruzeiro.
- C)** no sentido de caber, pertencer: exige a preposição “a”.
- Assiste aos brasileiros o direito à educação de qualidade.
- D)** no sentido de morar, residir: é intransitivo e exige a preposição “em”. O termo trazido pela preposição “em” funciona como adjunto adverbial de lugar.
- Sonha assistir em Fortaleza, bem próximo à praia do Futuro.

Custar

- A)** no sentido de ser custoso, ser difícil: é regido pela preposição “a”. Lembramos que a dificuldade será sempre o sujeito do verbo “custar”.
- Custou à turma entender o difícil texto da prova de português.
 - Custei dizer a verdade para minha mãe. (Essa construção é coloquial, considerada um desvio pela norma-padrão)
- B)** no sentido de acarretar, de exigir, de obter por meio de: empregamos com o pronome e sem a preposição.
- A festa de casamento custou-me todas as economias da poupança.
- C)** no sentido de ter valor de, de preço: usa-se sem preposição, é intransitivo.
- Imóveis, depois da mudança de governo, passaram a custar caro.

Esquecer / lembrar: sem pronome, não se usa a preposição. Com pronome, deve-se usar preposição.

- Esqueceram a data da prova.
- Esqueceram-se da data da prova.

Implicar

- A)** no sentido de causar, acarretar: usa-se sem preposição. Na coloquialidade, é comum o falante usar com a preposição “em”.
- As decisões novas do governo implicaram **em** transtornos para a classe trabalhadora. (Esse emprego, entretanto, não é validado pela norma culta.)
 - A nova decisão da escola implicará sérios conflitos com os pais dos alunos.
- B)** no sentido de envolver, comprometer: usa-se com dois complementos, um direto e um indireto com a preposição “em”.
- O pai implicou a esposa nas falcatruas da empresa da família.
- C)** no sentido de antipatizar, de encrencar: é regido pela preposição “com”.
- A filha mais nova implicou com a nova secretária do pai.

Informar

- A)** no sentido de comunicar, avisar, dar informação: com essa aceção, podemos ter duas construções
1. objeto direto de pessoa e indireto de coisa (regido pelas preposições “de” ou “sobre”).
- A coordenação pedagógica informou todos os alunos da / sobre alteração da data da prova.

2. objeto indireto de pessoa (regido pela preposição "a") e direto de coisa.

- A coordenação pedagógica informou a todos os alunos a alteração no calendário de provas.

Pagar / perdoar: são verbos transitivos diretos e indiretos. Porém, é bastante comum o uso com apenas um complemento. É importante estarmos atentos aos sentidos:

- A)** pagar, perdoar coisas, empregamos sem preposição.
- B)** pagar, perdoar pessoas, usamos a preposição "a". (Lembrando que também podemos pagar a instituições).
- O povo brasileiro paga a conta da corrupção promovida pelos políticos.
 - Os cristãos creem que a morte de Jesus Cristo perdoou aos pecadores.

Proceder

- A)** no sentido de ter fundamento, de fazer sentido: transitivo direto, por isso usa-se sem preposição.
- As reclamações sobre o conteúdo da prova não procedem (não têm fundamento).
- B)** no sentido de originar-se, procedência: exige a preposição "de".
- Os músicos de maior expressão no Brasil procedem do Nordeste.
- C)** no sentido de iniciar, executar: exige a preposição "a".
- O juiz procedeu ao esperado julgamento do crime que chocou a pacata cidade.

Querer

- A)** no sentido de desejar: transitivo direto, sem preposição.
- Quero um sapato novo.
- B)** no sentido ter afeto, de estimar (querer bem): transitivo indireto, emprega-se a preposição "a".
- Quero muito aos meus familiares, por mais que haja desavenças em alguns momentos.

Visar

- A)** no sentido de mirar e / ou de assinar, dar um visto: usa-se sem preposição, transitivo direto.
- O atirador de elite visou o peito do criminoso e atirou.
 - Visei o cheque para lhe emprestar.
- B)** no sentido de objetivar, de desejar: transitivo indireto, sendo regido pela preposição "a".
- Viso a uma viagem longa pela Europa e pela África.

Observação:



Essa tirinha apresenta uma inadequação, quanto à regência do verbo "precisar", muito comum na Língua Portuguesa falada. No segundo quadrinho, existe o enunciado "Sabe de algo que ele esteja precisando?" Nessa sentença não houve observância das normas gramaticais, pois não se apresentou a preposição "de" antes do pronome relativo "que", como em "Sabe de algo **de** que ele esteja precisando". Isso porque o verbo "precisar" é transitivo indireto, ou seja, exige uma preposição para se ligar a seu complemento. No enunciado, o complemento desse verbo é o relativo "que", que retoma o pronome indefinido "algo". Esse é um caso que exige bastante atenção na hora da escrita.

Observe alguns outros exemplos de sentenças de acordo com a gramática normativa, que comumente aparecem na fala coloquial de maneira distinta:

- O filme **a** que assisti foi vencedor do Oscar 2019.
 - O aluno **com** quem a professora discutiu foi suspenso.
 - A causa **por** que luta aquela ONG é nobre.
- ou
- A causa **pela** qual luta aquela ONG é nobre.

REGÊNCIA NOMINAL

Existem nomes (substantivos, adjetivos e advérbios) na língua que admitem complemento e, em alguns casos, o exigem. Um enunciado como "o candidato estava apto", fora de um contexto de diálogo, não pode ser compreendido em sua essência. O adjetivo "apto", nessa frase, necessita de um nome que o complemente, que lhe especifique o sentido. Por exemplo, "o candidato estava apto para o concurso". Agora o enunciado tem um sentido substancial.

Observe estes exemplos:

O aluno era **bom**  **com os colegas.**
em matemática.
de bola.

Perceba que a seleção de preposições diferentes muda o sentido básico da frase. Por exemplo, o adjetivo "bom" significa, nos exemplos dados, bondade, facilidade e habilidade, respectivamente.

É muito comum que certos substantivos e adjetivos manifestem-se acompanhados de diferentes preposições, devido às infinitas situações de fala possíveis e à necessidade de expressar-se com clareza. A utilização de uma ou de outra preposição deve, também, atender à eufonia da frase, bem como estar adequada à intenção comunicativa do falante.

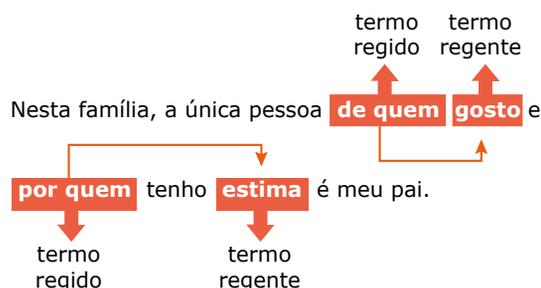
Conheça as principais regências de alguns nomes:

acessível a, para	acesso a, de, para	acostumado a, com	afável com, para com
afeiçoado a, por	afrito com, por	agradável a	alheio a, de
aliado a, com	alusão a, de	amante de	ambicioso de
amizade a, por, com	amor a, de, para, com, por	analogia com, entre	análogo a
ânsia de, por	ansioso de, por, para	antipatia a, contra, por	apaixonado de, por
apto a, para	atenção a, com, para com	atencioso com, para com	aversão a, para, por
avesso a	ávido de, por	benéfico a	capacidade de, para
capaz de, para	certo de	cioso de	compaixão de, para com,
compatível com	compreensível a	comum a, de	conforme a, com
constante em	constituído com, de, por	contemporâneo a, de	contente com, de, em, por
contíguo a	contrário a	cruel com, para, para com	cuidadoso com
curioso a, de, por	dedicado a	desatento a	descontente com
desejoso de	desfavorável a	desgostoso com, de	desprezo a, de, por
devoção a, para com, por	devoto a, de	diferente de	difícil de
digno de	dúvida acerca de, em, sobre	empenho de, em, por	entendido em
equivalente a	erudito em	escasso de	essencial para
estranho a	fácil a, de, para	falho de, em	falto de
fanático por	favorável a	feliz com, de, em, por	fértil de, em
fiel a	firme em	generoso com	grato a
hábil em	habitado a	horror a	horror a, de, por
hostil a, contra, para com	idêntico a	imbuído em, de	impossível de
impróprio para	imune a, de	incompatível com	inconsequente com
indeciso em	independente de, em	indiferente a	indigno de
inepto para	inerente a	inexorável a	insensível a
inútil a, para	isento de	junto a, de, por	leal a
lento em	liberal com	longe de	medo a, de
misericordioso com, para com	natural de	necessário a	negligente em
nocivo a	obediência a	ojeriza a, por	paixão de, por
paralelo a	parco em, de	passível de	peculiar a
perito em	perpendicular a	pertencente a	pertinaz em
perto de	possível de	possuído de, por	posterior a
preferível a	prejudicial a	prestes a, para	propenso a, para
propício a	proximamente a, de	próximo a, de	relacionado com
residente em	respeito a, com, de, para com, por	respeito a, com, para com	responsável por
rico de, em	satisfeito com, de, em, por	seguro de, em	semelhante a
sensível a	simpatia a	sito em	situado a, em, entre
suspeito a, de, por	último a, de, em	união a, com, entre	útil a, para
vazio de	versado em	vizinho a, de	zelo a, de, por

TERMO REGIDO POR DOIS NOMES E / OU VERBOS

Quando um mesmo termo é regido por dois nomes e / ou verbos que exigem preposições distintas, não se deve subordiná-lo simultaneamente aos dois.

Observe os exemplos a seguir:



Não seria adequado, segundo a norma-padrão, usar, por exemplo, “Nesta família, a única pessoa de quem gosto e tenho estima é meu pai” ou “Nesta família, a única pessoa por quem tenho estima e gosto é meu pai”, uma vez que o verbo **gostar** requer um complemento regido pela preposição **de**, e o nome **estima**, complemento regido pela preposição **por**.



Seriam inadequadas as construções “Realizei e gostei muito da tarefa” ou “Gostei muito e realizei a tarefa”, visto que o verbo **realizar** é transitivo direto e seu complemento, portanto, não é preposicionado; **gostar**, por sua vez, pede como complemento um objeto indireto regido pela preposição **de**.



Como o nome **amor** rege as preposições **a**, **de**, **por**, e **dúvida**, a locução prepositiva **acerca de**, além das preposições **de**, **em**, **sobre**, “Ele parece ter, ao mesmo tempo, amor e dúvidas sobre a mulher” ou “Ele parece ter, ao mesmo tempo, dúvidas e amor pela mulher” seriam construções inadequadas de acordo com a Gramática.



Regências

Quem nunca se perdeu com os inúmeros casos de regência verbal e nominal da Língua Portuguesa? Mas com essa videoaula você verá que a regência é mais simples que você pensa.



53LV

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM



01. (ACAFE-SC-2022) Assinale a frase correta quanto à regência verbal e nominal.



- A) Devido à essa questão, a inclusão do assunto relativamente a expansão da fábrica agora não é pertinente sobre o tema.
- B) A causa do atraso tem a ver tão somente com a aversão que ele sente por tarefas que lhe exigem um certo esforço intelectual.
- C) Recomendou-lhe, todavia, que não dissesse a seus pais o desamparo que o vira, para não lhes deixar ainda mais constrangidos.
- D) As universidades são organizações que você pode abandonar uma pesquisa sem ser ostensivamente cobrado disso.

02. (EEAR-2022) Assinale a alternativa que **não** está de acordo com a norma culta quanto à regência dos nomes em destaque.

- A) São poucas as funções a que esta jovem trabalhadora está **apta**.
- B) O pai recriminava os hábitos culturais que a filha tinha **admiração**.
- C) As críticas a que o chefe era **sensível** agora não o incomodam mais.
- D) Os profissionais a quem ele tem **desprezo** fizeram com que ele perdesse o emprego.

03. (PUC RS) Vamos admitir que o estudante se encontre diante da “página em branco”, de lápis e papel em punho, a esperar que as ideias lhe jorrem da mente com ímpeto proporcional à sua ansiedade. É um momento de transe _____ estão sujeitos todos os que ainda não adquiriram o desembaraço natural advindo da prática diuturna de escrever (transe e aflição traduzidos em mordiscar a ponta do lápis). O assunto sobre o qual se propõe a escrever é vago, não depende de pesquisa, mas apenas da experiência e das vivências. E agora?



Vejamos como resolver isso, mediante a sábia lição do Professor Júlio Nogueira: “O assunto é um desses temas abstratos, que nos parecem áridos, avaros de ideias: a amizade, por exemplo”.

Que dizer sobre a amizade? Como encher tantas linhas, formando períodos sobre períodos, se as ideias nos escapam, se a imaginação está inerte, se nada encontramos no cérebro que nos pareça digno de ser expresso de forma agradável e, sobretudo, correta? Antes de tudo, se nosso estado de espírito é de perplexidade, se nos domina essa preocupação pungente, esse desânimo de chegar a um resultado satisfatório, o que devemos fazer é não começar a tarefa imediatamente. Em vez de lançar a esmo algumas frases inexpressivas no papel, devemos refletir, devemos nos concentrar. Uma quarta parte do tempo _____ dispomos deve ser destinada a metodizar o assunto, a dividi-lo nos pontos que comporta.

GARCIA, Othon. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 340 (Adaptação).

GARCIA, Othon. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 340 (Adaptação).

As palavras que completam corretamente as lacunas do texto, na ordem em que se encontram, são

- A) em que / de que. D) no qual / do qual.
- B) a que / de que. E) a que / que.
- C) ao qual / o qual.

04. (PUC-Campinas-SP) A frase em que a regência verbal e a regência nominal estão incorretas é:



- A) Angustiado contra o sofrimento do filho, imaginou de recorrer a outro especialista.
- B) A hesitação em defendê-la contra as maledicências propiciou a ela um bom motivo para romper o noivado.
- C) Vendo-a ferida pelos espinhos, encharcou o lenço com água fresca e ofereceu-lhe.
- D) Ele foi bastante simples no falar, mas persuadiu os jovens a voltarem depois.
- E) Estavam habilitados para discutir o fato e, além disso, eram muito competentes naquela matéria.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS



01. (ESPM-SP) Assinale a única frase aceita pelas normas de regência verbal:



- A) Sem-terra preferem a Bolsa Família a Reforma Agrária.
- B) O jogador disse que preferia jogar no Morumbi do que jogar no Interior.
- C) O consumidor endividado prefere mais a bebida barata que o uísque importado.
- D) Deputado petista preferiu ficar no Congresso que assumir cargo administrativo.
- E) A presidente afirmou que “prefere o barulho da imprensa livre ao silêncio das ditaduras”.

02. (Unifor-CE)

Oceano

Assim

Que o dia amanheceu

Lá no mar alto da paixão,

Dava prá ver o tempo ruir

Cadê você?

Que solidão!

Esquecera de mim?

[...]

DJAVAN. *Djavan*. São Paulo: Sony, 1989. 1CD. [Fragmento]

Em “Esquecera de mim”, temos o uso inadequado da regência do verbo esquecer. Assinale o item correto em relação à regência do verbo esquecer:

- A) Ele esqueceu às informações dadas.
- B) Esqueci das informações dadas.
- C) Esqueci de as informações dadas.
- D) Todos esqueceram das informações dadas.
- E) Todos se esqueceram das informações dadas.

03. (FGV-SP) Sem que haja alteração de sentido do texto, assinale a alternativa correta quanto à regência verbal.
- Quando o Capitão Vitorino chegou na sua casa, Mestre José Amaro foi cumprimentar-lhe.
 - Mestre José Amaro lembrou-se que tinha desfeito a imagem de Vitorino como um bobo.
 - A forma solícita como Vitorino tratou a filha vinha de encontro à imagem dele como pobre bobo.
 - Vitorino não se simpatizava de Quinca Napoleão e lhe desaprovava o que fizera a D. Inês.
 - Vitorino não era amigo de Quinca Napoleão, pensava de que ele vivia de roubar o povo.

04. (PUCPR-2022)
JN84

E se eu morrer?

Roberto Da Matta

Tal como na psicanálise, na antropologia social ou cultural seus aprendizes são forçados a provar o seu próprio remédio (ou veneno). Em ambas as disciplinas, o aprendizado **implica um ambíguo** e arriscado trabalho que consiste no fato de o aprendiz viver com o investigado com o intuito de compreendê-lo: de sentir e pensar como ele.

Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,e-se-eu-morrer,70003820055>. Acesso em: 20 ago. 2021.

O verbo **implicar** tem diferentes regências de acordo com o sentido que expressa no contexto. No trecho destacado no texto,

- configura-se como verbo intransitivo e significa convergir.
- trata-se de verbo transitivo direto, com sentido de acarretar.
- projeta-se como verbo transitivo indireto e significa originar.
- apresenta-se como transitivo direto preposicionado, com sentido de turvar.
- emprega-se como substituto de definir, com dupla transitividade.

05. (IFPE)
3SN9



Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/discovirtual/galerias/imagem/0000000065/0000025206.jpg>. Acesso em: 22 set. 2015.

O verbo "assistir" no sentido de "presenciar" ou "ver" é transitivo indireto, ou seja, ele exige a preposição "a"

para que possa receber um complemento. Outros verbos da Língua Portuguesa também possuem mais de uma regência a depender do sentido que assumem no contexto. Sabendo disso, analise, nas frases a seguir, a adequação da regência verbal ao que concerne à norma culta da Língua Portuguesa.

- Aspiro a uma vaga na equipe titular.
- Depois de empossado, o governo assistirá na capital.
- Ele está namorando com a prima.
- Esqueci-me o que havíamos combinado.
- Sempre ansiamos a dias melhores.

Estão corretas apenas as frases

- II e III.
- I e II.
- I e III.
- III e V.
- II e V.

06. (CEFET-MG)
QBBC

Não está correta a substituição do termo sublinhado pela forma pronominal, considerando-se a regência verbal, em:

- As pessoas começaram a pedir o texto. (pedir-lhe).
- [...] deu o mesmo caderno para o professor de redação ler a crônica em voz alta para a turma. (lê-la).
- Os erros de ortografia e acentuação no nome do cronista denunciam a falsa autoria. (denunciam-na).
- Na hora em que olhei aquilo escrito no quadro-negro pensei: "meu Deus! eu odeio esta palavra!" - afirma. (olhei-o).

07. (UECE) Assinale a opção em que o verbo chegar apresenta regência censurada pela gramática normativa:

- Ele chegou na hora do almoço.
- Ao chegar a casa, o filho pródigo foi bem recebido.
- Era muito tarde quando cheguei ao colégio.
- O noivo chegou atrasado na igreja.

08. (FEI-SP) Assinalar a alternativa que apresenta incorreção na regência verbal:

- Custou-lhe entender a explicação.
- Toda mudança implica um novo comportamento.
- Os paraquedistas precisaram o lugar da queda.
- As autoridades não perdoaram aos grevistas a sua ousadia.
- Informei-lhe sobre os novos planos da empresa.

09. (PUCPR Medicina-2022)

Genética revela os segredos da 'Welwitschia', a planta que beira a imortalidade

Espécie considerada a mais longeva do mundo vegetal é capaz de sobreviver em condições climáticas extremas graças a seus genes duplicados [...].

À medida que a planta vai crescendo, os extremos das folhas se esfarrapam e se enroscam entre si, o que às vezes lhe dá um aspecto similar ao de um polvo [...].

Disponível em: <https://brasil.elpais.com/ciencia/2021-08-13/genetica-revela-os-segredos-da-welwitschia-a-planta-que-beira-a-imortalidade.html>. Acesso em: 20 ago. 2021.

O emprego de acento grave (indicativo de crase) pode ser originado, entre outras razões, da regência verbal ou nominal. Considerando essas informações, analise o trecho de texto anterior e assinale a alternativa correta.

- A) Em "que beira a imortalidade", não ocorre crase porque o verbo beirar é transitivo direto.
- B) O trecho "sobreviver em condições climáticas" pode ser substituído por sobreviver à condições climáticas.
- C) Em "à medida que", a ocorrência de crase se justifica pelo uso das formas verbais "via crescendo".
- D) A expressão "às vezes" recebe acento grave porque é objeto indireto do verbo dar.
- E) Em "graças a seus genes", não há ocorrência de preposição, por isso não se pode empregar acento grave.

10. (PUC Rio) As frases destacadas nos trechos a seguir podem causar alguma estranheza, especialmente considerando-se que integram textos escritos. Reescreva-as de modo a eliminar as inadequações relacionadas ao uso de tempos verbais em (A), e à regência verbal, em (B).

A) Trecho de uma nota sobre a festa de lançamento do filme *eu, tu, eles*, de A. Waddington, estrelado por Regina Casé:

[...] Quem ficou encantado com a atuação de Regina foi Pedro Almodóvar. **O cineasta já conhecia a atriz das festas de Caetano Veloso, mas nunca a viu atuar.** Ele comentou que Regina impressiona por ser uma mulher exuberante, de gestos largos e com a capacidade de compor um personagem tão comedido. Os dois tricotaram a noite inteira.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, Caderno B, 15 ago. 2000. [Fragmento]

B) Trecho da bula de um certo medicamento: Este medicamento possui rápida ação antitérmica e analgésica. **Informe o seu médico a persistência de febre e dor.**

SEÇÃO ENEM

01. Leia os trechos a seguir, retirados de *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus.

"[...] As oito e meia eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo."

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2000. p. 33. [Fragmento]

"[...] Chegaram novas pessoas para a favela. Estão esfarrapadas, andar curvado e os olhos fitos no solo como se pensasse na sua desdita por residir num lugar sem atração. Um lugar que não se pode plantar uma flor para aspirar o seu perfume, para ouvir o zumbido das abelhas ou o colibri acariciando-a com seu frágil biquinho. O unico perfume que exala na favela é a lama podre, os excrementos e a pinga."

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2000. p. 42. [Fragmento]

Como se percebe, a obra de Carolina Maria de Jesus foi escrita em linguagem coloquial e contém muitos desvios gramaticais. Assinale, entre os trechos a seguir, aquele que está de acordo com a norma culta.

- A) As oito e meia eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre.
- B) Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim.
- C) E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo.
- D) Chegaram novas pessoas para a favela. Estão esfarrapadas, andar curvado e os olhos fitos no solo...
- E) Um lugar que não se pode plantar uma flor para aspirar o seu perfume, para ouvir o zumbido das abelhas ou o colibri acariciando-a com seu frágil biquinho.

02. A regência verbal é um estudo que trata das relações entre o verbo e seus complementos, no que se refere à necessidade ou não desses complementos e, em caso afirmativo, ao tipo de complemento exigido.

A regência do verbo está adequada às regras da Gramática Normativa em:

- A) Muitas vezes, as atitudes dos déspotas implicam em sofrimento para a população.
- B) Jurei naquele momento que jamais perdoaria o meu irmão.
- C) Sempre preferimos mais a dor do que o amor.
- D) Por que sempre esqueço da data do seu aniversário?
- E) Os apóstolos, com cuja doutrina concordo, serviram de iluminação a minha vida.

SEÇÃO FUVEST / UNICAMP / UNESP



GABARITO

Meu aproveitamento

Aprendizagem

Acertei _____ Errei _____

01. B 02. B 03. B 04. A

Propostas

Acertei _____ Errei _____

01. E 04. B 07. D
 02. E 05. B 08. E
 03. C 06. A 09. A

10.
 A) O cineasta já conhecia a atriz das festas de Caetano Veloso, mas nunca a tinha visto atuar.
 B) Informe ao seu médico a persistência de febre e dor.

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

01. D 02. E



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %

Crase

A crase é a junção de duas letras "a", sendo elas a preposição "a" e o artigo feminino "a", respectivamente. Na escrita, esse fenômeno é sinalizado através de um acento grave (`).



A REGRA GERAL

A regra geral diz então que, para ocorrer crase, é necessário haver o encontro dessas duas letras, ou seja, é necessário que o termo anterior seja regido da preposição "a" e que o substantivo à frente seja de gênero feminino.



Nessa placa de sinalização a crase foi corretamente utilizada, já que o nome "acesso", nesse contexto, demanda a preposição "a" que é somada ao artigo feminino "a" do termo "a rodovia". A ausência da crase em "a 200 m" também foi um acerto, já que "metro" é um substantivo masculino, e, portanto, não permite a presença do artigo feminino "a" que compõe a crase.

Veja alguns outros exemplos:

- No último fim de semana, fui a as igrejas históricas de Ouro Preto.

Nesse enunciado, claramente vemos que o verbo "ir" exige a preposição "a" e que o substantivo "igrejas" é de gênero feminino. Devido a esse encontro, a frase fica assim:

- No último fim de semana, fui à igrejas históricas de Ouro Preto.

Observe este outro exemplo:

- No último fim de semana, fui a igrejas históricas de Ouro Preto.

Não correu a crase agora, e isso aconteceu porque, como dito na regra geral, não há nesse enunciado o artigo feminino "a", mas apenas a preposição "a" exigida pelo verbo "ir".

Nesse caso, existe entre os dois enunciados uma diferença de significado. No primeiro exemplo, foram igrejas específicas, conhecidas pelos interlocutores, as visitadas. No segundo exemplo, por sua vez, não se especificam as igrejas, são indeterminadas ou não é relevante dizer quais.

Mais uma vez, a observância da regra geral é importantíssima, pois é ela que conduz os casos majoritários de emprego da crase.

Crases são utilizadas apenas antes de substantivos; a única exceção são os demonstrativos "aquele", "aquela" e "aquilo", os quais, ao se encontrarem com a preposição "a", devem ser craseados.

Observe o exemplo:

- O candidato da base aliada ao governo referiu-se àquele projeto educacional do governo anterior.

Percebe-se que a expressão "àquele" está adequadamente craseada, pois o verbo "referir-se" exige a preposição "a" (referir-se a), a qual, ao se encontrar com o demonstrativo "aquele", faz surgir o fenômeno da crase.

Essa é a única exceção, portanto, de crase com palavra que não seja substantivo feminino. No mais, só há crase se o substantivo sequente ao termo regente for feminino.



Nessa embalagem da Sadia, apresenta-se, por exemplo, um equívoco quanto ao emprego da crase. O substantivo “passarinho” é masculino, e o artigo que o deve anteceder é o “o” (não o “a”); não há possibilidade, por isso, de haver crase. A ideia da expressão é de que o frango vem picado em pedaços bem pequenos, similares ao formato de passarinhos.

Essa situação é diferente, por exemplo, da que aparece no enunciado “O novo artilheiro do time faz dribles à Pelé”. Aqui a crase se justifica, pois, antes do substantivo “Pelé”, está implícita a palavra “moda”, como em “faz dribles à moda Pelé”. Portanto a crase ocorre porque existe a preposição “a” encontrando o artigo feminino “a” que antecede o substantivo “moda”. A expressão “à moda” é uma locução adverbial, e, como já visto, as locuções adverbiais são formadas de preposição e substantivo.

Disso conclui-se que as locuções femininas formadas da preposição “a” são craseadas. Isso não é uma regra especial, mas apenas um desmembramento da regra geral. Veja mais exemplos:

DESVENDANDO AS OCORRÊNCIAS DA CRISE



Crase nas locuções adverbiais femininas

Sempre ocorrerá crase nas locuções adverbiais femininas de tempo, lugar e modo.

- **Às vezes**, os alunos costumam fazer excursões a museus, geralmente **às quartas-feiras à tarde**.
- Fez uma viagem **às pressas** e retorna hoje, **às 9 horas**.

No segundo exemplo proposto anteriormente, observe a crase na indicação de horas. Ela está antes de um numeral, o 9, mas o núcleo da expressão é o substantivo feminino “horas”. Assim, nas indicações de horas, ocorrerá crase. Obviamente, deve-se atentar aos sentidos.

Observe:

Para indicar o horário ou o tempo de uma reunião

- De 2 a 3 horas.
- Das 14 às 15 horas.

Em a), a ausência do artigo definido “a” indetermina a hora, logo não se sabe se vai durar duas ou três horas. Em b), o artigo “a” define o início e o fim da reunião – 14 e 15 horas respectivamente –, que durará uma hora.

Atenção: as expressões adverbiais femininas que indicam ideia de instrumento têm uso opcional de crase.

- O paciente foi ferido a faca. / O paciente foi ferido à faca.

Crase nas locuções prepositivas

Sempre ocorrerá crase nas locuções prepositivas quando formadas com palavras femininas (**à** + palavra feminina + **de**).

- A escola está à direita da praça.
- Saíram à procura do filho desaparecido.

À esquerda de, à moda de, à mercê de

À direita de, à espera de, à custa de

À frente de, à procura de, à semelhança de

Nota: A expressão “às custas de” é comumente usada na oralidade, porém deve ser evitada no registro escrito. Por ser de valor adverbial, é invariável, logo não plural. O adequado é, sempre, então “à custa de”.

- Ele viveu à custa dos pais até os 30 anos.

Crase nas expressões proporcionais

Na Língua Portuguesa, existem duas apenas, a saber, “à medida que” e “à proporção que”.

- À medida que chovia, a cidade se tornava caótica.
- À proporção que as pessoas aceitarem as medidas preventivas, a crise diminuirá.

Casos facultativos

1. Antes de pronomes possessivos femininos.
 - Pediu ajuda a (à) sua melhor amiga.
2. Antes de nomes de mulher.
 - Mandamos um convite do nosso casamento à (a) Márcia.

Segundo a norma-padrão, sobretudo quando se faz referência a mulheres célebres, não se usa artigo e, portanto, não se acentua o “a”.

- Durante a aula, o professor se referiu diversas vezes a Joana D’arc.
3. Depois da preposição “até”.
 - Fui até a (à) Praça do Papa andando.

No terceiro exemplo, é importante observar que existe uma alteração de significado. A presença da preposição “até” somada à ausência de crase transmitem uma ideia de inclusão, ou seja, alguém passou por diferentes lugares, inclusive a Praça do Papa; a presença da crase, por sua vez, cria uma ideia de limite, isto é, a Praça do Papa foi o lugar limite aonde se foi, mas não foi necessariamente visitada.

Situações em que nunca ocorrerá crase

De acordo com a regra geral, não ocorre crase diante de palavras que não aceitam o artigo feminino “a” ou “as” como determinante. Assim, não se usa crase:

diante de palavras masculinas.

- Ele foi a pé para casa.

diante de verbos.

- Convenceu-me a voltar mais cedo para casa.

diante de artigos indefinidos.

- Solicitou a uma atendente que cancelasse seu cartão.

diante de pronomes pessoais.

- Pediu a ela que estivesse atenta a qualquer indício de confusão.

diante dos pronomes “essa(s)”, “esta(s)”, “quem” e “cuja(s)”.

- Estarei atenta a essa solicitação.

com “a” no singular + palavra no plural.

- Ele fez referência a pessoas que poderiam estar envolvidas no crime.

entre palavras repetidas.

- Foi de cidade a cidade, procurando por um hotel barato.

Casos especiais

Diante da palavra “casa”.

Se tal palavra for usada no sentido de lar, domicílio e não vier especificada por adjetivo ou locução adjetiva, não ocorre crase.

- Chegamos tarde a casa.

Se a palavra “casa” vier, no entanto, acompanhada de especificativo, ocorrerá a crase.

- Chegamos tarde à casa de *shows*.

Diante da palavra “terra”.

Se tal palavra for empregada em oposição a “água / mar”, essa palavra não admite artigo e, assim, não ocorrerá crase.

- Os jangadeiros voltaram a terra.

Se a palavra for empregada no sentido de “lugar de origem” ou “planeta”, admite artigo, portanto ocorrerá a crase.

- Ele voltou à terra de seus pais.
- Os astronautas voltaram à Terra depois de semanas no espaço.

Diante de topônimos (nomes de cidade, estado, país)

Haverá crase antes de topônimos quando, ao substituímos o verbo original da frase por **voltar** ou **vir**, aparecer a contração da preposição **de + a = da**. Esse recurso é necessário para se saber se o topônimo admite artigo ou não.

- Foi à Bahia. (Voltou da Bahia)
- Foi a Santa Catarina. (Voltou de Santa Catarina)

É preciso atentar, porém, para o fato de a expressão estar determinada. Nesse caso, deve ocorrer crase.

- Foi **à** Santa Catarina **das belas e requisitadas praias**.

CRASE E SIGNIFICAÇÃO



Observe as imagens a seguir:



Susanne Weistrom / Getty Images



Photography taken by Mario Gutiérrez / Getty Images / Divulgação

Ambas brincam com a possibilidade de alterar o sentido de enunciados com a colocação ou com a retirada de crase. A expressão “vendo a vista” ou a expressão “vendo à vista” assumem significados diferentes. A primeira, por exemplo, é ambígua, pois a forma “vendo”, conjugação possível para os verbos “ver” e “vender”, pode significar tanto “enxergar, visualizar, observar” quanto “vender”. “Vendo a vista” pode assumir a ideia de vender um imóvel, por exemplo, com vista privilegiada, uma espécie de metonímia (vendo a vista, ou seja, um apartamento com vista para o mar, para a montanha, por exemplo). A crase, por sua vez, retira essa ambiguidade, pois se limitará ao verbo “vender”, indicando a forma de pagamento (à vista).

Veja outros exemplos:

- Saiu a francesa. / Saiu à francesa.

Uma pessoa de nacionalidade francesa saiu; o modo como se saiu, discretamente.

- Chegou a noite. / Chegou à noite.

Anoiteceu; o horário quando chegou.

- Cheirou a gasolina. / Cheirou à gasolina.

Sorveu, sentiu o cheiro; estar com cheiro de.

USO DA CRASE EM ALGUMAS EXPRESSÕES



Expressões em que se usa crase	Expressões em que não se usa crase
às prestações à americana, à baiana, à portuguesa, etc. à exaustão à mão armada à mostra à míngua à baila à minha disposição à minha espera à parte à prova à venda à toa à vontade à esquerda (de), à direita (de) à beira-mar à beira-rio à mesa à luz à mesma hora à última hora à zero hora às vezes (de vez em quando) à vista	a prazo a prestações a bel prazer a esmo a sete chaves a meu ver a par a só a toda hora a bordo a jusante a meia altura a montante a tiracolo a boa distância (de) a longa distância a meia distância a pequena distância a pouca distância a eletricidade a querosene a lápis a lenha a pilha a vela
à altura (de), à base (de), à busca (de), à escolha (de), à caça (de), à espera (de), à procura (de), à mercê (de), à tona (de), à vista (de), à exceção (de), à cabeceira (de)	a partir de a respeito de perante a
dar à luz de uma ponta à outra uma à outra umas às outras mãos à obra marcha à ré Nem tanto ao mar, nem tanto à terra	de mal a pior fazer as vezes de todas as vezes reduzir a zero reduzir a pó de cabo a rabo em que pese a
àquela hora àquele dia àqueles dias àquele tempo àqueloutro àqueloutra	a esse(s) a essa(s) a este(s) a estas(s) a ela(s) a ele(s)

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM



- 01.** (FGV-SP) Escolha a alternativa que preencha corretamente as lacunas a seguir:
- CFWU**
-
- Nunca vi um acidente igual _____.
 - Sempre vou _____ loja para comprar roupas.
 - _____ hora, eu estava viajando para o Rio de Janeiro.
 - Na audiência, diga a verdade, mas limite-se _____ que lhe perguntarem.
 - Quero uma moto igual _____ que estava _____ venda na exposição.
- A) àquele, àquela, àquela, àquilo, à, à
 B) aquele, aquela, aquela, aquilo, a, a
 C) àquele, aquela, àquela, àquilo, a, à
 D) aquele, àquela, aquela, àquilo, à, a
 E) aquele, àquela, àquela, aquilo, a, à
- 02.** (EAR-2022) Quanto ao uso ou não do acento grave indicador de crase, assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas do texto a seguir.
- "Minha mãe, pessoa mais intransigente da casa, um dia acordou aberta _____ novas experiências. Deixou de lado seu ponto de vista contrário _____ aquisição de animais domésticos e achou que valeria _____ pena adotar um cão. Porém, quanto _____ passarinhos, jamais; queria-os livres para voarem rumo _____ liberdade".*
- A) a - a - à - a - a
 B) à - a - à - à - à
 C) à - à - a - à - a
 D) a - à - a - a - à
- 03.** (URGS-RS-2018)
- ECJC**
-
- Temos sorte de viver no Brasil – dizia meu pai, depois da guerra. – Na Europa mataram milhões de judeus.
- Contava as experiências que os médicos nazistas faziam com os prisioneiros. Decejavam-lhes as cabeças, faziam-nas encolher – à maneira, li depois, dos índios Jivaros. Amputavam pernas e braços. Realizavam estranhos transplantes: uniam a metade superior de um homem _____ metade inferior de uma mulher, ou aos quartos traseiros de um bode. Felizmente morriam essas atrocidades quimeras; expiravam como seres humanos, não eram obrigadas a viver como aberrações. (_____ essa altura eu tinha os olhos cheios de lágrimas. Meu pai pensava que a descrição das maldades nazistas me deixava comovido.)
- Em 1948 foi proclamado o Estado de Israel. Meu pai abriu uma garrafa de vinho – o melhor vinho do armazém –, brindamos ao acontecimento. E não saíamos de perto do rádio, acompanhando _____ notícias da guerra no Oriente Médio. Meu pai estava entusiasmado com o novo Estado: em Israel, explicava, vivem judeus de todo o mundo, judeus brancos da Europa, judeus pretos da África, judeus da Índia, isto sem falar nos beduínos com seus camelos: tipos muito esquisitos, Guedali.

A novidade que deixa o invento um pouco mais palpável está nos transistores. No papel do futuro, eles não serão de silício, mas de plástico – que é maleável e barato.

Os holandeses dizem já ter um protótipo que mostra imagens em movimento em uma tela de duas polegadas, ainda que de qualidade “meia-boca”.

Mas não vá celebrando o fim do desmatamento e do peso na mochila. A expectativa é que um papel eletrônico mais ou menos convincente apareça só daqui a cinco anos.

FOLHA DE S.PAULO, 17 dez. 2001. Folhateen, p. 10.

O acento indicativo de crase que aparece na expressão “à fibra” (segundo parágrafo) só deve ser empregado obrigatoriamente no “a” da opção

- A) Estamos a espera do papel eletrônico.
- B) O papel eletrônico só interessa a jovens.
- C) O texto refere-se a experiências científicas.
- D) Os estudantes estão dispostos a substituir o livro pelo papel eletrônico.
- E) Até a ciência inventar o papel eletrônico, o desmatamento vai continuar.

06. (EEAR–2019) Leia o texto a seguir e responda à(s) questão(ões).

Salve, lindo pendão¹ da esperança,

Salve, símbolo augusto² da paz!

Tua nobre presença à lembrança

A grandeza da pátria nos traz.

Trecho do Hino à Bandeira –
letra de Olavo Bilac, música de Francisco Braga.

¹ Pendão: bandeira, flâmula

² Augusto: nobre

No fragmento do texto “Tua nobre presença à lembrança / A grandeza da pátria nos traz”, ocorre crase

- A) por haver um verbo, embora posposto, que reclama a preposição “a”.
- B) por conta da presença da preposição “traz”, que reclama a ocorrência de crase.
- C) para evitar a ambiguidade gerada pela inversão dos versos, tratando-se de uso de acento diferencial.
- D) para que o leitor reconheça o sujeito “à lembrança”, por meio do acento grave em seu adjunto adnominal “a”.

07. (UFRGS-RS) Não faz muito que temos esta nova TV com controle remoto, mas devo dizer que se trata agora de um instrumento sem o qual eu não saberia viver. Passo os dias sentado na velha poltrona, mudando de um canal para o outro – uma tarefa que antes exigia certa movimentação, mas que agora ficou muito fácil. Estou num canal, não gosto – zap, mudo para outro. Eu gostaria de ganhar em dólar num mês o número de vezes que você troca de canal em uma hora, diz minha mãe. Trata-se de uma pretensão fantasiosa, mas pelo menos indica disposição para o humor, admirável nessa mulher.

Sofre minha mãe. Sempre sofreu: infância carente, pai cruel, etc. Mas o seu sofrimento aumentou muito quando meu pai a deixou. Já faz tempo; foi logo depois que eu nasci, e estou agora com treze anos. Uma idade em que se vê muita televisão, e em que se muda de canal constantemente, ainda que minha mãe ache isso

um absurdo. Da tela, uma moça sorridente pergunta se o caro telespectador já conhece certo novo sabão em pó. Não conheço nem quero conhecer, de modo que – zap – mudo de canal. — Não me abandone, Mariana, não me abandone! Abandono, sim. Não tenho o menor remorso, e agora é um desenho, que eu já vi duzentas vezes, e – zap – um homem falando. Um homem, abraçado _____ guitarra elétrica, fala _____ uma entrevistadora. É um roqueiro. É meio velho, tem cabelos grisalhos, rugas, falta-lhe um dente. É o meu pai.

É sobre mim que ele fala. Você tem um filho, não tem?, pergunta a apresentadora, e ele, meio constrangido – situação pouco admissível para um roqueiro de verdade –, diz que sim, que tem um filho só que não vê há muito tempo. Hesita um pouco e acrescenta: você sabe, eu tinha que fazer uma opção, era a família ou o rock. A entrevistadora, porém, insiste (é chata, ela): mas o seu filho gosta de rock? Que você saiba, seu filho gosta de rock?

Ele se mexe na cadeira; o microfone, preso _____ desbotada camisa, roça-lhe o peito, produzindo um desagradável e bem audível rascar. Sua angústia é compreensível; aí está, num programa local e de baixíssima audiência – e ainda tem de passar pelo vexame de uma pergunta que o embarça e à qual não sabe responder. E então ele me olha. Vocês dirão que não, que é para a câmera que ele olha; aparentemente é isso; mas na realidade é a mim que ele olha, sabe que, em algum lugar, diante de uma tevê, estou a fitar seu rosto atormentado, as lágrimas me correndo pelo rosto; e no meu olhar ele procura a resposta _____ pergunta da apresentadora: você gosta de rock? Você gosta de mim? Você me perdoa? – mas aí comete um engano mortal: insensivelmente, automaticamente, seus dedos começam a dedilhar as cordas da guitarra, é o vício do velho roqueiro. Seu rosto se ilumina e ele vai dizer que sim, que seu filho ama o rock tanto quanto ele, mas nesse momento – zap – aciono o controle remoto e ele some. Em seu lugar, uma bela e sorridente jovem que está – à exceção do pequeno relógio que usa no pulso – nua, completamente nua.

SCLIAR, M. Zap. In: MORICONI, Í. (org.).
Os cem melhores contos brasileiros.

Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 547-548 (Adaptação).

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas inseridas no texto, respectivamente.

- A) à – a – à – a
- B) à – à – a – a
- C) a – à – a – à
- D) a – a – à – a
- E) à – a – à – à

08. (UFRGS-RS) Viagens, cofres mágicos com promessas sonhadoras, não mais revelareis vossos tesouros intactos! Hoje, quando ilhas polinésias afogadas em concreto se transformam em porta-aviões ancorados nos mares do Sul, quando as favelas corroem a África, quando a aviação avilta a floresta americana antes mesmo de poder destruir-lhe a virgindade, de que modo poderia a pretensa evasão da viagem conseguir outra coisa que não confrontar-nos¹ com² as formas mais miseráveis de nossa existência histórica?

Ainda assim, compreendo a paixão, a loucura, o equívoco das narrativas de viagem. Elas criam³ a ilusão daquilo _____ não existe mais, mas _____ ainda deveria existir.

Não faz sentido imaginar que brasileiros, angolanos e moçambicanos decidiram se juntar para “errar” na mesma coisa. E assim acontece com muitas outras coisas: regências verbais, colocação pronominal, concordâncias nominais e verbais, etc. Temos uma língua própria, mas ainda somos obrigados a seguir uma gramática normativa de outra língua diferente. Às vésperas de comemorarmos nosso bicentenário de independência, não faz sentido continuar rejeitando o que é nosso para só aceitar o que vem de fora.

Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses. Só na cidade de São Paulo temos mais falantes de português que em toda a Europa!

Informativo Parábola Editorial, [s. d.].

Na entrevista, o autor defende o uso de formas linguísticas coloquiais e faz uso da norma-padrão em toda a extensão do texto. Isso pode ser explicado pelo fato de que ele

- A) adapta o nível de linguagem à situação comunicativa, uma vez que o gênero entrevista requer o uso da norma-padrão.
- B) apresenta argumentos carentes de comprovação científica e, por isso, defende um ponto de vista difícil de ser verificado na materialidade do texto.
- C) propõe que o padrão normativo deve ser usado por falantes escolarizados como ele, enquanto a norma coloquial deve ser usada por falantes não escolarizados.
- D) acredita que a língua genuinamente brasileira está em construção, o que o obriga a incorporar em seu cotidiano a gramática normativa do português europeu.
- E) defende que a quantidade de falantes do português brasileiro ainda é insuficiente para acabar com a hegemonia do antigo colonizador.

- 03.** (Enem) Só há uma saída para a escola se ela quiser ser mais bem-sucedida: aceitar a mudança da língua como um fato. Isso deve significar que a escola deve aceitar qualquer forma da língua em suas atividades escritas? Não deve mais corrigir? Não!

Há outra dimensão a ser considerada: de fato, no mundo real da escrita, não existe apenas um português correto, que valeria para todas as ocasiões: o estilo dos contratos não é o mesmo do dos manuais de instrução; o dos juízes do Supremo não é o mesmo do dos cordelistas; o dos editoriais dos jornais não é o mesmo do dos cadernos de cultura dos mesmos jornais. Ou do de seus colunistas.

POSSENTI, S. Gramática na cabeça. *Língua Portuguesa*, ano 5, n. 67, maio 2011 (Adaptação).

Sírio Possenti defende a tese de que não existe um único “português correto”. Assim sendo, o domínio da Língua Portuguesa implica, entre outras coisas, saber

- A) descartar as marcas de informalidade do texto.
- B) reservar o emprego da norma-padrão aos textos de circulação ampla.
- C) moldar a norma-padrão do português pela linguagem do discurso jornalístico.
- D) adequar as formas da língua a diferentes tipos de texto e contexto.
- E) desprezar as formas da língua previstas pelas gramáticas e manuais divulgados pela escola.

SEÇÃO FUVEST / UNICAMP / UNESP



- 02.** (Enem)

Antigamente

Acontecia o indivíduo apanhar constipação; ficando perrengue, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à botica para aviar a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a phtísica, feia era o gálico. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos, lombrigas [...]

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar, p. 1 184.

O texto anterior está escrito em linguagem de uma época passada. Observe uma outra versão, em linguagem atual.

Antigamente

Acontecia o indivíduo apanhar um resfriado; ficando mal, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à farmácia para aviar a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a tuberculose, feia era a sífilis. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos, vermes [...]

Comparando-se esses dois textos, verifica-se que, na segunda versão, houve mudanças relativas a

- A) vocabulário.
- B) construções sintáticas.
- C) pontuação.
- D) fonética.
- E) regência verbal.

GABARITO

Meu aproveitamento

Aprendizagem

Acertei _____ Errei _____

- 01. A
- 02. D
- 03. E
- 04. A
- 05. C

Propostos

Acertei _____ Errei _____

- 01. D
- 02. E
- 03. C
- 04. B
- 05. A
- 06. A
- 07. E
- 08. B
- 09. B
- 10. B
- 11. C

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

- 01. A
- 02. A
- 03. D

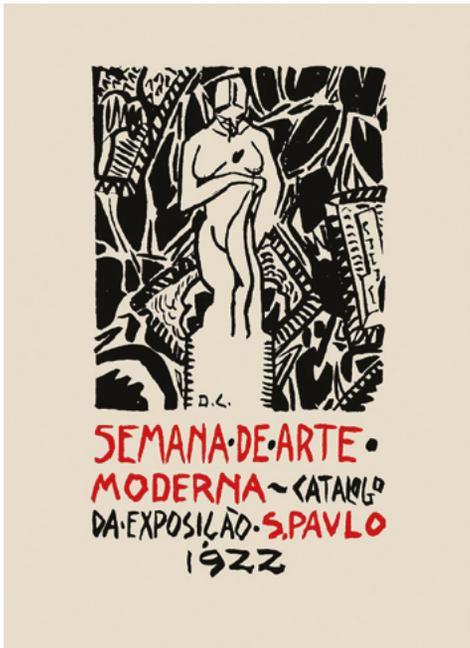


Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %

Modernismo: 1ª Fase

PRIMEIRA FASE (1922-1930)

O Modernismo brasileiro teve como marco histórico a Semana de Arte Moderna, que aconteceu em 1922. Esse evento reuniu artistas de diversas áreas, como a literatura, a pintura e a música, em nome de um projeto estético que colocasse o país em diálogo direto com as vanguardas europeias, rompendo, assim, com o academicismo e com a arte retórica e de “bom tom” da *Belle Époque*.



DI CAVALCANTI, Emiliano. *Capa do catálogo da exposição da Semana de Arte Moderna*. 1922. Acervo do Instituto de Estudos Brasileiros – USP – Arquivo Anita Malfatti.

Se hoje é de comum acordo a significativa repercussão da Semana de Arte Moderna no cenário das artes e do pensamento brasileiro, é, entretanto, válido lembrar que, quando aconteceu, a despeito de sua inquestionável importância, o evento encontrou, em certa medida, resistência de alguns e indiferença de outros.

Além disso, é importante ressaltar que, se o movimento modernista desse período visava à arte e ao pensamento genuinamente populares e nacionais, foi, curiosamente, composto, em parte significativa, por integrantes da elite cultural e econômica da burguesia paulista.

Contudo, os integrantes da fase modernista em questão tinham interesse, sobretudo, em se apropriar de maneira legitimamente brasileira da própria cultura e da cultura europeia.

Apropriando-se dos manifestos e das criações artísticas feitos pelos futuristas, expressionistas, dadaístas, cubistas e surrealistas, os intelectuais brasileiros passaram a elaborar uma arte baseada na inovação, na velocidade, na simultaneidade do mundo urbano. As artes deveriam captar o dinamismo e a fragmentação dos tempos modernos para se construírem como algo tão ousado como as próprias máquinas que surgiam.



FILLIA. *Bicicleta*. 1924.

Fusão de paisagem, artista ligado à segunda geração do Futurismo italiano.

As vanguardas europeias tiveram, portanto, grande repercussão em território brasileiro. Os artistas visuais da Primeira Fase do Modernismo incorporaram as inovações técnicas recém-surgidas no Velho Mundo e as adaptaram para melhor retratar a realidade nacional. Nas obras de Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti, Lasar Segall, Ismael Nery, Cícero Dias, só para citar alguns nomes, encontram-se facilmente os traços estilísticos das novas escolas, tais como a postura antiacademicista, a ruptura com a tradição e a concepção de arte não mimética (que não é cópia da realidade):

Belo da arte: arbitrário convencional, transitório – questão de moda. Belo da natureza: imutável, objetivo, natural – tem a eternidade que a natureza tiver. Arte não consegue reproduzir natureza, nem este é seu fim. Todos os grandes artistas, ora conscientes (Rafael das Madonas, Rodin de Balzac, Beethoven da Pastoral, Machado de Assis do Brás Cubas) ora inconscientes (a grande maioria) foram deformadores da natureza. Donde infiro que o belo artístico será tanto mais artístico, tanto mais subjetivo quanto mais se afastar do belo natural. Outros infiram o que quiserem. Pouco me importa.

ANDRADE, Mário de. Prefácio interessantíssimo. In: *Pauliceia desvairada*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

A pintora Anita Malfatti, cuja obra apresenta claras influências expressionistas e cubistas, foi uma das pioneiras do Modernismo no Brasil. Em 1917, antes mesmo da Semana de Arte Moderna, Anita realizou uma exposição que chocou crítica e público, os quais, conservadores, receberam a obra da artista como uma deturpação doentia da realidade. Monteiro Lobato, em artigo intitulado "Paranoia ou mistificação?", chega a comparar as pinturas de Anita aos desenhos dos loucos dos manicômios.



MALFATTI, Anita. *O homem amarelo*. 1915-1916. Óleo sobre tela, 61 x 51 cm. Acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Brasil.

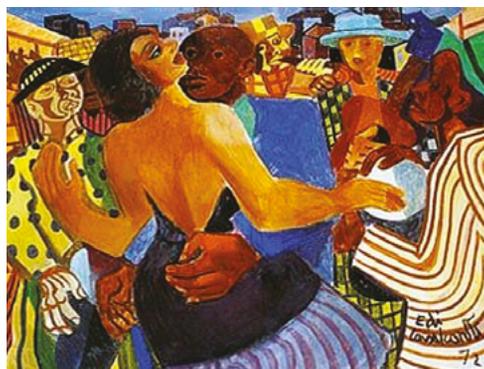


MALFATTI, Anita. *A estudante*. 1916. Tinta a óleo, 76,5 x 61 cm. Museu de Arte de São Paulo.

No plano do conteúdo, seguindo uma tendência já apontada na literatura, as artes visuais também procuraram retratar as cenas cotidianas e a cultura popular. Nesse sentido, ganha relevo a obra de Di Cavalcanti, o idealizador da Semana de Arte Moderna. O crítico Antônio Bento assim descreve a sua obra:

Apesar de suas ligações com a Escola de Paris e o Cubismo, é um pintor profundamente carioca e brasileiro. A sua obra reflete como nenhuma outra, pela extensão no tempo, a vida do nosso povo. O carnaval, o ritmo e a ginga dos sambistas, as baianas, as mulatas capitosas, as mulheres da vida, os passistas, os malandros, os seresteiros, os bailes de gafeira, os trabalhadores, a paisagem, enfim, a própria vida do País está presente em sua pintura, que é sempre vigorosa. A sensualidade brasileira está nas linhas, formas e cores expressionistas de suas telas.

BENTO, Antônio.



DI CAVALCANTI, Emiliano. *Baile Popular*. 1972. Óleo sobre tela, 89 x 116 cm.



DI CAVALCANTI, Emiliano. *Mural no Teatro João Caetano*. 1931. Óleo, 4,5 x 5,5 m. Praça Tiradentes, Rio de Janeiro.

Outra artista de grande importância do Modernismo é Tarsila do Amaral. Além da tela *Abaporu*, tomada como o grande ícone do movimento antropofágico, Tarsila pintou diversas outras telas em que retratou, sempre em cores fortes, as paisagens nacionais do meio rural e do meio urbano, a flora, a fauna e o folclore brasileiros, descobertos durante uma viagem feita em 1924 pelo grupo modernista às cidades históricas de Minas Gerais: "Encontrei em Minas as cores que adorava em criança. Ensinaaram-me depois que eram feias e caipiras. Mas depois vinguei-me da opressão, passando-as para as minhas telas: o azul puríssimo, rosa violáceo, amarelo vivo, verde cantante".



AMARAL, Tarsila do. *Lagoa Santa*. 1925. Óleo sobre tela, 50 x 65 cm. Coleção particular.



AMARAL, Tarsila do. *A gare*. 1925. Óleo sobre tela, 84,50 x 65 cm. Coleção particular.



AMARAL, Tarsila do. *O mamoeiro*. 1925. Óleo sobre tela, 65 x 70 cm. Coleção de Artes Visuais do Instituto de Estudos Brasileiros – USP.

Em todas as pinturas de Tarsila aqui reproduzidas, é notável a ruptura com as convenções realistas de representação. Privilegia-se a figuração subjetiva e alegre, fato que se representa nas cores e nas formas. É também visível o teor bem-humorado das representações, que recorrem ao olhar da infância para produzir, autenticamente, novas imagens do Brasil.

Tendo como pressuposto a lógica moderna da ruptura com um passado retrógrado e convencional, os modernistas brasileiros assimilaram o discurso dessacralizador e agressivo das vanguardas para instaurar o Movimento Modernista de 1922. Sem um projeto completamente definido e uma união entre os vários integrantes, os modernistas apenas tinham consciência da necessidade da mudança, ainda que não se soubesse, necessariamente, para que direção caminharía tal mudança. Como salienta Aníbal Machado: “Não sabemos definir o que queremos, mas sabemos discernir o que não queremos”. E o que não se queria era o apego à tradição, aos parnasianos, ao discurso academicista prolixo e verborrágico que governava o gosto burguês no Brasil.

O poeta Manuel Bandeira, em poemas como “Poética” e “Os sapos”, evidencia a crítica à poesia parnasiana, cujas convenções das formas poéticas acabavam por reduzir a criação literária a um conjunto de artifícios. Assim, a poesia de Bandeira se faz em versos livres e sem rimas, em detrimento da métrica e da rima, por exemplo.

Os sapos

Enfunando os papos,
Saem da penumbra,
Aos pulos, os sapos.
A luz os deslumbra.

Em ronco que aterra,
Berra o sapo-boi:
– “Meu pai foi à guerra!”
– “Não foi!” – “Foi!” – “Não foi!”.

O sapo-tanoeiro,
Parnasiano aguado,
Diz: – “Meu cancionero
É bem martelado.

Vede como primo
Em comer os hiatos!
Que arte! E nunca rimo
Os termos cognatos!

[...]

BANDEIRA, Manuel. Os sapos. In: *Carnaval*. 1919.
[Fragmento]

Entretanto, se os poetas modernistas se mostraram contrários à concepção poética parnasiana, não se pode definir o Modernismo brasileiro como ruptura pura e simples com outras tradições literárias. Há, sem dúvida, a busca da inovação e da territorialização da poesia como criação nacional.

A reação contra os parnasianos se deve, entretanto, à necessidade de afirmação de um novo momento na produção literária brasileira. Esse novo momento, contudo, não dispensa de todo o diálogo com as tradições literárias nacionais e estrangeiras. Um exemplo dessa perspectiva é a obra de Mário de Andrade, que busca simultaneamente dialogar com as tradições antigas da literatura europeia e lançar novas perspectivas para a literatura nacional.

No livro *Pauliceia Desvairada*, escrito entre 1920 e 1921 e publicado em 1922, época em que os pressupostos da primeira geração modernista começam a ganhar forma, é possível detectar o teor “passadista” da poética de Mário, ao lado da irreverência não apenas em relação ao passado, mas também ao presente. No famoso “Prefácio interessantíssimo”, presente em *Pauliceia desvairada*, podemos ler:

E desculpe-me por estar tão atrasado dos movimentos artísticos atuais. Sou passadista, confesso. Ninguém pode se libertar duma só vez das teorias-avós que bebeu; e o autor deste livro seria hipócrita si pretendesse representar orientação moderna que ainda não compreende bem.

ANDRADE, Mário de. *Poesias Completas*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987. p. 60. [Fragmento]

Mário, consciente da natureza intertextual da instituição literária, sobretudo a moderna, apresenta-se como um poeta a quem a tradição literária não é necessariamente algo a ser eliminado ou completamente transfigurado, mas sim citado, retrabalhado, ressignificado sob perspectiva em parte irônica, em parte nostálgica. A respeito, leia-se o seguinte poema:

O trovador

Sentimentos em mim do asperamente
dos homens das primeiras eras...
As primaveras de sarcasmo
intermitentemente no meu coração arlequinal...
Intermitentemente...
Outras vezes é um doente, um frio
na minha alma doente como um longo som redondo
Cantabona! Cantabona!
Dlorom...

Sou um tupi tangendo um alaúde!

ANDRADE, Mário de. *Poesias Completas*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987. p. 60.

O trovador, como se sabe, é a mais antiga figura do poeta na Língua Galego-Portuguesa, da qual se origina a Língua Portuguesa. O poeta, referindo-se ao seu sentimento áspero “dos homens das primeiras eras”, anuncia, logo após, a primavera, ou começo do sarcasmo. Por um lado, há, portanto, intermitência entre o sentimento arcaizante de ser como um trovador e, por outro, ironia em relação a esse mesmo sentimento. Assim, se as onomatopeias “Cantabona” e “Dlorom” simulam o som do alaúde de um trovador que ressoa na “alma doente” do poeta, o mesmo poeta ironiza esses sentimentos. Reconhecendo-se como um tupi tocando um instrumento medieval europeu, o poeta, por fim, exhibe a tensão constitutiva de sua poética: a condição nacional figurada no índio, somada à presença do antigo instrumento musical estrangeiro.

A complexidade da poesia de Mário de Andrade se deve, justamente, a essa postura de ter a atenção simultaneamente voltada para o passado e para o presente. Porém, assim como Bandeira e Oswald de Andrade, para quem “só não se inventou uma máquina de fazer versos” porque “já havia o poeta parnasiano”, para Mário, o padrão formal da poesia parnasiana não serve aos pressupostos modernistas:

Que Arte não seja porém limpar versos de exageros coloridos. Exagero: símbolo sempre novo da vida como do sonho. Por ele vida e sonho se irmanam. E, consciente, não é defeito, mas meio legítimo de expressão.

ANDRADE, Mário de. *Poesias Completas*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987. p. 63. [Fragmento]

Vale ressaltar que, se a opção pelo exagero e pela liberdade formal dos versos tende a legitimar a modernidade de sua poesia, em nada invalida seu gosto passadista, afinal, segundo o autor, “Virgílio, Homero, não usaram rima. Virgílio, Homero, têm assonâncias admiráveis.”. Ou seja, entre os mais antigos poetas gregos ou latinos já havia liberdade da forma na criação literária, diferentemente, por exemplo, dos parnasianos, que fizeram da forma do poema um artifício criativo.

Sobre o exagero como meio de expressão na poética modernista, leia, a seguir, o poema “Ode ao burguês”, de Mário de Andrade:

Ode ao burguês

Eu insulto o burguês!
O burguês-níquel,
o burguês-burguês!
A digestão bem-feita de São Paulo!
O homem-curva! o homem-nádegas!
O homem que sendo francês, brasileiro, italiano,
é sempre um cauteloso pouco-a-pouco!

Eu insulto as aristocracias cautelosas!
Os barões lampiões! os condes Joões! os duques zurros!
que vivem dentro de muros sem pulos;
e gemem sangues de alguns mil-réis fracos
para dizerem que as filhas da senhora falam o francês
e tocam os "Printemps" com as unhas!

Eu insulto o burguês-funesto!
O indigesto feijão com toucinho, dono das tradições!
Fora os que algarismam os amanhãs!
Olha a vida dos nossos setembros!
Fará Sol? Choverá? Arlequinal!
Mas à chuva dos rosais
o êxtase fará sempre Sol!

Morte à gordura!
Morte às adiposidades cerebrais!
Morte ao burguês-mensal!
ao burguês-cinema! ao burguês-tílburi!
Padaria Suissa! Morte viva ao Adriano!
"Ai, filha, que te darei pelos teus anos?
Um colar... Conto e quinhentos!!!
Mas nós morremos de fome!"

Come! Come-te a ti mesmo, oh gelatina pasma!
Oh! *purée* de batatas morais!
Oh! cabelos nas ventas! oh! carecas!
Ódio aos temperamentos regulares!
Ódio aos relógios musculares! Morte e infâmia!
Ódio à soma! Ódio aos secos e molhados!
Ódio aos sem desfalecimentos nem arrependimentos,
[sempiternamente as mesmices convencionais!
De mãos nas costas! Marco eu o compasso! Eia!
Dois a dois! Primeira posição! Marcha!
Todos para a Central do meu rancor inebriante

Ódio e insulto! Ódio e raiva! Ódio e mais ódio!
Morte ao burguês de gíolos,
cheirando religião e que não crê em Deus!
Ódio vermelho! Ódio fecundo! Ódio cíclico!
Ódio fundamento, sem perdão!

Fora! Fu! Fora o bom burguês!...

ANDRADE, Mário de. *Poesias Completas*.
Belo Horizonte: Itatiaia, 1987. p. 88.

Nesse poema, além do recurso ao verso livre e à ausência de rimas, pode-se perceber a postura politizada do poeta, contrário aos costumes frívolos da burguesia paulista. A ironia em relação a essa figura se mostra, por exemplo, pelo exagero caricatural de sua representação inusitada: "Come! Come-te a ti mesmo, oh gelatina pasma!", "Oh! *purée* de batatas morais!". Sobre a ironia, ainda, o próprio título é de extrema relevância: a Ode é um gênero poético próprio ao elogio. Entretanto, o que se lê no poema é o avesso disso. Se atentarmos à sonoridade do título, considerando o sentido do poema, ouviremos, já de início, que a "**Ode ao burguês**" expressará, na verdade, não um elogio, mas o "**Ódio ao burguês**".

Apesar de, entre os autores da primeira geração do Modernismo, prevalecer a liberdade formal, Mário de Andrade não fará dela, no decorrer de sua obra, uma ditadura do verso livre: "Não desdenho baloiços dançarinos de redondilhas e decassílabos. Acontece a comoção caber neles. Entram pois às vezes no cabaré rítmico dos meus versos". A metrificação, para o poeta, será, passada a primeira geração modernista, um recurso pertinente de expressão literária, desde que não se reduza a artifícios da forma em função da forma.

Leia o seguinte soneto de Mário, construído em versos decassílabos, publicado em 1937, no livro *A costela do Grão Cão*:

Aceitarás o amor como eu o encaro?...
...Azul bem leve, um nimbo, suavemente
Guarda-te a imagem, como um anteparo
Contra estes móveis de banal presente.

Tudo o que há de melhor e de mais raro
Vive em teu corpo nu de adolescente,
A perna assim jogada e o braço, o claro
Olhar preso no meu, perdidamente.

Não exijas mais nada. Não desejo
Também mais nada, só te olhar, enquanto
A realidade é simples, e isto apenas.

Que grandeza... A evasão total do pejo
Que nasce das imperfeições. O encanto
Que nasce das adorações serenas.

ANDRADE, Mário de. Soneto. In: *A costela do Grão Cão*.
Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=43962>.
Acesso em: 13 fev. 2019.

Nesse soneto, não apenas a forma poética é distinta dos pressupostos da primeira fase do Modernismo brasileiro, mas também a escolha e o tratamento do tema. O amor, que em Oswald reduz-se ao humor, em Mário será recuperado como sentimento raro. Entretanto, se não se representa o sentimento amoroso de maneira satírica, também não há idealização amorosa, já que “a evasão total do pejo”, ou seja, o desaparecimento da vergonha, nasce das imperfeições, e não das perfeições.

Outra característica relevante ao Modernismo, identificada na poesia de Mário de Andrade, é a presença do cotidiano em seus diversos aspectos. Por exemplo, sobre a língua falada no Brasil, o autor afirma: “A língua brasileira é das mais ricas e sonoras. E possui o admirabilíssimo ‘ão’”. Nesse sentido, para aproximar sua poética da fala cotidiana, o autor assume, por exemplo, a forma “si” para o pronome “se”, retratando de maneira fiel o falar brasileiro.

A representação do cotidiano com uma linguagem simples e coloquial dentro do Modernismo brasileiro não era apenas um projeto estético, mas também ideológico. Ela constituía uma preocupação da época em produzir uma arte que fosse a manifestação da identidade nacional.

Romper com o português de Portugal era assumir as independências linguística e cultural. A ruptura com a tradição no Modernismo se traduziu, portanto, como uma negação em relação à arte e à linguagem eurocêntricas. Desse modo, compreende-se o duplo movimento constituído na arte nacional a partir da Semana de Arte Moderna: a busca pela liberdade de expressão no plano estético e a construção da “verdadeira” identidade nacional pela arte. Esses dois ideais fizeram com que vários autores e grupos estivessem inicialmente unidos, ainda que cada um possuísse suas particularidades. Com isso, logo após a Semana de 1922, já era possível discernir várias vertentes do Modernismo: o Pau-Brasil, que posteriormente se desdobrou na Antropofagia; o Verde-amarelo; a Anta; o grupo da revista *Verde*, de Cataguases; o Leite Crioulo e inúmeros outros movimentos. Esses grupos modificavam-se na intensidade com que tratavam basicamente dois assuntos: a relação com a tradição e a construção da identidade nacional.

Dentre eles, destacam-se o Pau-Brasil e a Antropofagia, em sua postura extremamente crítica e sarcástica, em contraposição aos Verde-amarelos, mais conservadores e de um nacionalismo mais idealizado, como o dos românticos.

O Movimento Pau-Brasil, elaborado por Oswald de Andrade em 1924, foi apresentado tanto por meio de um manifesto como de uma obra poética. No texto teórico, é possível reconhecer as diretrizes do movimento:

Manifesto da poesia Pau-Brasil

A poesia existe nos fatos. [...]

O carnaval no Rio é o acontecimento religioso da raça. Pau-Brasil. [...]

A poesia para os poetas. Alegria dos que não sabem e descobrem. [...]

A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos. [...]

Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano. [...]

O trabalho contra o detalhe naturalista – pela síntese; contra a morbidez romântica – pelo equilíbrio geométrico e pelo acabamento técnico; contra a cópia, pela invenção e pela surpresa. [...]

Apenas brasileiros de nossa época.

MANIFESTO DA POESIA PAU-BRASIL (trecho) –
In: *Manifesto Antropófago e outros textos*, de Oswald de Andrade, Penguin & Companhia das Letras, São Paulo © Oswald de Andrade. [Fragmento]

Os poemas que formam o livro *Pau-Brasil* exemplificam a teorização de Oswald, como se observa a seguir:

Vício na fala

Para dizerem milho dizem mio

Para melhor dizem mió

Para pior pió

Para telha dizem teia

Para telhado dizem teiado

E vão fazendo telhados.

Vício na fala. In: *Poesias Reunidas*, de Oswald de Andrade, Companhia das Letras, São Paulo © Oswald de Andrade.



Imagens: Tarsila do Amaral

Capa e ilustração de Tarsila do Amaral para a primeira edição de *Pau-Brasil*.

Pau-Brasil, de Oswald de Andrade, classificado pelo crítico Haroldo de Campos como uma “poética da radicalidade”, foi uma obra de extrema ousadia estética, responsável por promover, esteticamente, o diálogo entre o Brasil e as vanguardas europeias na representação da temática nacional.

Isso possibilitou ao livro ser, simultaneamente, universal e nacional, proposta que era a base da ideologia do Modernismo brasileiro da primeira fase, também denominada “etapa heroica” da produção modernista.

Posteriormente ao trabalho do Movimento Pau-Brasil, Oswald de Andrade, em 1928, lançou o Movimento da Antropofagia, que levou ao extremo o pensamento sobre a cultura brasileira em relação dialógica e dialética com a tradição estrangeira. Dialógica por se constituir a partir de “vozes”, discursos e pensamentos distintos, nacionais e estrangeiros, em constante tensão; e dialética por buscar a unidade a partir da síntese entre esses pensamentos diversos. A origem da teoria antropofágica surgiu a partir do presente de aniversário pintado por Tarsila e ofertado a Oswald de Andrade: a tela *Abaporu*. Impactado com a vitalidade primitivista da tela, Oswald a mostrou ao amigo e escritor Raul Bopp. Os dois, juntamente a Tarsila, deram o nome ao quadro de “Abaporu” – palavra do tupi que significa “antropófago”. A partir daí, surgiu a ideia de construir um movimento estético de cunho nacionalista que devorasse a cultura estrangeira e buscasse, de forma crítica, a construção da identidade brasileira.



AMARAL, Tarsila do. *Abaporu*. 1928. Óleo sobre tela, 85,3 x 73 cm. Museu de Arte Latino-americana de Buenos Aires (MALBA).

No “Manifesto antropófago”, é possível reconhecer como a metáfora da devoração, criada por Oswald de Andrade, foi a sustentação ideológica para o autor discutir o nacionalismo:

Manifesto antropófago

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. [...]

Tupi or not tupi, that is the question. [...]

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago. [...]

Contra todos os importadores de consciência enlatada. [...]

Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução

Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem. [...]

Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade. [...]

A alegria é a prova dos nove no Matriarcado de Pindorama. [...]

Contra a realidade social vestida e opressora cadastrada por Freud – a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do Matriarcado de Pindorama.

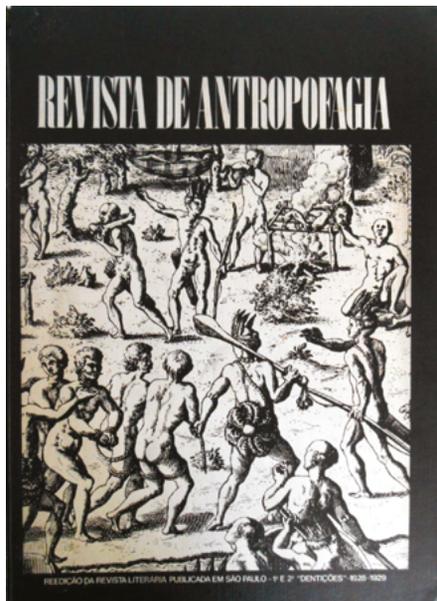
MANIFESTO ANTROPÓFAGO (trecho) – In: *Manifesto Antropófago e outros textos*, de Oswald de Andrade, Penguin & Companhia das Letras, São Paulo © Oswald de Andrade. [Fragmento]

Inicialmente, a Antropofagia foi estruturada a partir da visão antropológica, na qual os ancestrais indígenas, em seus rituais antropofágicos, devoravam o inimigo valente para absorver as forças vitais da carne dele. Esse sentido passou a ser explorado a partir da década de 1920 por Oswald de Andrade, que o metaforizou de inúmeras formas, ampliando, cada vez mais, o que seria o “gesto antropofágico” que o brasileiro deveria praticar.

Por meio de uma paródia da imagem romântica do “bom selvagem”, de Rousseau, Oswald de Andrade construiu a figura do “mau selvagem”, que seria o brasileiro antropófago, capaz de inverter a relação entre o colonizador e o colonizado mantida desde 1500. De maneira sarcástica, Oswald apresenta os integrantes da sociedade brasileira como “canibais dos trópicos”, que “comem” os europeus, como uma forma de vingança diante da exploração que se deu desde a época de Cabral. A Antropofagia pretendeu ser um movimento de releitura histórica e de retomada da identidade cultural do país, que, entregue à sedução estrangeira, estava, até então, acostumado a “macaquear” (imitar) toda a tradição eurocêntrica. Em vez de se deixar “vestir” pelas influências europeias, o brasileiro antropófago deveria tirar as roupas e as máscaras do europeu, deixando-o nu, natural e biologicamente pronto para ser devorado.

A expressão “comer o outro” também foi utilizada como metáfora para a prática do “canibalismo” cultural e literário, na qual o filho (vanguarda) devora o pai (tradição). Em tal concepção, a Europa não mais era copiada e exaltada, mas absorvida apenas naquilo que interessava à nação brasileira. Desse modo, a Antropofagia teve também uma acepção multicultural e intertextual, em que devorar o outro significava assimilar criticamente os costumes e a tradição literária estrangeira para a construção da “saúde” nacional.

Dentro dessa ótica, “devorar” essa cultura é apropriar-se de seus textos, é “metabolizá-los” e colocá-los como produto de exportação brasileiro. Novamente ocorre uma inversão de papéis: o Brasil deixa de ser consumidor de “cultura enlatada” para se tornar um fornecedor de “matéria-prima”, um produtor de “poesia de exportação”.



Divulgação

Capa da Revista de Antropofagia, reeditada em 1975.

As obras *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, de Mário de Andrade, e *Cobra Norato e outros poemas*, de Raul Bopp, foram as duas produções literárias que, poeticamente, praticaram a teoria antropofágica de Oswald de Andrade.

Macunaíma: o herói sem nenhum caráter é uma rapsódia sobre a formação da cultura brasileira. O termo “rapsódia” apresenta dois significados que, unidos, correspondem ao projeto literário de Mário de Andrade. Inicialmente, é o nome dado aos fragmentos de cantos épicos, mas também é a terminologia que se emprega para denominar uma composição musical formada de diversos cantos populares.

A obra de Mário de Andrade é justamente uma narrativa épica estilizada tanto na estrutura dos capítulos quanto na montagem polifônica da obra, propiciada pelas inúmeras cantigas e provérbios populares, assim como pelas infundáveis intertextualidades com a literatura brasileira. O início do livro já é uma retomada paródica do romance indianista *Iracema*, de José de Alencar:

Início de *Macunaíma*

No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. 22. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986. p. 9. [Fragmento]

Na apresentação do herói Macunaíma, é possível reconhecer a paródia em relação ao “bom selvagem” do Romantismo e à figura idealizada de Iracema, como a descreve José de Alencar:

Início do segundo capítulo de *Iracema*

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara.

ALENCAR, José de. *Romances ilustrados de José de Alencar*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1977. p. 254. [Fragmento]

Macunaíma, o “herói sem nenhum caráter”, é o representante da brasilidade, da fusão de valores étnicos, religiosos, culturais e sociais que formam o Brasil. Por isso, ele não tem um caráter definido, mas transitório, múltiplo, plural e contraditório, que se manifesta em suas atitudes de coragem e covardia, solidariedade e egoísmo, bondade e maldade, erotismo e sacralidade, determinação e preguiça. A própria imagem de Macunaíma e de seus familiares espelha a identidade nacional, como exemplifica a clássica passagem do livro em que Mário de Andrade, debochadamente, traça uma explicação mítica e cômica para a miscigenação do povo brasileiro, a partir da fusão das três etnias – a branca (que é figurada por Macunaíma, metamorfoseado de europeu), a indígena, cor de bronze (representada por Jiguê) e a negra (simbolizada por Maanape):

Uma feita a Sol cobrira os três manos duma escaminha de suor e Macunaíma se lembrou de tomar banho. [...] Então Macunaíma enxergou numa lapa bem no meio do rio uma cova cheia d’água. E a cova era que nem a marca dum pé gigante. Abicaram. O herói depois de muitos gritos por causa do frio da água entrou na cova e se lavou inteirinho. Mas a água era encantada porque naquele buraco na lapa era marca do pezão do Sumé, do tempo em que andava pregando o evangelho de Jesus pra índia brasileira. Quando o herói saiu do banho estava branco louro e de olhos azuizinhos, água lavara o pretume dele. E ninguém não seria capaz mais de indicar nele um filho da tribo retinta dos Tapanhumas.

Nem bem Jiguê percebeu o milagre, se atirou na marca do pezão do Sumé. Porém, a água já estava muito suja da negrura do herói e por mais que Jiguê esfregasse feito maluco atirando água pra todos os lados só conseguiu ficar da cor do bronze novo. Macunaíma teve dó e consolou:

– Olhe, mano Jiguê, branco você ficou não, porém pretume foi-se e antes fanho que sem nariz.

Maanape então é que foi se lavar, mas Jiguê esborrifara toda a água encantada pra fora da cova. Tinha só um bocado lá no fundo e Maanape conseguiu molhar só a palma dos pés e das mãos. Por isso ficou negro bem filho da tribo dos Tapanhumas. Só que as palmas das mãos e dos pés dele são vermelhas por terem se limpado na água santa. Macunaíma teve dó e consolou: – Não se avexe, mano Maanape, não se avexe não, mais sofreu nosso tio Judas!

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. 22. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986. p. 30. [Fragmento]



Reprodução

Cena do filme Macunaíma, de Joaquim Pedro de Andrade, produzido em 1969, em que Grande Otelo representa o "herói sem nenhum caráter", de Mário de Andrade.

Em contrapartida à postura paródica e antropofágica de Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Raul Bopp, os integrantes do Movimento Verde-amarelo, apresentavam uma visão conciliadora e pacífica em relação à formação da identidade nacional e ao vínculo com a cultura estrangeira.

Os integrantes de tal vertente modernista, entre eles Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia e Plínio Salgado, tinham uma postura mais ingênua e ufanista em alguns de seus trabalhos. No "Manifesto Verde-amarelo", é possível notar a tendência mais pacifista e utópica dos autores, bem como a falta de senso crítico mais apurado no que se refere à formação histórica do Brasil e de sua tradição cultural:

Manifesto nhengaçu verde-amarelo

A nação é uma resultante de agentes históricos. O índio, o negro, o espadachim, o jesuíta, o tropeiro, o poeta, o fazendeiro, o político, o holandês, o português, o índio, o francês, os rios, as montanhas, a mineração, a pecuária, a agricultura, o sol, as léguas imensas, o Cruzeiro do Sul, o café, a literatura francesa, as políticas inglesa e americana, os oito milhões de quilômetros quadrados... Temos de aceitar todos esses fatores, ou destruir a nacionalidade...

Não há entre nós preconceitos de raças. Quando foi o 13 de maio, havia negros ocupando já altas posições no país. E antes, como depois disso, os filhos de estrangeiros de todas as procedências nunca viram seus passos tolhidos.

Como aceitar todos esses fatores? Não concedendo predominância a nenhum.

ALMEIDA, Guilherme; DEL PICCHIA, Menotti; RICARDO, Cassiano; SALGADO, Plínio (Movimento verde-amarelo). In: TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 363-364. [Fragmento]

Como exemplificação dessa tendência da primeira fase do Modernismo, destacam-se duas epopeias líricas: *Martim Cererê*, de Cassiano Ricardo, e *Juca Mulato*, de Menotti Del Picchia. Em ambas, é possível notar o ufanismo ingênuo dos integrantes do Verde-amarelismo. Nos versos seguintes, retirados de *Martim Cererê*, é possível reconhecer a visão épica e idealizada da história do Brasil, que marcou as obras de tais autores:

Ladainha

Por se tratar de uma ilha deram-lhe o nome de

[Ilha de Vera Cruz.

Ilha cheia de graça

Ilha cheia de pássaros

Ilha cheia de luz.

Ilha verde onde havia

mulheres morenas e nuas

anhangás a sonhar com histórias de luas

e cantos bárbaros de pajés em poracés

[batendo os pés.

Depois mudaram-lhe o nome pra Terra de Santa Cruz.

Terra cheia de graça

Terra cheia de pássaros

Terra cheia de luz.

A grande Terra girassol onde havia guerreiros de tanga e onças ruivas deitadas à sombra das árvores

[mosqueadas de sol.

Mas como houvesse, em abundância,

certa madeira cor de sangue cor de brasa

e como o fogo da manhã selvagem

fosse um brasido no carvão noturno da paisagem,

e como a terra fosse de árvores vermelhas

e se houvesse mostrado assaz gentil,

deram-lhe o nome de Brasil.

[...]

RICARDO, Cassiano. *Martim Cererê*. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981. p. 33.

RELEITURAS



Conforme se viu, os adeptos da primeira fase do Modernismo tinham a preocupação de inaugurar uma arte que fosse genuinamente brasileira, que não fosse mera cópia do modelo artístico europeu, padrão que prevalecera até então e que era herança de um longo passado colonial, comportamento típico da província, sempre desejosa de imitar a metrópole. Por outro lado, alguns membros do Movimento Modernista (os que compunham o Movimento Pau-Brasil e o Movimento Antropofágico) tampouco desejavam produzir uma arte caricata, que só entendesse como produto legitimamente nacional aquilo que fosse livre de qualquer influência externa; para eles, isso significaria reproduzir o erro dos românticos indianistas, que exageravam na “cor local” e retratavam um Brasil primitivo e irreal.

Oswald de Andrade classificava essa produção artística xenófoba e estereotipada – tal como a defendiam os da escola da Anta – de “macumba para turista”. A alternativa proposta pelo grupo de Oswald era a de “deglutição cultural”: elementos da cultura popular e genuinamente brasileira deveriam ser resgatados, mas a eles deveriam ser incorporadas também as novidades europeias, depois de criticamente selecionadas e reinterpretadas à luz da realidade nacional.

A partir dos anos 1960, os princípios que orientaram a criação dos movimentos Pau-Brasil e Antropofagia foram retomados por artistas de diversos estilos, em especial por aqueles que fundariam o Tropicalismo. Caetano Veloso, Gilberto Gil e Torquato Neto, alguns nomes do movimento, surgiram com a proposta de inovar o cenário musical brasileiro, à época muito vinculado à MPB, que, assim como o Movimento Verde-amarelo, era resistente à influência estrangeira, estreitando o conceito do que representava ser “nacional”. Os tropicalistas, tal como os artistas antropofágicos, propunham uma arte sincrética, em que tradição e modernidade, local e universal dialogassem. Essa proposta de reunir os mais diversos elementos caracterizadores da história e da cultura nacionais foi bem representada pela imagem da “geleia geral brasileira”, capaz de comportar, ao mesmo tempo, “a mulata brasileira” e o “LP do Sinatra”:

Geleia Geral

Um poeta desfolha a bandeira
E a manhã tropical se inicia
Resplandente, cadente, fagueira
Num calor girassol com alegria
Na geleia geral brasileira
Que o “Jornal do Brasil” anuncia

Ê, bumba-yê-yê-boi
Ano que vem, mês que foi
Ê, bumba-yê-yê-yê
É a mesma dança, meu boi

A alegria é a prova dos nove
E a tristeza é teu porto seguro
Minha terra é onde o sol é mais limpo
E Mangueira é onde o samba é mais puro
Tumbadora na selva-selvagem
Pindorama, país do futuro

Ê, bumba-yê-yê-boi
Ano que vem, mês que foi
Ê, bumba-yê-yê-yê
É a mesma dança, meu boi
É a mesma dança na sala
No Canecão, na TV
E quem não dança não fala
Assiste a tudo e se cala
Não vê no meio da sala

As relíquias do Brasil:
Doce mulata malvada
Um LP de Sinatra
Maracujá, mês de abril
Santo barroco baiano
Superpoder de paisano
Formiplac e céu de anil
Três destaques da Portela
Carne-seca na janela
Alguém que chora por mim
Um carnaval de verdade
Hospitaleira amizade
Brutalidade jardim

Ê, bumba-yê-yê-boi
Ano que vem, mês que foi
Ê, bumba-yê-yê-yê
É a mesma dança, meu boi

Plurialva, contente e brejeira
Miss linda Brasil diz “bom dia”
E outra moça também Carolina
Da janela examina a folia
Salve o lindo pendão dos seus olhos
E a saúde que o olhar irradia
Ê, bumba-yê-yê-boi
Ano que vem, mês que foi

[...]

GELEIA GERAL. TORQUATO NETO / GILBERTO GIL. 50%
WARNER / CHAPPELL EDICOES MUSICAIS LTDA e Gege.
Edições / Preta Music (EUA & Canadá). [Fragmento]

Nessa canção, fica evidente o apelo à “cor local” e à cultura popular, expresso em diversas imagens (carne-seca na janela, Bumba-meu-boi, bananas ao vento, santo barroco baiano, mulata, Portela e Mangueira, entre outros), mas também há a presença de elementos da cultura de massa, da modernidade e da industrialização (TV, LP do Sinatra, jato, formiplac), afinal, “o Pindorama [‘terra das palmeiras’, antiga designação do Brasil] é o país do futuro”. A referência a Oswald de Andrade ocorre de forma explícita, pois o verso “A alegria é a prova dos nove” é uma citação retirada do “Manifesto Antropofágico”, bem como “Brutalidade jardim” é uma citação de *Serafim Ponte Grande*. Também a ideia de fotografar o Brasil é recuperada na canção de Gil e Torquato. As “reliquias do Brasil” são apresentadas como um grande mosaico de cenas justapostas, *takes* extraídos do cotidiano, uma técnica de composição de influência cubista muito praticada por Oswald. Segundo Caetano Veloso, em depoimento extraído da obra de Augusto de Campos:

Atualmente componho depois de ter visto *O rei da vela* [texto de Oswald reencenado em 1967]; acho a obra de Oswald enormemente significativa. Fico apaixonado por sentir dentro da obra de Oswald um movimento que tem a violência que eu gostaria de ter contra as coisas de estagnação, contra a seriedade... Todas aquelas ideias dele sobre poesia pau-brasil, antropofagismo, realmente oferecem argumentos atualíssimos que são novos mesmo diante daquilo que se estabeleceu como novo... O Tropicalismo é um neoantropofagismo.

VELOSO, Caetano. In: CAMPOS, Augusto de et al. *Balanço da bossa e outras bossas*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 204-207. [Fragmento]



Modernismo - 1ª fase

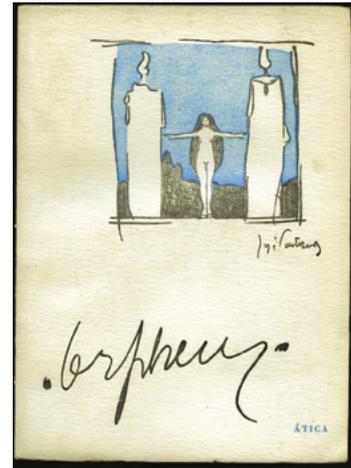
Assista a essa videoaula para conhecer um pouco mais sobre o contexto histórico da primeira fase do Modernismo no Brasil e sobre seus principais autores.

6TKM

O MODERNISMO PORTUGUÊS: FERNANDO PESSOA



O Modernismo português divide-se em duas gerações: *Orpheu* (1915) e *Presença* (1927), cujos nomes correspondem a revistas literárias em que se divulgaram as produções de seus autores.



Capa do primeiro fascículo da revista *Orpheu* (1915).

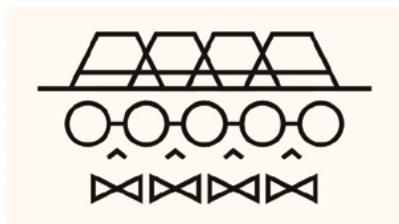
Os grandes nomes desse período literário participam, sobretudo, da primeira geração – *Orpheu*, da qual a marca predominante é o experimentalismo linguístico de vanguarda. Fernando Pessoa, cujas obras se dividem entre poesia, ensaio, teatro, contos e textos filosóficos, é o mais importante dos autores modernistas portugueses. Pessoa é conhecido, principalmente, por sua poesia.

Utilizando-se da forma do verso e de recursos do teatro, como o diálogo, Pessoa criou o que denominou “Drama em gente”. Ele produziu, mais do que a obra de um poeta, obras de poetas diferentes entre si. Esses poetas dramatizam e dialogam uns com os outros como se de fato se tratassem de poetas autônomos em relação ao indivíduo Fernando Pessoa. Cada um desses poetas é um heterônimo de Pessoa.

Um heterônimo se constrói de forma similar a uma personagem, mas não aquela de uma narrativa ou de uma peça de teatro. É como se, em um só poeta, existissem diversos poetas, autônomos entre si, o que não acontece no caso de personagens. A obra de Pessoa é, assim, um palco no qual dialogam seus heterônimos.

Para dar vida a cada heterônimo, Pessoa desenvolve elementos biográficos para cada um deles, que publicam e assinam seus textos. Na primeira revista modernista portuguesa, a *Orpheu* número 1, por exemplo, Fernando Pessoa e Álvaro de Campos, um de seus heterônimos, publicaram cada um os seus poemas, um tanto diferentes entre si.

Mas qual a distinção entre um heterônimo e um nome fictício – pseudônimo? A diferença consiste justamente na autonomia do heterônimo em relação ao seu criador. O pseudônimo é um nome fictício para uma pessoa real que não deseja revelar seu nome verdadeiro. O heterônimo, por sua vez, é uma pessoa existente entre ficção e realidade, visto que não existe realmente, mas escreve, publica e tem sua própria biografia. É uma pessoa de nome e biografia próprios, relativamente autônomos em relação a seu criador.



Entre os heterônimos mais conhecidos de Fernando Pessoa estão: Alberto Caeiro, poeta que vive em meio à contemplação da natureza, sendo o mestre de todos os heterônimos; Álvaro de Campos, poeta futurista e urbano, discípulo rebelde de Alberto Caeiro; Ricardo Reis, um poeta de valores clássicos, admirador da poesia grega, que procura ser um meio termo entre Caeiro e Campos. Por fim, Fernando Pessoa é ele mesmo quase um heterônimo de seu teatro poético, o que leva o poeta a se dizer um semi-heterônimo, que ora se aproxima da poética de Álvaro de Campos, ora da de Alberto Caeiro.

Um dos mais conhecidos poemas de Pessoa é "Autopsicografia", que sintetiza seu procedimento criativo entre a ficção e a realidade:

Autopsicografia

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

e os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

e assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão, esse comboio de corda
Que se chama coração.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999. p. 164.

Nesse poema, o poeta se diz um fingidor, mas, sendo um completo fingidor, finge até mesmo a dor que realmente sente, a dor real. Assim, toda a vida é englobada pela ficção, em uma espécie de teatro cujo "fingimento" se tece a partir da realidade. Entre a razão daquele que controla a ficção do texto e o coração que sente suas dores reais, o poema é como um "comboio de corda", ou seja, um peão girando entre a racionalidade que tece a ficção e o coração que guarda sentimentos reais.

Corroborando o teatro dos heterônimos o próprio título do poema: "Autopsicografia", que, segundo o dicionário *Houaiss*, pode ser uma descrição dos fenômenos psíquicos. Nesse sentido, o poema descreve o modo como tudo é sentido e pensado como ficção pelo poeta, uma ficção que se estende sobre os próprios pensamentos e sentimentos reais.

Um exemplo do diálogo teatral existente na obra de Pessoa pode ser lido no poema a seguir, de Alberto Caeiro. Os poemas, apesar de não se estruturarem exatamente como falas de diálogos, em que uma frase responde claramente à outra, dialogam na medida em que têm a mesma temática abordada, com uma perspectiva singular, por cada heterônimo.

O guardador de rebanhos

[...]

XIV – Não me importo com as rimas

Não me importo com as rimas. Raras vezes
Há duas árvores iguais, uma ao lado da outra.
Penso e escrevo como as flores têm cor
Mas com menos perfeição no meu modo de exprimir-me
Porque me falta a simplicidade divina
De ser todo só o meu exterior.

Olho e comovo-me,
Comovo-me como a água corre quando o chão é inclinado,
e a minha poesia é natural como o levantar-se vento...

[...]

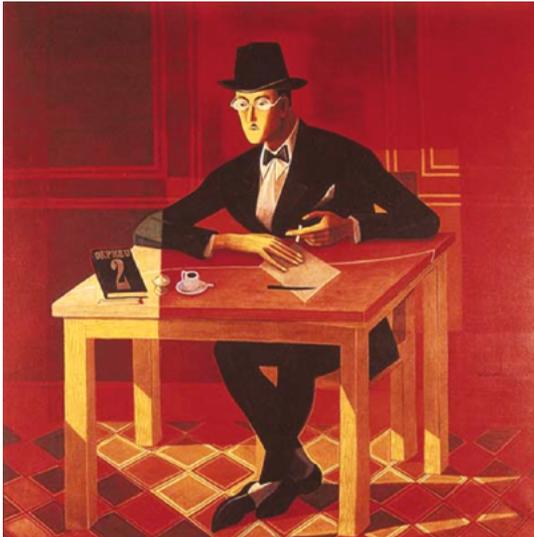
PESSOA, Fernando. O guardador de rebanhos.
In: *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.
p. 214. [Fragmento]

Se "Autopsicografia" segue o padrão métrico de sete sílabas, divide-se em três estrofes de quatro versos e adota a rima em sua estrutura, o poema de Caeiro opta pela forma de versificação livre e sem rimas. Essas escolhas formais não são gratuitas, uma vez que são coerentes com a própria abordagem dos temas elegidos. O poema de Caeiro pretende representar a irregularidade e a espontaneidade típicas da natureza. Assim, o eu lírico escreve em proximidade à natureza, retirando do poema toda forma antinatural de expressão. Busca, de tal modo, uma "fala" próxima da verdadeira.

Se para Pessoa o poema se escreve em meio às tensões entre pensamento e sentimento, verdade e ficção, Caeiro responde: "Penso e escrevo como as flores têm cor." Pensar e escrever seriam expressão espontânea e verdadeira em Caeiro, ao passo que, em Pessoa, escrever seria um exercício entre verdade e ficção, entre sentimento e razão. Evidencia-se, nesse diálogo, a possibilidade de um mesmo escritor produzir perspectivas poéticas distintas sobre os mesmos temas.

Apesar de Fernando Pessoa, Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis serem os mais conhecidos heterônimos de Fernando Pessoa, sabe-se, atualmente, que o autor criou ainda muitos outros. Entre eles, destaca-se Bernardo Soares, "autor" de *O livro do desassossego*, obra biográfica que representa um dos mais significativos escritos de Fernando Pessoa, reunindo, em seus mais de 500 textos, diferentes temas, situações e sentimentos.

Ao lado de Fernando Pessoa, outros nomes importantes do Modernismo português foram: Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros. Almada, além de escritor, foi um artista múltiplo, autor, por exemplo, de pinturas bastante conhecidas, como *Retrato de Fernando Pessoa*, obra que durante muito tempo esteve no restaurante “Irmãos Unidos”, local de encontro dos poetas da primeira geração modernista portuguesa:



NEGREIROS, Almada. *Retrato de Fernando Pessoa*. 1954. Óleo sobre tela, 201 x 201 cm. CAM (Centro de Arte Moderna), Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

A releitura da tradição: Herberto Helder

A literatura portuguesa, apesar de sua importante prosa, atinge seu ponto mais alto, desde Camões, na poesia moderna e contemporânea. Até meados do século XX, Camões e Pessoa foram reconhecidos como os mais importantes poetas portugueses.

Em 1958, Herberto Helder, poeta nascido em Funchal, capital da Ilha da Madeira, publica o livro *Amor em visita*, que chama a atenção da crítica e dos escritores de Língua Portuguesa. Daí em diante, Herberto Helder passa a ser reconhecido, ao lado de Luís Vaz de Camões e Fernando Pessoa, como um dos mais importantes escritores portugueses.

O autor escreveu poemas, contos, uma autobiografia censurada e nunca republicada, (*Apresentação do rosto*), um livro híbrido, composto de pequenas narrativas, ensaios e poesia (*Photomaton & Vox*), além de cinco livros de tradução de poesia.

Um dos aspectos importantes na obra de Herberto Helder é a releitura da tradição literária portuguesa, como se pode observar no seguinte fragmento do poema “tríptico”:

Tríptico

I
 “Transforma-se o amador na coisa amada” com seu feroz sorriso, os dentes, as mãos que relampejam no escuro. Traz ruído e silêncio. Traz o barulho das ondas frias e das ardentes pedras que tem dentro de si. e cobre esse ruído rudimentar com o assombrado silêncio da sua última vida.
 O amador transforma-se de instante para instante, e sente-se o espírito imortal do amor criando a carne em extremas atmosferas, acima de todas as coisas mortas.
 [...]

HELLER, Herberto. *Poemas completos*. Porto: Porto editora, 2014. p. 13. [Fragmento]

O fragmento tem como referência um famoso soneto de Camões, em que se pensa a fusão entre “o amador” e a “coisa amada”. O soneto camoniano em questão inicia-se com o verso “transforma-se o amador na coisa amada”. No poema de Helder, a mesma fusão é pensada, embora o tema e a forma poética sejam modificados. Se Camões escreve um soneto, Helder opta pela forma livre, tendendo a fundir a linguagem prosaica e as imagens poéticas. Quanto à temática, há, na poesia de Herberto Helder, um forte apelo à corporeidade do amor, diferentemente de Camões.

A releitura da tradição, visível em Herberto Helder, é também recurso fundamental a outra importante poeta portuguesa contemporânea: Sophia de Mello Breyner Andresen.

Destacam-se ainda na literatura portuguesa contemporânea romancistas como António Lobo Antunes, cujo tema central é a prosa biográfica e as guerras coloniais africanas, e José Saramago, autor de vários romances, sendo *Ensaio sobre a cegueira* um dos mais conhecidos. As obras dos dois romancistas são marcadas pelo experimentalismo linguístico.

LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: LINHAS GERAIS



Durante as grandes navegações portuguesas do século XV, vários países africanos se tornaram colônias e a Língua Portuguesa lhes foi imposta. As colônias portuguesas em questão são: Angola, Cabo verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Cada uma dessas regiões desenvolverá sua literatura de maneira particular, embora haja inúmeros pontos de contato a serem destacados.

As literaturas africanas em Língua Portuguesa são marcadas por heranças literárias europeias, americanas e das línguas locais, o que enriquece sua produção artística, ainda jovem, porém de grande sofisticação. É em meados do século XIX que se pode dizer da existência das primeiras produções literárias africanas, ainda marcadas pela oralidade. Entretanto, cantos ritualísticos se confundem com a própria origem do povo africano.

Precursos das literaturas africanas de Língua Portuguesa

Apesar do intervalo temporal existente entre as obras dos escritores Costa Alegre, de São Tomé e Príncipe, e Rui Noronha, de Moçambique, ambos são considerados precursores da literatura africana de expressão portuguesa.

Costa Alegre antecede Rui Noronha, escrevendo sua obra por volta de 1880, em Portugal, e publicando-a apenas em 1916. Sua temática é a tomada de consciência, ainda de maneira submissa à condição colonizada, da existência do negro em face do colonizador branco:

tu tens horror de mim, bem sei, Aurora,
tu és o dia, eu sou a noite espessa,
Onde eu acabo é que o teu ser começa.
Não amas!... flor, que esta minha alma adora.

És a luz, eu a sombra pavorosa,
eu sou a tua antítese frisante,
Mas não estranhes que te aspire formosa,
Do carvão sai o brilho do diamante.

ALEGRE, Caetano Costa. Aurora. In: ANDRADE, Mário de (org.). *Antologia temática de poesia africana: na noite grávida de punhais*. Lisboa: Sá da Costa, 1975. p. 3. [Fragmento]

A Aurora, sendo a claridade do dia, evoca metaforicamente a cor branca do colonizador. Cor "adorada" pelo eu lírico, que se percebe como antítese da claridade, "sombra pavorosa". Por um lado, é esteticamente interessante a imagem do diamante gerado a partir do carvão, que pode ser lida como metáfora para um poema que se gera da própria condição de ser negro. Entretanto, é perceptível, na mesma imagem, a condição submissa daquele que se percebe como carvão desvalorizado em face do diamante, ou seja, negro desvalorizado diante do branco, embora se diga capaz de produzir de sua "sombra pavorosa" alguma beleza, associada ao diamante.

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM



01. (UNIFESP-2022) Este movimento foi complexo e contraditório, com linhas centrais e linhas secundárias, mas iniciou uma era de transformações essenciais. Depois de ter sido considerado excentricidade e afronta ao bom gosto, acabou tornando-se um grande fator de renovação e o ponto de referência da atividade artística e literária. De certo modo, abriu a fase mais fecunda da literatura brasileira, que já havia adquirido maturidade suficiente para assimilar com originalidade as sugestões das matrizes culturais, produzindo em larga escala uma literatura própria.

Antonio Candido. *Iniciação à literatura brasileira*, 2010 (Adaptação).

O movimento a que o texto se refere é o

- A) Modernismo.
- B) Romantismo.
- C) Arcadismo.
- D) Realismo.
- E) Naturalismo.



02. (FGV-RJ)

Brasil

O Zé Pereira chegou de caravela
E perguntou pro guarani da mata virgem
– Sois cristão?
– Não. Sou bravo, sou forte, sou filho da Morte
Teterê tetê Quizá Quizá Quecê!
Lá longe a onça resmungava Uu! ua! uu!
O negro zonzo saído da fomalha
Tomou a palavra e respondeu
– Sim pela graça de Deus
Canhem Babá Canhem Babá Cum Cum!
E fizeram o Carnaval

ANDRADE, Oswald. *Poesias Reunidas*.

Considere as seguintes anotações referentes ao poema de Oswald de Andrade:

- I. Mistura de registros linguísticos, níveis de linguagem e pessoas verbais incompatíveis entre si.
- II. Paródia das narrativas que pretendem relatar a fundação do Brasil.
- III. Glosa humorística do tema habitual das "três raças formadoras" do povo brasileiro.

Contribui para o caráter carnavalizante do poema o que se encontra em

- A) II e III, somente.
- B) II, somente.
- C) I, II e III.
- D) I e II, somente.
- E) I, somente.



03. (UEMG) Leia com atenção os dois textos seguintes e faça o que se pede.

Texto I

Pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da nação brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso, camarada
Me dá um cigarro.

Texto II

Vício na fala

Para dizerem milho
Dizem mio
Para dizerem melhor
dizem mió
Para pior pió
Para telha dizem teia
e vão fazendo telhados.

ANDRADE, Oswald de. *Seleção de textos*.
São Paulo: Nova Cultural, 1988.

O Modernismo de 1922 foi um movimento de ruptura com os cânones da literatura nacional. Um dos protagonistas da Semana de Arte Moderna e do Modernismo, Oswald de Andrade, professa uma poesia irreverente, paródica e radical. Nos dois textos anteriores, Oswald de Andrade, por meio do discurso poético e metalinguístico,

- A) defende o uso da modalidade coloquial como código literário.
- B) argumenta contra os estrangeirismos no Português do Brasil.
- C) defende o uso da norma-padrão da Língua Portuguesa na poesia.
- D) delimita as variantes linguísticas coloquial e culta no Brasil.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

01. (Fuvest-SP-2023)

O quinto império

Triste de quem vive em casa,
Contente com o seu lar,
Sem que um sonho, no erguer de asa,
Faça até mais rubra a brasa
Da lareira a abandonar!

Triste de quem é feliz!
Vive porque a vida dura.
Nada na alma lhe diz
Mais que a lição da raiz –
Ter por vida a sepultura.

Eras sobre eras se somem
No tempo que em eras vem.
Ser descontente é ser homem.
Que as forças cegas se domem
Pela visão que a alma tem!

E assim, passados os quatro
Tempos do ser que sonhou,
A terra será teatro
Do dia claro, que no atro
Da erma noite começou.

Grécia, Roma, Cristandade,
Europa – os quatro se vão
Para onde vai toda idade.
Quem vem viver a verdade
Que morreu D. Sebastião?

Fernando Pessoa. *Mensagem*.

De acordo com o texto, a ideia de felicidade, também nuclear em outros poemas de *Mensagem*,

- A) alimenta as aspirações humanas.
- B) compreende-se como superação da morte.
- C) identifica-se com o destino heroico.
- D) compõe a mediocridade cotidiana.
- E) situa-se como finalidade da existência.

02.
T8MT

(UPF-RS-2021) Considere as afirmações a seguir em relação ao Modernismo no Brasil.

- I. O Modernismo, movimento que surge no Brasil no início do século XX, apresenta a impessoalidade e a objetividade como características marcantes.
- II. Ao analisar as obras centrais do Modernismo brasileiro, percebe-se a semelhança estética com as obras do Simbolismo.
- III. Escrito por Mario de Andrade, Macunaíma é um romance da primeira fase modernista brasileira, o qual absorve nossas tradições orais e folclóricas.

Está correto o que se afirma em:

- A) III, apenas.
- B) II e III, apenas.
- C) I, apenas.
- D) I e III, apenas.
- E) I, II e III.

03.
ZIAB

(UFRGS-RS) Leia o soneto de Augusto dos Anjos e o poema de Manuel Bandeira.

Psicologia de um vencido

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme – este operário das ruínas –
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há-de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

Pneumotórax

Febre, hemoptise, dispneia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse.
Mandou chamar o médico:
– Diga trinta e três.
– Trinta e três... trinta e três... trinta e três...
– Respire.

– O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e
[o pulmão direito infiltrado.

- Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
– Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

Assinale com V (verdadeiro) ou F (falso) as seguintes afirmações sobre os poemas.

- () Os dois poemas tratam do problema da finitude do corpo, corroído por doenças, utilizando um vocabulário técnico, pouco comum à poesia.
- () O soneto de Augusto dos Anjos apresenta as energias do universo, que se associam para formar o “Eu”, e não conseguem evitar a decomposição do corpo.
- () O poema de Manuel Bandeira mostra a fragilidade do corpo, encarada de forma irônica, sem o tom grave de conspiração encontrado em Augusto dos Anjos.
- () Os dois poemas evidenciam o destino implacável da destruição do homem desde que nasce, marcado pela presença dos vermes.

- A) V – F – V – V.
- B) F – V – F – F.
- C) V – V – V – F.
- D) F – F – V – V.
- E) V – F – F – V.

04. (IBMEC-RJ)

As Quatro Gares

Oswald de Andrade

Infância

O camisolão
O jarro
O passarinho
O oceano

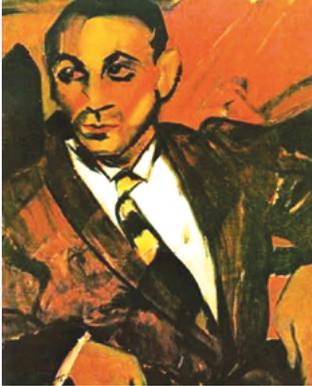
A visita na casa que a
Gente sentava no sofá.

O Modernismo, em sua primeira fase, foi um movimento polêmico e destruidor. Qual das alternativas a seguir contém uma característica encontrada no texto que justifica essa afirmativa?

- A) Presença forte de uma certa musicalidade.
- B) Presença de reminiscências do passado.
- C) Ausência de exatidão formal e conectivos.
- D) Certo irracionalismo.
- E) Não retratação objetiva da realidade por meio do uso de símbolos.

05.
16XT

(UEL-PR) Com base na figura a seguir e nos conhecimentos sobre o movimento em questão, assinale a alternativa correta.



MALFATTI, A. *O homem amarelo*. 1917. Óleo sobre tela, 61 x 51 cm.

- A) Há, na figura, predomínio do desenho, valorização da forma em detrimento da cor e ausência da gestualidade da artista na pincelada.
- B) A figura redefine a ocupação do espaço e recria, com o fundo, outro sentido. A deformação do desenho dá-lhe um ritmo expressivo, sugere a luz, obtida com a utilização de tons, sem que lhe caiba o claro-escuro.
- C) A utilização do efeito de claro e escuro para valorizar as formas e destacar a figura do fundo, somada à centralidade e à ausência de tensão espacial, são características marcantes na obra de Anita Malfatti.
- D) A ocupação do espaço de forma a recriar a relação entre figura e fundo, o predomínio do desenho e a intensidade da pincelada dão a este retrato características naturalistas.
- E) Trata-se de uma pintura ilustrativa, literária, que permite ao observador iludir-se, dada a quantidade de efeitos produzidos pelas cores utilizadas e pela sensação de perspectiva.

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões de 06 a 08.

Moderna e Eterna

Cem anos após inaugurar a primeira exposição modernista do Brasil, que serviu de embrião para a Semana de 1922, Anita Malfatti ganha uma grande mostra, em São Paulo, sobre seu legado. Uma semana após inaugurar aquela que seria a primeira exposição de arte moderna no Brasil, no dia 12 de dezembro de 1917, Anita Malfatti (1889-1964) teve cinco telas devolvidas por seus compradores, além de receber dezenas de bilhetes anônimos falando mal de suas obras. O motivo? A crítica feroz do influente escritor Monteiro Lobato (1882-1948), que comparou o trabalho da paulistana “aos desenhos de internos dos manicômios”. A mostra de Malfatti serviu de embrião

para a revolução artística que culminaria na Semana de Arte Moderna de 1922, protagonizada por ela, Tarsila do Amaral, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia – conhecidos como o Grupo dos Cinco. É em comemoração a essa emblemática exposição que o MAM de São Paulo inaugura no próximo dia 7 *Anita Malfatti: 100 Anos de Arte Moderna*. “Graças à crítica de Lobato, Anita tornou-se a mártir do modernismo brasileiro”, explica a curadora Regina Teixeira de Barros. Foi depois da publicação do artigo do escritor que começaram a se reunir em torno dela jovens poetas e artistas inconformados com a linguagem tradicional que dominava o cenário cultural da época. Apesar de ser mais discreta na forma de agir e se vestir que sua amiga Tarsila, Anita não deixou de ganhar notoriedade e reconhecimento em mercado ainda dominado por homens.

Aos 20 anos mudou-se para a Alemanha, onde se apaixonou pelo expressionismo. Depois seguiu para os Estados Unidos, terra natal de sua mãe, pintora nas horas vagas e a primeira a incentivar a filha a seguir o sonho de ser artista. Casada com o engenheiro italiano Samuelli Malfatti, Elizabeth Krug viajava com a filha desde pequena pela Europa, não apenas para iniciá-la no mundo das artes, mas por causa de um problema congênito de Anita – uma atrofia no braço e na mão direita. Sem grandes resultados no tratamento, a pintora usava lenços coloridos para esconder a malformação na mão – o que a levou a ter uma bela coleção do acessório para diversas ocasiões.

Ela não se deixou abater. Aprendeu a pintar com a mão esquerda, algo marcante em sua personalidade. Conforme crescia, experimentava voluntariamente a fome, a cegueira e a sede, na busca de sensações físicas de “superação do eu”, como ela mesma descrevia. Um dos fatos insuperáveis, no entanto, foi sua paixão nem tão secreta assim pelo grande amigo Mário de Andrade. Homossexual convicto, o modernista nunca correspondeu (sic) o amor de Anita. Após a Semana de 1922 (e apesar de sua profunda admiração pela amiga), Mário decidiu não apoiá-la quando, nas décadas de 30 e 40, a artista decidiu inspirar-se nas pinturas da academia em suas novas produções. “Ela fraquejou, sua mão, indecisa, se perdeu”, comentou ele à época. Mário recusou também as pinturas de Anita para o Salão de Belas Artes, o que provocou uma fissura na relação dos dois. “Ele foi um dos críticos que não assimilou que o modernismo não era apenas feito de ruptura à tradição, mas também [de] uma reflexão sobre o passado, algo que Anita conseguiu colocar de forma magistral em suas pinturas”, explica Regina. Entre as poucas obras que mostram a amizade do Grupo dos Cinco, a mais conhecida é certamente um desenho homônimo assinado por Anita, destaque da mostra de São Paulo. Nele a pintora e Mário aparecem tocando piano, enquanto Tarsila, Oswald e Menotti estão deitados. A cena mostra o ambiente genuíno no qual a Semana de Arte Moderna de 1922 nasceu, resume a curadora.

RALSTON, Ana Carolina. *Vogue*, p. 86-87, fev. 2016.

- 06.** (UECE) O objetivo do texto “Moderna e Eterna” é
- lembrar o centenário da Semana de Arte Moderna.
 - destacar as mais importantes datas do Modernismo brasileiro.
 - enfocar a primeira exposição de arte moderna no Brasil.
 - salientar as figuras mais importantes da literatura moderna no Brasil.
- 07.** (UECE) A real responsabilidade pelo fracasso da exposição de Anita Malfatti deve-se
- à própria Anita, que nunca chegou a ser uma grande pintora.
 - ao público, que se negou a pagar pelas obras compradas, devolvendo-as.
 - a Monteiro Lobato, que escreveu um artigo violento contra as obras de Anita.
 - à doença, que tirou de Anita a possibilidade de crescer em sua arte.
- 08.** (UECE) Sobre o Modernismo brasileiro, é correto afirmar que
- foi um movimento genuinamente brasileiro, negando a tradição nacional de sempre seguir modelos europeus nas viradas artístico-culturais.
 - teve como principais marcas a liberdade de estilo e a aproximação à linguagem falada.
 - a conversão da intelectualidade brasileira aos objetivos e princípios do Modernismo deu-se sem trauma e sem resistência.
 - a Semana de Arte Moderna de 1922 expressou as primeiras tendências modernistas no Brasil.

- 09.** (UFG-GO) Leia o texto.

TARSILA – Seu presente de aniversário.

OSWALD – Mas que coisa extraordinária! Eu vou telefonar para o Raul Bopp e pedir que ele venha imediatamente!

TARSILA – Afinal, você gostou ou não gostou?

OSWALD – É a melhor coisa que você fez na vida! Parece um selvagem, uma criatura do mato, um /

TARSILA – (*Emenda*) Um antropófago?

OSWALD – É isso aí! Como vamos chamá-lo?

TARSILA – (*Abre o dicionário de Montoya*) “*Abaporu*”, na língua dos índios, é o homem que come carne humana.

OSWALD – Então pronto. Está batizado.

FOCO EM MÁRIO.

MÁRIO – “*Abaporu*”?!

TARSILA – Você gosta? O Raul Bopp achou esquisito, mas gostou muito.

MÁRIO – Eu também gosto muito. Como é que chegou a isso?

TARSILA – Também me pergunto! Esse pé, essa mão, essa cabecinha de alfinete, o cactus ao fundo! Parece personagem de história de assombração...

MÁRIO – Eu sou contra as palavras que literatizam o quadro prejudicando a sensação estética puramente plástica. Mas esse indígena tem cheiro forte de terra brasileira...

OSWALD – O índio é que era feliz! Vivia sem leis e sem reis. Não tinha polícia, recalques, nem Freud, nem vergonha de ficar pelado! Que tal se a gente voltasse a comer tudo de novo? O que você acha de lançar um movimento, hein, Mário?

MÁRIO – Outro movimento?

OSWALD – Um movimento nativista como nunca se viu! Contra o europeu que chegou trazendo a gramática, a catequese e a ideia do pecado! Foi isso que acabou com o Brasil, Mário!

MÁRIO E TARSILA RIEM.

OSWALD – Vamos nos tornar antropofágicos e lançar oficialmente a Antropofagia Brasileira de Letras! [...]

OSWALD – Vocês não compreendem que é necessário vir tudo abaixo! Não atinaram para a ação nefanda da catequese e da submissão à cultura europeia! Eles não têm nada pra dar pra gente!

TARSILA – Mas você se expressa na língua deles para dizer isso! E tem mais uma coisa: a primeira pessoa que falou de antropofagia foi o Mário!

OSWALD – O quê???!?!!

TARSILA – “Vamos tratar de engolir a Europa! O que não der pra digerir a gente cospe fora!” Quem disse que o Brasil devia funcionar como um grande estômago quatro anos atrás?!

AMARAL, Maria Adelaide. *Tarsila*. São Paulo: Globo, 2004. p. 46-50. [Fragmento]

Analise as imagens a seguir:



AMARAL, Tarsila. *A negra*. 1923.



AMARAL, Tarsila. *Antropofagia*. 1929.

A tela *Abaporu* (1928), referida no texto, inspirou o Movimento Antropofágico. O diálogo entre as personagens na peça *Tarsila* caracteriza esse movimento por meio da descrição do *Abaporu*. A tela *A negra* (1923) é precursora da fase antropofágica. Observando os temas, as formas e a composição das imagens, explique por que a tela *Antropofagia* (1929) dá continuidade ao movimento lançado em 1928.

10. (PUC Rio)

Cartas de meu avô

A tarde cai, por demais
Erma, tímida e silente...
A chuva, em gotas glaciais,
Chora monotonamente.

E enquanto anoitece, vou
Lendo, sossegado e só,
As cartas que meu avô
Escrevia a minha avó.

Enternecido sorriso
Do fervor desses carinhos:
É que os conheci velinhos,
Quando o fogo era já frio.

Cartas de antes do noivado...
Cartas de amor que começa,
Inquieto, maravilhado,
E sem saber o que peça.

Temendo a cada momento
Ofendê-la, desgostá-la,
Quer ler em seu pensamento
E balbucia, não fala...

A mão pálida tremia
Contando o seu grande bem.
Mas, como o dele, batia
Dela o coração também.

A paixão, medrosa dantes
Cresceu, dominou-o todo.
E as confissões hesitantes
Mudaram logo de modo.

Depois o espinho do ciúme...
A dor... a visão da morte...
Mas, calmado o vento, o lume
Brilhou, mais puro e mais forte.

E eu bendigo, envergonhado,
Esse amor, avô do meu...
Do meu – fruto sem cuidado
Que, ainda verde, apodreceu.

O meu semblante está enxuto
Mas a alma, em gotas mansas,
Chora, abismada no luto
Das minhas desesperanças...

E a noite vem, por demais
Erma, úmida e silente...
A chuva, em pingos glaciais,
Cai melancolicamente.
E enquanto anoitece, vou
Lendo, sossegado e só,
As cartas que meu avô
Escrevia a minha avó.

BANDEIRA, Manuel. *Antologia Poética*.
Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. p. 12.

Manuel Bandeira publicou o seu primeiro livro, *A cinza das horas*, em 1917, e um dos poemas que compõe a obra é exatamente "Cartas de meu avô". Sendo Bandeira um dos mais importantes poetas do nosso Modernismo, comente as principais diferenças entre o texto apresentado e o ideário estético adotado por ele a partir dos anos 1920.

11. (UFOP-MG) Leia o seguinte trecho do poema "Aldeia Global":

No meio das tabas não quero ver dores,
Mas morubixabas e altivos senhores.

Quero a rebeldia das tribos na aldeia.
Nada de "poesia". Quero cara feia.
Cor de jenipapo e urucum no peito,
Não índio de trapo falando sem jeito.

TELES, Gilberto Mendonça. *Os cem melhores poemas de Gilberto Mendonça Teles*. 3. ed. Sel. Luiz Busatto. São Paulo: Aldeia, 2001. p. 92.

Como se sabe, o Modernismo promoveu revisão estética e ideológica em muitos campos da cultura brasileira.

Considerando o trecho anterior, responda:

- A) Qual movimento literário é revisto nesse momento?
B) Como se dá essa revisão, principalmente em termos ideológicos?

SEÇÃO ENEM

01. (Enem)

Estrada

Esta estrada onde moro, entre duas voltas do caminho,
Interessa mais que uma avenida urbana.

Nas cidades todas as pessoas se parecem.

Todo mundo é igual. Todo mundo é toda a gente.

Aqui, não: sente-se bem que cada um traz a sua alma.

Cada criatura é única.

Até os cães.

Estes cães da roça parecem homens de negócio

Andam sempre preocupados.

E quanta gente vem e vai!

E tudo tem aquele caráter impressionante que faz meditar:

Enterro a pé ou a carrocinha de leite puxada por um
bodezinho manhoso.

Nem falta o murmúrio da água, para sugerir, pela voz
dos símbolos,

Que a vida passa! que a vida passa!

E que a mocidade vai acabar.

BANDEIRA, Manuel. *O ritmo dissoluto*.
Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967.

A lírica de Manuel Bandeira é pautada na apreensão de significados profundos a partir de elementos do cotidiano.

No poema "Estrada", o lirismo presente no contraste entre campo e cidade aponta para

- A) o desejo do eu lírico de resgatar a movimentação dos centros urbanos, o que revela sua nostalgia com relação à cidade.
B) a percepção do caráter efêmero da vida, possibilitada pela observação da aparente inércia da vida rural.
C) a opção do eu lírico pelo espaço bucólico como possibilidade de meditação sobre a sua juventude.
D) a visão negativa da passagem do tempo, visto que esta gera insegurança.
E) a profunda sensação de medo gerada pela reflexão acerca da morte.
02. (Enem) Sobre a exposição de Anita Malfatti, em 1917, que muito influenciaria a Semana de Arte Moderna, Monteiro Lobato escreveu, em artigo intitulado "Paranoia ou Mistificação":

Há duas espécies de artistas. Uma composta dos que veem as coisas e em consequência fazem arte pura, guardados os eternos ritmos da vida, e adotados, para a concretização das emoções estéticas, os processos clássicos dos grandes mestres. [...] A outra espécie é formada dos que veem anormalmente a natureza e a interpretam à luz das teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica das escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furúnculos da cultura excessiva. [...] Estas considerações são provocadas pela exposição da sra. Malfatti, onde se notam acentuadíssimas tendências para uma atitude estética forçada no sentido das extravagâncias de Picasso & cia.

O DIÁRIO DE SÃO PAULO, dez. 1917. [Fragmento]

Em qual das obras seguintes identifica-se o estilo de Anita Malfatti criticado por Monteiro Lobato no artigo?



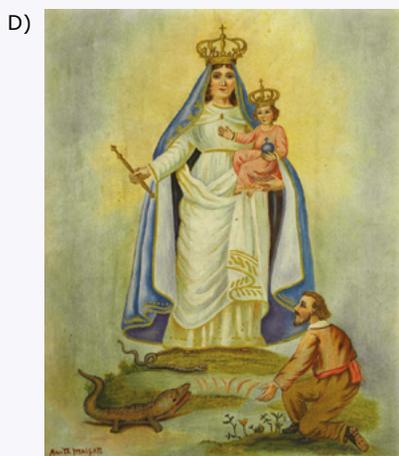
Acesso a Monte Serrat - Santos.



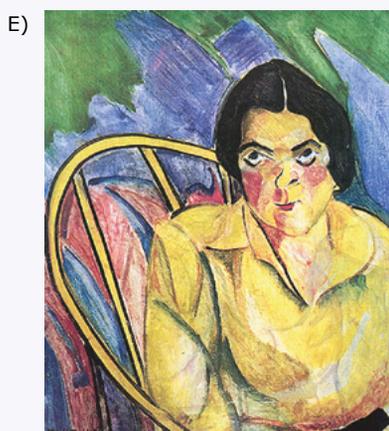
Vaso de Flores.



A Santa Ceia.



Nossa Senhora Auxiliadora e Dom Bosco.



A Boba.

03. (Enem)

Namorados

O rapaz chegou-se para junto da moça e disse:

– Antônio, ainda não me acostumei com o seu

[corpo, com a sua cara.

A moça olhou de lado e esperou.

– Você não sabe quando a gente é criança e de

[repente vê uma lagarta listrada?

A moça se lembrava:

– A gente fica olhando...

A meninice brincou de novo nos olhos dela.

O rapaz prosseguiu com muita doçura:

– Antônio, você parece uma lagarta listrada.

A moça arregalou os olhos, fez exclamações.

O rapaz concluiu:

– Antônio, você é engraçada! Você parece louca.

BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa & prosa*.

Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.

No poema de Bandeira, importante representante da poesia modernista, destaca-se como característica da escola literária dessa época

- A) a reiteração de palavras como recurso de construção de rimas ricas.
- B) a utilização expressiva da linguagem falada em situações do cotidiano.
- C) criativa simetria de versos para reproduzir o ritmo do tema abordado.
- D) a escolha do tema do amor romântico, caracterizador do estilo literário dessa época.
- E) o recurso ao diálogo, gênero discursivo típico do Realismo.

SEÇÃO FUVEST / UNICAMP / UNESP



GABARITO

Meu aproveitamento 

Aprendizagem

Acertei _____ Errei _____

- 01. A
- 02. C
- 03. A

Propostos

Acertei _____ Errei _____

- 01. D
- 02. A
- 03. C
- 04. C
- 05. B
- 06. C
- 07. C
- 08. B
- 09. A tela *Antropofagia* dá continuidade ao movimento lançado em 1928 por apresentar, como paisagem de fundo, uma vegetação da flora brasileira e por trazer a junção de *Abaporu* e *A negra*, personagens de telas anteriores, o que acentua a brasilidade do tema da tela. Nas obras, o índio e a negra representam a formação da sociedade brasileira; o europeu, entretanto, foi suprimido, como propõe o Movimento Antropofágico.
- 10. No texto, percebem-se a valorização e a utilização de elementos que caracterizam as poéticas canônicas e tradicionais, anteriores ao Modernismo. O rigor formal e a regularidade no uso da métrica e da rima podem ser facilmente identificados no poema. Além disso, destaca-se que a abordagem do tema vai ao encontro de uma visão romântica de mundo, com destaque para o vocabulário empregado. Por isso, pode-se afirmar que "Cartas de meu avô" está ligado a um ideário estético totalmente distinto do que Manuel Bandeira adotou a partir da eclosão do Movimento Modernista, caracterizado pela liberdade criadora, pela crítica ao formalismo e pela inovação artística.
- 11. O movimento revisto no poema de Gilberto Mendonça Teles é o Romantismo. Na primeira fase do Romantismo brasileiro, o índio era idealizado segundo o conceito de "bom selvagem" de Rousseau. Sobretudo na obra de Alencar, os heróis nativos eram, quase sempre, pacíficos e dóceis. A esse modelo, Gilberto Mendonça Teles propõe um conceito alternativo, no qual o índio seria "altivo senhor", não mais submisso, e teria "cara feia", isto é, cara brava. Há a possibilidade também de se considerar uma revisão do Quinhentismo, já que na *Carta de Pero Vaz de Caminha* os índios eram descritos como seres inocentes e manipuláveis.

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

- 01. B
- 02. E
- 03. B



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %

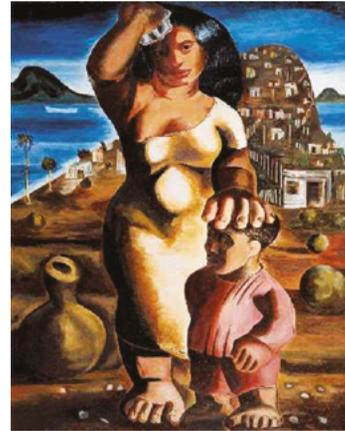
Modernismo: 2ª Fase

MODERNISMO – SEGUNDA FASE (1930-1945)

A década de 1930 foi marcada por uma crise mundial de âmbito econômico, que se instaurou com o *crack* da bolsa de Nova Iorque em 1929. Além das questões sociais advindas de tal crise, o mundo assistia também ao surgimento das ideologias nazista e fascista, que culminariam com a Segunda Guerra Mundial em 1939. Todas essas questões de ordem premente em relação ao futuro de uma humanidade que se abalava cada vez mais pelo modo de vida capitalista e que apontava, como solução, o socialismo, refletiram na produção artística dos anos 1930 e 1940. A Segunda Fase do Modernismo privilegiou as questões universais em detrimento da questão nacionalista. A preocupação não era mais a construção de uma identidade nacional, mas a reflexão sobre o ser humano cada vez mais desumanizado por uma sociedade desigual e mecanicista. Em nome da expressão de tais problemáticas de cunho social, os autores da Segunda Fase do Modernismo se empenharam em produzir uma arte de conscientização e mobilização social, o que gerou uma produção engajada. O engajamento é a produção de cunho ideológico-político feita para contestar as estruturas sociais hierárquicas, segregadoras e excludentes do mundo capitalista. A exploração de várias classes que viviam em condições sub-humanas é denunciada na arte em geral: poesia, prosa, teatro, cinema e pintura.

Nas artes visuais, a preocupação com os grupos socialmente excluídos ou marginalizados da sociedade, tão bem representada pelo romance regionalista da década de 1930 nas obras de Jorge Amado e Graciliano Ramos, por exemplo, encontra um correspondente na pintura por meio da obra de Candido Portinari. Filho de imigrantes italianos que vieram para o Brasil para trabalhar na lavoura, Portinari teve uma infância humilde e seus estudos limitaram-se à educação primária, atual ensino básico. A convivência próxima com a pobreza e com a realidade dura do trabalhador no país foi de extrema importância para a formação de sua personalidade como indivíduo e também como artista: “Vim da terra vermelha e do cafezal. As almas penadas, os brejos e as matas virgens acompanham-me como o espantalho, que é o meu autorretrato. Todas as coisas frágeis e pobres se parecem comigo”.

Observe os seguintes quadros:



PORTINARI, Candido. *Mulher e criança*. 1936. Óleo sobre tela, 100 x 81 cm. Coleção particular.



PORTINARI, Candido. *Lavrador de café*. 1934. Óleo sobre tela, 100 x 81 cm. Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand.

Na obra de Portinari, é comum a presença de figuras populares, trabalhadores do meio urbano ou rural: lavadeiras, camponeses, estivadores, pescadores, jangadeiros, metalúrgicos e operários. O pintor ressalta-lhes as formas robustas e, por vezes, os pés e as mãos, para enfatizar a força física necessária à realização dos trabalhos braçais. Contrastando com a robustez dos trabalhadores, nas telas dos retirantes, predominam as formas esqueléticas:



PORTINARI, Candido. *Criança morta*. 1944. Óleo sobre tela, 180 x 190 cm. Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand.

Nos quadros que retratam a seca, figuram as famílias numerosas, compostas por formas cadavéricas, semimortas. As expressões dos rostos são vazias e desesperançadas. Não é raro as crianças apresentarem o ventre avantajado, indício de verminoses e outras doenças decorrentes das condições sanitárias precárias. Segundo o senador Inácio Arruda, “[...] através de sua obra, Portinari lutou tenaz e corajosamente em favor da paz e contra todas as formas de injustiça”.

Portinari também retratou temas religiosos, festas populares, natureza morta, tipos humanos, entre outros. Note que, como modernista, o pintor apresentava uma preocupação em retratar as coisas da terra, os elementos da cultura e do folclore nacionais, mas também havia incorporado à sua técnica as inovações trazidas pela geração anterior, que se espelhara nas novidades das vanguardas europeias. Na obra de Portinari, os traços dos movimentos vanguardistas, sobretudo do Cubismo, são evidentes. Veja a tela a seguir e perceba a semelhança com a obra de Picasso:



PORTINARI, Candido. *Ressurreição de Lázaro*. 1943. Têmpera sobre tela, 150 x 300 cm. Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand.



PICASSO, Pablo. *Guernica*. 1937. Tinta a óleo, 349 x 77 cm. Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia, Espanha.

Diante desse cenário mundial, escritores brasileiros também se viram na obrigação de retratar as questões sociais do país, a realidade opressora dos centros urbanos e a injustiça do interior oriunda da concentração da renda e das terras em uma política marcada pelo coronelismo. Tendo em vista tais temáticas e posturas vinculadas ao cotidiano do ser humano em seu meio social, a Segunda Fase do Modernismo foi denominada neorrealista, pois os autores, de forma análoga aos escritores do século XIX, voltaram os seus olhos para a realidade, descrevendo-a em seus aspectos geográficos e sociais. Desse modo, foi importante a contribuição da primeira fase, que soube valorizar a cultura popular, a linguagem coloquial.

Os autores da segunda fase também se apropriaram da liberdade estética já proporcionada por seus antecessores para criar, tanto na poesia quanto na prosa, os seus tipos sociais, as suas cenas do cotidiano, acrescentando-lhes uma forte carga de denúncia política.

Os romances dos autores nordestinos dos anos 1930 são a grande marca na prosa nacional, que exemplifica essa postura sociológica da literatura neorrealista, embora a produção de Erico Verissimo, no sul do país, seja exemplar da caracterização do brasileiro envolvido no contexto de formação da sociedade. Contudo, coube mesmo à força dos escritores nordestinos legitimarem uma literatura de caráter regionalista capaz de demonstrar e denunciar o processo desumano no qual vários brasileiros sobreviviam em meio à seca, à injusta distribuição de renda e à exploração da sociedade capitalista. Obras como *A bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida; *O quinze* (1930), de Rachel de Queiroz; *O país do carnaval* (1931), *Cacau* (1933), *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935), *Mar morto* (1936) e *Capitães da areia* (1937), de Jorge Amado; *Menino de engenho* (1932), de José Lins do Rego; *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936) e *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos, são os maiores exemplos da literatura regionalista do neorrealismo dos anos 1930.

José Américo de Almeida, no romance *A bagaceira*, faz uma denúncia social dos dois nordestes: o árido e interiorano, duramente marcado pela miséria da seca, e o litorâneo, em que há a água, mas a monocultura da cana-de-açúcar mantém os homens em condições animais de existência. O próprio livro sintetiza a sua temática na expressão: “Há uma miséria maior do que morrer de fome no deserto: é morrer de fome na terra de Canaã”.

Assim como as personagens de *A bagaceira*, as de vários outros romances nordestinos encontram-se na mesma condição: a de flagelados humanos que lutam pela sobrevivência, apesar das adversidades climáticas, sociais e econômicas.

O trabalho mais significativo em termos estéticos da segunda fase é o conjunto da obra de Graciliano Ramos. O seu estilo conciso e “árido”, como a própria realidade em que as personagens vivem, fez de sua produção um marco na história da literatura brasileira. Graciliano Ramos é considerado pela crítica literária um dos maiores prosadores da Língua Portuguesa. O próprio autor, em uma entrevista, explicou como as palavras devem ser empregadas de forma cuidadosa e contida, sem exageros, rodeios, adjetivações desnecessárias e advérbios supérfluos:

Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer.

RAMOS, Graciliano. Entrevista concedida em 1948.
Disponível em: www.graciliano.com.br.
Acesso em: 25 abr. 2011. [Fragmento]

O livro mais significativo de Graciliano Ramos para denunciar a miséria do nordestino é *Vidas secas*. O protagonista Fabiano é descrito como um homem zoomorfizado, tanto pelo Sertão quanto pela exploração da qual é vítima. No seguinte fragmento do romance, o próprio personagem reconhece a sua condição de “bicho”:

Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta. Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.

Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:

– Você é um bicho, Fabiano. [...]

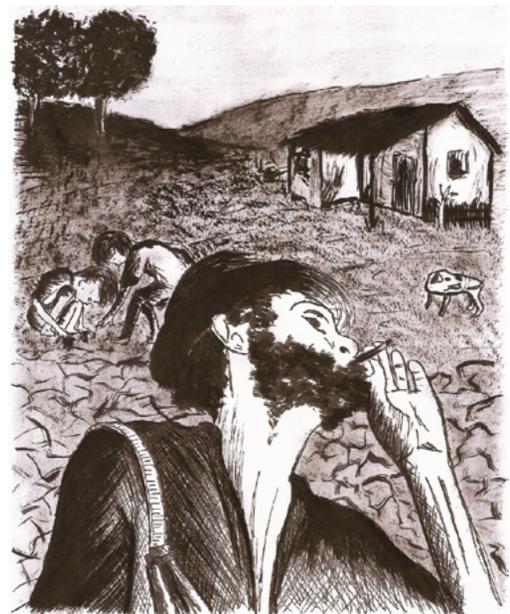
Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a queimadura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia.

A pé, não se aguentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopeias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 32. ed.
São Paulo: Martins Fontes, 1974. p. 53-55. [Fragmento]

Em *Vidas secas*, a denúncia social é construída, justamente, a partir da representação do humano bestializado, reificado. É sobretudo na construção e investigação do humano no limite da desumanização que a obra de Graciliano Ramos é considerada entre as maiores da Língua Portuguesa. Assim, Fabiano aproxima-se mais do próprio cavalo que da figura de pai de família.

No trecho, a descrição de sua linguagem rudimentar, que lhe serve à comunicação com os familiares e com o cavalo, realça seus traços de animalidade. Quanto à linguagem “da cidade”, parece-lhe incompreensível e inútil, embora a personagem pressinta ser ela um instrumento perigoso. No caso, Fabiano pressente ser a linguagem da cidade um instrumento de poder, dado que, em partes diversas do romance, é pela linguagem que as personagens (Fabiano, inclusive) são subjugadas.



Viviane Fonseca

O menino mais novo, o menino mais velho, Fabiano e Baleia.

Além da produção regionalista mencionada, de caráter mais engajado e de denúncia social, houve também, na Segunda Fase do Modernismo, as narrativas psicológicas ou os chamados romances introspectivos da década de 1930.

As obras *O amanuense Belmiro* (1937), de Cyro dos Anjos; *Fronteira* (1936) e *Dois romances de Nico Horta* (1939), de Cornélio Pena; *Maleita* (1934) e *Salgueiro* (1935), de Lúcio Cardoso – embora o seu grande trabalho tenha sido *Crônica da casa assassinada*, de 1959, um dos mais belos romances brasileiros do século XX –, são exemplos de tal vertente do Modernismo dos anos 1930.

No que diz respeito à produção poética desse período, houve um equilíbrio entre as inovações estéticas conquistadas pelos autores da primeira fase (principalmente os versos livres, brancos e bárbaros) e uma retomada da tradição e da forma fixa. O soneto, tão satirizado na primeira fase, volta a ser escrito e cultuado, bem como temáticas mais subjetivas, emotivas, religiosas e espiritualistas voltaram a aparecer. Dentre os novos nomes que se consagraram, destacam-se os de Murilo Mendes, Henriqueta Lisboa, Cecília Meireles, Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade, Mario Quintana e Vinicius de Moraes.

A poética de Murilo Mendes, inicialmente paródica (como era típico na Primeira Fase Modernista), bem dentro das construções dos poemas-piadas, das imagens surreais e dos textos de denúncia, teve, a partir dos primeiros anos da década de 1930, uma profunda alteração. Sua poética passa a se distinguir significativamente da produção brasileira da época, fato que se comprova em seu interesse crescente pelas diversas tradições, sobretudo as estrangeiras. Em uma de suas últimas obras, intitulada *Poliedro*, o autor assim explicita seu projeto de diálogo e renovação das tradições artísticas:

Eu sou pela tradição viva, capaz de acompanhar a correnteza da modernidade. Que riquezas poderosas extraio dela! Subscrovo a grande palavra de Jaurés: *De l'autel des ancêtres on doit garder non les cendres mais le feu.*

O FÓSFORO – In: *Poliedro*, de Murilo Mendes, Companhia das Letras, São Paulo © by herdeiros de Murilo Mendes.

A frase em francês, que traduzida em português seria “Dos altares dos ancestrais não se devem guardar as cinzas, mas o fogo”, demonstra o intuito de Murilo Mendes em retomar a tradição como algo vivo, como o que da tradição subsiste nas artes do presente. Por isso o interesse não pelas cinzas, pela tradição como algo sem valor, ultrapassado, mas pelo fogo como tradição viva, ou seja, a tradição como o que ilumina o pensamento presente.

Essa face poliédrica da obra de Murilo Mendes, composta sobretudo da perspectiva de leitor erudito, reatualiza as mais diversas tradições no seio da Língua Portuguesa. Entre alguns poetas contemporâneos, como se verá no capítulo sobre a pós-modernidade, é também frequente a releitura das tradições literárias nacionais e estrangeiras.

Contudo, foram os seus escritos paródicos da primeira fase que o imortalizaram na história da literatura nacional, principalmente os livros *Poemas*, de 1929; *Bumba-meu-poeta*, de 1930-1931; e *História do Brasil*, de 1932.

Henriqueta Lisboa, que já havia publicado algumas obras nos anos trinta, só veio a se firmar com o lançamento de *O menino poeta*, em 1943, e, principalmente, com *Flor da morte*, de 1949, seu trabalho mais denso e consistente. Dotado de uma precisão e concisão vocabular que explicitam a consciência estética da autora, o seu estilo permite ao texto explorar a polissemia e o interdito.

O mistério

Na morte, não. Na vida.

Está na vida o mistério.

Em cada afirmação ou abstinência.

Na malícia

das plausíveis revelações,

no suborno

das silenciosas palavras.

LISBOA, Henriqueta. *Flor da morte*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. p. 10-11. [Fragmento]

Esse poema é um exemplo do retorno das temáticas simbolistas, como a morte e o mistério, além da sofisticação linguística que prefere insinuar o que tem a dizer, tornando o poema um rico mecanismo de significações múltiplas.

Com os livros *Viagem* (1939) e *Vaga música* (1942), Cecília Meireles também marcou a sua presença na poesia de Língua Portuguesa, mostrando-se uma autora erudita, capaz de dialogar com inúmeras tradições literárias de diferentes épocas e regiões do mundo para criar as “raízes espirituais” de sua arte.

Esse espiritualismo já se encontrava desde os primeiros livros da escritora, que desenvolviam uma produção parnasosimbolista de tendência mais tradicional e apresentavam uma arte mais espiritual e universal, em oposição ao nacionalismo e à postura paródica de algumas obras da fase heroica do Modernismo. A obra da autora representa uma apreciação pelo passado, um respeito pela tradição, um resgate da poesia simbolista brasileira e francesa. Entretanto, o teor espiritual e transcendental dos poemas de Cecília Meireles não se encontra estritamente vinculado ao Simbolismo, pois grande é a relevância das artes indiana, chinesa e japonesa em seus versos, tanto que Andrade Muricy definiu-a como a “enamorada do oriente”.

Esse “enamoramamento” verifica-se nos inúmeros estudos críticos feitos pela autora sobre arte oriental, em suas traduções para o português de obras de Bashô e Li Po, nas aulas e conferências que ministrava sobre a literatura do Oriente e, principalmente, em seus versos, repletos de filosofia oriental, de um aprendizado budista que assimila os ensinamentos da existência a partir da reflexão silenciosa e da apreciação da natureza.

A natureza, em certos poemas de Viagem, mostra-se como um exercício de ensinamento para as pessoas. Nesse sentido, suas imagens metafóricas visam não apenas à beleza estética, mas, à maneira do pensamento oriental do Zen Budismo, extrair do mundo natural, da paisagem, uma forma de pensar a vida humana.

O espiritualismo da poesia de Henriqueta Lisboa e Cecília Meireles pode ser encontrado também na poética de Vinicius de Moraes. A crítica literária e o próprio poeta, no prefácio de sua Antologia, dividem sua obra em três fases: a transcendental, a intermediária e a participativa. A fase transcendental corresponde à produção que vai dos 20 aos 23 anos do autor, na qual encontramos os traços do misticismo religioso. O desejo de fuga se expressa já no título do primeiro livro, *O caminho para a distância* (1933).

São características dessa fase: versos longos; ânsia pelo sublime; imagens alegorizantes; idealização da figura feminina / amor platônico; e fundo místico. Em alguns poemas, como “Místico”, nota-se a recorrência de imagens diáfanas e o cromatismo da cor branca, típicos da poesia simbolista. Daí o porquê de muitos poetas dessa geração terem ficado conhecidos como “neossimbolistas”. Além de *Caminho para a distância*, essa fase abarca também *Forma e exegese* (1935) e *Ariana, a mulher* (1936).

A fase intermediária parece ser uma negação da fase anterior. O poeta afasta-se do idealismo e da religiosidade dos primeiros anos e aproxima-se do mundo material. Como fase de transição, é um período marcado por grande experimentalismo e pela busca de uma sintaxe própria. Incluem-se nessa fase *Novos poemas* (1938) e *Cinco elegias* (1943).

A fase participante é a que se inicia com a publicação de *Poemas, sonetos e baladas* (1946) e que abrange todo o restante da obra do autor. É nessa fase que Vinicius de Moraes consegue efetivamente libertar-se da formação religiosa dos primeiros anos e mergulhar definitivamente na realidade cotidiana. Não por acaso, em 1974, *Poemas, sonetos e baladas* foi rebatizado por Afrânio Coutinho como *O encontro cotidiano*. Do ponto de vista formal, os versos longos foram ficando mais enxutos e houve uma tendência a incorporar formas mais disciplinadas, sobretudo o soneto.

Nessa fase, o amor não é mais platônico, mas sim materializado. Da mesma forma, ele também não é de todo idealizado, já que, embora intenso, admite-se a possibilidade de um final (o que se comprova em “Soneto de fidelidade” e “Soneto de separação”, por exemplo).

De cunho existencialista, estruturou-se também a literatura modernista portuguesa. Enquanto no Brasil autores como Cecília Meireles e Vinicius de Moraes se ancoraram, por vezes, num discurso espiritualista no que diz respeito ao tratamento das angústias do “eu”; em Portugal, sobretudo em decorrência da publicação da *Revista Presença*, publicada de 1927 até 1940, que propunha uma literatura de caráter mais psicológico. Nesse sentido, o chamado Presencismo, a segunda fase do Modernismo português, assim como mais tarde se faria no Brasil, aproximou a literatura da psicanálise freudiana e, como resultado, a experimentação com a linguagem foi uma das principais características dos textos publicados nessa fase. Dentre os nomes do Presencismo, destacam-se Branquinho da Fonseca, João Gaspar Simões, José Régio e Miguel de Torga. Sobre o último escritor, leia o poema “Eternidade”:

A vida passa lá fora,
 Ou na pressa de uma roda,
 Ou na altura de uma asa,
 Ou na paz de uma cantiga;
 E vem guardar-se num verso
 Que eu talvez amanhã diga.

TORGA, Miguel. *Diário*. Coimbra: Torga, 1946-87.

Sobre o contexto de publicação do poema de Torga, vale a pena destacar que Portugal da década de 1930 vivia o regime ditatorial de Salazar e como forma de se alienar do panorama político, os presencistas propuseram uma literatura “neutra”, que tivesse compromisso consigo mesma. Além de uma produção metalinguística, a *Revista Presença* foi cenário de uma produção poética que colocava em relevo as individualidades em detrimento das preocupações sociais – como é atestado pelo poema “Eternidade”, em que a vida é encerrada nos versos de um poema, denotando certa introspecção e tensão entre o que é do âmbito individual e do coletivo (que “passa lá fora”).

Paralelamente à temática amorosa, o trabalho poético inspirado pelo cotidiano não ficou imune às questões políticas e sociais da época. A poesia produzida por Vinicius na década de 1950 apresenta também um tom de engajamento. Um dos poemas mais famosos dessa época é “A Rosa de Hiroshima”, publicado em *Antologia poética* (1954) e imortalizado na voz de Ney Matogrosso, que trata das trágicas consequências da bomba atômica lançada pelos EUA sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki.



TÁ NA MÍDIA

Assista, no *link* a seguir, à performance de Ney Matogrosso para a canção “Rosa de Hiroshima”:



A “rosa de Hiroshima” mencionada no poema / canção é uma referência à bomba atômica. A imagem é irônica, já que a bomba não apresenta nenhuma característica tradicionalmente atribuída às rosas, ela é uma “antirrosas”.

Outro poema digno de menção é “Operário em construção”, do livro *Novos poemas II* (1957). Nesse texto, deparamo-nos com a figura de um trabalhador da construção civil, que supera sua condição de exploração e de alienação por meio da tomada da consciência de classe.

Operário em construção

[...]

Naquela casa vazia

Que ele mesmo levantara

Um mundo novo nascia

De que sequer suspeitava.

O operário emocionado

Olhou sua própria mão

Sua rude mão de operário

De operário em construção

E olhando bem para ela

Teve um segundo a impressão

De que não havia no mundo

Coisa que fosse mais bela.

[...]

E um fato novo se viu

Que a todos admirava:

O que o operário dizia

Outro operário escutava.

E foi assim que o operário

Do edifício em construção

Que sempre dizia sim

Começou a dizer não.

E aprendeu a notar coisas

A que não dava atenção:

Notou que sua marmitta

Era o prato do patrão

Que sua cerveja preta

Era o uísque do patrão

[...]

Que a dureza do seu dia

Era a noite do patrão

Que sua imensa fadiga

Era amiga do patrão.

E o operário disse: Não!

E o operário fez-se forte

Na sua resolução.

[...]

O Operário em construção © Vinicius de Moraes – uso do texto de autoria de Vinicius de Moraes foram autorizados pela VM Empreendimentos Artísticos e Culturais Ltda ©VM Cultural.

Nesse poema, pode-se perceber maior contenção sentimental e verbal, além de preocupação com a temática social. Vinicius de Moraes, apesar de ser mais conhecido por seus versos de temática amorosa, é autor de uma obra que contempla múltiplos aspectos da realidade.

O nome de Carlos Drummond de Andrade também se destaca nesse período como um dos maiores escritores de Língua Portuguesa de todos os tempos. Durante o período cronológico da Segunda Fase do Modernismo, Drummond, que já tinha alguns poemas publicados em revistas modernistas da primeira fase, se consagra com o lançamento de *Alguma poesia*, em 1930; *Brejo das almas*, em 1934; *Sentimento do mundo*, em 1940; *José*, em 1942; e *A rosa do povo*, em 1945: obras que exibem a consciência estética e ideológica do autor.

Na obra *Antologia poética*, publicada em 1962, o próprio Drummond seleciona os poemas para a composição do livro e elabora um prefácio no qual justifica as “faces” de sua obra, os grandes temas de sua escrita. O leitor encontrará, assim, como pontos de partida ou matéria de poesia: 1) O indivíduo; 2) A terra natal; 3) A família; 4) Amigos; 5) O choque social; 6) O conhecimento amoroso; 7) A própria poesia; 8) Exercícios lúdicos; 9) Uma visão, ou tentativa de, da existência.

Os poemas que constituem as partes “Indivíduo” e “Uma visão, ou tentativa de, da existência” evidenciam o caráter filosófico, existencialista e reflexivo da poética de Drummond. O exemplo maior dessa vertente é o primeiro poema de *Alguma Poesia*, sua primeira obra, o “Poema de sete faces”. Nesse texto, assim como em vários outros de toda a sua trajetória, Drummond constrói uma voz poética que lamenta a sua condição falível de ser humano, a impotência do ser humano diante da própria existência. O sujeito “retorcido”, “torto”, “gauche” e “enrodilhado”, “que vive na sombra”, é alguém que olha o mundo e que reflete não só sobre o que vê, mas também sobre o seu próprio comportamento e suas reações diante do que é visto.

Poema de sete faces

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida.

As casas espiam os homens
que correm atrás de mulheres.
A tarde talvez fosse azul,
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:
pernas brancas pretas amarelas.
Para que tanta perna, meu Deus,
pergunta meu coração.
Porém meus olhos não perguntam nada.

O homem atrás do bigode
é sério, simples e forte.
Quase não conversa.
Tem poucos, raros amigos
o homem atrás dos óculos e do bigode.

Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.

POEMA DE SETE FACES – In: *Alguma Poesia*, de Carlos Drummond de Andrade, Companhia das Letras, São Paulo; Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond www.carlosdrummond.com.br

O “Poema de sete faces” é um dos mais significativos da obra de Drummond. Nele, o sujeito se considera “esquerdo” (*gauche*, em francês), fora dos padrões, por reconhecer que o mundo é vasto. Porém, esse mesmo sujeito é também capaz de captar as faces múltiplas do mundo em um só poema, apenas aparentemente fragmentado, pois mais vasto que o mundo é o seu coração.

Já na obra *Sentimento do mundo*, de 1942, a visão particular do sujeito e o seu estar-no-mundo ultrapassam o plano individual para atingir um caráter universal de teor socialista. Assim como na prosa da segunda fase, houve uma arte preocupada com as questões da injustiça social e com o mundo capitalista em crise. Na poesia, essa mesma vertente engajada também se manifestou nas produções de Drummond, que conseguiu conciliar uma forte poesia de aspecto social com uma apurada qualidade técnica. Poemas como “Os ombros suportam o mundo”, “A noite dissolve os homens”, “Sentimento do mundo”, “Elegia 1938”, “Mundo grande” e “Mãos dadas” são exemplos da qualidade poética de Drummond para abordar questões políticas e realizar uma arte engajada dotada de grande sensibilidade e valor estético.

A poética de Drummond também retratou o universo autobiográfico do autor, vivenciado no interior de Minas Gerais. Assim, parte de sua obra reflete sobre a família, a vida interiorana e o papel da memória ao reconstruir tudo isso.

De maneira semelhante ao que vinha sendo produzido no Brasil, as literaturas de Língua Portuguesa dos países africanos também buscaram tematizar as questões do indivíduo em relação ao coletivo. Nesse viés literário, está inserido, por exemplo, o escritor Jorge Barbosa, de Cabo-Verde. Com poemas publicados na *Revista Claridade*, marco do Modernismo em Cabo-Verde, Barbosa trouxe para seus versos a realidade de seu país e problematizou as questões identitárias em sua poética, especialmente nos livros *Aquipélago* (1935), *Ambiente* (1941). Observe como isso é colocado em “Povo”:

Povo

Conflito numa alma só
 De duas almas contrárias
 Buscando-se, amalgamando-se
 Numa secular fusão;
 Conflito num sangue só
 Do sangue forte africano
 Com o sangue aventureiro
 Dos homens da Expansão;
 [...]
 N’alma do povo ficou
 Esta ansiedade profunda
 – qualquer coisa de indeciso
 entre o clima tropical
 e o espelho de Portugal....

BARBOSA, Jorge. *Arquipélago*. Cabo Verde: ICL, 1935. [Fragmento]

No poema, a identidade do povo cabo-verdiano é colocada em contraponto com a do colonizador, de forma cindida, anunciando o discurso corrente da época da miscigenação étnica e cultural típica dos países colonizados.

Voltando ao contexto brasileiro, outro nome que surge ainda na Segunda Fase do Modernismo brasileiro é o de Mario Quintana, que, em 1940, lança seu livro de sonetos, *A rua dos cataventos*, e, a partir de 1943, inicia a publicação do Caderno H, na revista *Província de São Pedro*, obra que sairia publicada em livro apenas em 1973. Na sua obra de estreia, é perceptível que o caráter existencialista desse segundo momento do Modernismo brasileiro também permeia a sua lírica. Mas a tônica de sua obra é, sem dúvida, a retomada das coisas simples como elemento da poesia. Nestes versos, por exemplo, de forma metalinguística, o eu lírico, em estado contemplativo, reflete sobre sua casa e sobre a paisagem que, no texto, é uma metonímia que alude ao próprio fazer poético.

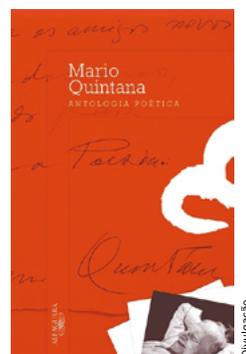
Soneto I

Escrevo diante da janela aberta.
 Minha caneta é cor das venezianas: Verde!...
 E que leves, lindas filigranas
 Desenha o sol na página deserta!
 [...]
 Vai colorindo as horas quotidianas...
 Jogos da luz dançando na folhagem!
 Do que eu ia escrever até me esqueço...
 Pra que pensar? Também sou da paisagem...

[...]

QUINTANA, Mário. *A rua dos cataventos*. São Paulo: Globo, 2005. p. 85. [Fragmento]

Contudo, foi o estilo coloquial e bem-humorado de Quintana que o tornou mestre da ironia na literatura brasileira, o que lhe rendeu não só o sucesso de crítica, mas de público. É um dos mais aclamados poetas brasileiros pelas suas composições muitas vezes breves, mas densas de significados – é o que pode ser visto em *Antologia poética*, livro organizado pelo próprio autor no qual estão presentes os temas mais representativos de sua obra.



Tendo em vista a diversidade e a qualidade de autores, bem como os inúmeros direcionamentos estéticos e temáticos que cada um deles atravessou em suas experiências poéticas, é possível reconhecer a riqueza que esse período literário teve na literatura brasileira, abrindo a possibilidade para que a arte não se aprisionasse nem na forma fixa nem na obrigatoriedade do verso livre. A escolha criativa e a preocupação social pontuaram a trajetória dos autores da segunda fase quer seja na prosa, quer seja na poesia. Foi esse o caminho que os autores, a partir de 1945, também seguiram, inovando ainda mais.

RELEITURAS

Conforme foi visto, um dos poemas mais famosos de Drummond é o “Poema de sete faces”, que inaugurou uma série de releituras. A imagem do anjo mensageiro que aparece na hora do nascimento para ditar uma profecia de vida tornou-se um verdadeiro mote na tradição poética brasileira. Observe o seguinte poema, de autoria da escritora mineira Adélia Prado:

Com licença poética

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo.
Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
– dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.

COM LICENÇA POÉTICA – In: *Bagagem*, de Adélia Prado,
Editora Record, Rio de Janeiro; © by Adélia Prado.

O tom assumido pelo poema de Adélia Prado é bastante diferente daquele presente no texto de Drummond, o que fica evidente já de início: enquanto o anjo de Drummond é torto, o de Adélia é esbelto e toca trombeta, e, embora seu prognóstico não seja propriamente positivo, o eu lírico consegue superá-lo. É interessante observar que a poeta rompe com um estereótipo de mulher, geralmente vista como sinônimo de fragilidade, impotência e submissão.

Em “Com licença poética”, é exatamente a condição feminina que propicia ao eu lírico a maleabilidade necessária para romper com a sua sina (“mulher é desdobrável”). Os homens, desprovidos dessa habilidade de lidar com os problemas, são condenados à maldição de continuarem “coxos” – uma brincadeira que a poeta faz a partir da semelhança sonora entre esse termo e o termo “*gauche*”, utilizado por Drummond. Enquanto, no poema original, a sensação que predomina é de desesperança, frustração e abandono, na releitura da autora, a ideia principal é de superação, afinal, a dor existe, mas não precisa se converter em amargura, pois “a vontade de alegria” pode ser maior.

TÁ NA MÍDIA

Outra versão bastante conhecida do “Poema de sete faces” foi feita por Chico Buarque. Trata-se da música “Até o fim”, que, no vídeo indicado no QR Code a seguir, Chico canta com Ney Matogrosso:



A figura do anjo na canção de Chico Buarque não possui a elegância daquele retratado no poema de Adélia Prado e tampouco é torto. Trata-se de um anjo safado e chato, que transmite a impressão de ser zombeteiro, inconveniente, uma figura quase cômica. Assim como acontece no poema de Drummond, na canção de Chico, a profecia negativa se cumpre, e tudo na vida do eu lírico parece sair errado; seus fracassos, no entanto, dizem respeito a uma dimensão muito cotidiana da vida (criar barriga, não ser bom de bola, ter a mula empacada ou o bandolim quebrado), não se relacionam aos grandes dilemas metafísicos do eu lírico de Drummond, o que confere à releitura de Chico um tom leve e bem-humorado. Apesar de nem sempre (ou melhor, quase nunca) conseguir transpor as adversidades, como o eu lírico feminino da versão de Adélia, o eu lírico de Chico caracteriza-se pela obstinação, expressa pela frase sempre reiterada “vou até o fim”. Nesse aspecto, ele distancia-se do eu poético de Drummond, que é mais negativo e derrotista.



Modernismo – 2ª fase

A segunda fase do Modernismo teve a importante função de consolidar os ideais modernistas trazidos pela geração da primeira fase. Nessa videoaula, vamos ver como essa fase do Modernismo ocorreu no Brasil.

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM



01. (UECE-2021)

Retrato

Cecília Meireles

Eu não tinha este rosto de hoje,
Assim calmo, assim triste, assim magro,
Nem estes olhos tão vazios,
Nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha este coração
Que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
Tão simples, tão certa, tão fácil:
– Em que espelho ficou perdida
a minha face?

Cecília Meireles é um dos maiores nomes da literatura brasileira. Poeta, jornalista, escritora, professora e musicista. Pelas características de sua obra literária e pelo contexto histórico em que se encontra, a escritora pode ser associada ao momento literário denominado de

- A) Romantismo.
- B) Parnasianismo.
- C) Simbolista.
- D) Modernista.

02. (UEL-PR) A segunda fase do Modernismo brasileiro, ocorrida no final da década de 1920, caracteriza-se, sobretudo,



- A) pela arte social e militância política, duas opções que marcam esse período da cultura brasileira, dada a crise internacional de 1929.
- B) pela afirmação do movimento em São Paulo, em virtude da efervescência no campo industrial que fomentava a produção artística.
- C) por levar as questões plásticas trazidas pela primeira fase para o âmbito da contestação social, especialmente no Rio de Janeiro.
- D) por enfraquecer as pesquisas artísticas, impossibilitando as viagens dos artistas brasileiros ao exterior, levando o movimento quase à extinção.
- E) pela valorização das artes aplicadas como forma de reação à crise internacional que se refletia na economia local.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS



01. (UPF-2023) Considere as afirmações a seguir em relação ao Modernismo no Brasil.

- I. A Semana de Arte Moderna (1922) foi o marco inicial do Modernismo brasileiro, que teve influência das vanguardas artísticas europeias.
- II. Entre as obras de Graciliano Ramos, autor da segunda fase do Modernismo brasileiro, destaca-se *Vidas secas*, com temática voltada para o regionalismo.
- III. O primeiro momento do Modernismo brasileiro, conhecido como “fase heroica”, apresentou inovações radicais na linguagem, tanto nas obras poéticas quanto nas ficcionais.

Está correto o que se afirma em:

- A) I e II, apenas.
- B) I, apenas.
- C) I, II e III.
- D) II, apenas.
- E) III, apenas.

02. (UERN) Considere o texto e a imagem a seguir:

O decênio de 1930 teve como característica própria um grande surto do romance, tão brilhante quanto o que se verificou entre 1880 e 1910, e que apenas em pequena parte dependeu da estética modernista.

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, J. Aderaldo.
Presença da Literatura Brasileira: Modernismo.
São Paulo / Rio de Janeiro: Difel, 1979.



SECA: Bahia tem pelo menos 140 cidades em situação de emergência. 28 ago. 2014.
Disponível em: <http://visaonacional.com.br>

O comentário do especialista associado à imagem apresenta e representa características importantes da prosa modernista da geração de 1930. Em relação à produção literária identificada, assinale a alternativa correta.

- A) A preocupação com a documentação da realidade presente no Pré-Modernismo é retomada.
- B) Utiliza-se uma linguagem rebuscada objetivando demonstrar a importância do tema abordado.
- C) O regionalismo é explorado de forma preconceituosa, demonstrando com exagero a situação difícil das regiões retratadas.
- D) O desejo por um país melhor, isento de desigualdades sociais, faz com que os romancistas de 1930 descrevam cenários e personagens idealizados.

03.
2VRD

(PUC)

A morte do leiteiro

[...] Da garrafa estilhaçada,
no ladrilho já sereno
escorre uma coisa espessa
que é leite, sangue... não sei.
Por entre objetos confusos,
Mal redimidos da noite,
Duas cores se procuram,
suavemente se tocam,
amorosamente se enlaçam,
formando um terceiro tom
a que chamamos de aurora.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A Rosa do Povo*.

No fragmento anterior, Carlos Drummond de Andrade constrói, poeticamente, a aurora. O que permite visualizar que este momento do dia corresponde

- A) a objetos confusos mal redimidos da noite.
- B) à garrafa estilhaçada e ao ladrilho sereno.
- C) à aproximação suave de dois corpos.
- D) ao enlace amoroso de duas cores.
- E) ao fluir espesso do sangue sobre o ladrilho.

04.
PDEF

(UESC)

Venturosa de sonhar-te,
à minha sombra me deito.
(Teu rosto, por toda parte,
mas, amor, só no meu peito!)

– Barqueiro, que céu tão leve!
Barqueiro, que mar parado!
Barqueiro, que enigma breve,
o sonho de ter amado!

Em barca de nuvens sigo:
e o que vou pagando ao vento
para levar-te comigo
é suspiro e pensamento.

– Barqueiro, que doce instante!
Barqueiro, que instante imenso,
não do amado nem do amante:
mas de amar o amor que penso!

MEIRELES, Cecília. *Canções. Obra poética*.
Rio de Janeiro: José Aguilar, 1972. p. 564.

A poesia de Cecília Meireles constitui “esboços de quadros metafísicos”, o que pode ser comprovado no texto por meio

- A) da exaltação do ente amado em sua plenitude de beleza.
- B) do sofrimento causado pelo distanciamento entre os amantes.
- C) da nostalgia de um tempo marcado pela experiência concreta do amor.
- D) de uma atitude reflexiva do sujeito poético a respeito do amor como ideia.
- E) de versos predominantemente descritivos de uma paisagem estática que reflete o íntimo do sujeito lírico.

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões 05 e 06.

Luciana

Ouvindo rumor na porta da frente e os passos conhecidos de tio Severino, Luciana ergueu-se estouvada, saiu do corredor, entrou na sala, parou indecisa, esperando que a chamassem. Ninguém reparou nela. Papai e mamãe, no sofá, embebiavam-se na palavra lenta e fanhosa de tio Severino, homem considerável, senhor da poltrona. O que ele dizia para a família tinha força de lei. Luciana quis aproximar-se das pessoas grandes, mas lembrou-se do que lhe tinha acontecido na véspera. Andara com mamãe pela cidade, percorrera diversas ruas, satisfeita. Num lugar feio e escorregadio, onde a água da chuva empoçava, resistira, acuara e caíra no chão, sentara-se na lama, esperneando e berrando. Em casa, antes de tirar-lhe a camisa suja, mamãe lhe infligira três palmadas enérgicas. Por quê? Luciana passara o dia tentando reconciliar-se com o ser poderoso que lhe magoara as nádegas. Agora, na presença da visita, essa criatura forte não anunciava perigo.

Luciana aproximou-se do sofá nas pontas dos pés, imitando as mulheres que usam sapato alto. Convidava a irmã para brincar de moça, mas acabava arranjando-se só. E lá ia ela remedando um pássaro que se dispõe a voar, inclinada para a frente, os calcanhares apoiados em saltos enormes e imaginários. Assim aparelhada, chamava-se D. Henriqueta da Boa-Vista. Tio Severino era notável: vermelho, tinha maçarocas brancas no rosto, o beijo e o queixo rapados, a testa brilhante, sobranceiras densas e óculos redondos. Entre os dentes amarelos, a voz escorria pausada, nasal, incompreensível. Luciana percebia as palavras, mas não atinava com a significação delas. Rondou por ali um instante, mas fatigou-se. E ia esgueirar-se para o corredor, quando algumas sílabas da conversa indistinta lhe avivaram a recordação de outras sílabas vagas, largadas por um moleque na rua. Repetiu bem alto as palavras do moleque. – Esta menina sabe onde o diabo dorme.

Luciana teve um deslumbramento. O coraçãozinho saltou, uma alegria doida encheu-a. Sentiu-se feliz e necessitou desabafar com alguém. Cruzou a sala. Espalhou as revistas e as bonecas, pôs-se a dançar em cima delas. Regressou, muito leve, boiando naquela claridade que a envolvia e penetrava.

– Esta menina sabe onde o diabo dorme.

Tio Severino tinha feito uma revelação extraordinária, e Luciana devia comportar-se como pessoa que sabe onde o diabo dorme. Voltou a caminhar nas pontas dos pés, de uma parede a outra, simulando não ver o sofá e a poltrona. Estava sendo observada, notavam nela sinais esquisitos, sem dúvida.

– Foi tio Severino quem disse.

– Ah!

Papai e mamãe, silenciosos, refletindo na opinião rouca do parente grande, com certeza diziam “Ah!” por dentro e orgulhavam-se da filha sabida.

A cena da véspera atravessou-lhe o espírito e importunou-a. Sentada numa poça de água suja, gritara, enlameara-se toda. Naquele despropósito não era D. Henriqueta da Boa Vista – Que vergonha!

A culpada era a mamãe, que tivera a infeliz ideia de levá-la a lugares diferentes da calçada tranquila, do quintal sombrio. Na esquina do quarteirão principiava o mistério: barulho de carros, gritos, cores, movimentos, prédios altos demais. Talvez o diabo dormisse num deles. Em qual? Desanimada, confessou, interiormente, a sua ignorância. E, relativamente ao diabo só podia garantir baseada nas informações da cozinheira, que ele era preto, possuía chifres e rabo. Para quê? Admirou-se dessa extravagância. Que precisão tinha ele de chifres e rabo? Preto estava certo. No bairro moravam alguns pretos, sem chifres nem rabo. E se a cozinheira estivesse enganada? No espírito de Luciana, pouco inclinado a dúvidas, a pergunta esmoreceu, mas a indecisão momentânea descontentou-a: se privassem o diabo daqueles apêndices, ele ficaria reduzido a um brinquedo ordinário. Estremeceu maravilhada, num susto que encerrava prazer, uma visão patenteou-lhe a figura monstruosa. Certamente o diabo tinha gênio ruim, em horas de zanga batia nas pessoas com o rabo, espetava-as com os chifres. E retinto, da cor de Seu Adão carroceiro...

– Esta menina tem parte com o diabo.

E puxava as orelhas de Luciana. Por quê? Certamente o diabo também fugia de casa. Lisonjeada e medrosa com a terrível associação, Luciana persistia na desobediência.

Seu Adão, apesar de negro, não tinha parte com o diabo, provavelmente um sujeito sisudo, triste, como tio Severino. O beijo franzido e o olho duro de tio Severino.

– Esta menina tem parte com o diabo. A fala ranzinza feria-lhe os ouvidos. Dedos finos e nervosos agarravam-na. Um susto, a impressão de ter perdido qualquer coisa e achar-se em risco. Findo o sobressalto, imaginara-se protegida por entidades vigorosas e imortais. Agora a frase de tio Severino firmava-lhe a convicção. Com certeza possuía as qualidades necessárias para instruir-se e confirmar o juízo de tio Severino. Dona Henriqueta da Boa-Vista era um azogue: tinha jeito de quem sabe onde o diabo dorme. Ainda não sabia, mas haveria de saber. Descobriria o lugar onde o diabo dorme.

Dona Henriqueta da Boa-Vista se largaria pelo mundo, importante, os calcanhares erguidos, em companhia de seres enigmáticos que lhe ensinariam a residência do diabo. Mais tarde seu Adão a embarcaria na carroça: – “Foi um dia uma princesa bonita que tinha uma estrela na testa”. Luciana recusava as princesas e as estrelas. Seu Adão coçaria o pixaim, encolheria os ombros. Levá-la-ia para a gaiola. Mamãe recebê-la-ia zangadíssima. E daria, quando seu Adão se retirasse, várias chineladas em Dona Henriqueta da Boa-Vista. Sem dúvida. Mas isso ainda estava muito longe – e Luciana aborrecia tristezas.

RAMOS, Graciliano. Luciana. In: *Insônia*. 14. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 1978. p. 61-68 (Adaptação).

05. (UECE) No conto “Luciana”, Graciliano Ramos focaliza uma das fases do desenvolvimento humano, a infância. Dentre os excertos a seguir, extraídos de obras que falam sobre a infância, assinale aquele cujo conteúdo é compatível com a visão de infância que Graciliano Ramos transmite no conto supracitado.

- A) “Deus é alegria. Uma criança é alegria. Deus e uma criança têm isso em comum: ambos sabem que o universo é uma caixa de brinquedos. Deus vê o mundo com os olhos de uma criança. Está sempre à procura de companheiros para brincar.” (Rubem Alves)
- B) “Todos sabem que a infância é a idade mais alegre e agradável. Ao ver esses pequenos inocentes, até um inimigo se enternece e os socorre.” (Erasmus de Roterdã)
- C) “Mostrei minha obra-prima às pessoas grandes e perguntei se o meu desenho lhes dava medo. Responderam-me ‘Por que um chapéu daria medo?’ Meu desenho não representava um chapéu. Representava uma jiboia digerindo um elefante. Desenhei então o interior da jiboia, a fim de que as pessoas grandes pudessem entender melhor.” (Antoine de Saint-Exupéry)
- D) “Quando crianças, nosso maior sonho é ver o tempo voar e finalmente nos tornarmos adultos. Ah, se soubéssemos, naquele tempo, o que significa ser criança...” (Internet. Autor não declarado)

06. (UECE) Que sentimentos experimentou Luciana quando ouviu, pela primeira vez, que era uma menina que sabia onde o diabo dormia?

- A) Sentiu orgulho e acreditou que devia continuar a proceder mal para justificar a afirmação do tio.
- B) Receou ter de viver em constante atrito com tio Severino.
- C) Teve medo da reação da mãe por causa das palmadas que ela lhe aplicaria.
- D) Sentiu-se mais próxima de D. Henriqueta da Boa-Vista e guardou a certeza de que ela a ajudaria a achar a morada do diabo.

07. (UFMG) Leia estes versos:

Os inocentes do Leblon

Os inocentes do Leblon
 não viram o navio entrar.
 Trouxe bailarinas?
 Trouxe emigrantes?
 Trouxe um grama de rádio?
 Os inocentes, definitivamente inocentes, tudo ignoram,
 mas a areia é quente, e há um óleo suave
 que eles passam nas costas, e esquecem.

Mundo grande

Tu sabes como é grande o mundo.
 Conheces os navios que levam petróleo e livros, carne
 [e algodão.
 Viste as diferentes cores dos homens,
 as diferentes dores dos homens,
 sabes como é difícil sofrer tudo isso, amontoar tudo isso
 num só peito de homem... sem que ele estale.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do mundo*.
 In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967.

Redija um texto, relacionando os versos de "Inocentes do Leblon" aos versos extraídos do poema "Mundo grande".

08. (UFMG) No capítulo "Fabiano", de *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, ocorrem, a breves intervalos, os seguintes trechos:

Pisou com firmeza no chão gretado, puxou a faca de ponta, esgaravatoou as unhas sujas. Tirou do aió um pedaço de fumo, picou-o, fez um cigarro com palha de milho, acendeu-o ao binga, pôs-se a fumar regalado.

– Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só.

[...]

Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:

– Você é um bicho, Fabiano.

[...]

Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tiraria dali. Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantado. Olhou as quipás, os mandacarus e os xiquexiques. Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraúnas. Ele, Sinha Vitória, os dois filhos e a cachorra Baleia estavam agarrados à terra.

[...]

Fabiano, uma coisa da fazenda, um traste, seria despedido quando menos esperasse.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*.
 Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 17-25. [Fragmento]

Nesse trecho, o autor faz uma gradação para caracterizar a personagem Fabiano.

- A) Redija um texto, identificando as etapas dessa gradação.
 B) Redija um texto, explicando o papel dessa caracterização da personagem na obra *Vidas secas*.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem-2022) Era o êxodo da seca de 1898. Uma ressurreição de cemitérios antigos – esqueletos redivivos, com o aspecto terroso e o fedor das covas podres.

Os fantasmas estropiados como que iam dançando, de tão trôpegos e trêmulos, num passo arrastado de quem leva as pernas, em vez de ser levado por elas.

Andavam devagar, olhando para trás, como quem quer voltar. Não tinham pressa em chegar, porque não sabiam aonde iam. Expulsos de seu paraíso por espadas de fogo, iam, ao acaso, em descaminhos, no arrastão dos maus fados.

Fugiam do sol e o sol guiava-os nesse forçado nomadismo.

Adelgaçados na magreira cômica, cresciam, como se o vento os levantasse. E os braços afinados desciam-lhes aos joelhos, de mãos abanando.

Vinham escoteiros. Menos os hidrópicos — de ascite consecutiva à alimentação tóxica — com os fardos das barrigas alarmantes.

Não tinham sexo, nem idade, nem condição nenhuma. Eram os retirantes. Nada mais.

ALMEIDA, J. A. *A bagaceira*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978.

Os recursos composicionais que inserem a obra no chamado "Romance de 30" da literatura brasileira manifestam-se aqui no(a)

- A) desenho cru da realidade dramática dos retirantes.
 B) indefinição dos espaços para efeito de generalização.
 C) análise psicológica da reação dos personagens à seca.
 D) engajamento político do narrador ante as desigualdades.
 E) contemplação lírica da paisagem transformada em alegoria.

02. (Enem-2022) Mas seu olhar verde, inconfundível, impressionante, iluminava com sua luz misteriosa as sombrias arcadas superciliares, que pareciam queimadas por ela, dizia logo a sua origem cruzada e decantada através das misérias e dos orgulhos de homens de aventura, contadores de histórias fantásticas, e de mulheres caladas e sofredoras, que acompanhavam os maridos e amantes através das matas intermináveis, expostas às febres, às feras, às cobras do sertão indecifrável, ameaçador e sem fim, que elas percorriam com a ambição única de um "pouso" onde pudessem viver, por alguns dias, a vida ilusória de família e de lar, sempre no encalço dos homens, enfebrados pela procura do ouro e do diamante.

PENNA, C. *Fronteira*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d.

Ao descrever os olhos de Maria Santa, o narrador estabelece correlações que refletem a

- A) caracterização da personagem como mestiça.
 B) construção do enredo de conquistas da família.
 C) relação conflituosa das mulheres e seus maridos.
 D) nostalgia do desejo de viver como os antepassados.
 E) marca de antigos sofrimentos no fluxo de consciência.

03. (Enem–2018) O trabalho não era penoso: colar rótulos, meter vidros em caixas, etiquetá-las, selá-las, envolvê-las em papel celofane, branco, verde, azul, conforme o produto, separá-las em dúzias... Era fastidioso. Para passar mais rapidamente as oito horas havia o remédio: conversar. Era proibido, mas quem ia atrás de proibições? O patrão vinha? Vinha o encarregado do serviço? Calavam o bico, aplicavam-se ao trabalho. Mal viravam as costas, voltavam a taramelar. As mãos não paravam, as línguas não paravam. Nessas conversas intermináveis, de linguagem solta e assuntos crus, Leniza se completou. Isabela, Afonsina, Idália, Jurete, Deolinda – foram mestras. O mundo acabou de se desvendar. Leniza perdeu o tom ingênuo que ainda podia ter. Ganhou um jogar de corpo que convida, um quebrar de olhos que promete tudo, à toa, gratuitamente. Modificou-se o timbre de sua voz. Ficou mais quente. A própria inteligência se transformou.

Tornou-se mais aguda, mais trepidante.

REBELO, M. *A estrela sobe*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

O romance, de 1939, traz à cena tipos e situações que espelham o Rio de Janeiro daquela década. No fragmento, o narrador delinea esse contexto centrado no

- A) julgamento da mulher fora do espaço doméstico.
- B) relato sobre as condições de trabalho no Estado Novo.
- C) destaque a grupos populares na condição de protagonistas.
- D) processo de inclusão do palavrão nos hábitos de linguagem.
- E) vínculo entre as transformações urbanas e os papéis femininos.

04. (Enem–2020)
 – O senhor pensa que eu tenho alguma fábrica de dinheiro? (O diretor diz essas coisas a ele, mas olha para todos como quem quer dar uma explicação a todos. Todas as caras sorriem) Quando seu filho esteve doente, eu ajudei como pude. Não me peça mais nada. Não me encarregue de pagar as suas contas: já tenho as minhas, o que me basta... (Risos.)

O diretor tem o rosto escanhado, a camisa limpa. A palavra possui um tom educado, de pessoa que convive com gente inteligente, *causeuse*. O rosto do Dr. Rist resplandece, vermelho e glabro. Um que outro tem os olhos no chão, a atitude discreta.

Naziazeno espera que ele lhe dê as costas, vá reatar a palestra interrompida, aquelas observações sobre a questão social, comunismo e integralismo.

MACHADO, O. *Os ratos*. São Paulo: Circulo do Livro, [s.d.].

A ficção modernista explorou tipos humanos em situação de conflito social. No fragmento do romancista gaúcho, esse conflito revela a

- A) sujeição moral amplificada pela pobreza.
- B) crise econômica em expansão nas cidades.
- C) falta de diálogo entre patrões e empregados.
- D) perspicácia marcada pela formação intelectual.
- E) tensão política gerada pelas ideologias vigentes.

SEÇÃO FUVEST / UNICAMP / UNESP



GABARITO

Meu aproveitamento

Aprendizagem

Acertei _____ Errei _____

- 01. D
- 02. A

Propostos

Acertei _____ Errei _____

- 01. C
- 02. A
- 03. D
- 04. D
- 05. C
- 06. A
- 07. O poema "Os inocentes do Leblon" constitui uma denúncia quanto à alienação e ao egoísmo das nossas elites, representadas metonimicamente pelos habitantes do Leblon, bairro nobre da Zona Sul carioca. Essas pessoas são alheias à realidade que as circunda, fecham os olhos para os problemas e para os acontecimentos sociais à sua volta, preferem ignorá-los e continuar vivendo em seu mundo particular, "curtindo sua praia". Já em "Mundo grande", encontramos um interlocutor antenado para as coisas à sua volta, consciente o bastante para saber das tragédias, das injustiças, da miséria e se comover com elas.

- 08.
 - A) No primeiro trecho, Fabiano declara ser um homem ("Fabiano, você é um homem"); no segundo, Fabiano reconhece-se como animal ("Você é um bicho, Fabiano"); no terceiro, o personagem se compara às plantas típicas da caatinga (quipás, mandacarus, xiquexiques, catingueiras e baraúnas) e, por fim, no quarto, Fabiano percebe-se como objeto ("uma coisa da fazenda, um traste").
 - B) A modesta prosperidade vivida pelo vaqueiro o leva a recuperar momentaneamente sua hombridade e, portanto, a sentir-se um homem. No entanto, o período da "bonança" é passageiro; logo, Fabiano e sua família voltam à situação de miséria imposta pela seca e também à exploração e à humilhação a que os sujeita o poder local (representado pelo patrão e pelo soldado amarelo, por exemplo). Essas condições degradantes vividas permanentemente desumanizam as personagens, de modo que elas são zoomorfizadas (rebaixadas à condição de animais) até chegarem a um ponto de serem reificadas (rebaixadas ao nível de "coisa"). Além disso, há também a comparação entre as personagens e a vegetação da Caatinga, feita no intuito de mostrar o apego do sertanejo à terra de origem (apesar de todas as dificuldades, eles desejam "criar raízes") e também de demonstrar sua resistência (somente brutalizando-se e tornando-se parte da paisagem árida é possível sobreviver em ambiente tão hostil).

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

- 01. A
- 02. E
- 03. E
- 04. A



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %

Modernismo: 3ª Fase

A GERAÇÃO DE 45

Os autores dos anos 1940 prolongaram o tratamento das questões sociais e das reflexões psicológicas da literatura da década anterior, bem como intensificaram ainda mais o viés existencialista das obras. As produções apresentam, assim, uma realidade nacional, mas com personagens que vivenciam situações universais. Os escritores que sucederam os romancistas de 30 compuseram a chamada Geração de 45 e anunciaram rumos que, ainda hoje, perduram em nossa literatura.



Folhapress / Folhapress

Guimarães Rosa tomando posse na Academia Brasileira de Letras.

A prosa de Guimarães Rosa foi o melhor exemplo dessa literatura local e, simultaneamente, cosmopolita. Tanto nos contos quanto nas novelas e no romance *Grande sertão: veredas*, Rosa constrói personagens típicas do interior do Brasil, mas que também possuem dilemas metafísicos que qualquer pessoa de diversas partes do mundo e de várias épocas também teria.

A forte presença da cultura popular brasileira na escrita de Rosa, representada por um vocabulário coloquial, repleto de neologismos, muitas vezes retirados da própria pronúncia do sertanejo, ganha a universalidade pelas temáticas trabalhadas: o amor, a traição, a religiosidade, a loucura, a pobreza, a morte, etc.

A consagração da obra de Guimarães Rosa no cenário da literatura brasileira ocorreu, principalmente, pelo caráter lúdico, poético e criativo de sua linguagem. O estilo do autor transformou-se em um marco da produção literária nacional, por apresentar uma linguagem inusitada, fruto de um vasto repertório composto, ao mesmo tempo, de expressões coloquiais e de termos estrangeiros.

É importante, entretanto, não reduzir o estilo roseano a uma simples representação da fala sertaneja. O estilo de Guimarães Rosa se constitui de uma fusão de elementos da linguagem popular e da invenção de uma linguagem literária. Decorre desse caráter criativo de sua escrita a dificuldade muitas vezes encontrada por leitores pouco acostumados à linguagem particular da sua obra.

No conto "A terceira margem do rio", por exemplo, a fusão dessas linguagens em uma linguagem literária é nítida:

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não para, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro – o rio.

ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In: *Ficção completa*: volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 409-413.

Na narrativa, a personagem "pai", a certa altura, constrói uma canoa e passa a viver no rio, nunca se afastando por completo das margens nem delas se aproximando demais. Após algum tempo, o filho, que é o narrador do conto, recusa-se a assumir o lugar do pai na canoa. No último parágrafo, citado anteriormente, percebe-se seu arrependimento e o desejo de que, quando morto, depositem seu corpo na canoa, para enfim assumir o lugar do pai.

Repare nesta seguinte passagem do conto:

[...] nessa água que não para, de longas beiras: e eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro – o rio.

Perceba que somente no contexto do conto esse trecho faz algum sentido, exemplificando antes a criação de um "idioma literário" que a fala é de um sertanejo.

Vale, ainda, ressaltar um importante recurso roseano: o diálogo com outras áreas do conhecimento. A menção à “água que não para” retoma, sutilmente, o pensamento de um filósofo pré-socrático: Heráclito. Em seu conceito filosófico do devir, a imagem da água e do rio associam-se à mudança e à fluidez permanente do tempo, da natureza e da vida humana. A famosa frase do filósofo “Nenhum homem pisa duas vezes o mesmo rio” indica a constante mudança e transformação pela qual o mundo passa. Essa referência, se não é determinante para a leitura do conto, enriquece seus possíveis sentidos.

Essa fusão da oralidade cotidiana e da erudição estética é comentada por Guimarães Rosa como a sua necessidade de sintetizar elementos díspares colhidos em inúmeras tradições para compor um “idioma próprio”:

Escrevo, e creio que este é o meu aparelho de controle: o idioma português, tal como o usamos no Brasil; entretanto, no fundo, enquanto estou escrevendo, eu traduzo, extravio de muitos outros idiomas. Disso resultam meus livros, escritos em um idioma próprio, meu, e pode-se deduzir daí que não me submeto à tirania da gramática e dos dicionários dos outros. A gramática e a chamada filologia, ciência linguística, foram inventadas pelos inimigos da poesia.

ROSA, Guimarães. Diálogo com Guimarães Rosa. [Entrevista a Günter Lorens] In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa: fortuna crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. [Fragmento]

Por meio desse depoimento, é possível reconhecer a concepção de linguagem para Guimarães Rosa: criação poética produzida com base em uma confluência de saberes, por meio de um desvio das regras da gramática, e de uma transgressão da língua em seu estágio funcional, previsível e meramente informativo. Essa revitalização escritural exige do autor um trabalho consciente, inventivo, para que, assim, a literatura possa lutar contra a inércia mental, o lugar-comum, a palavra desprovida de sua magia poética, de sua fonte de vida. Escrever, nesse contexto, não é apenas comunicar uma ideia, mas sim inventar novos sentidos a partir de uma linguagem criativa, isto é, capaz de criar novas realidades a partir da realidade. Mais especificamente, a linguagem reinventa o mundo. A palavra deixa de ser, portanto, simples figurante ou meio de se dizer algo, para se transformar em protagonista e sujeito do discurso.

Nas obras de Guimarães Rosa, a realidade se faz presente na palavra. O real não é apenas sugerido, evocado, aludido, mas personificado e presentificado por onomatopeias e vocábulos que procuram trazer em si a coisa dita. Isso explica o apreço de Rosa pelo termo mais “correto” e propício.

Como ele salienta, em uma declaração a Pedro Bloch, “eu não escrevo difícil. Eu sei o nome das coisas”. Quando não encontra o suposto nome das coisas, ele os inventa, baseando-se em uma lógica presente no plano da linguagem e da realidade. Os neologismos de Guimarães Rosa fundem prefixos, sufixos, radicais, pronomes, onomatopeias, substantivos, adjetivos e advérbios de inúmeras línguas, em um intenso jogo de bricolagem: processo em que as ações de recortar, colar e montar fazem de sua linguagem uma arquitetura poética, uma babel de signos. A respeito desse apreço pela palavra correta, pela seleção vocabular do autor, pela ressurreição de termos arcaicos ou pouco usuais da Língua Portuguesa vigente, pela inventividade na construção dos neologismos, o poeta e crítico literário Pedro Xisto assegura:

Os vocábulos do nosso romancista-poeta não se restringem a contar uma estória. Eles têm, ainda, o que contar de si próprios. Eles são mais do que signos abstratos e indiferentes. Eles integram a coisa, participando, concretamente, das vivências.

XISTO, Pedro. “À busca da poesia”. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa: fortuna crítica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 113-141.

Essa concepção de que a palavra é elevada à personagem, de que ela é, em si, o enredo da obra, pode ser exemplificada em inúmeras obras de Rosa. Mas foi principalmente no romance *Grande sertão: veredas* que o autor conseguiu atingir o máximo da criação épica, lírica e dramática, levando a linguagem a alcançar um dos maiores patamares estéticos em Língua Portuguesa. Nesse romance, Riobaldo, o narrador-personagem, “dialoga” com um interlocutor, um viajante que se hospeda em sua fazenda, e relata para ele toda a sua vida. Juntamente ao personagem-ouvinte, os leitores tomam conhecimento dos dilemas do protagonista Riobaldo, que se encontra dilacerado por não saber se acredita em Deus ou no Diabo e pelas recordações do que vivera e do que não tivera coragem de viver, principalmente em relação às questões amorosas, já que possuía um amor interdito: sentia-se atraído por seu melhor amigo.

Na passagem a seguir, é visível o amor e a autopunição de Riobaldo por se sentir atraído por Diadorim, seu principal companheiro de jagunçagem:

Estou contando ao senhor, que carece de um explicado. Pensar mal é fácil, porque esta vida é embrejada. A gente vive, eu acho, é mesmo para se desiludir e desmisturar. A senvergonhice reina, tão leve e leve pertencidamente, que por primeiro não se crê no sincero sem maldade. Está certo, sei. Mas ponho minha fiança: homem muito homem que fui, e homem por mulheres! – nunca tive inclinação para os vícios descontraídos. Repito o que, o sem preceito. Então – o senhor me perguntará – o que era aquilo? Ah, lei ladra, o poder da vida. Direitinho declaro o que, durando todo o tempo, sempre mais, às vezes menos, comigo se passou. Aquela mandante amizade. Eu não pensava em adiação nenhuma, de pior propósito.

Mas eu gostava dele, dia mais dia, mais gostava. Diga o senhor: como um feitiço? Isso. Feito coisa-feita. Era ele estar perto de mim, e nada me faltava. Era ele fechar a cara e estar tristonho, e eu perdia meu sossego. Era ele estar por longe, e eu só nele pensava. E eu mesmo não entendia então o que aquilo era? Sei que sim. Mas não. E eu mesmo entender não queria. Acho que. Aquela meiguice, desigual que ele sabia esconder o mais de sempre. E em mim a vontade de chegar todo próximo, quase uma ânsia de sentir o cheiro do corpo dele, dos braços, que às vezes adivinhei insensatamente – tentação dessa eu espairescia, aí rijo comigo renegava. Muitos momentos. [...] Era que eu gostava dele. Gostava dele quando eu fechava os olhos. Um bem-querer que vinha do ar de meu nariz e do sonho de minhas noites. [...] Noite essa, astúcia que tive uma sonhice: Diadorim passando por debaixo de um arco-íris. Ah, eu pudesse mesmo gostar dele – os gostares.

ROSA, Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. [Fragmento]



Grande sertão: veredas foi adaptado para os quadrinhos e já virou até animação. Respeitando o texto original, o roteirista Eloar Guazzelli e o ilustrador Rodrigo Rosa realizaram grande trabalho de pesquisa até chegarem à nova versão desse grande clássico da literatura brasileira.

Além de Guimarães Rosa, outro escritor de cunho regionalista e, ao mesmo tempo, universal, foi João Cabral de Melo Neto, que conseguiu, por meio de sua peça *Morte e vida severina*, cujo subtítulo é “Auto de Natal pernambucano”, representar não só a dura existência de um nordestino, que é Severino, mas a de todos os seres humanos que se indagam sobre o porquê da vida, o sentido de uma existência tão “árida”, os caminhos tão imprevisíveis que são traçados independentemente do desejo das pessoas.

O regionalismo da peça, que faz uma crítica social às injustiças e às desigualdades não só do sertão do Nordeste, mas também do litoral, atinge a universalidade principalmente no desfecho. Na passagem final, a personagem Severino, desiludida com as agruras da vida, pergunta ao carpinteiro José, que acabara de conhecer, se não seria mais fácil pular da “ponte” da vida, suicidar-se, do que lutar sempre em todos os instantes com os inúmeros problemas que surgem. Justamente nesse instante, uma voz anuncia a José o nascimento de seu filho.

O nascimento é a resposta maior para o sentido e o valor da vida, como salienta José ao responder à indagação de Severino:

– Severino retirante,
deixe agora que lhe diga:
eu não sei bem a resposta
da pergunta que fazia,
se não vale mais saltar
fora da ponte e da vida;
nem conheço essa resposta,
se quer mesmo que lhe diga;
é difícil defender,
só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, Severina;
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva.
E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
mesmo quando é uma explosão
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina.

O CARPINA FALA COM O RETIRANTE QUE ESTEVE DE FORA, SEM TOMAR PARTE EM NADA – In: *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, Alfaguara, Rio de Janeiro; © by herdeiros de João Cabral de Melo Neto.



TÁ NA MÍDIA

Morte e vida severina foi uma obra criada para ser encenada / declamada nos palcos. Na década de 1960, Chico Buarque foi convidado para fazer a trilha sonora de uma montagem teatral desse poema. A letra da canção “Funeral de um Lavrador” foi extraída do texto de João Cabral na íntegra e ajudou a peça a se popularizar, bem como o público a compreender melhor a obra literária. Acesse o QR Code para ouvir essa famosa canção:



Em 2010, *Morte e vida severina* ganhou uma versão em desenho animado, que depois foi transformado em quadrinho. Acesse o QR Code para assistir a essa animação criada pelo cartunista pernambucano Michel Falcão.



Entretanto, a obra de João Cabral de Melo Neto não se restringe a essa famosa peça. É justamente em outros trabalhos que se percebe a densidade de seus versos, construídos com uma disposição arquitetônica, engenhosa, demonstrando que não é à toa que o poeta é denominado de “o engenheiro da literatura”. Observe, no poema a seguir, o tratamento objetivo e econômico dado aos versos e o uso da substantivação, tendências de uma linguagem verbal que pretende ser o mais concreta e concisa possível.

O Engenheiro

A luz, o sol, o ar livre
envolvem o sonho do engenheiro.
O engenheiro sonha coisas claras:
superfícies, tênis, um copo de água.

O lápis, o esquadro, o papel;
o desenho, o projeto, o número:
o engenheiro pensa o mundo justo,
mundo que nenhum véu encobre.

(Em certas tardes nós subíamos
ao edifício. A cidade diária,
como um jornal que todos liam,
ganhava um pulmão de cimento e vidro.)

A água, o vento, a claridade,
de um lado o rio, no alto as nuvens,
situavam na natureza o edifício
crescendo de suas forças simples.

MELO NETO, João Cabral de; SECCHIN, Antonio Carlos.
João Cabral de Melo Neto: melhores poemas.
10. ed. São Paulo: Global, 2010.

Sua poética apresenta uma gama infindável de intertextualidade com as obras literárias e também com a pintura, além de uma intensa reflexão metalinguística. Tudo isso realizado de forma econômica, por meio de contundentes metáforas, o que possibilita a construção de uma poética contida, mas, simultaneamente, polissêmica, devido às imagens surpreendentes e mesmo surreais empregadas pelo autor.

**A década de 40 em Portugal:
o Neorrealismo português**

Seguindo a tendência mundial, a literatura portuguesa da década de 40 assumiu um caráter social, bem semelhante àquela adotado pelos nossos escritores do romance de 30. Influenciados por autores brasileiros como Jorge Amado e Graciliano Ramos, nomes como Antônio Alves Redol, Manuel da Fonseca, Carlos de Oliveira, entre outros, foram responsáveis por inaugurar em Portugal uma tradição de textos que, opondo-se ao Presencismo, dialogam com as questões sociais, sobretudo as relacionadas à luta de classe. Nesse sentido, o Neorrealismo lusitano também foi uma importante peça de resistência à ditadura salazarista. Essa estética tem sua abertura associada à publicação, em 1939, de *Gaibéus*, romance de Alves Redol que traz como pano de fundo a situação de exploração dos trabalhadores, especialmente dos operários. O trecho seguinte deixa clara a comparação feita entre os neorrealistas portugueses e os nossos romancistas de 30:

Para o ceifeiro rebelde não passa de grilheta [a foice] que o prende a terra, em cumprimento da pena por males que não fez. [...].

As angústias do ceifeiro rebelde tornam-se maiores do que a dos camaradas – ele sente os pesares de toda a malta que ali moireja.

[...].

Para o ceifeiro rebelde os brados dos aguadeiros assemelham-se a gritos de socorro no meio do incêndio. Sente-se mais abatido do que os outros, porque compreende as causas da angústia do rancho e sabe que os outros sofrem.

REDOL, Alves. *Gaibéus*. 8. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1983. p. 47-87.

O outro grande nome literário da Terceira Fase Modernista é o de Clarice Lispector. Sua obra, de intenso lirismo e caráter metafísico, é uma continuidade do romance psicológico dos anos 1930. Em 1943, Clarice publica *Perto do coração selvagem*; em 1946, *O lustre*; em 1949, *A cidade sitiada*; desde então, consagra-se como grande autora introspectiva, capaz de transformar as situações cotidianas e aparentemente banais de suas personagens em intensa reflexão existencialista. Principalmente com os trabalhos *A paixão segundo G.H.*, de 1964, *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, de 1969, *Água viva*, de 1973, e *Um sopro de vida*, de 1978, ela foi aclamada pela crítica como a mais densa autora brasileira em prosa do século XX. Além dos romances, os livros de contos *Laços de família* (1960), *Felicidade clandestina* (1971) e a novela *A hora da estrela* (1977) confirmaram a linguagem existencialista e metafórica de Clarice que, juntamente à de Guimarães Rosa, mostrou-se uma das mais delicadas e contundentes da prosa-poética brasileira.



Folhapress / Folhapress

Clarice Lispector.

Na maioria das vezes, as personagens de Clarice Lispector apresentam-se sufocadas pela rotina, pela monotonia do cotidiano, pelas relações humanas vazias e desprovidas de verdadeira afetividade, até que são surpreendidas por um simples acontecimento que as desestabiliza, que as deixa em suspensão, sem o equilíbrio e a normalidade com que a sociedade sempre as obriga a viver. Tais descobertas, que nem eram procuradas pelas personagens, mas que vêm alertá-las sobre o estado de “alienação” em relação a si mesmas e ao mundo que as governa, são denominadas “epifanias”. O momento epifânico caracteriza-se justamente pela revelação profunda do sujeito baseada em uma cena corriqueira. Entretanto, tal revelação deixa as personagens perplexas diante da própria condição existencial, do próprio vazio em que sempre estiveram, ainda que não tivessem consciência disso.

Leia, a seguir, um fragmento do conto “Amor”:

Amor

Um pouco cansada, com as compras deformando o novo saco de tricô, Ana subiu no bonde. [...] O bonde se arrastava, em seguida estacava. Até Humaitá tinha tempo de descansar. Foi então que olhou para o homem parado no ponto.

A diferença entre ele e os outros é que ele estava realmente parado. De pé, suas mãos se mantinham avançadas. Era um cego. O que havia mais que fizesse Ana se aprumar em desconfiança?

Alguma coisa intranquila estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicles... Um homem cego mascava chicles. [...]

Inclinada, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê. Ele mastigava goma na escuridão. Sem sofrimento, com os olhos abertos. O movimento da mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir – como se ele a tivesse insultado, Ana olhava-o e quem a visse teria a impressão de uma mulher com ódio. Mas continuava a olhá-lo, cada vez mais inclinada – o bonde deu uma arrancada súbita jogando-a desprevenida para trás. [...]

Poucos instantes depois já não a olhavam mais. O bonde se sacudia nos trilhos e o cego mascando goma ficara atrás para sempre. Mas o mal estava feito. [...]

Enquanto não chegou à porta do edifício, parecia à beira de um desastre. Correu com a rede até o elevador, sua alma batia-lhe no peito – o que sucedia? A piedade pelo cego era tão violenta como uma ânsia, mas o mundo lhe parecia seu, sujo, perecível, seu.

Abriu a porta de casa. A sala era grande, quadrada, as maçanetas brilhavam limpas, os vidros da janela brilhavam, a lâmpada brilhava – que nova terra era essa? E por um instante a vida sadia que levava até agora pareceu-lhe um modo moralmente louco de viver. [...] Um cego me levou ao pior de mim mesma, pensou espantada.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. 28. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. [Fragmento]

Nesse conto, a personagem Ana passa por um momento epifânico ao observar um cego mascando chicletes no ponto do bonde. A cegueira dele faz a personagem enxergar a própria “cegueira”, a vida enclausurada pela rotina de dona de casa que levava, a falta de prazer em um cotidiano mecanicista no qual se aprisionara apenas para satisfazer os desejos do marido e dos filhos, esquecendo-se de si mesma. Olhar para o outro fez Ana enxergar a si, reconhecer-se como a maior de todas as “cegas”.

RELEITURAS

Apesar do cunho regionalista, a obra de Guimarães Rosa é universal, o que a torna referência para críticos e literatos de diversas partes do globo. Esse é o caso do escritor moçambicano Mia Couto, que, assim como o escritor mineiro, revisita a tradição oral de sua terra para recriar lendas e mitos. Para Mia Couto, o grande trunfo de Rosa está na oralidade, que lhe permitiu recriar uma língua, dentro da Língua Portuguesa, por promover a mediação entre o erudito e o popular. Segundo o escritor africano, “Somente renovando a língua se pode renovar o mundo”. Observe o trecho a seguir, extraído de “O homem cadente”, um dos 29 contos que compõem *O fio das missangas*, lançado em 2009:

Quando me vieram chamar, nem acreditei:

– É Zuzézinho! Está caindo do prédio.

E as gentes, em volta, se depressavam para o sucedido. Me juntei às correrias, a pergunta zaranzeando: o homem estava caindo? Aquele gerúndio era um desmando nas graves leis da gravidade: quem cai, já caiu.

Enquanto corria, meu coração se constringia. Antevia meu velho amigo estatelado na calçada. Que sucedera para se suicidar, desabismado? Que tropeção derrubara a sua vida? Podia ser tudo: os tempos de hoje são líxivia, descolorindo os encantos.

Me aproximava do prédio e já me aranhava na multidão. Coisa de acreditar: olhavam todos para cima. Quando fitei os céus, ainda mais me perturbei: lá estava, pairando como águia real, o Zuzé Neto. O próprio José Antunes Marques Neto, em artes de aeroanjo. Estava caindo? Se sim, vinha mais lento que o planar do planeta pelos céus.

[...]

O voo de Zuzé já era um atractivo da cidade. Negócios vários se instalaram. Turistas adquiriam bilhetes, ciclerones do fantástico explicavam versões inéditas de como Zuzé nascera com penas no sovaco e descendia de uma família de secretos voadores. O fulano era o congénito destrapezista. O próprio tio alugava um megafone para que enviassem mensagens e votos de boas bênçãos. Até eu paguei para falar com o meu velho amigo. Quando, porém, me vi com o megafone não soube o que dizer. E devolvi o instrumento.

[...]

E, agora, pronto: ponho ponto. Nem me alongo para não esticar engano. Pois tudo o que vos contei, o voo de Zuzé e a multidão cá em baixo, tudo isso de um sonho se tratou. Suspirados fiquemos, de alívio. A realidade é mais rasteira, feita de peso e de pés na terra.

COUTO, Mia. *O fio das missangas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. [Fragmento]

O carácter renovador da linguagem de Rosa, marcadamente expresso por meio de neologismos, pode ser evidenciado nesse trecho de Mia Couto e, de fato, consiste em uma das semelhanças mais explícitas entre as obras dos dois escritores. Como exemplo, citam-se as expressões “increditar”, “aeroanjo”, “aranhava”, “destrapezista”, entre outras. O carácter metalinguístico do discurso, atrelado à interlocução, tão presente em obras como *Grande sertão: veredas*, por exemplo, também se faz notar no conto citado: “E, agora, pronto: ponho ponto. Nem me alongo para não esticar engano. Pois tudo o que vos contei, [...] tudo isso de um sonho se tratou”. O uso da linguagem coloquial (“e as gentes” / “Me juntei” / “Me aproximava”) e de imagens líricas e reflexivas – que tornam o texto de Mia Couto uma verdadeira prosa-poética (“A realidade é mais rasteira, feita de peso e de pés na terra”, “os tempos de hoje são lixívia, descolorindo os encantos”) – também são pontos afins entre a escrita de Guimarães Rosa e Mia Couto.



JLXT

Modernismo - 3ª fase

A fase final do Modernismo no Brasil é conhecida como terceira fase. Nessa videoaula, vamos abordar como se deu esse movimento na Literatura Brasileira.

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM



01. (EsPCEEx-SP) Leia os versos a seguir e responda.



“Catar Feijão

Catar feijão se limita com escrever:

joga-se os grãos na água do alguidar

e as palavras na folha de papel;

e depois, joga-se fora o que boiar.

Certo, toda palavra boiará no papel,

água congelada, por chumbo seu verbo:

pois para catar esse feijão, soprar nele,

e jogar fora o leve e o oco, palha eco,”

Alguidar: recipiente de barro, metal ou material plástico, usado para tarefas domésticas

Em “Catar feijão”, João Cabral de Melo Neto revela

- o princípio de que a poesia é fruto de inspiração poética, pois resulta de um trabalho emocional.
- influência do Dadaísmo ao escolher palavras, ao acaso, que nada significam para a construção da poesia.
- preocupação com a construção de uma poesia racional contrária ao sentimentalismo choroso.
- valorização do eu lírico, ao extravasar o estado de alma e o sentimento poético.
- valorização do pormenor mediante jogos de palavras, sobrecarregando a poesia de figura e de linguagem rebuscada.

Instrução: Leia o excerto da crônica “Mineirinho”, de Clarice Lispector (1925-1977), publicada na revista *Senhor* em 1962, para responder às questões **02** e **03**.

É, suponho que é em mim, como um dos representantes de nós, que devo procurar por que está doendo a morte de um facínora¹. E por que é que mais me adianta contar os treze tiros que mataram Mineirinho² do que os seus crimes. Perguntei a minha cozinheira o que pensava sobre o assunto. Vi no seu rosto a pequena convulsão de um conflito, o mal-estar de não entender o que se sente, o de precisar trair sensações contraditórias por não saber como harmonizá-las. Fatos irreduzíveis, mas revolta irreduzível também, a violenta compaixão da revolta. Sentir-se dividido na própria perplexidade diante de não poder esquecer que Mineirinho era perigoso e já matara demais; e, no entanto, nós o queríamos vivo. A cozinheira se fechou um pouco, vendo-me talvez como a justiça que se vingava. Com alguma raiva de mim, que estava mexendo na sua alma, respondeu fria: “O que eu sinto não serve para se dizer. Quem não sabe que Mineirinho era criminoso? Mas tenho certeza de que ele se salvou e já entrou no céu”. Respondi-lhe que “mais do que muita gente que não matou”.

Por quê? No entanto a primeira lei, a que protege corpo e vida insubstituíveis, é a de que não matarás. Ela é a minha maior garantia: assim não me matam, porque eu não quero morrer, e assim não me deixam matar, porque ter matado será a escuridão para mim.

Esta é a lei. Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina – porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro.

Essa justiça que vela meu sono, eu a repudio, humilhada por precisar dela. Enquanto isso durmo e falsamente me salvo. Nós, os sonsos essenciais. Para que minha casa funcione, exijo de mim como primeiro dever que eu seja sonsa, que eu não exerça a minha revolta e o meu amor, guardados. Se eu não for sonsa, minha casa estremece. Eu devo ter esquecido que embaixo da casa está o terreno, o chão onde nova casa poderia ser erguida. Enquanto isso dormimos e falsamente nos salvamos. Até que treze tiros nos acordam, e com horror digo tarde demais – vinte e oito anos depois que Mineirinho nasceu – que ao homem acuado, que a esse não nos matem. Porque sei que ele é o meu erro. E de uma vida inteira, por Deus, o que se salva às vezes é apenas o erro, e eu sei que não nos salvaremos enquanto nosso erro não nos for precioso. Meu erro é o meu espelho, onde vejo o que em silêncio eu fiz de um homem. Meu erro é o modo como vi a vida se abrir na sua carne e me espantei, e vi a matéria de vida, placenta e sangue, a lama viva. Em Mineirinho se rebentou o meu modo de viver.

LISPECTOR, Clarice. *Para não esquecer*. 1999.

¹*facínora*: diz-se de ou indivíduo que executa um crime com crueldade ou perversidade acentuada.

²*Mineirinho*: apelido pelo qual era conhecido o criminoso carioca José Miranda Rosa. Acuado pela polícia, acabou crivado de balas e seu corpo foi encontrado à margem da Estrada Grajaú-Jacarepaguá, no Rio de Janeiro.

02.
LPGI



(UNIFESP) Depreende-se da leitura do primeiro parágrafo que

- a cronista compartilha com sua cozinheira a dificuldade de conciliar sentimentos contrários em relação à morte de um criminoso.
- a cozinheira se sente incomodada com a pergunta da cronista porque acredita piamente na inocência de Mineirinho.
- a cronista se sente desconfortável com o fato de sua cozinheira mostrar-se dividida em relação à morte de um criminoso.
- a cronista provoca gratuitamente sua cozinheira com a intenção de impor seu ponto de vista sobre a morte de Mineirinho.
- a cronista se mostra perplexa diante da opinião de sua cozinheira de que um criminoso iria para o céu.

03.
ZTSG



(UNIFESP) A gradação presente no terceiro parágrafo tem a função de

- justificar a necessidade da violência policial.
- ressaltar a desproporção da ação policial.
- ênfaticamente a legitimidade da justiça humana.
- realçar o caráter vingativo da justiça divina.
- ironizar o mandamento “Não matarás”.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

01. (UFTM-MG) Olímpico de Jesus trabalhava de operário numa metalúrgica e ela nem notou que ele não se chamava de “operário” e sim de “metalúrgico”. Macabéa ficava contente com a posição social dele porque também tinha orgulho de ser datilógrafa, embora ganhasse menos que o salário mínimo. Mas ela e Olímpico eram alguém no mundo. “Metalúrgico e datilógrafa” formavam um casal de classe. A tarefa de Olímpico tinha o gosto que se sente quando se fuma um cigarro acendendo-o do lado errado, na ponta da cortiça. O trabalho consistia em pegar barras de metal que vinham deslizando de cima da máquina para colocá-las embaixo, sobre uma placa deslizante. Nunca se perguntara por que colocava a barra embaixo. A vida não lhe era má e ele até economizava um pouco de dinheiro: dormia de graça numa guarita em obras de demolição por camaradagem do vigia.

Uma característica que *A hora da estrela* compartilha com outros textos produzidos pelo Neomodernismo brasileiro (ou Geração Modernista pós 1945) é

- o enfoque histórico, retratando o passado brasileiro.
- o propósito nacionalista, com heróis idealizados.
- o uso de uma linguagem distante do cotidiano.
- a criação de personagens burlescos e pouco complexos.
- o tom intimista, de investigação psicológica.

02. (UESPI) Entre os autores da Terceira Geração Modernista, a chamada Geração de 45, o principal nome é o de João Cabral de Melo Neto. Deste poeta pernambucano, podemos afirmar o seguinte:

- Sua poesia se caracteriza pelo lirismo exaltado.
- Apesar de buscar uma poesia cerebral, sua poesia, a partir de 1960, aproxima-se cada vez mais das vanguardas surrealistas e dadaístas.
- Os temas mais explorados pelo poeta são o retirante nordestino, a destruição da Floresta Amazônica, o genocídio indígena e o Rio Capibaribe.
- O Rio Capibaribe, a cidade de Sevilha e o retirante nordestino são temas que encontramos em sua poesia.
- Seu primeiro livro – *Pedra do sono* – é composto ora de poemas neoparnasianos, ora de versos românticos que evocam os sonhos da humanidade.

03. (UFSCar-SP) Este poema consta na primeira parte de *A educação pela pedra*, considerada por João Cabral de Melo Neto sua obra máxima.

O sertanejo falando

A fala a nível do sertanejo engana:
as palavras dele vêm, como rebuçadas
(palavras confeito, pílula), na glâce
de uma entonação lisa, de adocicada.
Enquanto que sob ela, dura e endurece
o caroço de pedra, a amêndoa pétrea,
dessa árvore pedrenta (o sertanejo)
incapaz de não se expressar em pedra.

Daí porque o sertanejo fala pouco:
as palavras de pedra ulceram a boca
e no idioma pedra se fala doloroso;
o natural desse idioma fala à força.
Daí também porque ele fala devagar:
tem de pegar as palavras com cuidado,
confeitá-las na língua, rebuçá-las;
pois toma tempo todo esse trabalho.

MELO NETO, João Cabral de. *A educação pela pedra*.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. p. 16.

- A) Qual o contraste entre a busca da palavra e o resultado de sua execução na boca do sertanejo?
- B) Em 27 de outubro de 1973, em entrevista ao jornal carioca *O Globo*, João Cabral disse:

Eu tentei criar uma outra linguagem, não completamente nova, como os concretistas fizeram, mas uma linguagem que se afastasse um pouco da linguagem usual. Ora, desde o momento em que você se afasta da norma, você se faz esta palavra antipática que é "hermético". Quer dizer, você se faz hermético numa leitura superficial. Agora, se o leitor ler e reler, estudar esse texto, ele verá que a coisa não é tão hermética assim. Apenas está escrito com um pequeno desvio da linguagem usual.

No último verso do poema, também é possível observar um artifício do poeta, que provoca uma releitura. Explique esse artifício.

04. (PUC Rio) Mais em paz, comigo mais, Diadorim foi me desinflando. Ao que eu ainda não tinha prazo para entender o uso, que eu desconfiava de minha boca e da água e do copo, e que não sei em que mundo-de-lua eu entrava minhas ideias. O Hermógenes tinha seus defeitos, mas puxava por Joca Ramiro, fiel – punia e terça. Que, eu mais uns dias esperasse, e ia ver o ganho do sol nascer. Que eu não entendia de amizades, no sistema de jagunços. Amigo era o braço, e o aço!

Amigo? Aí foi isso que eu entendi? Ah, não; amigo, para mim, é diferente. Não é um ajuste de um dar serviço a outro, e receber, e saírem por este mundo, barganhando ajudas, ainda que sendo com o fazer a injustiça aos demais. Amigo, para mim, é só isto: é a pessoa com quem a gente gosta de conversar, do igual o igual, desarmado.

O de que um tira prazer de estar próximo. Só isto, quase; e os todos sacrifícios. Ou – amigo – é que a gente seja, mas sem precisar de saber o por quê é que é. Amigo meu era Diadorim; era o Fafafa, o Alaripe, Sesfrêdo. Ele não quis me escutar. Voltei da raiva.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*.
Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. p. 138-139.

- A) Determine os distintos conceitos de amigo que podem ser identificados no texto.
- B) Guimarães Rosa é, sem dúvida nenhuma, um dos mais importantes escritores da literatura brasileira. Considerado a sua obra-prima, *Grande sertão: veredas*, romance publicado em 1956, representa uma profunda inovação em termos de narrativa, sendo até hoje referência para a nossa literatura. A partir da leitura do texto, destaque e comente dois aspectos que reiteram o que foi afirmado anteriormente.
05. (PUC-Campinas-SP-2022) *A obra de Guimarães Rosa é um desafio à narração convencional porque os seus processos mais constantes pertencem às esferas do poético e do mítico.* A afirmação anterior é do crítico Alfredo Bosi, pela qual se admite que a linguagem do autor de "Grande sertão: veredas"
- A) cola-se aos códigos já conhecidos dos romances regionalistas tradicionais.
- B) aproxima-se tanto da linguagem de Graciliano Ramos como da de Clarice Lispector.
- C) constitui uma retomada das formas neoclássicas da lírica arcádica.
- D) afirma-se enquanto compromisso semelhante ao da prosa de Machado de Assis.
- E) dilui as fronteiras já estabelecidas entre o discurso prosaico e a expressão poética.
06. (PUC-Campinas-SP-2022) Num ensaio intitulado "Céu, Inferno", o crítico Alfredo Bosi confronta as obras de Graciliano Ramos e Guimarães Rosa, como nestes dois excertos:
- A exuberância barroca de Guimarães Rosa e o seu aparente dispersar-se na floresta das imagens e dos sons induzem à suspeita de que ele teria evitado a perspectiva clássica [...].*
- A narração de Graciliano Ramos se quer objetiva, voltada para a modéstia dos meios da vida registrada na modéstia da vida simbólica.*
- Desse confronto depreende-se que o crítico está
- A) aproximando o pendor poético de um autor ao pendor poético de outro.
- B) opondo a pujança estilística de Rosa à economia de recursos de Graciliano.
- C) identificando o ideal estético do autor de **Sagarana** com o autor de **Vidas secas**.
- D) fazendo confluír as obras dos dois autores na direção de uma mesma tese socialista.
- E) contrastando o realismo naturalista de Rosa com a contenção do estilo de Graciliano.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem-2022)

Ser cronista

Sei que não sou, mas tenho meditado ligeiramente no assunto.

Crônica é um relato? É uma conversa? É um resumo de um estado de espírito? Não sei, pois antes de começar a escrever para o *Jornal do Brasil*, eu só tinha escrito romances e contos.

E também sem perceber, à medida que escrevia para aqui, ia me tornando pessoal demais, correndo o risco de em breve publicar minha vida passada e presente, o que não pretendo. Outra coisa notei: basta eu saber que estou escrevendo para jornal, isto é, para algo aberto facilmente por todo o mundo, e não para um livro, que só é aberto por quem realmente quer, para que, sem mesmo sentir, o modo de escrever se transforme. Não é que me desagrade mudar, pelo contrário. Mas queria que fossem mudanças mais profundas e interiores que não viessem a se refletir no escrever. Mas mudar só porque isso é uma coluna ou uma crônica? Ser mais leve só porque o leitor assim o quer? Divertir? Fazer passar uns minutos de leitura? E outra coisa: nos meus livros quero profundamente a comunicação profunda comigo e com o leitor. Aqui no Jornal apenas falo com o leitor e agrada-me que ele fique agradado. Vou dizer a verdade: não estou contente.

LISPECTOR, C. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

No texto, ao refletir sobre a atividade de cronista, a autora questiona características do gênero crônica, como

- A) relação distanciada entre os interlocutores.
- B) articulação de vários núcleos narrativos.
- C) brevidade no tratamento da temática.
- D) descrição minuciosa dos personagens.
- E) público leitor exclusivo.

02. (Enem-2021)

A volta do marido pródigo

- Bom dia, seu Marrinha! Como passou de ontem?
 - Bem. Já sabe, não é? Só ganha meio dia. [...]
- Lá além, Generoso cotuca Tercino:
- [...] Vai em festa, dorme que-horas, e, quando chega, ainda é todo enfeitado e salamistrão!...
 - Que é que hei de fazer, seu Marrinha... Amanheci com uma nevrálgia... Fiquei com cisma de apanhar friagem...
 - Hum...
 - Mas o senhor vai ver como eu toco o meu serviço e ainda faço este povo trabalhar...
 - [...]

Pintão suou para desprender um pedrouço, e teve de pular para trás, para que a laje lhe não esmagasse um pé.

Pragueja:

- Quem não tem brio engorda!
- É... Esse sujeito só é isso, e mais isso... - opina Sidu.
- Também, tudo p'ra ele sai bom, e no fim dá certo...
- diz Correia, suspirando e retomando o enxadão. - "P'ra uns, as vacas morrem ... p'ra outros até boi pega a parir..."

Seu Marra já concordou:

- Está bem, seu Laio, por hoje, como foi por doença, eu aponto o dia todo. Que é a última vez!... E agora, deixa de conversa fiada e vai pegando a ferramenta!
- ROSA, J. G. *Sagarana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

Esse texto tem importância singular como patrimônio linguístico para a preservação da cultura nacional devido

- A) à menção a enfermidades que indicam falta de cuidado pessoal.
- B) à referência a profissões já extintas que caracterizam a vida no campo.
- C) aos nomes de personagens que acentuam aspectos de sua personalidade.
- D) ao emprego de ditados populares que resgatam memórias e saberes coletivos.
- E) às descrições de costumes regionais que desmistificam crenças e superstições.

03. (Enem-2018)



ROSA, R. *Grande sertão: veredas*: adaptação da obra de João Guimarães Rosa. São Paulo: Globo, 2014 (Adaptação).

A imagem integra uma adaptação em quadrinhos da obra *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. Na representação gráfica, a inter-relação de diferentes linguagens caracteriza-se por

- A) romper com a linearidade das ações da narrativa literária.
- B) ilustrar de modo fidedigno passagens representativas da história.
- C) articular a tensão do romance à desproporcionalidade das formas.
- D) potencializar a dramaticidade do episódio com recursos das artes visuais.
- E) desconstruir a diagramação do texto literário pelo desequilíbrio da composição.

04. (Enem) O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquentada e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.

ROSA, J. Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

No romance *Grande sertão: veredas*, o protagonista Riobaldo narra sua trajetória de jagunço. A leitura do trecho permite identificar que o desabafo de Riobaldo se aproxima de um(a)

- A) diário, por trazer lembranças pessoais.
- B) fábula, por apresentar uma lição de moral.
- C) notícia, por informar sobre um acontecimento.
- D) aforismo, por expor uma máxima em poucas palavras.
- E) crônica, por tratar de fatos do cotidiano.

SEÇÃO FUVEST / UNICAMP / UNESP



GABARITO

Aprendizagem

01. C

02. A

03. B

Propostos

01. E

02. D

03.

- A) Existe um contraste entre a busca e a execução da palavra por parte do sertanejo. A busca é dura, processo demorado, sofrido, pois a palavra é pétrea, árida, e é preciso rebuscá-la. Esse complexo e doloroso processo de busca das palavras é que faz com que o sertanejo fale pouco e devagar. A execução, no entanto, é suave: o sertanejo consegue disfarçar a dureza de suas palavras em confeito e doçura.
- B) O artifício diz respeito ao fato de o autor se referir, ao mesmo tempo, à linguagem do sertanejo e à linguagem da poesia. Nesse sentido, o duro e longo trabalho de rebuscar as palavras, tão praticado pelo sertanejo, identifica-se com o fazer poético. O poeta seria também um "rebuscador" de palavras, já que trabalharia a palavra pétrea até transformá-la em um confeito que pudesse ser servido ao leitor.

04.

- A) Identifica-se no texto o conceito de amizade no sistema dos jagunços, em que o que vale é "o braço, e o aço", em contraste com o conceito de amizade afetuosa, sincera e desinteressada, livre das regras da violência.
- B) A criação de palavras, ou seja, neologismos; a alteração da estrutura sintática usual; a reelaboração da fala do sertanejo, universalizando a temática regionalista.

05. E

06. B

Seção Enem

01. C

03. D

02. D

04. D

Meu aproveitamento

Acertei _____ Errei _____

Acertei _____ Errei _____

Acertei _____ Errei _____



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %